RETRATOS DAS VIDAS DOS COMPANHEIROS DO PROFETA MOHAMMAD

ABDUR-RAHMAN AL-BACHA

Í N D I C E

Introdução...
Prefácio do tradutor...
Notas sobre os termos e as abreviações...

1 - Said b. al Jumahi...
2 - Al Tufail b. Amr al Dawsi...
3 - Abdullah b. Huzafa al Sahmi...
4 - Umayr b. Wahb...
5 - Al Bará b. Málik al Ansari...
6 - Ummu Salama...
7 - Sumama b. Ussal...
8 - Abu Aiub al Ansari...
9 - Amr b. al Jumuh
10 - Abdullah b. Jahch...
11 - Abu Ubaida al Jarrah...*
12 - Abdullah b. Massud...
13 - Salman al Ferisi...
14 - Ikrima b. Abi Jahl...
15 - Zaid al Khair...
16 - Abu Zarr al Ghifari...
17 - Adyi B. Hátim al Taiy...
18 - Abdullah b. Ummu Maktum...
19 - Majza'a b. Sawr al Sadusi
20 - Usaid b. al Hudhair
21 - Abdullah b. Abbás
22 - An Numan b. Micarrin al Muzani
23 - Abu al Dardá
24 - Suhaib b. Sinan
25 - Zaid b. Háriça
26 - Ussama b. Zaid

27 - Saíd b. Zaid
28 - Omair b. Saad – na adolescência*
29 - Omair b. Saad – Na época de Adulto
30 - Abd al Rahman b. Awf*
31 - Ja'far b. Abi Tálib
32 - Abu Sufyan b. al Háris
33 - Saad b. Abi Waccas*
34 - Huzaifa b. al Yaman
35 - Ucba b. Amir al Juhani
36 - Habib b. Zaid al Ansari
37 - Abu Tal-ha al Ansari
38 - Ramla bint Abi Sufyan
39 - Wahchi b. Harb
40 - Hakim b. Hazam
41 - Abbad b. Bichr
42 - Zaid b. Sábit
43 - Rabi'a b. Kab
44 - Abul As b. al Rabi
45 - Assim b. Sábit
46 - Safiya bint Abdul Muttalib
47 - Utba b. Ghazwan
48 - Nuaim b. Massud
49 - Khabbab b. al Arat
50 - Al Rabi b. Ziad al Haríci
51 - Abdullah b. Salam
52 - Suraca b. Málik
53 - Fairuz al Dailami
54 - Sábit b. Cais al Ansari
55 - Asmá bint Abi Bakr
56 - Tal-ha b. Ubaidullah al Tamimi*
57 - Abu Huraira al Dawsi
58 - Salama b. Cais al Achja'i
59 - Moaz b. Jabal

INTRODUÇÃO do Tradutor

Louvado seja Deus, Senhor do Universo. Que Sua paz e Suas bênçãos recaiam sobre o nosso líder Mohammad, líder daqueles que viveram antes de nós e daqueles que ainda estão por vir, sobre os seus virtuosos descendentes e companheiros, e sobre aqueles que seguem os seus ensinamentos, até ao Dia do Julgamento.

Deus, na Sua glória e no Seu poderio, selecionou a Mohammad (S) para ser o mais favorecido dos Seus profetas – e o derradeiro deles –, assim como deu o Islam (à humanidade) como a final e a mais aperfeiçoada forma da Sua religião. Ele também escolheu, na Sua infinita sabedoria, certos indivíduos para serem os primeiros aderentes e pregadores do Islam, favorecendo-os sobre toda a humanidade, para serem os Seus mais devotados servos e líderes, nas suas porfias para a sua liberdade quanto à religião.

Quem eram os companheiros de Mohammad (S)? Foram os primeiros que creram em Deus e na divina missão de Mohammad (S), defendendo-o e dando-lhe seus apoios. Ao servirem a Deus, não havia nada que lhes fosse muito precioso: nem suas vidas, nem seus prestígios, nem tampouco suas saúdes. As missões dos Companheiros eram levarem a mensagem do Islam para toda a humanidade e, para cumprirem suas missões, engajavam-se em guerras, suportavam os exílios, as separações das suas famílias e dos entes queridos. Portanto Deus, o Todo-Poderoso, descreveu os Companheiros como vemos no Alcorão Sagrado:

"... sem desanimarem com o que lhes aconteceu; não se acovardaram, nem se renderam" (3:146).

Uma das maiores prioridades dos Companheiros (que Deus Se apraza com eles) era buscarem a oportunidade de com o Profeta (S) passarem o tempo. Assim o fizeram, até que compreenderam e memorizaram tanto o Alcorão como a *sunna* do Profeta (S). Desse modo, foram capazes de transmitir o Islam para as gerações seguintes, da mesma forma como o receberam do Mensageiro de Deus (S).

Não há oportunidade aqui para relatarmos todas as qualidades virtuosas dos feitos dos Companheiros. Fazermos isso iria requerer volumes e mais

volumes de escrita. O que é suficiente sabermos é que eles são honorificados pelo Próprio Deus, Que lhes exalta as virtudes como se segue, no Alcorão:

"**Quanto aos crentes que migraram e combateram pela causa de Deus, assim como aqueles que os ampararam e os secundaram – estes são os verdadeiros fiéis –, obterão indulgência e magnífico sustento**" (8:74).

Acerca deles, o Mensageiro de Deus (S) disse:

"Não faleis mal dos meus companheiros; não faleis mal deles, porque se qualquer um de vós gastasse uma montanha de ouro em caridade, iria obter menos virtude do que aquela que pode ser encontrada no topete de um deles" (*Hadice* encontrado tanto na coleção de Muslim como na de Al Bukhári).

Uma das primeiras das nossas preocupações é tornar a a história islâmica acessível aos nossos irmãos e às nossas irmãs que não falam árabe.

O "Retratos – Vida dos Companheiros do Profeta Mohammad (S)" foi escrito por Abdur Rahman R. Bacha (Doutor em Filosofia), num estilo leve e gracioso, coisa que lhe angariou grande popularidade, ao ponto de ter sido reimpresso mais de vinte vezes, ter-se tornado um componente padrão da literatura curricular em alguns países árabes. Seu conteúdo e estilo exortativos foram também as razões de o escolhermos para tradução.

Embora o autor consigne a sua obra à juventude islâmica, o seu estilo elevado e dignificado é uma reflexão direta das histórias clássicas, das quais ele compila sua informação biográfica. Respeitando a seriedade do assunto-chave, eu tenho tentado preservar o tom formal do texto.

Uma nova geração de jovens muçulmanos está surgindo no mundo que fala o português. Trata-se de uma geração que se orgulha da sua identidade islâmica, e procura viver o Islam como este foi vivido pelo Profeta Mohammad (S) e pelos seus companheiros. As vidas dos Companheiros proporcionam-nos modelos inspiradores de coragem, convicção, sacrifício e amor à verdade. A escolha do material das biografias é da alçada do autor, sendo que vemos uma diversidade de personalidades que refletem pessoas de todas as conjunturas da vida, na Arábia, no tempo do Profeta (S). É meu desejo que essas biografias condigam com todos os muçulmanos de todos os grupos de idade.

Samir El Hayek

Notas quanto aos termos e às abreviações

Há inúmeros termos, títulos e expressões encontrados no Islam que requerem explicações.

O Profeta Mohammad (S) foi o primeiro líder da comunidade muçulmana, que foi formada quando os seus membros aceitaram o Profeta como o Mensageiro de Deus, a divina revelação – o Alcorão, o livro de Deus –, e a Sua lei, para todo o sempre. É dever do crente dizer ou escrever, quando usar o nome do Profeta, a expressão: *salla Allahu alyhi wa sallam*, que significa: "Que a paz e as bênçãos de Deus estejam com ele." Tenho abreviado isso com (S) e, ocasionalmente interpretado como "o abençoado Profeta."

Os Companheiros foram aqueles Crentes que viveram no tempo do Profeta (S). É costume, mas não obrigatoriedade, dizermos, ao mencionarmos qualquer deles: "que Deus esteja aprazido com ele/ela". Sem atentar para qualquer desrespeito, não raro eu tenho omitido esse uso, para tornar o texto português mais fácil ao leitor.

Quando a palavra "companheiro" aparece desacompanhada de qualquer adjetivo ou de adjunto, eu escrevo com inicial maiúscula (Companheiro – vale também para o plural).

Os Companheiros compreendem um número de grupos em que estão incluídos:

Os Al Muhajirun – aqueles Companheiros que emigraram juntamente com o abençoado Profeta, de Makka para Madina, no ano 622 H.;

Os Al Ansar – aqueles muçulmanos de Madina que receberam seus irmãos que haviam emigrado de Makka, e com eles compartilharam tudo o que tinham.

A *hijra* (Hégira) se refere àquela migração, sendo que os muçulmanos datam seu calendário a partir da *hijra*, abreviada com H., porque ela marca o ponto de referência após o qual foram capazes de fazer livremente a cultuação e instituir uma comunidade de Crentes.

Os nomes árabes são compostos de um primeiro nome, seguido de Ibn/Bint, que significa "filho/filha de", abreviado com um **b.**. O nome pode ser terminado com uma palavra que acabe em **i**, significando

procedência, como em Al Ansar**i**. O prefixo **al** é equivalente aos artigos definidos **o**/**os**/**a**/**as.** O componente comum do nome pode ser o patronímico ou o matronímico, que é um nome que se refere a uma pessoa pelo nome do seu (dele/dela) filho/a mais velho/a; por exemplo, Abu, "pai de", Umm, "mãe de". A expressão matronímica por excelência é *Ummu al Muminin*, que quer dizer "Mãe dos Crentes", um título respeitoso dado apenas para as esposas do Profeta (S). O exemplo dum nome que possui todos esses componentes é Abu Abdullah Mohammad b. Ismail b. Ibrahim al Bukhári, que quer dizer: Mohammad, pai de Abdullah, filho de Ismail, filho de Ibrahim, procedente de Bukhára.

O nome Banu literalmente significa "os filhos de", e se refere aos membros de dum clã ou duma tribo, tal como Banu Makhzum (procedente do clã de Makhzum).

Tenho evitado sobrecarregar o leitor com as transliterações eruditas dos nomes árabes, contentando-me com a justa e consistente representação dos sons.

CAPÍTULO 1

Said Bin Ámir al Jumahi

"Said Amir al Jumahi foi um homem que comprou a Vida Futura com a sua vida terrena, e deu preferência a Deus e ao Seu Mensageiro a todos os outros." (Historiadores)

O jovem chamado Said b. Amir al Jumahi foi um, dentre as centenas de milhares de pessoas, que tinham ido a Al Tan'im, nos arredores de Makka, atendendo ao chamado dos líderes da tribo de Coraix, para testemunharem a morte de Khubaib b. Adi, um dos companheiros de Mohammad (S). Haviam-no recentemente capturado por meio de traição.

A vigorosa energia e a força exuberante de Said b. Amir capacitaram-no abrir caminho por entre a multidão. Postou-se lado a lado com os chefes dos Coraixtas, como Abu Sufyan b. Harb, Safwan b. Umaiya e outros, que dirigiam a procissão.

De sorte que foi capaz de ver o prisioneiro dos Coraixtas agrilhoado, empurrado para a frente por jovens, mulheres e crianças, para o local da execução. Iam-se vingar de Mohammad por meio dele, e sua morte seria para vingar aqueles deles que haviam tombado na batalha de Badr.

Quando a multidão crescente chegou com o seu prisioneiro ao local preparado para a execução, o jovem e alto Said b. Amir al Jumahi passou a olhar fixamente para o Khubaib, conforme este estava sendo preparado para ser assassinado. Em meio aos gritos das mulheres e crianças, ele ouviu a voz calma e firme do condenado que dizia:

"Se vocês me permitirem fazer duas *raka*[1] de oração antes da minha morte... fazem-me esse favor!"

Said observava Khubaib, conforme este tomava posição na direção da Caaba, e orava duas belos e dignificadas unidades de oração. Depois o viu dirigir-se em direção ao líder do povo, e dizer:

1. *Rak'a* – Uma unidade da oraçnao constituida de movimentos e posições praticados pelos muçulmanos durante a oração.

"Juro por Deus que se não fosse pelo fato de acharem que me demoro muito na oração, por medo da morte, iria orar muito mais." Então Said testemunhou o seu próprio povo procurar mutilar Khubaib, fazê-lo em pedaços, conforme diziam:

"Gostaria que Mohammad estivesse no seu lugar, e você, a salvo, no lugar dele?"

Said ouviu a resposta do moribundo, à medida que a vida se lhe fugia:

"Por Deus, eu não desejaria estar a salvo e seguro, com minha esposa e meus filhos, se Mohammad fosse ser espetado por um espinho, por causa disso!"

Os gritos do povo tornaram-se berros – seus braços brandindo em franco frenesi –, conforme clamavam:

"Matem-no, matem-no!"

Então ele viu o Khubaib elevar o olhar, de onde estava sendo crucificado, e ouviu-o dizer:

"Ó Deus, conta quantos são, e extermina-os. Não deixe escapar nenhum deles", conforme dava o último suspiro, pendendo o corpo todo marcado por cutiladas e estocadas.

Os coraixtas voltaram para o centro de Makka e, na grande corrida dos eventos que se seguiram, esqueceram-se de Khubaib e da sua morte. Porém, o jovem que estava rapidamente tornando-se maturo, Said b. Amir al Jumahi, era incapaz de esquecer, por um só momento, o Khubaib. Quando dormia, via-o em sonho, e visualizava o modo como ele orara com tranquilidade, bem defronte ao ponto em que iria ser assassinado. O amaldiçoamento contra os coraixtas soava-lhe aos ouvidos, e ele temia que a qualquer momento iria ser atingido por um raio ou meteoro.

Khubaib tornou Said consciente de algo que ele antes não sabia. Ensinou-lhe que a verdadeira vida é a da crença do indivíduo, e se resume na luta até à morte pelo bem dela. Ensinou-lhe ainda que a fé sólida pode fazer maravilhas, e fazer com que os milagres aconteçam. Em suma, ensinou-lhe que o homem que pode incutir nos seus seguidores o amor que Mohammad (S) havia incutido, deveria ser um profeta apoiado pelo céu.

Foi assim que o coração de Said b. Amir se abriu para o Islam; um dia, estando ele de pé, num ajuntamento público, renunciou à tribo dos coraixtas e aos seus atos malignos, e renunciou aos seus ídolos e totens. Foi assim que entrou para a religião de Deus.

Said B. Amir efetuou a *hijra*[2] para Madina, onde se tornou um constante companheiro do nobre Profeta, e participou com ele da batalha de Khaibar e de subseqüentes expedições militares.

Quando o nobre Profeta (S) deixou esta vida terrena para estar com o seu Senhor, Said ficou como se fosse uma espada na mão de cada um dos sucessores do nobre Profeta, especialmente na mão do Califa[3] Abu Bakr e do Califa Ômar. Foi um exemplo vivo do crente que comprou a Vida Futura por meio de desprezar este mundo. Preferiu aprazer a Deus, almejando sua recompensa, mais do que qualquer desejo da mente e do corpo.

Os dois sucessores do nobre Profeta (S) conheciam a sinceridade e o temor de Said B. Amir quanto a Deus. Aceitavam-lhe os conselhos e davam ouvidos ao que ele dizia.

Said entrou na assembléia de Ômar b. al Khattab, logo que este se tronou califa, e disse:

"Ó Ômar, eu o exorto a temer a Deus nos seus tratos com o povo, e a não temer as pessoas nos assuntos religiosos. Que a sua ação não contradiga a sua fala, pois a melhor das falas é aquela que é corroborada pela ação. Ó Ômar, deve estar constantemente atento quanto àqueles sobre quem Deus lhe deu autoridade: os muçulmanos próximos e os distantes. Procura ter amor por eles como tem amor por si mesmo e pela sua família. Engaja-se em todas as batalhas pelo bem do direito, e não teme a censura de ninguém numa questão religiosa."

"E quem iria poder fazer tudo isso, ó Said?" perguntou Ômar.

Said respondeu:

"Um homem como você, a quem Deus deu autoridade sobre toda a Comunidade (*umma*[4]) de Mohammad (S), sem ter ninguém acima de si, a não ser Deus."

Naquele ponto, Ômar pediu o apoio de Said, dizendo:

"Ó Said, eu o escolhi para ser o governador de Hims."

Said respondeu:

"Imploro-lhe, não me tente com vaidades terrenas", e Ômar ficou nervoso, e disse: "Ai de você! vocês colocaram esse encargo sobre mim,

---

2. *Hijra* – a viagem empreendida pelos seguidores do abençoado Profeta, saindo de seus lares – deixando seu povo e suas posses –, na Makka pagã, indo para um lugar onde pudessem praticar o Islam em liberdade e com segurança. A primeira Hégira foi para a Abissínia (Etiópia), e a segunda para Madina.

3. *Califa* – Sucessor do Profeta na direção da comunidade.

4. *Umma* – a comunidade muçulmana.

e agora todos se afastam de mim! Juro por Deus que não o liberarei desse apontamento. Que devo eu lhe apontar como salário?"

"Que iria eu fazer com ele, ó Emir dos Crentes? Aquilo que me fosse dado, do tesouro, simplesmente iria exceder minhas necessidades", ele respondeu. Então ele foi para Hims; e não passou muito tempo antes que viajantes procedentes de Hims – pessoas que eram confiáveis – fossem ter com o Emir dos Crentes. Ele lhes pediu:

"Escrevem os nomes dos seus cidadãos necessitados para que possamos dar-lhes assistência." Eles lhe deram uma lista, e nela estava o nome de Said b. Amir. Surpreso, ele lhes perguntou de qual Said se tratava, e eles disseram:

"O nosso governador."

"Seu governador é pobre?" Ômar perguntou.

"Sim, é", responderam. "Muitos dias se passam entre a vez que ele cozinha em sua casa e a próxima."

Muito comovido, Ômar chorou, e suas lágrimas escorreram pela sua barba. Então ele juntou mil dinares, fez com que fossem postos num saco, e disse: "Dizem-lhe *assalaamu alaikum*[5] por mim, e dizem-lhe que o Emir dos Crentes lhe envia este dinheiro para que ele cuide das suas despesas."

Quando a delegação levou o saco para Said, ele olhou dentro, viu que era dinheiro, e o empurrou de lado, dizendo:

"Na verdade, nós pertencemos a Deus, e a Ele retornaremos", como se um infortúnio ou algum terrível desastre tivesse desabado sobre ele. Sua esposa, tendo ouvido sorrateiramente o que ele dissera, foi correndo ter com ele, alarmada, dizendo:

"Que aconteceu, Said, será que o Emir dos Crentes morreu?"

"Pior que isso", ele respondeu.

"Será que os muçulmanos foram derrotados em alguma batalha?" ela perguntou.

"Coisa maior que isso", ele respondeu.

"O que poderia ser maior?" ela perguntou.

"A vaidade deste mundo caiu sobre mim", ele disse, "para arruinar a minha chance de compartilhar da Vida Futura, e a tentação adentrou o meu lar!"

"Livra-se delas!", ela disse, não sabendo que ele havia recebido dinheiro; então ele perguntou:

---

5. *Assalaamu alaikum* = "que a paz esteja contigo"; é a saudação dos muçulmanos.

“E você irás me ajudar a fazer isso?”

“Claro!” respondeu ela.

Então ele pegou o dinheiro, dividiu-o em saquinhos, e os distribuiu entre os muçulmanos necessitados.

Não muito tempo depois, Ômar b. al Khattab (R) foi à Síria para inspecionar por si mesmo as condições de vida do povo. Foi até Hims, que tinha o apelido de “Pequena Kufa”, porque seus habitantes, tal qual os de Kufa, estavam sempre a se queixar dos seus oficiais e governadores. Quando aí chegou, os cidadãos foram dispensar-lhe os respeitos, ocasião em que ele aproveitou para lhes perguntar se gostavam ou não do seu novo governador. Eles se queixaram amargamente de uma série de coisas que Said fizera, quatro coisas em particular. O próprio Ômar narrou:

“Então eu fiz com que ambas as parte se confrontassem, pedindo a Deus que eu não ficasse desapontado com o Said, pois depunha grande confiança nele. Perguntei a eles: ‘Que queixa vocês têm contra o seu governador?’

“Eles responderam:

“‘Ele não vem atender os nossos assuntos, a não ser tarde, pela manhã.’

“Perguntei:

“‘Que tem a dizer sobre isso, ó Said?’ Ele ficou em silêncio por um momento, antes de responder:

“‘Eu não queria falar sobre isso, mas agora parece que é preciso. Minha esposa não tem nenhum servo para ajudá-la com a família, então eu me levanto cedo, pela manhã, preparo a massa para eles, espero que ela cresça, e asso o pão para eles. Depois eu faço as minhas abluções e vou ter com as pessoas.’

“Então eu perguntei que outras queixas eles tinham a fazer contra ele, e eles disseram que ele não se fazia ver à noite. Eu disse:

“‘Que tem a dizer quanto a isso, ó Said?’

“Ele respondeu:

“‘Eu também não queria tornar isso público, mas a verdade é que eu dedico o dia para atender os assuntos deles e a noite eu dedico ao culto de Deus.’

“Perguntei que outras queixas eles tinham a fazer, e eles disseram:

“‘Um dia, todos os meses, ele nem aparece para vir ter com a gente!’ Perguntei para Said a razão daquilo, e ele disse:

“‘Ó Emir dos Crentes, eu não tenho servo algum, e mais nenhuma roupa a não ser esta que estou usando gora. Eu a lavo manualmente uma vez por mês, e leva um dia inteiro para secar; então eu a visto novamente, e aí é que eu saio.’

"Quando eu lhes perguntei que mais eles tinham para se queixar, eles disseram que, de tempos em tempos, ele parecia desmaiar e perder a noção do que se passava à volta dele. Quando perguntei para o Said a razão daquilo, ele disse:

"'É que eu testemunhei a execução de Khubaib b. Adi, quando eu era ainda um pagão, e vi como os Coraixtas quase o cortaram em pedaços, perguntando se ele queria que Mohammad estivesse no lugar dele. Ouvi-o dizer que ele jamais iria desejar que estivesse a salvo, e seguro com sua família, se fosse para Mohammad ser mesmo picado por um espinho, por causa disso. Toda a vez que eu me lembro daquele dia, e de como eu não fui em seu socorro, eu temo que Deus jamais me perdoará, e deveras eu desmaio.'"

Nesse ponto, Ômar disse:

"Louvado seja Deus Que não me desapontou ."

Então ele fez com que mil dinares fossem mandados para a casa de Said, para suprir-lhe as necessidades. Quando a esposa de Said viu o dinheiro, disse-lhe:

"Louvado seja Deus Que fez com que não mais precisássemos da tua ajuda, em casa. Compra para nós algumas provisões e emprega um criado!"

"Queres que eu consiga para ti algo melhor que isso?", perguntou ele.

"Que poderia ser?", perguntou ela

Ele respondeu:

"Dá-lo-emos para Aquele Que no-lo poderá dar de volta quando mais dele precisarmos."

Confusa, ela disse:

"Ainda não entendo!"

Ele disse: "Emprestá-lo-emos, como um belo empréstimo, a Deus."

"Agora eu entendo", ela disse, "e Ele nos irá pagar muitas e muitas vezes!" No ato, ele dividiu o dinheiro em porções, e mandou que alguém da sua domesticidade fosse distribuí-las entre as viúvas, os órfãos e os pobres.

Que Deus esteja aprazido com o Said b. Amir al Jumahi, pois foi generoso para com os outros, mesmo quando estava extremamente necessitado.

CAPÍTULO 2

At Tufail b. Amr al Dawsi

"Ó Deus, dá-lhe um sinal, para que o ajudes nas boas ações que ele pretende realizar!"

Oração do abençoado Profeta em prol do Al Tufail.

Al Tufail b. Amr al Dawsi era um dos senhores da tribo dos Daws, nos dia da *al jahiliya*[1], e um dos árabes mais nobres. Era conhecido como sendo um exemplo vivo de cavalheirismo. A porta da sua casa estava sempre aberta, e havia sempre comida cozinhando no seu fogão para um convidado ou outro.

Alimentava os famintos, proporcionava segurança aos temerosos, e oferecia proteção aos indefesos. Acima de tudo, era um homem de letras, um poeta com refinados sensos, tendo um conhecimento intuitivo da beleza da linguagem. Com ele, as palavras operavam milagres.

Al Tufail saíu da sua terra natal, na Tihama[2], dirigindo-se para Makka, no tempo da vigente luta entre o abençoado Profeta e os pagãos da tribo dos Coraixitas. Cada lado tentava conseguir apoiadores e obter mais ajuda para a sua causa. O abençoado Profeta estava a chamar o povo para o Senhor, sendo que suas armas eram a fé e a verdade. Os Coraixitas estavam a lutar contra o chamamento dele, utilizando todos os tipos de armas, não se detendo perante nada, para evitarem que o povo o seguisse.

Al Tufail passou a se envolver despreparadamente naquela porfia. Virtualmente ele entrou no campo de batalha por engano. Não tinha ido a Makka para aquele propósito, e Mohammad (S) – e seus problemas com os Coraixitas – jamais lhe havia passado pela cabeça. Mas a estória de Al Tufail e da sua luta é inesquecível. Iremos ouvi-la nas palavras do próprio Al Tufail, como estão registradas na história. Ela diz:

"Cheguei a Makka, e logo que os senhores dos Coraixitas puseram os olhos em cima de mim, chegaram-se e me deram calorosas boas-vindas,

1. *Al jahiliya* – os tempos da ignorância, antes do Islam, em que os árabes cultuavam os ídolos e eram leais às suas tribos, fosse na verdade ou na falsidade.

2. Al Tihama – uma depressão plana, paralela ao Mar Vermelho, no leste da Arábia.

e me trataram como um hóspede honrado. Os senhores e os maiorais deles se aproximaram, e me disseram:

"'Tufail, tu chegaste à nossa terra num tempo em que esse homem, que diz ser profeta, vem corrompendo os nossos assuntos, e desfigurando a estrutura da nossa unidade. Tememos que isto que está acontecendo a nós aconteça contigo, na tua posição de líder do teu povo. Não fales com o homem, e não ouças nada dito por ele, porque ele tem a fala como mágica. Pode separar o filho do pai, a esposa do seu marido, e pode dividir irmãos entre si.'"

Al Tufail continua:

"Juro por Deus, eles se puseram a contar-me estórias distorcidas sobre ele, fazendo-me temer, por mim e por meu povo, quanto aos feitos extraordinários dele. Decidi firmemente não me aproximar dele, falar com ele, ou ouvir o que ele dizia.

"Quando eu ia à *masjid*[3] e caminhava em torno da Kaaba, e apresentava meus respeitos aos ídolos que costumávamos glorificar, tapava meus ouvidos com algodão, temendo que alguma coisa que Mohammad estava a dizer chegasse aos meus ouvidos. Logo que eu adentrava a *masjid*, encontrava-o de pé na Caaba, dizendo uma oração diferente das nossas, e fazendo uma cultuação diferente das nossas. Sua aparência me fascinava, e sua maneira de cultuar me comovia. Sem querer, encontrava-me indo, devagarinho, em direção a ele, até que ficava bem perto dele. Foi da vontade de Deus que eu pudesse ouvir algo do que ele estava a dizer. Era uma coisa bela, então eu disse a mim mesmo:

"'Que tua mãe te perca, Tufail. Tu és um sensível poeta que sabe dizer a diferença entre a alocução bela e a feia. Que te poderá impedir que ouças o que o homem tem a dizer? Se for coisa boa, aceitá-la-ei; se for má, não a acatarei.' Permaneci por ali até que o abençoado Profeta se pôs a caminho do seu lar; e quando ele entrou na sua casa, entrei atrás dele, e disse:

"'Ó Mohammad, teu povo contou-me umas coisas sobre ti cuja natureza me amedrontou, tanto que chegei a tapar os ouvidos com algodão para que não pudesse ouvir o que dizias. Foi da vontade de Deus que pude, por fim, ouvir algo, e confesso que o ache lindo. Dize-me, que é que isso que estás a ensinar?'

"Então ele me falou sobre o Islam, e recitou para mim as Suratas do Alcorão, *Al Ikhlass* e *Al Falac*. Juro que nunca havia ouvido nada tão

3. *Masjid* – um local para a cultuação, usualmente chamada de "mesquita". Aqui, o santuário de Makka.

belo, ou tomado conhecimento de nada tão preciso como os seus ensinamentos. Estendi minha mão a ele, e prestei testemunho de que não há Deus a não ser Deus, e que Mohammad é o Seu Mensageiro. Assim foi que entrei para o Islam.

"Depois daquilo, permaneci em Makka por um certo tempo, para que pudesse aprender ecerca do Islam e guardar na memória o que pudesse do Alcorão; e antes de voltar para o meu povo, disse:

"'Ó Mohammad, sou um homem a quem o meu povo é obediente; então vou voltar para ele e chamar os indivíduos para o Islam; assim, por favor, reza para que Deus me dê um sinal que irá me ajudar a chamá-los.'

"O abençoado Profeta fez uma oração, dizendo: 'Ó Deus, dá-lhe um sinal!'

"Então eu parti para a minha terra natal e, quando cheguei ao alto dum morro que dava para os seus lares, uma luz, como uma lanterna, apareceu repentinamente entre os meus olhos. Eu disse:

"'Por favor, ó Deus, não a faças ficar no meu rosto, senão eles irão pensar que se trata duma punição por eu ter abandonado o culto aos nossos ancestrais!'

"A luz passou, do meu rosto, para o cabo do meu chicote. Todos podiam ver a luz a brilhar no escuro como uma candeia pendurada, conforme eu descia a encosta do morro. Quando cheguei ao pé do morro, meu pai, que era um homem avançado em idade, aproximou-se de mim. Disse-lhe:

"'Afasta-te de mim, pai; não pertenço mais a ti, nem tu pertences mais a mim.'

"'Por que, meu filho?'

"'Tornei-me muçulmano, e sigo a religião de Mohammad (S).'

"'Muito bem, meu filho', replicou ele. 'Irei seguir a vossa religião.'

"'Vai lavar-te', eu disse, 'e purifica as tuas vestes; depois vem a mim para que eu te ensine o que me foi ensinado.'

"Quando ele se havia lavado, purificado suas vestes e voltado a ter comigo, eu lhe expliquei o Islam, ele o aceitou e se tornou um muçulmano. Então apareceu minha esposa, e eu disse a ela: 'Afasta-te de mim, pois tu não mais me pertences, nem eu pertenço a ti.'

"'Por que, quando eu seria capaz de trocar as vidas dos meus pais pela tua!'

"Eu disse:

"'O Islam te separou de mim, pois me tornei muçulmano, e sigo a religião de Mohammad (S).'

"'A tua religião será também a minha.'

"'Então terás de ir purificar-te na nascente do Zuch Chara.' (Tratava-se duma nascente ao sopé da montanha onde havia um dos ídolos da tribo, sendo que este era chamado de Zuch Chara.)

"'Ora, tens medo de que o ídolo se vingue e ameace um dos nossos filhos?'

"'O ídolo que se dane! Não compreendes? Aquela pedra sombria não te poderá causar dano algum. Disse para ires lá porque não é decente banhares-te onde as pessoas te possam ver.'

"Expliquei o Islam a ela, que o aceitou e tornou-se muçulmana. Depois chamei toda a tribo dos Daws ao Islam, e todos eles se retraíram exceto Abu Huraira[4], que rapidamente aceitou."

Al Tufail continua sua estória, dizendo:

"Então eu fui, juntamente com o Abu Huraira, ter com o abençoado Profeta, em Makka, e ele me perguntou:

"'E quanto àqueles que deixaste para trás, ó Tufail?'

"'Seus corações estão amortecidos pela ignorância e em profunda descrença. Os Daws estão sobrecarregados com seus pecados e fanatismos.'

"Naquele ponto, o abençoado Profeta se levantou, fez a ablução, rezou e ergueu as mãos para os Céus."

Ouçamos esta parte da estória, com as palavras de Abu Huraira:

"Quando o vi fazendo aquilo, temi que ele proferisse uma maldição sobre minha tribo, para que ela perecesse, então exclamei:

"'Povo meu...'

"Então o abençoado Profeta (S) tornou a sua súplica audível, dizendo:

"'Ó Deus, guia o povo dos Daws, guia o povo dos Daws, guia o povo dos Daws!' Depois voltou-se para Tufail, e disse: 'Volta para o teu povo; sê brando para com os indivíduos, e continua a chamá-los ao Islam.'"

Al Tufail continua sua estória, dizendo:

"Permaneci na terra dos Daws, chamando-os ao Islam até que o abençoado Profeta realizou a *hijra* (Hégira) para Madina, e as batalhas de Badr, Uhud e da Trincheira haviam acontecido. Então fui para junto do abençoado Profeta, levando comigo oitenta famílias que aceitaram o Islam e se tornaram bons muçulmanos praticantes. O abençoado Profeta

4. Abu Huraira – ver a sua biografia na parte 57 deste livro.

ficou encantado, e ordenou que recebêssemos um quinhão dos despojos de Khaybar. Nós pedimos: 'Ó Mensageiro de Deus, faze com que sejamos o flanco direito do teu exército quando fores para a batalha, e faze com que o nosso lema seja: *mabrur* (que Deus aceite nossas boas ações).'"

Al Tufail continua sua estória:

"Permaneci com o abençoado Profeta até que Deus o ajudou a retomar Makka, quando lhe implorei:

"'Ó Mensageiro de Deus, manda-me para perto de Zul Kaffain, o ídolo de Amr. b. Hamama, para que eu o queime.'

"O abençoado Profeta permitiu que eu fosse, e eu cheguei perto do ídolo que estava rodeado por muitas pessoas. Quando eu o alcancei, que estava pronto para tocar fogo nele, as pessoas, que acreditavam no ídolo, ficaram a observar. Estavam certas de que o ídolo iria fazer-me mal, ou que me iria atingir um raio, caso eu causasse dano à estátua. Sem fazer conta de nada, apliquei a tocha a ela, cantando em versos:

"'Ó Zul Kaffayn, jamais te adoraremos. Nós somos mais velhos que tu, e nascemos antes de ti. Vê como fazemos este fogo arder, e, com ele, te afrontamos!'

"O fogo consumiu o ídolo, sendo que, na fumaça, foi-se o que restava do paganismo, nos corações dos Daws. Todos eles aceitaram o Islam, e se tornaram sinceros muçulmanos."

Depois daquilo, Al Tufail continuou sendo um constante companheiro do abençoado Profeta, até que, mais tarde, foi levado por Deus para estar junto a Ele, no Céu.

Quando a sucessão à liderança da comunidade caiu sobre o grupo de Abu Bakr as Siddik, Al Tufail pôs a si mesmo, sua espada e seu próprio filho a serviço do califa. Quando as guerras da *ridda*[5] eclodiram, Al Tufail e seu filho Amr ficaram na vanguarda do exército muçulmano que se havia engajado na luta contra Musaylima, o falso profeta. A caminho para Al Yamama, teve um sonho, à noite, e pediu a seus amigos que lho interpretassem. Ele disse:

"Constatei que minha cabeça havia sido raspada, uma ave saiu voando da minha boca, e uma mulher me pôs dentro do seu estômago. Meu filho Amr correu, tentando alcançar-me, mas não foi capaz."

"Talvez isso signifique algo de bom", disseram.

"Acho que posso interpretá-lo eu mesmo", disse Al Tufail. "A raspagem significa que minha cabeça irá ser cortada, a ave era a minha

5. *Ridda* – apostasia = a pessoa abandonar e rejeitar o Islam após tê-lo aceitado.

alma deixando o meu corpo, e a mulher era a terra na qual irei ser enterrado. Espero morrer como um *chahid*[6]. Quanto ao meu filho, ele quer morrer como um *chahid*, coisa que eu quero que Deus me conceda, mas passará muito tempo para que ele consiga o que deseja."

Na batalha de Al Yamama, o Companheiro Al Tufail b. Amr, dos Daws, lutou valentemente, provando sua fé, até que foi abatido. Quanto ao seu filho Amr, eis que lutou a ponto de ser ferido muitas vezes, e teve sua mão direita decepada. Ele foi levado de volta para Madina, deixando no campo de batalha a seu pai e a própria mão.

Durante o tempo da liderança de Ômar b. al Khattab, Amr, o filho de Tufail, compareceu à sua assembléia. A comida foi levada para Ômar, e ele convidou os presentes para compartilharem com ele da refeição. Amr se reprimiu, e Ômar disse, na sua maneira franca:

"Que há? tens vergonha de comer conosco por causa da tua mão ausente?"

Quando Amr confirmou, Ômar disse:

"Juro que não tocarei a comida enquanto não a tocares tu. Tu não nos repugnas e, olha, tu és o único de nós que já tem uma parte dele no Paraíso!" (Querendo dizer, a mão de Amr.)

O sonho de morrer como um *chahid* martirizava o Amr, sendo que ele encalçava tal sonho. Quando teve lugar a batalha de Al Yarmuk[7], Amr foi um dos guerreiros que primeiro chegou ao campo de batalha, e lutou, lutou, até que encontrou o martírio que seu pai fez com que ele desejasse.

Que Deus tenha misericórdia de Al Tufail b. Amr, o *chahid* e pai de um *chahid*.

---

6. *Chahid* – literalmente, significa testemunha ou testemunho; alguém que morre por sua fé. Essa espécie de morte é denominada *chahada*, uma palavra que também significa "testemunho", como na nossa *chahada*, que diz que não há outra divindade além de Deus, e Mohammad é o Seu Mensageiro. Aquele que morre como *chahid* é uma testemunha primordial da verdade, do seu próprio testemunho.

7. Al Yarmuk – uma batalha entre muçulmanos e bizantinos, desfechada em 15 H., que terminou com a inesperada e assoberbante vitória dos primeiros. Os comentadores do Alcorão acreditam que aquela foi a vitória predita na Surata Al Rum.

C A P Í T U L O 3

Abdullah b. Huzafa al Sahmi

"Todos os muçulmanos deverão beijar Abdullah b. Hudhafa na cabeça, e eu serei o primeiro a fazê-lo." Ômar b. al Khattab.

O herói desta estória é um Companheiro chamado Abdullah b. Huzafa al Sahmi. A história pode ter tratado esse homem, como tratou milhões de árabes, e passado por ele sem lhe dar o mínimo de atenção. O Islam, porém, em sua grandeza, deu-lhe a oportunidade de se encontrar entre mestres terrenos do seu tempo: Cosroé Parviz, o imperador sassânida, e Heraclius, o imperador bizantino. Com cada um deles, ele teve uma experiência, cuja estória tem permanecido viva através da história.

A estória de Abdullah b. Huzafa envolvendo o imperador sassânida teve lugar no sexto ano da Hégira (*hijra*), quando o abençoado Profeta resolveu enviar um grupo de seus companheiros como emissários para os impérios vizinhos. Com eles, ele enviava cartas, convidando aqueles governantes para o Islam. O abençoado Profeta estava ciente do perigo que aquela missão envolvia. Os mensageiros eram enviados para terras distantes, das quais não tinham conhecimento algum. Não estavam familiarizados com as línguas aí faladas, e alheiados quanto às naturezas dos seus governantes. A despeito disso, iriam ter que exortar aqueles governantes a que abandonassem suas velhas crenças, a que deixassem de lado seus poderios e suas posições, e a que acatassem a religião dos povoados que, até recentemente, haviam sido meros satélites dos seus reinados. Tratava-se duma aventura tão perigosa, que aquele que escolhesse empreendê-la poderia contar-se como perdido; e aquele que lograsse voltar dela são e salvo poderia considerar-se renascido.

Por essa razão, o abençoado Profeta reuniu seus companheiros em torno dele, e se pôs de pé, ao dirigir-se a eles. Após evidenciar o louvor a Deus, e testemunhar que Ele é o Único, e que Mohammad (ele próprio) era o Seu Mensageiro, ele começou:

"Desejo enviar alguns de vós para os reis das terras que estão fora da Arábia. Não tenteis me deter, como fizeram os filhos de Israel quanto a Jesus, o filho de Maria."

Os companheiros do Mensageiro de Deus disseram que iriam fazer tudo o que ele desejasse, e que iriam para onde ele os mandasse. O abençoado Profeta delegou seis dos seus companheiros para que portassem suas cartas, um dos quais foi Abdullah b. Huzafa al Sahmi. Este foi escolhido para levar a missiva do abençoado Profeta ao Cosroé, o imperador sassânida.

Abdullah b. Huzafa preparou sua montaria, despediu-se de sua esposa e seus filhos, e se pôs a caminho. Sem nenhuma companhia, a não ser Deus, andou sobre morros e vales, procurando chegar à distante Pérsia. Quando chegou ao destino, pediu que sua chegada fosse anunciada ao imperador, informando os cortesãos sobre a carta que estava endereçada ao governante deles. Cosroé ordenou que sua assembéia fosse ornamentada, e ordenou que os maiorais da Pérsia a ela comparecessem. Quando todos estavam presentes, foi dada ao Abdullah b. Huzafa permissão para entrar. Ele entrou de maneira despretenciosa, vestido como um árabe, envolto num manto rústico e com um delgado lenço de cabeça. Postou-se eretamente, com a cabeça altiva. O poderio do Islam proporcionava-lhe o porte, e seu coração estava inflamado pelo orgulho da fé.

Quando Cosroé o viu aproximando-se, assinalou para um dos cortesãos que pegasse a carta dele, ao que Abdullah b. Huzafa disse:

"Não; o abençoado Profeta me ordenou que a entregasse nas tuas mãos, e eu nunca desobedeço uma ordem do abençoado Profeta."

Cosroé disse então para os seus cortesãos que permitissem que o Abdullah b. Huzafa se aproximasse; ele se aproximou e entregou a carta para o imperador. Cosroé mandou chamar um escriba árabe de Al Hira, que foi levado a ele. Disse ao escriba que abrisse a carta, e lesse o seu conteúdo, que era como se segue:

"Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordiosíssimo. De Mohammad, o Mensageiro de Deus, para Cosroé, imperador da Pérsia. Que a paz esteja com aquele que segue a divina diretriz..."

Tão logo Cosroé ouviu aquilo, ficou cheio de raiva. Seu rosto ficou vermelho, e suas veias cresceram, enfurecido que ficou pela saudação do abençoado Profeta, que começava com o próprio nome. Ele arrancou a carta da mão do escriba e a fez em pedaços, explodindo:

"Então é assim que ele se dirige a mim, sendo ele meu escravo?" Depois ordenou que o Abdullah b. Huzafa fosse expulso da assembléia.

Abdullah b. Huzafa deixou a assembléia de Cosroé sem saber o que lhe iria acontecer. Iria ele ser morto, ou iria ser-lhe permitido ir embora livremente? Não demorou muito para que ele dissesse a si mesmo:

"Juro por Deus que não me importa o que me acontecerá, uma vez que entreguei a missiva do Mensageiro de Deus." Montou no seu camelo e se pôs a caminho.

Quando a raiva de Cosroé havia amainado, ordenou que o Abdullah fosse levado perante ele, mas Abdullah não se encontrava em parte alguma. Seus homens o procuraram, mas não encontraram nem sinal. Foram ao seu encalço até à estrada para a Arábia, mas ele já se havia distanciado. Quando Abdullah chegou ao abençoado Profeta, que informou-lhe sobre o que acontecera com Cosroé, e como este havia rasgado a carta, o abençoado Profeta disse apenas:

"Que Deus rasgue em pedaços o seu domínio!"

Quanto ao Cosroé, ele escreveu para Bazan, seu representante no Iêmen:

"Envia para esse homem que tem aparecido no Hijaz (referindo-se ao abençoado Profeta) dois soldados possantes. Ordena-lhes que o tragam a mim." Bazan enviou dois dos seus melhores homens ao Profeta (S), portando com eles a mensagem que dizia que ele deveria acompanhá-los, sem demora, até ao Cosroé. Buzan foi além, e ordenou aos homens que observassem cuidadosamente o abençoado Profeta, que descobrissem o que pudessem acerca dele, e que dessem notícias, tantas quantas possíveis, sobre todos os seus feitos.

Os dois homens viajaram apressadamente, até que chegaram a Taifa, onde encontraram alguns mercadores da tribo dos Coraixtas. Inquiriram acerca de Mohammad (S), e ficou sabendo que poderia ser encontrado em Yaçrib (Madina). Os mercadores pagãos voltaram para Makka regozijantes, dizendo para o seu povo que não se preocupasse, porque nada mais nada menos do que Cosroé havia-se tornado um obstáculo ao possível sucesso do abençoado Profeta.

Os homens de Bazan dirigiram-se para Madina e, ao chegarem e encontrarem o abençoado Profeta, deram-lhe a carta de Bazan, dizendo-lhe:

"Cosroé, o rei dos reis, enviou-nos para que te levássemos a ele. Se fores de bom grado, iremos falar bem de ti para o imperdor, e ele não te

fará mal. Se te recusares... bem, tu deves estar ciente de que ele é, do seu poder, da sua força e da sua habilidade, capaz de subjugar a ti e ao teu povo."

O abençoado Profeta riu e pediu que voltassem para seu acampamento, e que voltassem na manhã seguinte. Quando eles voltaram a ter com o Profeta (S), no dia seguinte, perguntaram-lhe se estava pronto para viajar com eles rumo ao Cosroé. O abençoado Profeta disse:

"Depois deste dia, Cosroé já era. Deus enviou o Chirwayh, filho de Cosroé, contra ele, e o matou (em tal ou tal noite...)."

Eles olharam pasmados para o abençoado Profeta, e perguntaram:

"Sabes o que estás dizendo? É isso que queres que escrevamos para Bazan?"

Ele respondeu:

"Sim, e dizei para o Bazan que a religião do Islam irá para além do império de Cosroé. Se Bazan aceitar o Islam, garantir-lhe-ei a sacraticidade das suas posses, e far-lhe-ei governante do seu povo."

Os dois homens deixaram o abençoado Profeta, foram ter com Bazan, e contaram-lhe o que havia acontecido. Bazan disse:

"Se o que Mohammad diz é verdade, então ele é deveras um profeta, se não, iremos tratar dele."

Pouco depois, Bazan recebeu uma carta de Shirwayh, que relatava:

"Eu matei a Cosroé, e o fiz para vingar o nosso povo, pois eles matava os nossos nobres, violava as nossas mulheres e usurpava as nossas posses. Ao receberes esta carta, fica sabendo que deves lealdade a mim."

Bazan jogou fora a carta de Chirwayh, e anunciou sua aceitação ao Islam. Todos os persas que estavam com ele, no Iêmen, naquela ocasião, aceitaram também o Islam.

Essa é a estória de Abdullah b. Huzafa junto ao imperador sassânida. Seu encontro com o imperador de Bizâncio aconteceu derante a autoridade do califa Ômar b. al Kattab (que Deus esteja aprazido com ele), sendo que a estória é verdadeira e singular.

No décimo nono ano da Hégira, Ômar enviou um exército para combater as forças bizantinas hostis e, naquele exército, encontrava-se Abdullah b. Huzafa al Sahmi. O potentado bizantino já tinha ouvido estórias acerca dos soldados muçulmanos, das suas qualidades excepcionais de sincera fé, e dos seus sacrifícios em prol de Deus e do Seu Mensageiro (S). Ele expediu uma ordem dizendo que qualquer cativo muçulmano que caísse nas mãos do exército bizantino deveria ser conservado vivo e levado à sua presença. Foi da vontade de Deus que o

Abdullah b. Huzafa fosse cair nas mãos deles, e fosse levado perante o imperador, ao qual foi dito que Abdullah havia sido um dos companheiros do Profeta (S), e uma das primeiras pessoas a entrar para o Islam.

O imperador passou um longo tempo a observar o Abdullah, dpois se dirigiu a ele, dizendo:

"Quero fazer-te uma oferta."

"E qual iria ser?"

"Digo-te que se aceitares tornar-te um cristão, não irei fazer-te mal, libertar-te-ei e serei generoso contigo."

Seu cativo respondeu firmemente:

"Longe de mim isso; a morte é mil vezes preferível para mim a essa oferta que ora me fazes."

O imperador disse:

"Vejo que és um homem cavalheiresco; portanto, se aceitares a minha oferta, dar-te-ei uma partilha no meu poderio e posicionamento."

Envolto em seus grilhões, o cativo sorriu.

"Se me desses tudo o que possuis e tudo o que os árabes possuem, eu ainda assim não iria abandonar por um segundo a religião de Mohammad."

"Então farei com que morras."

"Faze como quiseres."

O imperador ordenou que ele fosse crucificado, e disse para seus arqueiros que atirassem nos braços do Abdullah. Ele lhe ofereceu novamente a chance de se tornar cristão, mas Abdullah recusou. Então ele disse para os seus soldados que atirassem nas pernas de Abdullah. O imperador renovou sua oferta de o martirizado se tornar cristão, e ele continuou a recusar abandonar o Islam. Naquele ponto, ele ordenou que Abdullah fosse retirado da cruz. Então ele ordenou que um enorme caldeirão fosse trazido, e um fogo fosse acendido sob ele. Depois ele fez com que a vasilha fosse enchida com óleo, e aquecido até que crepitasse. Fez com que dois muçulmanos cativos fossem trazidos, e mandou que fossem jogados no caldeirão. Todos eles observaram as carnes deles se dissolverem e os ossos aparecerem. Então o imperador deu a Abdullah uma nova chance de se tornar cristão, e ele estava ainda mais inflexível na sua recusa.

Perdendo a esperança, o imperador ordenou que Abdullah fosse jogado no caldeirão, como o tinham sido os seus companheiros; e quando Abdullah estava sendo conduzido para o sacrifício, puderam ser vistas

lágrimas em seus olhos. Os homens do imperador o informaram sobre aquilo, e ele pensou que o Abdullah estivesse choranbdo de medo de encontrar sua sina. Então ele ordenou que Abdullah fosse novamente levado a ele, e deu-lhe a chance final de se tornar cristão. Ele recusou, e o imperador disse:

"Talvez tu morras! Por que estavas chorando?"

Ele respondeu:

"Chorei, quando sabia que ia morrer, porque só tinha uma alma a sacrificar para obter o aprazimento de Deus. Tivesse eu tantas almas para sacrificar, quanto são os cabelos da minha cabeça! Com todo o prazer jogá-las-ia no caldeirão."

O tirano perguntou:

"Se eu te libertar, irás beijar a minha cabeça1?"

"Só se tu libertares todos os muçulmanos cativos."

"Que assim seja."

O próprio Abdullah relatou:

"Então eu disse a mim mesmo:

"'Ele é um inimigo de Deus, mas se eu lhe beijar a cabeça, ele irá libertar, juntamente comigo, todos os muçulmanos cativos. Não haverá mal algum nisso.'"

Ele deu um passo à frente, e beijou a cabeça do imperador, que ordenou que todos os muçulmanos cativos fossem entregues para o Abdullah, e todos foram libertados.

Abdullah b. Huzafa foi à presença de Ômar b. al Khattab (que Deus esteja aprazido com ele) e lhe contou o que havia transpirado. O justo e misericodioso governante Ômar ficou grandemente aprazido. Quando ele olhou para os prisioneiros que haviam sido libertados, disse:

"Todos os muçulmanos devem beijar a cabeça de Abdullah b. Huzafa, e eu serei a primeira pessoa a fazer isso." E se levantou, e o beijou na cabeça.

C A P Í T U L O 4

Umayr b. Wahb

“Umayr b. Wahb tornou-se mais amado, para mim, do que um filho.” Ômar b. al Kattab.

Umayr b. Wahb voltou a salvo da batalha de Badr, mas deixou para trás o seu filho Wahb, cativo nas mãos nas mãos dos muçulmanos. Umayr temia que os muçulmanos se vigassem do rapaz, por causa dos seus próprios malfeitos. Temia que o tratassem com crueldade, como castigo pelos danos que ele, Umayr, tinha causado ao abençoado Profeta, e pelas torturas que ele havia infligido aos companheiros do abençoado Profeta.

Numa manhã, Umayr foi para a mesquita para caminhar en torno da Kaaba e aprsentar seus respeitos aos ídolos. Aí ele encontrou Safwan b. Umaiya sentado perto do santuário, e o saudou, dizendo:

“Bom dia, mestre dos Coraixtas!”

“Bom dia, Abu Wahb. Vem sentar-te e conversar um pouco, pois não há nada melhor para passar o tempo do que uma conversação.”

Umayr sentou-se, ficando de frente para o Safwan b. Umaiya, e se puseram a recapitular as grande perdas em Badr, e os números dos cativos que haviam caído nas mãos de Mohammad e dos seus companheiros. Lamentaram-se quanto aos senhores do Coraix que caíram sob as espadas dos muçulmanos, e jaziam então no fundo do poço de Culaib. Safwan b. Umaiya suspirou e disse:

“A vida não vale mais a pena, agora que se foram!” Umayr assentiu e, depois dum breve silIencio, disse:

“Juro pelo Senhor da Kaaba que, se não fosse pelas dívidas que não posso pagar e pelos meus filhos, por quem temo, caso venha a morrer, iria matar o Mohammad, livrando-nos dele, duma vez por todas!”

Então, baixando a voz, continuou:

“Aliás, o fato de que tenho o meu filho, Wahb, cativo, faz parecer perfeitamente normal eu viajar para Yaçrib[1]. Ninguém iria suspeitar de nada...”

1. Yaçrib – o nome pré-islâmico de Madina.

Safwan b. Umaiya viu na fala do Umayr uma oportunidade de ouro, e se apegou a ela. Voltou-se para ele, dizendo:

"Ó Umayr, considera minha as tuas dívidas; haverei de pagá-las, não importa quão pesadas sejam. E considera meus os teus filhos, pois irei provê-los por todo o tempo em que eles e eu vivermos. Tenho dinheiro suficiente para garantir que eles vivam no luxo."

"Então, guarda a nossa conversa em segredo, e não fales com ninguém sobre ela", disse Umayr, e Safwan concordou.

Umayr deixou a mesquita com o coração alastrando-se de ódio por Mohammad (S). Começou a fazer os preparativos para levar avante a sua resolução, e não tinha medo de que alguém suspeitasse que na sua viagem havia um quê de vingança. Muitos dos indivíduos do Coraix tinham parentes que eram cativos de guerra nas mãos dos muçulmanos, e tinham o hábito de viajar para Yaçtrib para os resgatarem. Pediu para que seu criado lhe troussesse a espada, afiou-a e untou-a com veneno. Pediu por sua montaria, que foi preparada e levada a ele. Pulou para as costas dela, e se pôs a caminho de Madina, com o coração agitado de ódio e rancor.

Quando chegou a Madina, dirigiu-se para a mesquita, à procura do abençoado Profeta. Ao chegar perto da entrada, fez o seu camelo ajoelhar, e desmontou.

Naquele momento, Ômar b. al Khattab estava sentado com alguns Companheiros perto da entrada da mesquita. Estavam a falar da batalha de Badr e das perdas dos Coraixtas, bem como dos prisioneiros que os muçulmanos haviam feito. Recapitulavam as heróicas ações dos muçulmanos no campo de batalha, os muhajirun[2] aqui, os ansar[3] ali, e de como Deus os havia honrado com a vitória, e massacrado os inimigos. Aconteceu que Ômar se virou e viu Umayr b. Wahb desmontando e se dirigindo para a mesquita com a sua espada enfiada na sua bainha, e pulou alarmado, e disse:

"Aquele cão, aquele inimigo de Deus, é Umayr b. Wahb. Ele vem com más intenções! Em Makka, ele costumava incitar os pagãos contra nós, e era o espião deles contra nós, um pouco antes da batalha de Badr."

Então, disse para os seus associados:

2. Muhajirun – plural de muhajir. Aqueles que empreenderam a Hégira, ou migração, de Makka para Madina, juntamente com o abençoado Profeta.

3. Ansar – os habitantes de Al Madina que receberam os Muhajirun, repartindo com eles os seus lares, suas posses e suas riquezas.

"Ide ter com o Mensageiro de Deus, e postai-vos ao redor dele. Tomai cuidado para que nenhuma traição lhe seja feita por aquele vil intrigante!"

Então Ômar procurou o nobre Profeta, e lhe disse:

"Ó Mensageiro de Deus, esse inimigo de Deus, Umayr b. Wahb, veio portando uma espada, e eu acho que veio apenas para fazer o mal."

O nobre Profeta disse: "Traze-o a mim." Então Ômar foi até aonde estava Umayr, e pegou-o pelos tirantes da bainha da espada; dessa maneira ele o levou perante o abençoado Profeta que, depois de o olhar bem, disse:

"Larga-o, Ômar, larga dele!"

Então o Profeta (S) disse par Ômar: "Sai de perto dele!"

Quando Ômar tinha ido, o abençoado Profeta chegou perto de Umayr, e disse para este fazer o mesmo. Umayr disse:

"Bom dia!" (Esta era a saudação dos árabes pagãos.) O abençoado Profeta respondeu:

"Deus nos honrou com uma saudação melhor do que a vossa, ó Umayr. Ele nos honrou com a saudação que inclui 'Paz', que é a saudação dos habitantes do Paraíso."

Umayr respondeu:

"Por deus, homem, a vossa saudação não está tão distante da nossa; até recentemente, tu próprio costumavas usá-la!"

Ignorando a rudeza do oponente, o abençoado Profeta perguntou:

"Que te traz aqui, ó Umayr?"

"Vim rogar pela libertação de um prisioneiro que vós tomastes. Peço-te que me obsequies por meio dele."

Então, por que trazes a espada contigo?"

"Que Deus amaldiçoe esta, entre as espadas! Ela nada fez por nós, em Badr."

"Dize-me a verdade; a que vieste, ó Umayr?"

"Já te disse." Então o abençoado Profeta disse:

"Não, Tu te sentavas no santuário juntamente com o teu amigo, e reacapitulavas o caso daqueles Coraixtas que foram enterrados em Al Qulayb. Etão disseste:

"'Não fosse pelas minhas dívidas e pelos meus dependentes, iria lá, e mataria o Mohammad.' Então Safwan disse que iria arcar com as tuas dívidas e prover pelos teus dependentes, caso tu me matasses. Porém, Deus irá impedir-te de fazeres isso."

Umayr ficou estarrecido, então pronunciou:

"Testifico que tu és o Mensageiro de Deus."

Depois acrescentou:

"Nós não acreditávamos em ti, ó Mensageiro de Deus, nem no que nos trouxeste do Céu, nem tampouco na revelação que recebeste. Eis que, do meu assunto com Safwan, ninguém sabia a não ser ele e eu, e estou certo de que ninguém a não ser Deus te informou acerca dele. Louvado seja Deus Que me trouxe aqui, perto de ti, para me guiares ao Islam."

Então ele formalmente testemunhou que não há deus a não ser Deus, e que Mohammad é o Seu Mensageiro, e tornou-se muçulmano. O abençoado Profeta disse para os Companheiros:

"Ensinai ao vosso irmão a sua religião, ensinai-lhe o Alcorão, e libertai o seu cativo."

Os muçulmanos ficaram super regozijantes com a aceitação do Islam por parte de Umayr b. Wahb. O próprio Ômar b. al Khattab (que Deus esteja aprazido com ele) disse:

"Quando Umayr b. Wahb veio ter com o abençoado Profeta, eu preferia que fosse um porco a ser Umayr, e hoje eu venho a amá-lo mais do que se fosse um dos meus filhos."

Umayr passava o tempo a purificar sua alma com os ensinamentos do Islam, e a encher seu coração com luz do Alcorão. Aqueles foram os dias mais ricos e mais significativos da sua vida, dias que se escoavam, com Makka e todos os que ele lá conhecera longe da sua mente. Enquanto isso, Safwan b. Umaiya estava cheio de esperança, sendo que, ao passar pelos ajuntamentos de Coraixtas, dizia:

"Alegrai-vos, porque logo ireis receber grandes notícias que vos farão esquecer as perdas de Badr." Quando Safwan b. Umaiya sentiu que sua espera se tornara demasiadamente longa, a ansiedade tomou conta do seu coração. Chegou ao ponto em que se encontrou na agonia da inquietação, e começou a perguntar para os caravaneiros que passavam se tinham notícias de Umayr b. Wahb. Não recebia resposta satisfatória de ninguém, até que, finalmente, um viajante deu-lhe as novas de que Umayr havia entrado para o Islam. Safwan ficou estupefacto, pois sempre pensara que Umayr jamais iria tornar-se muçulmano, mesmo se toda a humanidade aceitasse o Islam.

Depois que Umayr b. Wahb se tornou proficiente quanto ao Alcorão, e aprendeu o que era necessário quanto às questões práticas da religião, foi ter com o abençoado Profeta, e disse:

"Ó Mensageiro de Deus, passei grande parte da minha vida tentando extinguir a luz da verdade que vinha do Senhor. Causei grandes danos àqueles que se haviam dado ao Islam. Agora eu desejaria que tu me desses permissão para ir a Makka, a fim de convidar os Coraixtas para Deus e o Seu Mensageiro. Se eles aceitarem, será bom; se recusarem, irei fazê-los sofrer por sua idolatria, como costumava cusar sofrimento aos seguidores do Mensageiro de Deus."

O abençoado Profeta deu-lhe a permissão, e ele partiu para Makka. Quando chegou a casa de Safwan b. Umaiya, entrou, e se dirigiu a ele:

"Ó Safwan, tu és um dos mestres dos Coraixtas e, certamente, um dos mais bem pensantes deles. Será que faz sentido passares a vida a cultuar ídolos de pedra e a fazer sacrifícios por eles? Será que é essa a religião de um homem sensível? Quanto a mim, eu presto testemunho de que não há deus a não ser Deus, e de que Mohammad é o Seu Mensageiro."

Depois Umayr começou a pregar o Islam em Makka, e obteve muitos conversos. Que Deus lhe conceda abundantes recompensas e encha de luz o seu túmulo!

CAPÍTULO 5

Al Bará b. Málik al Ansari

"Que não seja dada para Al Bará a liderança de nenhum exército muçulmano, pois, com o seu entusiasmo, ele iria levar os soldados à morte."
(Ômar b. al Khattab).

Ele era de cor embaçada, tinha cabelos emaranhados, e um porte esquelético, coisas que faziam com que aqueles que o não conheciam se afastassem dele com repugnância. No entanto, foi ele que derrotou uma centena de pagãos, em duelos, sem contarmos aqueles que ele havia matado, em batalhas. Era o corajoso e feroz campeão das armas, sobre quem o Al Faruk[1] Ômar b. al Khattab havia escrito aos seus representantes, nas províncias:

"Que não seja dada para Al Bará a liderança de nunhum exército muçulmano, pois, com o seu entusiasmo, ele iria levar os soldados à morte."

Assim era Al Bará b. Málik, irmão de Anas b. Málik, o "servo"[2] do abençoado Profeta. Se fôssemos contar toda a estória dos seus feitos heróicos, isso iria levar muito tempo. Um evento que passaremos a descrever irá dar uma idéia das suas ações constantes.

Esta estória começa nas horas que se sucederam à morte do abençoado Profeta, que foi-se juntar ao Mais Elevado Companheiro, o seu Senhor. As tribos árabes do deserto abandonavam, em bandos, as suas crenças, até que nenhuma delas permaneceu nas lindes do Islam, exceto o povo de Makka, Madina e Taif, e bandos esparsos daqueles cujos corações Deus havia tornado firmes.

---

1. Al Faruk – apelido de Ômar, que significa "aquele que sabe distinguir entre a verdade e a falsidade".

2. Anas b. Málik foi enviado, ainda menino, pelos seus pais para servir ao abençoado Profeta, com o fito de aprender profundamente o Islam. O abençoado Profeta não precisava de um criado, mas recebeu de bom grado o menino.

O primeiro califa, Abu Bakr As Siddik[3], permanecia inflexível face àquele assolador sublevantamento. Juntamente com os muhajirun e os ansar, ele preparou onze forças armadas, e fez com que cada uma delas marchasse atrás de um líder que portava a bandeira do Islam. Foram enviados aos distantes quadrantes da Arábia para fazerem com que os renegados voltassem para o caminho da verdade, com a ameaça de que iriam usar da força contra aqueles que teimassem em fazer corrupção.

O mais feroz bando dos apóstatas, e o maior em número, era a tribo dos Banu Hanifa. Um falso profeta chamado Musaylima apresentou-se para o liderar. Ele reuniu uma força de quarenta mil soldados, da sua própria tribo e dos seus aliados. Muitos deles eram guerreiros rudes, e calejados na arte da guerra. A maioria deles o seguia, não porque acreditassem nele, mas por causa de velhas filiações tribais pagãs. Alguns deles diziam:

"Presto testemunho de que Mussaylima é um mentiroso, e de que Mohammad é veraz. Porém, um mentiroso de Rabia[4] é melhor do que um veraz de Múdar."

A primeira força muçulmana que saiu para tratar de Musaylima foi dirigida por Ikrima, filho de Abu Jahl. Ela foi derrotada e posta em debandada pelas forças dos renegados. Então As Saddik enviou outra força dirigida por Khalid b. al Walid. Na vanguarda estavam os mais proeminentes Companheiros oriundos dos muhajirun e dos ansar e, entre eles, estavam Al Bará b. Málik e outros notáveis muçulmanos, campeões em armas.

Os dois exércitos se defrontaram no campo de Al Yamama, em Najd, e não demorou muito para que as forças de Mussaylaima ganhassem o primeiro assalto, sendo que as forças muçulmanas ficaram seriamente abaladas. Estas se retiraram das suas posições, até que as forças de Musaylima entraram no acampamento de Khalid b. al Walid. A esposa de Khalid teria sido morta, se um deles não lhe tivesse dado proteção.

Naquele ponto os muçulmanos se conscientizaram do perigo de perderem aquela crucial batalha. Sabiam que se fossem derrotado por Mussaylima, o Islam iria perder sua força, e Deus não mais iria ser cultuado na Península Arábica. O povo iria voltar para a idolatria, e estaria

3. As Siddik – "aquele que acredita na verdade". Esse apelido foi dado pelo abençoado Profeta a Abu Bakr, que foi o primeiro a declarar que acreditava na viagem noturna do Profeta até aos Céus.

4. Rabia e Múdar – respectivamente, as filiações tribais de Musaylima e do abençoado Profeta.

perdido. Khalid reuniu as forças muçulmanas, e as reagrupou de acordo com a filiação tribal, para que reconhecessem seus camaradas e andassem a páreo e passo com eles. Colocou cada grupo sob uma bandeira separada para que pudesse acompanhar os ganhos e as perdas constantes da batalha.

Aquela batalha foi a mais sangrenta e feroz já experimentada pelos muçulmanos. Ela se arrastou por muito tempo, e as forças de Musaylima permaneciam firmes e inabaladas, a despeito das suas perdas. Os feitos heróicos dos muçulmanos, naquela batalha, foram do tipo sobre o qual a poesia épica é escrita.

Sábit b. Qays, o porta-estandarte dos ansar, untou-se com uma fragrância impregnante, envolveu-se numa mortalha, e cavou uma trincheira raza. Aí permaneceu defendendo o estandarte do seu povo, até que caiu como um mártir (*chahid*).

Zaid b. al Khattab, irmão do Al Faruk Ômar, tomou a iniciativa, exortando os muçulmanos:

"Cerrai os dentes, golpeai o inimigo, e avançai! Estou fazendo um voto de silêncio, e não voltarei a falar até que Musaylima seja derrotado, ou irei ao encontro do meu Feitor e Lhe direi que morri tentando." Então precipitou-se para a frente, engajando-se em combates, até que foi abatido.

Salim, o liberto de Abu Huzaifa, portava a bandeira dos muhajirun. Seus seguidores temiam que, no cansaço dele, fosse abatido pelo inimigo, deixando-os em aberto para o ataque. Sua única resposta foi:

"Se fordes atacados, então eu não serei digno de continuar a viver como um Háfiz[5]."

Então ele dirigiu uma poderosa carga contra o inimigo, até que foi tirado ferido do campo.

Todos esses heróicos feitos caem em insignificância perante a ação de Al Bará b. Málik . À medida em que a batalha alcançava o auge da sua fúria, Khalid b. al Walid voltou-se para Al Bará, e disse:

"Dirige o assalto sobre eles, ó cavaleiro dos ansar!"

Al Bará voltou-se para o seu povo, e disse:

"Avante, ó ansar! Que nenhum de vós pense que irá voltar para Madina. Não tendes lugar aonde ir. Há apenas Deus, e o Paraíso!"

Num só corpo, desferiram uma carga nas fileiras dos renegados, tendo o Al Bará a abrir caminho por entre os inimigos, brandindo sua espada, fazendo cair por terra muitos dos inimigos de Deus, tanto que o curso da batalha virou contra Musaylima e suas forças. Estes se refugiaram num pomar que se tornou conhecido da história como o Pomar da Morte, por causa do grande número de homens que aí foram abatidos, naquele dia.

5. Háfiz – aquele que memorizou o Alcorão, e, portanto, é tido em alto respeito pela comunidade muçulmana.

O pomar era vasto, com muros altos, e Musaylima e sua força de milhares trancaram a entrada. Podiam abrigar-se atrás dos muros, como numa fortaleza, e desfechar chuvas de flechas sobre os muçulmanos. Al Bará se adiantou, e disse para as suas gentes:

"Ponde-me num escudo, levantai-o com vossas lanças, e lançai-me sobre o muro, próximo ao portão. Eu abrirei os portais para vós, ou morrerei como um *chahid*, no processo."

Em pouco tempo ele estava sentado num escudo, com seu delgado corpo, que pouco pesava, e dezenas de lanças o ergueram, e o lançaram para dentro do Pomar da Morte. Feito um raio que cai do céu, ele caiu sobre os inimigos, e matou dez deles antes que pudesse abrir o portão. Os muçulmanos passaram como enxurrada através dos portões e sobre os muros, abatendo, com suas espadas, as forças de milhares de renegados, até que chegaram ao Musaylima, e o mataram numa batalha.

Quanto a Al Bará b. Málik, eis que foi carregado para fora do campo com mais de oitenta ferimentos de espada e flechas. Khálid b. al Walid permaneceu com ele por um mês, cuidando dele, até que Deus lhe restaurou a saúde, assim como Ele concedera a vitória aos muçulmanos, graças ao valente guerreiro.

Al Bará continuava a almejar por u'a morte como um *chahid*, um destino que se esquivou dele, mesmo na batalha de Al Yamama. Na sua ânsia por aquele destino, e para poder reunir-se ao seu amado Profeta (S), ele se angajava em batalha pós batalha. Na de Tustar, na Pérsia, os muçulmanos haviam sitiado os persas num castelo fortificado. Como o sitiamento se arrastase por muito tempo, e os persas se tornassem mais desesperados, estes fizeram descer pelos muros correntes com enormes arpéus que haviam sido aquecidos ao rubro. Com eles, iriam espetar os muçulmanos, e iriam erguer as vítimas, mortas, ou na agonia da morte. Um dos ganchos pegou Anas, o irmão de Al Bará. Quando al Bará viu o que estava acontecendo com o irmão, escalou o muro da fortaleza, até que foi capaz de agarrar a corrente e retirar o gancho do corpo do seu irmão. Sua mão começou a quimar e dela a sair fumaça, mas ele não desistiu, até que salvou o seu irmão. Então caiu ao chão, nada restando da sua mão, a não serem os ossos limpos.

Durante aquela batalha, Al Bará pediu a Deus que lhe concedesse a morte como um *chahid*. Deus lhe concedeu o requerido, e ele finalmente caiu, regozijante com o fato de que iria encontrar-se com o seu Senhor.

Que Deus conceda a Al Bará a bênção do Paraíso, e lhe dê o conforto da companhia do abençoado Profeta. Que Deus esteja comprazido com ele, e o faça feliz!

CAPÍTULO 6

Ummu Salama

A Nobre Viúva da Arábia

Como poderemos começar a conhecer tudo o que há para conhecer acerca dela?

Seu pai foi um dos mais nobres da tribo dos makhzum, e um daqueles destacados por sua generosidade. Era conhecido como aquele que provia os viajantes, tanto que as pessoas não portavam provisões consigo, caso fossem pasar pelas terras dele, ou fossem estar em sua companhia.

Seu marido era Abdullah b. Abd al Asad, um dos dez primeiros homens a aceitar o Islam. Ninguém se tornara muçulmano antes dele, salvo Abu Bakr as Siddik e um pequeno número de outros.

O nome dela era Hind; mas quando lhe foi dado o matronímico Ummu Salama, este se tornou o nome pelo qual todas a conheciam. Torno-se muçulmana juntamente com o seu marido e, portanto, compartilha da dignidade de estar entre os primeiros muçulmanos. A tribo dos Coraixtas ficou furiosa quando a notícia das conversões de Ummu Salama e do seu esposo se espalhou, e eles lançaram contra ambos uma campanha de crueldade que podia comover até os matacões. Os dois não arrefeceram face a tal tratamento, nem tampouco suas crenças ficaram abaladas.

Quando seus sofrimentos atingiram seus extremos, e o abençoado Profeta deu aos seus seguidores permissão de emigrarem para a Abissínia, eles estiveram na vanguarda dos emigrantes. Ummu Salama viajou juntamente com seu marido para o exílio, deixando para trás seu lar opulento, seu *status* social, e seu orgulho tribal, esperando pela recompensa de Deus, e tendo tudo como de pouco valor em comparação ao Seu aprazimento.

Ummu Salama e seus companheiros encontraram proteção junto ao Negus[1] da Abissínia (que Deus lhe conceda a felicidade, no Paraíso);

1. Negus – o imperador da Abissínia cristã que se recusou veementemente a entregar os muçulmanos para os seus inimigos pagãos. Eventualmente, ele se converteu ao Islam.

contudo, seus corações tinham saudades de Makka, onde a Palavra de Deus estava sendo revelada ao seu amado Profeta (S). Em pequenos fragmentos, as notícias chegavam aos imigrantes da Abissínia, primeiramente do aumento do número de muçulmanos, depois das conversões de Hamza b. Abd al Muttalib e de Ômar b. al Khattab, sendo que ambos eram homens poderosos e calejados guerreiros. A entrada deles para o Islam aumentou em muito a capacidade da recém criada comunidade de se defender por si só. Alguns dos exilados resolveram voltar para Makka, levados pela vontade de se reunirem aos muçulmanos, em casa. Umm Salama e seu marido estiveram entre os primeiros que voltaram.

Os repatriados muçulmanos rapidamente descobriram que muitas das notícias que haviam chegado até eles tinham sido exageradas, e que a evolução da situação dos muçulmanos, causada pelas conversões de Ômar e Hamza, havia-se voltado contra eles. Os pagãos, dentre os Coraixtas, tornavam-se mais determinados nas suas perseguições contra os muçulmanos, e tornaram-se mais do que nunca cruéis, calculistas e inescrupulosos. Naquele ponto, Profeta (S) anunciou aos seus seguidores a sua decisão de fazer com que eles emigrassem para Madina. Umm Salama e seu marido resolveram ser os primeiros emigrantes, para o bem da sua religião, e para escaparem à perseguição feita pelos Coraixtas. A Hégira deles não iria ser tão fácil como imaginaram. Foi uma experiência dura e amarga, que evidenciou no seu rastro uma tragédia, sobre todas as tragédias.

A própria Ummu Salama assim relata a estória:

"Quando Abu Salama (seu marido) planejou sair para Madina, preparou um camelo para que eu montasse, e ajudou-me a montar nele. Então ele colocou o Salama, nosso filho, no meu colo, e se pôs a caminho, dirigindo o camelo e avançando sem parar, no seu curso. Antes de atingirmos os arredores de Makka, fomos vistos por alguns homens da minha tribo, os Banu Makhzum, e eles nos bloquearam o caminho. Disseram para o Abu Salama:

"'Se pensas em nos deixar, não podes levar também a tua esposa contigo. Ela é filha nossa; e como poderemos deixar que a tires de nós e se ponham a vagar pelo país?' Então arremeteram contra ele, e me tiraram dele pela força.

"Quando a tribo dele, os Banu Abd al Asad, soube daquilo, seus menbros ficaram irados, e foram tirar satisfações com o meu povo, dizendo-lhes:

"'Vós podeis ter tomado vossa parenta, mas nós juramos por Deus que não vos deixaremos tomar a criança, depois de terdes tirado, à força, a mãe do nosso parente. Ele é filho nosso, e nós temos mais direito sobre ele.'

"Depois eles começaram a puxar a criança Salama, para lá e para cá, entre eles, até que lhe destroncaram o braço; e a criança foi tomada. Assim, em questão de momentos, minha família foi separada, e eu me vi sozinha. Meu marido não teve outra escolha senão seguir sozinho para Madina; e meu filho, na minha frente, era levado, contundido e desfigurado. Minha própria tribo me arrastava como prisioneira. Nós três havíamos sido separados.

"Daquele dia em diante, eu ia, bem cedo, todas as manhãs, para a cena da minha desdita. Aí sentava-me, revivendo os momentos da minha tragédia, e relembrando como eu havia sido privada do meu marido e do meu filho. Passava o dia chorando, até que ficasse escuro. Assim vivi por quase um ano, até que um primo meu passou por mim, um dia, e se condoeu. Foi ter com os meu parentes, e disse:

"'Por que não deixais a pobre mulher ir em liberdade? Vós a separastes do seu marido e do seu filho!' Ele continuou a apelar para os sentimentos deles, tentando amolecer seus corações, até que, finalmente, eles disseram para mim:

"'Podes ir juntar-te ao teu marido, se quiseres.'

"Mas, como poderia eu juntar-me ao meu marido, em Madina, e deixar o meu filho, que era parte de mim, em Makka, com os Banu Abd al Asad? Como poderia meu coração sarar ou minhas lágrimas secar, se eu tivesse que viver no exílio, com meu filho em Makka, sendo que nada iria saber dele?

"Algumas pessoas viram como eu sofria com o meu desejo de ter meu filho de volta e, levados pela bondade, foram ter com as gentes de Abd al Asad, e fizeram apelações, até que eles devolveram a criança para mim.

"Eu não queria ficar em Makka a esperar por alguém com quem viajar, porque temia que algo inesperado pudesse acontecer, algo que evitasse que fosse reunir-me ao meu marido. Então eu me antecipei, e preparei a minha própria montaria, pus a criança no meu colo, deixei Makka, e parti para Madina, sem nenhuma companhia humana. Ainda não tinha

atingido Al Tan'im[2], quando encontrei-me com Otman b. Tal-ha[3], que me perguntou:

"'Para onde te diriges, ó filha do provedor dos viajantes?'

"'Desejo reunir-me ao meu marido, em Madina', disse eu.

"'Sem ninguém a acompanhar-te?'

"'Ninguém, a não ser Deus e meu filho, aqui.'

"'Não te deixarei desprotegida por todo o caminho para Madina', ele disse, pegou as rédeas do camelo, e se pôs a caminho, dirigindo o roteiro.

"Por Deus, jamais estive na companhia de um homem tão honrado e grácil. Quando chegávamos a um ponto de parada, ele fazia com que o camelo se ajoelhasse e ficava um pouco distancido para que eu desmontasse. Depois vinha, desselava o camelo, e levava-o até a uma árvore, em que o amarrava. Então distanciava-se para me dar alguma privacidade, e ia dormir na sombra de outra árvore.

"Ele continuou a fazer aquilo todos os dias, até que chegamos a Madina. Quando encontramos um agrupamento de casas, em Cubá, pertencentes às famílias de Amr. b. Auf, ele disse:

"'Teu marido está aqui; vai, com as bênçãos de Deus!' Depois deu meia volta e se dirigiu para Makka."

A família que havia sido separada estava finalmente reunida; os pesares de Umm Salama por fim se abateram, e Abu Salama ficou super regozijante em ter com ele sua esposa e seu filho. Então, os eventos começaram a ocorrer rapidamente.

Abu Salama participou da batalha de Badr, e voltou com os muçulmanos, aos quais Deus havia concedido uma retumbante vitória. Depois de Badr veio a batalha de Uhud, e Abu Salama mais uma vez provou a sua fé e coragem, no campo de batalha. Dessa vez, contudo, ele ficou seriamente ferido, e passou-se um longo tempo antes que parecesse recuperar-se. Seu ferimento, porém, embora cicatrizado, havia adquirido um abscesso e, em pouco tempo, reabriu, forçando o homem a voltar para o seu leito de enfermo. Ao estar sendo cuidado, disse para Umm Salama:

"Ouvi o abençoado Profeta dizer:

---

2. Al Tan'im – um bairro distante cerca de dois quilômetros e meio de Makka.

3. Otman b. Talha – ele fora o guardião da Caaba no período da (*Jahilya*). Ele aceitou o Islam juntamente com Khalid b. al Walid, sendo que o abençoado Profeta confiou a ele a chave da Caaba. Ele era ainda pagão, no tempo em que se passou esse episódio.

"'Se uma pessoa sofrer uma calamidade, e dizer *inna lillahi wa inna ilayhi ráji'un* (pertencemos a Deus e a Ele retornaremos), e depois dizer, ó Deus, busco a Tua recompensa e compensação por esta calamidade, ó Deus, concede-me coisa melhor do que aquilo que perdi, Ele, com Seu poder e Sua glória, irá conceder-lha.'"

Abu Salama permaneceu no seu leito de enfermo por alguns dias. Numa manhã, o abençoado Profeta foi visitá-lo; ele mal tinha-se posto a partir, e sair para fora da casa, quando Abu Salama expirou. O abençoado Profeta voltou e, com suas nobres mãos, fechou os olhos do amigo; então, elevou os olhos para os Céus, e disse:

"Ó Deus, concede perdão para o Abu Salama, e concede-lhe um *status* no Paraíso, junto aos Teus mais achegados; e faze por suprir aqueles que ele deixou após ele. Ó Senhor do Universo, faze com que sua sepultura seja espaçosa, e enche-a de luz!"

Ummu Salama lembrou-se do que seu marido lhe havia contado das palavras do Mensageiro de Deus (S), e disse:

"Ó Deus, busco a Tua recompensa e compensação para esta calamidade..."

Porém, foi incapaz de completar a súplica, imaginando se poderia haver um melhor marido do que Abu Salama. Depois de pouco tempo, lembrou-se de que deveria proferir toda a súplica, e assim fez.

Os muçulmanos prantearam a perda de Ummu Salama, como jamais haviam pranteado a perda de ninguém antes, e passaram a chamá-la "a nobre viúva da Arábia". Ela não tinha parentes em Madina, a não ser o seu próprio filho, que ainda era pequeno e tenro como os filhotes de codornizes.

Os muhajirun e os ansar, juntos, acharam que era da incumbência deles proverem a Ummu Salama. Tão logo ela completou o seu período de luto por Abu Salama, o Abu Bakr as Siddik lhe propôs casamento, mas ela recusou. Depois o Ômar b. al Khattab se ofereceu a ela, e ela também o recusou. Então o abençoado Profeta lhe propôs casamento, e ela disse a ele:

"Ó Mensageiro de Deus, eu tenho três predicados que talvez não te agradem: sou muito ciumenta, e talvez vá fazer algo que despertará a tua ira, pelo que Deus irá punir-me. Não sou mais uma jovem. Finalmente, tenho filhos a quem devo devotar muito do meu tempo."

O abençoado Profeta (S) replicou:

"Pedirei a Deus, no Seu poder e na Sua glória, que te livre do teu ciúme. Quanto à tua idade, fica sabendo que eu, também, não sou mais

um jovem. No que concerne aos teus filhos, eles ficarão sendo meus, também."

O abençoado Profeta desposou a Ummu Salama, e assim Deus atendeu o pedido dela, dando-lhe em casamento o único homem que poderia ser melhor para ela do que o Abu Salama. Desde aquele dia, a Hind, da tribo dos Banu Makhzum, não foi mais apenas a Ummu Salama (a mãe de Salama), mas tornou-se a Mãe de todos os Crentes.

Que Deus conceda felicidade para Ummu Salama, no Paraíso. Que Ele esteja aprazido com ela, e que a faça sentir-se alegre.

CAPÍTULO 7

Sumama b. Ussal

Aquele que forçou um boicote econômico contra os pagãos de Makka

No sexto ano da Hégira, o abençoado Profeta resolveu ampliar o escopo das sua pregações, e compôs oito cartas que iriam ser enviadas para os reis da Arábia e das terras vizinhas, nas quais ele os chamava para o Islam, a religião do Deus Único. Um daquele para os quais ele escreveu foi Sumama b. Ussal al Hanafi, o que não foi nada incomum, posto que ele tinha sido um dos reis beduínos, no tempo do surgimento do Islam. Era um dos altos chefes da tribo dos Banu Hanifa, e rei da região de Al Yamama, em Najd, onde sua autoridade era indiscutível.

Sumama b. Ussal recebeu a carta do abençoado Profeta com desprezo. Igual a todos os que transgridem, ele arrogantemente recusou-se a ouvir a verdade, e se afastou do chamamento à retidão. Como se dirigido por um demônio, começou a conspirar contra o abençoado Profeta, no sentido de o matar e, com ele, matar a religião do Islam, na sua infância. Passava um tempão esperando uma hora em que pudesse surpreender o abençoado Profeta desacompanhado, para que pudesse dar-lhe um fim, sem niguém para o proteger, ou mesmo testemunhar a façanha maligna. Quando finalmente encontrou a chance, e estava a ponto de executar o seu plano, um dos seus próprios tios interveio, pela graça de Deus, e impediu que seu sobrinho cometesse o assassinato.

Frustrado, Sumama resolveu expressar o seu ódio sobre os seguidores do abençoado Profeta, e passou a dirigir emboscadas para alguns deles. Conseguiu apanhar um certo número deles e, barbaramente, matou-os, sem sentir remorso. Pela ameaça que ele representava para os muçulmanos, o abençoado Profeta anunciou para a comunidade que aquele que desse fim ao Sumama iria estar livre de culpa aos olhos de Deus.

Não muito tempo depois, Sumama planejou empreender uma visita ritualística à Caaba, e se pôs a caminho de Makka, estimulado pela perspectiva de caminhar em torno da Caaba e fazer os sacrifícios aos ídolos, no santuário.

Durante sua viagem, um inesperado evento aconteceu a Sumama. Com o fito de evitar a repetição do tipo de crime cometido por Sumama, o abençoado Profeta estabelecera a prática de enviar patrulhas que esquadrinhavam os arredores de Madina. Sumama foi interceptado por uma daquelas patrulhas. Não sabendo da sua identidade, os patrulheiros fizeram-no cativo, e o levaram de volta para Madina. Quando chegaram à mesquita, amarraram-no a um dos pilares, e aí o deixaram, até que o abençoado Profeta teve a chance de o identificar e decidir o que fazer dele. Chegada a hora da oração, o abençoado Profeta foi para a mesquita e, quando estava para entrar nela, viu o Sumama amarrado ao pilar. O Profeta (S) voltou-se para os seus companheiros, e lhes perguntou:

"Estais cientes de quem apanhastes?"

"Não, ó Mensageiro de Deus", responderam.

"Pois esse é o Sumama b. Ussal al Hanafi; portanto, tratai-o bem", disse-lhes.

Quando o abençoado Profeta voltou para sua casa, após às orações, fez com que os seus familiares juntassem toda a comida que tinham, e mandou que levassem uma refeição para o Sumama b. Ussal. Depois ordenou que sua fêmea de camelo fosse ordenhada, pela manhã e à noite, e que o leite fosse também dado para o Sumama. Tudo isso aconteceu antes que o abençoado Profeta se tivesse encontrado com Sumama, ou falado com ele.

Por fim, o abençoado Profeta foi ter com Sumama, na esperança de que obtivesse a aliança deste ao Islam. Ele perguntou:

"Que tens a dizer em teu favor, ó Sumama?"

"Se me matares, isso irá ser o que eu mereço, por ter matado alguns dos teus seguidores", ele respondeu. "Mas, se me poupares a vida, terás a minha gratidão. Se quiseres que eu pague um resgate por mim, dar-te-ei o que pedires."

Sem responder, o abençoado Profeta foi embora, e o deixou em paz por dois dias, durante os quais lhe foram servidas as refeições, e foi tratado com gentileza. Então, o Profeta (S) voltou a ele, e lhe perguntou novamente:

"Que tens a dizer em teu vavor, ó Sumama?"

"Nada tenho a dizer-te além do que já disse", ele repondeu. "Se me poupares a vida, serei eternamente grato; se me matares, é do teu direito fazê-lo; se quiseres um resgate, pagarei o que me pedires."

Novamente o abençoado Profeta deixou-o, sem nada responder, dessa vez voltando no dia seguinte. Quando ele perguntou para o Sumama, mais uma vez, o que tinha a dizer em seu favor, apenas ouviu a mesma resposta. Dirigindo-se aos seus companheiros, o abençoado Profeta disse: "Soltai-o!"

Estarrecidos, eles o desamarraram. Sumama deixou a mesquita do abençoado Profeta, montou em seu camelo, e se dirigiu para um agregado de palmeiras que havia nas orlas de Madina, perto de Al Baquí'. Aí ele fez com que seu camelo ajoelhasse, desmontou, e fez uma completa ablução, numa nascente de água que por lá havia. Então, voltando sobre as suas próprias pegadas, retornou para a mesquita de Madina. Perante as pessoas que estavam dentro dela, ele anunciou solenemente:

"Presto testemunho de que não há outra divindade além de Deus, e de que Mohammad é o Seu Mensageiro!" Depois procurou pelo abençoado Profeta, e lhe disse:

"Juro por Deus que não havia ninguém na terra cujo rosto eu odiasse mais do que o teu, ó Mohammad. Agora, não há ninguém que eu mais goste de ver do que a ti. Antes, não havia religião que eu desprezasse mais do que a tua, e agora é a mais amada de todas as religiões, para mim. Tenho odiado a tua cidade, mais do que a qualquer outro lugar do mundo, e agora é o lugar que eu mais aprecio!" Ele fez uma pausa por um momento, antes de perguntar:

"Minhas mãos estão manchadas com os sangues dos teus companheiros; que coisa irás decretar para ser o meu castigo?"

"Estás livre de culpa, ó Sumama. Não sabias que a aceitação do Islam corta todos os pecados anteirores?" foi a resposta do abençoado Profeta que, ato contínuo, passou a descrever para o Sumama a recompensa que esperava por ele no Paraíso. Com deleite, Sumama exclamou:

"Juro por Deus que irei redimir os meus pecados, muitas vezes, mostrando valor na batalha contra os pagãos. Minha espada e minha pessoa estão à tua disposição, e a teu serviço e a serviço da tua religião."

Após uns momentos, Sumama lembrou-se:

"Mensageiro de Deus, teus patrulheiros me capturaram no meu caminho para fazer uma visita rutualística à Caaba. Será que eu poderia completar o ritual, agora que não mais sou um pagão?"

"Sim, vai e realiza o cultuao (*umra*), porém, faze-o tão somente a Deus, e da maneira como Ele me revelou", respondeu o abençoado Profeta que, em seguida, passou a ensinar para o Sumama a maneira adequada de realizar a *umra*.

Sumama viajou continuadamente para Makka, até que atingiu o centro da cidade. (Makka está situada entre enormes morros negros, que são despidos de vegetação.) Aí ele aumentou o volume da sua voz, no grito de cultuação proferido por todos os que visitam a Caaba:

"*Labbayk* (Ei-nos aqui) *Allahumma* (ó Senhor), *labbayk*, Tu Que não tens parceiro algum. Todas as bênçãos, todos os louvores e dmínios são somente Teus, ó Tu Que não tens parceiro algum!"

Assim, Sumama adentrou Makka como o primeiro muçulmano da história a empreender a *umrah* do modo que ainda é realizada hoje em dia.

Os pagãos Coraixtas ouviram o clamor do Sumama e se espantaram, irados, como se um sacrilégio tivesse sido cometido. Com as espadas em riste, precipitaram-se para a frente em busca do perpetrador, determinados a acabarem com o forasteiro que apenas tinha posto os pés no covil. Conforme se aproximavam de Sumama, este aumentou ainda mais o volume da voz, na sua cultuação, tendo o olhar a evidenciar o orgulho e a confiança da sua convicção. Um dos jovens colocou uma flecha no seu arco, fez mira sobre o Sumama e estava pronto para arremessar, quando vários outros o contiveram, dizendo:

"Não quairas apressar a nossa destruição! Será que não sabes quem é aquele? É o Sumama b. Ussal, o rei dos Al Yamama. Se ele for injuriado, seu povo irá boicotar a nossa cidade, e iremos morrer de fome!"

Após terem recolocado suas armas nas bainhas, caminharam em direção ao Sumama, e perguntaram-lhe:

"Que é isto, ó Sumama? Será que perdeste a razão, e abandonaste a tua religião, a religião dos teus antepassados?"

"Estou plenamente ciente do que estou fazendo, pois escolhi seguir a melhor religião", respondeu ele, e acrescentou: "Juro por Aquele Que é o Senhor desta casa de adoração que, ao voltar para os Al Yamaha, vós não ireis receber nenhuma da sua produção, nem mesmo um grão de trigo, até que o último de vós se torne seguidor de Mohammad!"

Então, sob a plena visão dos pagãos do Coraix, o Sumama b. Ussal realizou a *umrah* como o abençoado Profeta lhe havia ensinado. Por fim, ele sacrificou um animal a Deus, e não aos ídolos e totens pagãos. Quando

voltou para a sua terra natal, ordenou ao seu povo que boicotassem os Coraixtas, no que foi obedecido. Não mais a produção das suas terras foi para o povo de Makka.

Pouco a pouco, os efeitos do boicote ordenado por Sumama se fizeram sentir, até que o povo de Makka ficou num apuro calamitoso. Os preços dos produtos alimentícios subiram, até que nada havia em disponibilidade no mercado, e as pessoas temiam que suas crianças perecessem de fome. Visto isso, escreveram para o abençoado Profeta:

"Sempre soubemos que tu és aquele que provê os seus achegados, e ordena que os outros façam o mesmo. Porém, quanto a nós, que somos teus achegados, tu nos bloqueaste. Tu causaste as mortes dos adultos, em batalhas, e agora as nossas crianças estão ameaçadas com a fome. O Sumama cortou o nosso suprimento de produção e nos causou um grande sofrimento. Se te dispuseres, por favor, escreve para ele, e pede que nos mande o de que necessitamos." Então o abençoado Profeta escreveu para Sumama, pedindo-lhe que acabasse com o boicote, e ele obedeceu.

Pelo resto da sua vida, Sumama b. Ussal permaneceu leal à sua religião, e fiel à sua aliança com o abençoado Profeta. Quando chegou a hora do Profeta (S), e ele foi juntar-se ao seu Mais Elevado Companheiro, no Paraíso, os beduínos começaram a apostatar quanto ao Islam. O falso profeta Musaylima, dos Banu Hanifa, se insurgiu, incitando a sua tribo a nele crer e a ele seguir. Sumama se pôs contra ele, prevenindo-o:

"Toma cuidado, ó Banu Hanifa, quanto a esse ato obscuro, do qual bem algum irá advir. Irá haver uma punição para aqueles que escolherem segui-lo, e um tormento para aqueles que escolherem resistir. Vê, ó Banu Hanifa, jamais aconteceu o fato de aparecerem dois profetas, cada um anunciando uma religião diferente; e nós sabemos que Mohammad, o Mensageiro de Deus, não tem profeta juntamente come ele, nem tampouco haverá profeta depois dele." Então ele recitou para eles as palavras do Todo-Poderoso:

"*Ha Mim*.. Eis a revelação do Livro de Deus, o Exaltado em Poder, o Onisciente. Aquele Que perdoa os pecados e aceita o arrependimento, Cuja retribuição é severa e abrangente. Não há deus a não ser Ele, e a Ele é a destinação última."

Então eles disseram:

"Como poderemos comparar isso, a Palavra de Deus, com a algaravia versificada de Musaylima, a dizer:

"'Coaxa, ó rã, à vontade;

"'Não nos impedirás de bebermos,

"'Nem poderás anuviar a água!'"

Depois Sumama se separou dos renegados, juntamente com as pessoas do seu povo que permaneciam leais ao Islam. Ele Perticipou do *jihad*[1] contra os renegados, para que a Palavra de Deus ficasse disponível para todos.

Que Deus conceda ao Sumama b. Ussal a recompensa que devem a ele o Islam e os muçulmanos de todos os lugares, e que Deus o honre no Paraíso, tal qual Ele prometeu que faria para todos os que O temessem.

1. *Jihad* – porfia ou luta para o bem da crença da pessoa.

CAPÍTULO 8

Abu Aiub al Ansari

Sepultado fora das muralhas de Constantinopla

O nome desse Companheiro era Khalid b. Zaid b. Kulaib, da tribo dos Banu Najjr. Foi-lhe dado o patronímico de Abu Aiub, e foi um dos ansar. Há poucos muçulmanos que não tenham ouvido falar de Abu Aiub al Ansari. O Próprio Deus tornou-o famoso, e lhe deu prestígio quando o escolheu, e lhe deu um lar, entre todos os lares do muçulmanos, que iria ser onde estava o abençoado Profeta, quando primeiramente emigrou para Madina.

A estória do abençoado Profeta no lar do Abu Aiub é freqüentemente repetida e mui apreciada. Quando Aiub chegou a Madina pela primeira vez, todos aqueles que o esperavam estavam ansiosos para prestar a ele, recém-chegado, todas as possíveis honras. O abençoado Profeta era o mais querido de todos, que o esperava com ilimitada avidez. Assim como seus corações estavam sinceramente abertos a ele, eles abriram as portas dos seus lares na esperança de que ele os honrasse, fazendo sua estada com eles.

Porém. o abençoado Profeta escolheu passar quatro dias em Quba, um vilarejo que fica a dois quiômetros e meio longe de Madina, onde erigiu a primeira mesquita, construída para Deus, dentro da religião do Islam. Quando mais uma vez montou em sua camela para completar a viagem, todos os maiorais de Yaçrib formaram uma linha ao longo do caminho, cada um na esperança de ser honrado em receber o abençoado Profeta em seu lar. Um após outro, todos pegavam nas rédeas da camela dele, dizendo:

"Fica conosco, ó Mensageiro de Deus! Nós temos os meios e os números suficientes para te prover e te proteger", ao que o abençoado Profeta respondia:

"Deixai-a (a camela) prosseguir seu caminho, pois ela será aquela que irá ser guiada para que faça a escolha."

A camela continuou a andar, sob os olhares perscrutadores de todos eles, cada um com o caração cheio de esperança. Quando ela acabava de passar por uma casa, seus ocupantes ficavam cheios de desapontamento, e os da casa contígua, ansiosos por saberem onde ela iria parar; e esperavam, sofregamente, na espectativa. Parecia que ele iria continuar a caminhar indefinidamente. Todos estavam a conjecturar quem iria ser o sortudo, quando ela por fim parou num terreno baldio, fronteiriço à casa de Abu Aiuba al Ansari, e aí ajoelho-se. O abençoado Profeta, contudo, não desmontou, e passou-se apenas um momento, antes que ela ficasse novamente de pé e continuasse a caminhar. O abençoado Profeta deixou as rédeas dela folgadas, e logo ela retrocedeu seus passos, e se ajoelhou no mesmo local. Transbordante de júbilo, Abu Aiub correu para o abençoado Profeta, dando-lhe as boas-vindas e carregando sua bagagem para dentro da sua casa, como se tivesse adquirido um precioso tesouro.

A casa de Abu Aiub era assobradada, e ele retirou as roupas e os móveis do andar de cima, a fim de que o cômodo ficasse livre, para o abençoado Profeta aí permanecer. O abençoado Profeta explicou que preferia o andar de baixo, para que não fosse perturbar a família de Abu Aiub, com as suas entradas e saídas. Abu Aiub concordou, e rearranjou a casa de acordo.

Quando chegou a noite e o abençoado Profeta foi dormir, Abu Aiub e sua esposa subiram para o andar superior. Logo que fechou a porta, ele se voltou para sua esposa, e exclamou:

"Malditos sejamos! vê o que fizemos, pusemo-nos acima do Mensageiro de Deus! Iremos estar andando acima do Profeta (S), e nos pondo entre ele e a revelação. Isto é um desastre para nós!"

Tomados pelo constrangimento e pela confusão, não tiveram paz, até que resolveram dormir encostados na parede, e somente se moviam caminhando pelos cantos do quarto. Quando amanheceu, Abu Aiub foi ter com o abençoado Profeta, e lhe contou:

"Juro por Deus que nem minha esposa nem eu pregamos os olhos, na noite passada!"

"E como foi isso, ó Abu Aiub?", perguntou o abençoado Profeta.

"Eu me lembrei que estava num quarto acima do teu, e que cada vez que me mexia, o pó do teto era sacudido sobre ti. Também fiquei com medo que fosse me postar entre ti e a revelação", Abu Aiub respondeu.

"Ora, não fiques preocupado, ó Abu Aiub. Eu desejei o andar inferior porque fica mais fácil, com muitas pessoas sempre vindo me ver" disse o abençoado Profeta.

Abu Aiub conta, com suas próprias palavras, a interessante estória acerca da estada do abençoado Profeta em seu lar.

"Assim, eu fiz como o abençoado Profeta desejou, e ele permaneceu no andar térreo. Numa noite, fez tanto frio, que uma vasilha rachou e a água que ela continha cobriu o piso do nosso quarto. A Umm Aiub e eu não tínhamos nada com que enxugar o chão a não ser um grosso cobertor que servia para nos cobrir. Nós o usamos para enxugar o chão, antes que a água pudesse pingar sobre o Mensageiro de Deus.

"Quando amanheceu, fui imediatamente ter com o abençoado Profeta, e lhe disse:

"'Tu és mais querido para mim do que meus próprios pais, mas odeio ter-te no andar inferior, e nós acima de ti.'

"E lhe contei o caso da vasilha de água, e ele concordou em trocar de lugar conosco. De maneira que ele ficou no andar de cima, e minha esposa e eu no térreo."

O abençoado Profeta permaneceu na casa de Abu Aiub por cerca de sete meses, até que a mesquita foi completada. Ela foi eregida no terreno em que a camela se ajoelhara, próximo à casa de Abu Aiub, e possuia cômodos que foram construídos em ambos os lados dela, para uso do Abençoado Profeta e sua família. O abençoado Profeta para lá se mudou, tornando-se, assim, vizinho de Abu Aiub, que bem merecia tal honrraria. Abu Aiub amava o abençoado Profeta com todas as fibras do seu ser, e o Mensageiro de Deus também o amava tanto, a ponto de não mais haver qualquer formalidade entre eles, pois ele passou a olhar o lar do Abu Aiub como se fosse o seu próprio.

Ibn Abbas relatou a seguinte estória:

"Um dia, Abu Bakr (que Deus esteja aprazido com ele) saiu, no calor do dia, para ir à mesquita, quando foi visto por Ômar b. al Khattab (que Deus esteja aprazido com ele), que lhe perguntou:

"'Que te traz aqui a esta hora do dia, ó Abu Bakr?'

"'Saí de casa porque não tenho nada para comer, e estou com uma fome danada!', ele respondeu, ao que Ômar disse:

"'Olha, eu saí pela mesma razão!'

"Enquanto conversavam, o abençoado Profeta saiu da sua casa, viu-os e lhes perguntou por que haviam saído das suas casas a tal hora; eles responderam:

"'Saimos de casa porque estávamos ardendo de fome!'

"O abençoado Profeta disse:

"'Ora, eu também saí de casa pela mesma razão; vinde comigo!'

"Então eles foram bater à porta de Abu Aiub al Ansari (que Deus esteja aprazido com ele), que costumava guardar, todos os dias, alguma coisa de comer para o abençoado Profeta. Se ele não fosse apanhá-la, Abu Aiub dá-la-ia para a sua família, como jantar. Quando lá chegaram, Umm Aiub apareceu na porta, e disse:

"'Benvindo sejam o Profeta de Deus e os que estão com ele!'

"'Onde está o Abu Aiub?', o abençoado Profeta lhe perguntou. Abu Aiub, que estava por perto cuidando das suas tamareiras, ouviu-o e veio apressadamente, dizendo:

"'O abençoado Profeta e os que estão com ele são muito benvindos. Tu (para o Profeta) vieste mais cedo do que o usual!'

"O abençoado Profeta concordou, e Abu Aiub voltou para perto das árvores, cortando um galho em que havia tâmaras secas, tâmaras maduras, e algumas tâmaras que ainda não estavam maduras. O abençoado Profeta objetou:

"'Não precisavas cortá-lo; algumas das tâmaras secas teriam sido suficientes', ao que o Abu Aiub disse:

"'Quero que tu proves todos os três tipos de tâmaras, e desejo matar um animal para que vós comais carne.'

"O abençoado Profeta disse-lhe que já que inisitia, pelo menos que não abatesse um animal que estivesse dando leite. Então Abu Aiub escolheu um cabrito, abateu-o, e disse para a sua esposa:

"'Por favor, assa um pouco de pão, pois tu sabes fazê-lo melhor do que eu.'

"Ele pegou a metade do cabrito, e fez um guisado, enquando assava a outra metade sobre um baseiro. Quando a comida estava pronta, ele a colocou na frente do abençoado Profeta e seus companheiros; o abençoado Profeta pegou um pedaço de carne, e o enrolou num pedaço de pão chato, pedindo para o Abu Aiub:

"'Por favor, mande isto para a minha filha Fátima, pois ela não vê comida como esta há muito tempo!'

"Quando ele haviam comido a se farterem, o abençoado Profeta exclamou:

"'Pão... carne... três espécies de tâmaras! Juro por Aquele Que tem minha alma em Suas mãos, que este é um luxo sobre o qual irás ser questionado no Dia da Ressurreição. Já que tens esta espécie de benignidade, quando começares a desfrutar dela, dize: "Em nome de Deus", e quando tiveres desfrutado dela, dize: "Louvado seja Deus Que saciou nossa fome e nos deu esta graça e estas benesses!"'

"Depois o abençoado Profeta ficou de pé para partir, dizendo para o Abu Aiub:

"'Vai ver-me amanhã.'

"O abençoado Profeta tinha o hábito de exprimir sua gratidão quanto às coisas boas que lhe eram dispensadas, mas o Abu Aiub não tinha noção disso, e não sabia o que realmente o esperava. O Ômar (que Deus esteja aprazido com ele) reiterou o convite, dizendo:

"'O Profeta (S) te está ordenando que vás ter com ele amanhã, ó Abu Aiub!'

"'Eu ouvi o abençoado Profeta, e irei obedecer', repondeu o Abu Aiub.

"No dia seguinte, Abu Aiub foi ter com o abençoado Profeta, que lhe deu uma escrava bem jovem, que o estava ajudando nos afazeres domésticos, e disse para o Abu Aiub:

"'Trata-a com bondade, ó Abu Aiub, pois conosco ela tem-se comportado muito bem.'

"Abu Aiub levou a menina para a casa dele; ao vê-la, sua eposa perguntou:

"'De onde vem ela, ó Abu Aiub?

"'Ela é nossa. Deu-no-la o Mensageiro de Deus', repondeu ele.

"'Que nobre benfeitor ele é! e que presente generoso!', ela exclamou.

"'Ele no-la confiou, e disse que a tratássemos com bondade.'

"'Que devemos fazer a ela, para que preenchamos o que ele exigiu de nós?'

"'Acho que o melhor modo de fazermos o que o Mensageiro de Deus exigiu de nós é concedermos a ela a libertação da escravidão', ele respondeu.

"'Deus te tem guiado no reto seguimento de ação', ela disse, 'e Ele irá fazer com que te saias bam.' Então eles deram à escrava a sua liberdade."

Esses são alguns episódios da vida do Abu Aiub al Ansari, nos tempos de paz. Sua conduta, nos tempos de guerra, era verdadeira causa de espanto, pois passava a vida porfiando na *jihad* (empenho pela causa de Deus), a ponto de ser dito dele, que não perdeu uma só batalha, desde o tempo do abençoado Profeta até ao governo de Muawiya[1], a menos que estivesse acontecendo mais de uma batalha ao mesmo tempo.

1. Muawiya b. Abi Sufyan foi o líder do Estado Muçulmano após a morte do quarto califa legítimo, Áli b. Abi Tálib.

A última batalha de que participou aconteceu quando Muawiya enviou um exército sob a liderança do seu filho Yazid, com o fito de tomar Constantinopla. Nesse tempo, Abu Aiub estava idoso, com quase oitenta anos, mas isso não o impediu de juntar-se às fileiras sob a bandeira de Yazid, partindo para o oceano com suas tropas, para lutar pela liberdade da religião. Abu Aiub foi capaz de participar da batalha por um curto tempo, antes de cair enfermo. Yazid foi visitá-lo, e perguntou:

"Há algo que eu possa fazer por ti, ó Abu Aiub?"

Ele respondeu:

"Dize *salaam* (saudação de paz) aos soldados muçulmanos por mim, e dize-lhes que o Abu Aiub os exorta a irem em frente, tão longe quanto possível, território inimigo adentro. Que o levem consigo, e o enterrem sob os seus pés, junto às muralhas de Constantinopla!" Dito isso, ele exalou o seu último suspiro.

O exército muçulmano satisfez o último pedido daquele companheiro do abençoado Profeta. Os soldados desfecharam repetidas cargas contra o inimigo, até que atingiram as muralhas de Constantinopla, levando o corpo de Abu Aiub com eles. Aí cavaram o túmulo dele, e o enterraram.

Que Deus tenha misericórdia de Abu Aiub. O único modo de morrer que ele aceitava era como soldado, empreendendo a *jihad* em prol de Deus, embora fosse avançado em anos.

CAPÍTULO 9

Amr b. al Jamuh

O idoso que resolveu ir manquejando por todo o caminho rumo ao Paraíso.

Amr b. al Jamuh era um dos líderes de Yaçrib durante o tempo de *Al Jahiliya*, um dos chefes da altiva tribo dos Banu Salama. Foi um dos moradores de Madina que eram renomados por suas cavalheirices e generosidades.

Um dos costumes da nobreza, no tempo de *Al Jahiliya*, era terem em casa um ídolo particular. Prestavam seus respeitos a ele pela manhã e à tardezinha, faziam sacrifícios a ele nos dias de festividade, e apelavam para ele nos tempos de calamidade. O ídolo do Amr b. al Jamuh chamava-se Manat. Havia sido esculpido em preciosa madeira, e o homem passva horas cuidando dele, esfregando-o com óleos raros e perfumados.

Amr b. al Jamuh tinha mais de sessenta anos de idade quando o despertar da fé religiosa irrompeu sobre Yaçrib, tendo os seus raios a iluminar a cidade, lar após lar. Isso aconteceu via um dos primeiros muçulmanos a pregar na cidade, Musab b. Umayr, que conseguiu converter os três filhos de Amr: Muauwaz, Moaz e Khallad, juntamente com um companheiro deles chamado Moaz b. Jabal. Ao mesmo tempo que seus filhos, sua esposa Hind também aceitou a fé, sem contudo nada conhecer do assunto.

Hind, a esposa de Amr b. al Jamuh, via que em toda Yaçrib a maior parte dos senhores e dos chefes se havia convertido ao Islam, e nenhum permanecia pagão, exceto o Amr b. al Jamuh e uns poucos outros. Ela o amava e o tinha em elevado respeito, mas ao mesmo tempo temia que ele morresse idólatra e fosse para o Fogo do Inferno.

Por seu turno, Amr temia que seus filhos abandonassem o culto dos seus ancestrais e seguissem o pregador Mus'ab b. Umayr, que já havia

convertido muitos dos pagãos de Yaçrib para a religião de Mohammad (S). Ele disse à esposa:

"Toma cuidado, ó Hind, senão os nossos filhos irão encontrar-se com aquele pregador, antes que eu tenha a oportunidade de formar uma opinião a respeito dele!"

"Teu desejo é uma ordem", disse ela, "contudo, gostarias de ouvir, dito pelo nosso filho Moaz, o que ele ouviu o homem dizer?"

"Maldita sejas!", ele berrou. "Será que o nosso filho descuidadamente esqueceu as nossas crenças, sem ao menos eu disso saber?"

Hind temeu que um excesso de raiva fosse ser danoso para seu idoso marido, então respondeu:

"Não, mas ele assistiu a algumas reuniões do pregador, e guardou na memória algo do que este disse."

"Dize-lhe que quero vê-lo." Quando Moaz chegou, seu pai disse:

"Quero ouvir o que aquele pregador disse." O filho começou:

"Em nome de Deus, o Graciosíssimo, Misericordiosíssimo. Todo o louvor é para Deus, o Senhor dos mundos..." e ele recitou a Surata do Alcorão – Al Fátiha – até ao fim.

"Oh, quão concatenante é esse discurso!", exclamou Amr b. al Jamuh, "e quão belo é! São iguais a esse todos os seus ensinamentos?"

"Melhores ainda, pai", respondeu Moaz. "Não gostarias de te juntar a ele, como o fizeram todas as pessas a ti relacionadas?"

Amr b. al Jamuh ficou em silêncio por uns momento, então disse:

"Nada irei fazer antes de consultar o ídolo Manat e, ver o que ele diz." Moaz argumentou:

"Ó pai, que poderia o Manat dizer? É um mudo pedaço de madeira que não pensa nem fala!"

"Já te disse, nada irei decidir sem ele."

Amr tinha o costume de levar para sua casa uma saga, quando desejava consultar o ídolo. Fazia com que ela ficasse atrás da estátua, e respondesse as perguntas dele, que todos diziam terem sido inspiradas pelo ídolo.

Assim, Amr b. al Jamuh foi ter com o ídolo, e ficou perante ele, em pé na sua perna boa, porquanto tinha uma perna completamente aleijada. Ficando ereto, começou a se dirigir ao ídolo com a mais respeitosa das saudações. Depois disse:

"Ó Manat, sem dúvida, tu tiveste conhecimento desse pregador que nos veio de Makka. És o único a quem ele tenciona prejudicar. Ele veio para nos proibir de te cultuar. Eu ouvi algumas das suas belas pregações,

mas odiaria dar a ele a minha adesão sem te consultar. Portanto, dize-me o que fazer!"

O ídolo não deu resposta alguma, então o Amr b. al Jamuh continuou: "Talvez tu estejas irado. Eu ainda nada fiz para te prejudicar. Deixar-te-ei em paz por uns poucos dias, até que tua ira se desvaneça."

Os filhos de Amr b. al Jamuh sabiam o quão profundamente apegado ao ídolo, Manat, seu pai era, e como, todo o tempo, a estátua se havia tornado parte do seu próprio ser. Porém, sabiam também que o valor dela se tinha tornado equívoco para ele, e sabiam que tinham de encontrar um meio de extirpar esse amor do seu coração, por completo, se é que queriam que ele se apegasse à fé religiosa.

Os filhos de Amr b. al Jamuh, juntamente com o amigo deles, Moaz b. Jabal, pegaram o ídolo, na calada da noite, e o levaram embora. Depositaram-no num buraco que pertencia aos Banu Salama, que o usavam para jogarem lixo. Voltaram para casa, sem ninguém por testemunha.

Chegou a manhã, e o Amr b. al Jamuh foi, como de costume, saudar o ídolo. Notando a falta dele, exclamou:

"Malditos sejais todos vós! Quem foi que pecou contra a nossa deidade, noite Passada?"

Ninguém foi capaz de responder à sua pertgunta, então ele saiu à procura do ídolo, dentro e fora da casa, esbravejando ameaças e maldições o tempo todo. Finalmente ele o encontrou, de cabeça para baixo, no buraco. Reavendo-o, ele o esfregou, lavou e perfumou, antes de o recolocar no seu devido lugar. Depois disse:

"Juro por Deus que se encontrar quem cometeu este ato contra ti, farei com que fique humilhado!"

Na noite seguinte, os jovens repetiram as suas ações com o ídolo e, na manhã subseqüente, o velho tornou a procura o ídolo. Encontrando-o novamente no buraco, coberto de refugos, recuperou-o, limpou-o e o perfumou, e o pôs de volta ao seu lugar.

Os jovens continuaram, noite após noite, a colocar o ídolo no buraco. Quando Amr b. al Jamuh se desesperançou de evitar que aquilo acontecesse, acercou-se do ídolo, antes de se retirar para a noite; pegando o tirante da espada, pendurou-o no ídolo, dizendo:

"Ó Manat, juro que não sei quem está fazendo isto para ti. Se vales alguma coisa, defende-te desse mal, pois eis que tens uma espada aqui!"

Então ele se retirou; e tão logo os jovens tiveram certeza de que ele

estava dormindo, foram pegar o ídolo. Depois de lhe tirarem a espada, levaram-no para fora da casa, e o amarraram a um cachorro morto. Então atiraram-no numa cova em que os Banu Salama usavam para depositar a água suja.

Dessa vez o velho acordou, procurou o ídolo, e o encontrou na cova, atado ao cachorro morto, tendo sua espada sido roubada. Ele não o apanhou; foi embora deixando ali a coisa, dizendo:

"Juro por Deus que se fosses deveras uma deidade, não irias permitir que fosses acabar assim!" Não muito tempo depois, ele entrou para o Islam. Encontrou tanta felicidade na sua fé, que era acometido de arrependimento por cada momento que passara como idólatra. Tornou-se parte do Islam, e o Islam tornou-se parte dele; e colocou a si mesmo, sua riqueza e seus filhos, a serviço de Deus e do Seu Profeta (S).

Não demorou muito para que a batalha de Uhud tivesse lugar, e o Amr b. al Jamuh viu seus filhos se prepararem para a justa contra os inimigos de Deus. Observava-os virem e irem, cheios de desejo de morrer, cada um deles, como *sahid*, para ficarem bem vistos aos olhos de Deus. O entusiasmo deles o inflamava, e ele resolveu encetar o *jihad* com eles, sob a bandeira do Mensageiro de Deus (S).

Unanimemente, o jovens concordaram em evitar que seu pai agisse de acordo com sua resolução. Ele era idoso, frágil e aleijão, o tipo de pessoa que Deus isentava do *jihad*. Disseram-lhe:

"Pai, o Próprio Deus, no Seu Livro, eximiu-te; por que, então, te impões algo do qual Deus te excusou?" O velho ficou furioso com a fala deles, e saiu à procura do Mensageiro de Deus (S), ao qual se queixou:

"Ó Profeta de Deus, meus filhos querem me excluir dessa boa ação, com a argumentação de que eu ando manquejando. Eu juro que quero ir manquejando por todo o caminho rumo ao Paraíso!" Então o abençoado Profeta disse para os filhos de Amr b. al Jamuh:

"Permiti que ele vá, porque talvez Deus pretenda conceder-lhe a morte como *sahid*". Em obediência ao pedido do Mensageiro de Deus (S), eles permitiram que o pai fosse.

Quando chegou a hora de partirem para a batalha, o Amr. b. al Jamunh se despediu da sua esposa como se não fosse voltar. Depois, virando o rosto na direção de Makka, ergueu as mãos em súplica, dizendo:

"Ó Deus, concede-me a morte como *chahid*, e não me tragas aqui de volta em decepção!" Então se pôs a caminho, flaqueado pelos seus três filhos e por uma grande companhia de gentes da sua tribo, os Banu Salama.

Quando a ferocidade da batalha atingiu o seu auge, e muitos dos combatentes deixaram de estar ao redor do abençoado Profeta, o Amr. b. al Jamuh podia ser visto nas primeiras fileiras de lutadores, pulando, com sua perna boa, repetindo:

"Anseio por entrar no Paraíso, anseio por entrar no Paraíso!" E atrás dele estava o seu filho Khallad. Os dois lutaram intensamente, defendendo o Mensageiro de Deus (S), até que sucumbiram, na batalha, com a diferença de segundos um do outro.

Tão logo a batalha terminou, o abençoado Profeta foi em busca dos que haviam sido mortos como mártires, para os enterrar no campo. Ele disse para os seus companheiros:

"Não os laveis! Deixai estar seus ferimentos e seus sangues, pois eis que irei testemunhar o modo como morreram, no Dia da Ressurreição. Qualquer muçulmano que sofrer um ferimento para o bem de Deus, aparecerá, nesse dia, com o sangue aparentando uma bela cor, e com um odor igual aos mais preciosos dos perfumes. Sepultai o Amr b. al Jamuh junto ao Abdullah b. Amr, pois que eram muito amigos e achegados, neste mundo!"

Que Deus esteja aprazido com o Amr b. al Jamuh e com seus companheiros que, como ele, morreram como mártires em Uhud, e que Ele dê luz para seus túmulos!

CAPÍTULO 10

Abdullah b. Jahch

O primeiro a ser denominado Emir dos Crentes

O Companheiro ao qual ora nos referimos tinha uma infinidade de laços com o Mensageiro de Deus (S), e foi um dos primeiros a se devotar ao Islam. Era primo em primeiro grau do nobre Profeta, sendo que sua mãe, Umayma b. Abd al Muttalib, era irmã do pai do abençoado Profeta. Era ainda cunhado do Mensageiro de Deus (S), que se casara com Zaynab b. Jahch, irmã de Abdullah, coisa que a tornava a Mãe dos Crentes[1]. Ele foi o primeiro homem do Islam a comandar uma expedição militar e, daí, o primeiro a ser denominado Emir dos crentes. Esse era o Abdullah b. Jahch al Assadi.

Ele aceitou o Islam mesmo antes do tempo em que o abençoado Profeta começara a chamar as pessoas para o Islam, na sigilação da casa de Al Arqam, coisa que fez com que ele fosse um dos primeiros muçulmanos. Quando o abnçoado Profeta anunciou aos Crentes a decisão de empreender a Hégira para Madina, o Abdullah b. Jahch foi o segundo muçulmano a partir para a viagem. Ao fazê-lo, deixou para trás todos os confortos e benefícios da sua terra natal, assim como sua posição social, para que pudesse escapar às perseguições dos pagãos Coraixtas, e para que pudesse praticar a sua religião, em liberdade e dignidade. Apenas o Companheiro Abu Salama o precedeu naquela histórica migração.

Aquela migração não era uma idéia nova para o Abdullah, que já havia viajado com alguns dos seus parentes muçulmanos para a Abissínia, quando procurara buscar refúgio à perseguição em Makka. Daquela vez, contudo, sua Hégira foi mais completa, e mais ampla em importância, porque levava consigo toda a sua família, com suas crianças. Sua

1. O título "Mãe dos Crentes", ou *umm al muminin*, era dado a todas as esposas do abençoado Profeta Mohammad (S).

domesticidade e seus parentes haviam abraçado o Islam em massa, velhos e moços, homens e mulheres.

Tão logo se afastaram de Makka, a área onde seus lares se localizavam pareceu-lhes ser uma cidade fantasma. No lugar em que outrora houve muita atividade, havia então apenas o vazio.

Pouco depois que o Abdullah e seus parentes empreenderam a Hégira, os líderes Coraixtas foram vasculhar a cidade de Makka para verem quais dos muçulmanos haviam partido, e quais ainda permaneciam. Neste grupo estavam Abu Jahl e Utba b. Rabia. Este percorreu o olhar pelo canto deserto onde a secção da família de Jahch havia recentemente morado. O vento sibilava por entre os quintais, levantando poeira e fazendo com que as portas batessem.

"As casas dos Banu Jahch ficaram desoladas, com se estivassem a prantear a partida dos seus donos!", observou Utba.

"E quem são eles", explodiu iradamente o Abu Jahl, "para que suas casas os pranteiem?" Porém, seu olhar pousou sobre a casa do Abdullah, pois era a mais fina e a mais ricamente mobiliada, e ele se apropriou dela. Abdullah teve conhecimento de como o Abu Jahl tomou posse da sua casa, tomando todos os pertences para si próprio e, com tristeza, relatou o fato para o abençoado Profeta, que lhe perguntou:

"Acaso não estás contente, ó Abdullah, com o fato de que Deus irá proporcionar-te uma melhor morada no Paraíso, no lugar da que deixaste, em prol d'Ele?"

"Com certeza, ó Mensageiro de Deus", ele respondeu, e sua comoção foi substituída pelo prazer do que o abençoado Profeta lhe prometera.

Abdullah mal teve tempo de se estabilizar em Madina, antes de se lembrar das privações por que passara nas suas primeira e segunda Hégiras. Ele finalmente desfrutava de paz espiritual, sabendo que estava a salvo, sob a proteção dos *ansar*, das ameaças dos Coraixtas. De súbito, ele foi chamado a passar pelo mais exaustivo teste de fé da sua vida.

O abençoado Profeta delegou oito dos seus companheiros para realizarem a primeira ação militar do Islam, dois dos quais eram o Abdullah b. Jahch e o Saad b. Abi Waccas. Ele lhes disse:

"Vou apontar para vosso líder aquele dentre vós que seja o mais paciente quanto à fome e à sede", e deu o comando ao Abdullah b. Jahch, tornando-o o primeiro comandante responsável por um contingente de Crentes.

O abençoado Profeta ordenou que Abdullah b. Jahch pegasse sua companhia e viajasse numa direção particular, e lhe deu uma carta,

pedindo ao Abdullah que não a abrisse senão depois de dois dias de viagem. Quando a companhia havia completado os dois dias da sua viagem, Abdullah olhou a carta. Seu conteúdo era como se segue:

"Quando tiveres lido esta carta, devarás viajar, até que chegues a Nakhla, entre Taif e Makka. Aí deverás observar os movimentos dos Coraixtas, e nos enviar notícias deles."

Tão logo Abdullah acabou de ler, disse:

"O desejo do Profeta de Deus é o nosso comando"; então, dirigindo-se aos seus companheiros, continuou: "O Mensageiro de Deus me ordena que eu viaje para Nakhla, para que eu observe os movimentos dos Coraixtas, e lhe envie informações sobre eles. Ele me proibiu de forçar qualquer um de vós a prosseguir nesta missão comigo. Se qualquer um de vós espera morrer como *chahid*, esta irá ser a sua chance. Mas se qualquer um de vós não deseja isso, poderá voltar, livre de culpa."

O contingente respondeu unanimemente:

"O desejo do Mensageiro de Deus é o nosso comando. Iremos acompanhar-te até aonde o Profeta de Deus te ordenou ir!"

Assim, a companhia viajou, até que chegaram a Nakhla, onde se separaram, e começaram a observar as estradas e os caminhos, a fim de descobrirem o que pudessem acerca dos Coraixtas. Enquanto estavam engajados naquele mister, viram uma caravana dirigida por quatro homens do Coraix: Amr b. al Hadrami, Al Hakam b. Kaysan, Otman b. Abdullah, e seu irmão, Al Mughira. A caravana continha mercadorias que pertenciam aos Coraixtas, como couro e frutas secas.

Os membros da expedição imediatamente conferenciaram entre si; aquele era o último dia dos meses que os árabes pagãos consideravam sagrados, durante os quais eles nunca empreendiam uma ação militar[2]. Eles disseram:

"Se os atacarmos, e um deles for morto, toda a Arábia irá considerar que nós violamos os meses sagrados, e iremos estar vulneráveis à sua ira. Mas se esperarmos que este dia passe e passem os sagrados meses, eles terão entrado no sagrado território de Makka, e não poderemos, de maneira alguma, violar a sacraticidade de Makka." Continuaram a conferenciar, até que concordaram unanimemente em atacar a caravana. Em poucos minutos eles atacaram, tomando dois homens como

2. Nos tempos da (*Jahiliya*), os árabes estavam constantemente envolvidos em guerras tribais. Sem os seus "meses sagrados", ter-se-iam dizimado mutuamente, e seriam incapazes de praticar as atividades do dia-a-dia, como empreenderem viagens e desenvolverem o comércio.

prisioneiros. Outro foi morto, e um quarto homem fugiu, deixando toda a caravana nas mãos do contingente.

A expedição foi dirigida de volta para Madina, levando com ela seus prisioneiros e a caravana. Quando os dirigentes se apresentaram ao Mensageiro de Deus (S), e o informaram da ação deles, ele a condenou severamente, dizendo:

"Por Deus, eu não vos ordenei que lutásseis, mas que observásseis os movimentos dos Coraixtas, e me trouxésseis notícias deles!"

O Profeta (S) ordenou que os cativos fossem detidos até que ele tomasse uma decisão acerca deles, e proibiu que alguém tirasse qualquer um dos conteúdos da caravana[3].

O Abdullah b. Jahch e seus companheiros de expedição foram dominados pela humilhação e pelo pesar. Com provocarem a ira do abençoado Profeta, estavam certos de angariarem sobre si mesmos uma ira maior da parte de Deus, pois haviam desobedecido o Seu Profeta. A mortificação deles era completada quando seus irmãos muçulmanos os escarneciam. Toda a vez que alguém passava por eles, podiam ouvir:

"Eles desobedeceram o Mensageiro de Deus!"

As coisas se tornaram piores quando ouviram dizer que os Coraixtas estavam a usar aquele evento como uma desculpa para descreditarem o Mensageiro de Deus (S), entre os árabes, ao dizerem:

"Eis que o Mohammad violou os meses sagrados, causou derramamento de sangue, saqueou e fez cativos!"

A tristeza de Abdullah b. Jahch – e dos seus companheiros – estava além de descrição, especialmente por causa do embaraço que haviam causado ao Mensageiro de Deus (S). Enquanto eles estava naquele estado, alguns foram ter com eles, e os informaram que o Próprio Deus havia revelado versículos do Alcorão que lhes justificavam as ações. Imaginemos a alegria deles quando seus irmãos se chegaram a eles, abraçando-os e recitando para eles as palavras de Deus, no Glorioso Alcorão:

"**Quando te perguntarem (ó Mohammad) se é lícito combater no mês sagrado, dize-lhes: A luta durante esse mês é um grave pecado; porém, desviar os crentes da senda de Deus, negá-Lo, privar os demais da Mesquita Sagrada e expulsar dela (Makka) os seus habitantes, é**

3. Deve ser lembrado que os muçulmanos, naquele tempo, estavam sofrendo severamente de fome, e num lastimável estado de pobreza. Uma caravana enriquecida iria aliviar algumas das suas angústias, que eram grandemente causadas pelas agressões dos Coraixtas.

mais grave ainda, aos olhos de Deus, porque a perseguição é pior do que o homicídio" (2:217).

Quando aquele versículo foi revelado, o abençoado Profeta ficou sossegado. Tomou posse da caravana, pôs os cativos a resgate, e demonstrou a sua aprovação à ação do Abdullah b. Jahch e dos seus companheiros de expedição. Aquele foi um memorável evento na vida da comunidade muçulmana, porque constituiu a primeira ação militar e propiciou os primeiros despojos tomados em batalha. O homem que foi morto foi o primeiro dos pagãos a morrer na batalha contra os muçulmanos, e os cativos foram os priemiros a serem feitos pelos muçulmanos. Até o estandarte sob o qual o Abdullah b. Jahch marchara, juntamente com seus companheiros, foi o primeiro a ser erguido e carregado pelo primeiro comandante dos Crentes.

Então aconteceu a batalha de Badr, na qual o Abdullah b. Jahch lutou valentemente, provando a sua fé.

Por fim, aconteceu a batalha de Uhud, da qual o Abdulla b. Jahch participou ativamente, junto com seu companheiro Sa'ad b. Abi Waccas. A estória deles, nesse evento, é inesquecível; deixemos que ela seja contada com as palavras do próprio Saad:

"Quando chegou a hora da batalha de Uhud, o Abdullah b. Jahch me encontrou, e disse: 'Façamos uma súplica a Deus.'

"Eu concordei, nós fomos para um local reservado, e eu disse:

"'Ó Deus, se nos encontarmos com o inimigo, faze com que eu combata um guerreiro feroz e poderoso, e faze com que eu o sobrepuje e lhe tire as armas!', e o Abndullah b. Jahch disse:

"'Amém!', e orou para si:

"'Ó Deus, manda-me um guerreiro feroz e poderoso, para que eu o combata, e faze com que ele me sobrepuje e me corte o nariz e as orelhas, para que, quando eu me encontrar conTigo, Tu me perguntes por que tive o nariz e as orelhas cortados, eu possa responder que foi em prol de Ti e do Teu Profeta, e Tu irás ver que falei a verdade!'

"A súplica do Abdullah b. Jahch foi melhor do que a minha. No fim do dia, vi que ele havia sido abatido e mutilado, e vi seu nariz e suas orelhas amarrados por um barbante e pendentes de uma árvore."

Deveras Deus atendeu a súplica do Abdullah b. Jahch, permitindo-lhe morrer como *chahid*. Ele não foi o primeiro da família a morrer como mártir, porque seu tio fora Hamza b. Abd al Muttalib, o príncipe dos mártires. Ele foi sepultado junto ao seu tio, no mesmo sepulcro, pelo abençoado Profeta, cujas lágrimas aguaram o solo que era consagrado pelos sangues dos mártires.

CAPÍTULO 11

Abu Ubaida b. al Jarrah

"Toda nação tem o seu membro fidedigno; e o nosso é o Abu Ubaida." (Dito do abençoado Profeta (S).

Seu rosto era notavelmente carismático. Ele era alto, delgado e gracioso. Verem-no, as pessoas, era coisa agradável, encontrarem-se com ele era um conforto para seus corações, e elas sentiam tranqüilidade na presença dele.

Juntamente com isso, ele era gentil e discreto, com um intenso senso de decência. Porém, na hora da turbulência, tornava-se mais intrépido que um leão raivoso.

Era como a lâmina duma espada, no seu esplêndido brilho e, na verdade, assemelhava-se à espada, na sua refinada pungência.

Tal era o "fidedigno" da comunidade do abençoado Profeta. Seu nome todo era Amir b. Abdullah b. al Jarrah al fihri, vindo da tribo do Coraix, e havia acatado o patronímico de Abu Ubaida.

Foi descrito pelo Abdullah b. Ômar b. al Khattab (que Deus esteja aprazido com ele) com a seguinte caracterização:

"Há três homens procedentes à Coraix que têm os rostos francos, as melhores maneiras e o mais sólido senso de decência. Caso se dirijam a vós, jamais mentem; e se vos dirigirdes a eles, não vos irão desecreditar. São eles Abu Bakr al Siddik, Otman b. Affan e Abu Ubaida b. al Jarrah."

Abu Ubaida foi um dos primeiros a se converter ao Islam, declarando sua fé na dia em que Abu Bakr declarou a sua. Como de fato, sua conversão esteve na mão de Abu Bakr, o qual, de pronto levou-o, juntamente com o Abdur Rahman b. Auf, o Otman b. Mazun e o Al Arcam, ao abençoado Profeta. Juntos, eles declararam a ele as palavras da verdade, e tornaram-se a fundação sobre a qual foi eregida a grande torre da verdade, conhecida como Islam.

Abu Ubaida passou pela cruel experiência de ser o primeiro muçulmano da Makka pagã, desde o começo até ao fim. Ele suportou dela, juntamente com os muçulmanos, sua ferocidade, brutalidade, dor e inquietação. Foi um sofrimento sem paralelo suportado pelos seguidores de qualquer outra religião, na face da terra. Ele passou pelo teste, e permaneceu veraz a Deus e ao Seu Profeta, em todos os passos do caminho.

Abu Ubaida se arrojou para a batalha de Badr, desafiando a morte, à medida em que desfechava a sua carga por entre as fileiras inimigas. Os pagãos se esquivavam dele, sendo que os campeões, dentre eles, se retiravam perante o seu avanço. Porém, um pagão houve que não se intimidou com a intrepidez do Abu Ubaida; e esse insólito guereiro se postou à sua frente, e o desafiou. Abu Ubaida evitou lutar com o homem, que o perseguia, aonde quer que fosse. Continuou a fugir do assaltante, até que não lhe restou escapatória, coisa que fez com que ele o encarasse. Como num sonho, ele se viu a levantar a espada e, com um simples golpe na cabeça, abateu o inimigo.

Aquele momento foi a corporificação de todos os sofrimentos dos muçulmanos que se haviam afastado do paganismo. Ao fazerem isso haviam cortado os laços com o conforto: suas famílias, seus lares, seu mundo... o golpe da espada com que Abu Ubaida abateu o seu atacante foi aquele que cortou o último laço com a descrença, porquanto o guerreiro que tão insistentemente o desafiara não era outro senão o seu próprio pai pagão, o Abdullah b. al Jarrah.

O Todo-Poderoso Deus revelou um versículo concernente ao Abu Ubaida, no Alcorão Sagrado, que diz:

"**Não encontrarás pessoa alguma que creia em Deus, e no Dia do Juízo Final, que tenha relações com aqueles que contrariam a Deus e ao Seu Mensageiro, ainda que sejam seus pais ou seus filhos, seus irmãos ou parentes. Para esses, Deus lhes firmou a fé nos corações e os confortou com o Seu Espírito, e eis que os introduzirá em jardins, abaixo dos quais correm os rios, onde morarão eternamente. Deus Se comprazerá com eles e eles se comprazerão n'Ele. Estes formam o partido de Deus. Acaso não é certo que os que formam o partido de Deus serão os bem-aventurados?**" (58:22).

Embora tal provação nos pareça estar além das possibilidades, não foi nada de extraordinário para o Abu Ubaida. Ele havia atingido um grau de fé na e de comissionamento quanto à sua religião, que causavam inveja àqueles que se posicionavam elevadamente aos olhos de Deus.

O Mohammad b. Ja'far conta a seguinte estória, com suas próprias palavras:

"Uma delegação de árabes cristãos foi ter com o Mensageiro de Deus, e lhe contaram que estavam a braços com certas disputas acerca de questões financieras. Pediram-lhe que escolhesse um dos seus companheiros, com os quais estivesse satisfeito, para ir com eles, e servir de árbitro para eles. A razão que apresentaram foi a de que os muçulmanos tinham boa reputação. O abençoado Profeta lhes disse:

"'Voltai a mim pela tardezinha, e enviarei convosco um que é forte e fidedigno.'"

A estória continua com as palavras de Ômar b. al Khattab, que diz:

"Então eu fui cedo para a oração do meio-dia. Eu jamais desejei receber ordem de comando tanto quanto naquele dia, pois queria ser considerado aquele que era forte e fidedigno.

"Quando o Mensageiro de Deus acabou de nos liderar na oração, começou a olhar para a direita e para a esquerda. Eu procurei me esticar a toda altura, na esperança de que ele olhasse para mim, mas ele continuou a perscrutar os nossos rostos, até que o seu olhar recaiu sobre o Abu Ubaida, a quem chamou, e disse:

"'Vai com eles, e ajusta corretamente as questões entre eles!' Eu suspirei; o Abu Ubaida pegara a missão!"

Abu Ubaida não era apenas confiável; era uma pessoa poderosa, com é mostrado em muitas brincalhotices.

Um dia, o abençoado Profeta enviou uma parte dos seus companheiros numa expedição para interceptarem uma das caravanas dos Coraixtas. Ele pôs o Abu Ubaida como comandante dos expedicionários, e não tinha provisões para lhes dar, além de um saco de tâmaras, o qual confiou ao Abu Ubaida. Este dava a cada um deles uma tâmara por dia. Eles a chupavam e depois bebiam água; e foi assim que conseguiram fazer com que as provisões durassem.

Quando os muçulmanos foram derrotados, na batalha de Uhud, alguns dos pagãos começaram a procurar o abençoado Profeta, na esperança de o matarem. Abu Ubaida foi um dos dez homens que rodearam o Mensageiro de Deus, resolvidos a defendê-lo até ao último alento. Formaram uma parede humana em torno dele, até que a batalha terminou. Um dos dentes do abençoado Profeta tinha-se quebrado, na sua cabeça havia um talho, e dois dos anéis da sua cota de malha haviam-se enfiado profundamente numa das suas faces. Então o Al Siddik Abu Bakr se adiantou, querendo tentar tirar os anéis do rosto do abençoado Profeta.

Abu Ubaida o conteve, jurando que tão somente ele sabia como fazer aquilo. Ele temia que se qualquer outro fosse usar os dedos para tirar os anéis, o Mensageiro de Deus poderia ficar danificado. Ele se curvou, pegou o primeiro anel com os dentes e, com um rápido puxão, extraiu o anel. Um dos seus dentes caiu. Sem hesitar, ele extraiu o segundo anel, com seu outro dente, que também caiu.

O próprio Abu Bakr disse, acerca de Abu Ubaida:

"Ele era realmente raro, pois permanecia ainda formoso, mesmo com a falta do dente."

Abu Ubaida esteve com o abençoado Profeta em todos os grande eventos do Islam, desde o tempo em que entrou para a Doutrina – tornando-se um dos primeiros Companheiros –, até à morte do Mensageiro de Deus.

Quando os Companheiros se reuniram nos domínios de Saqifat Bani Saida, a fim de escolherem um califa para liderar a comunidade de muçulmanos, o Ômar b. al Khattab disse para o Abu Ubaida:

"Estira tua mão para que eu te dê meu voto de fidelidade, pois ouvi o Mensageiro de Deus dizer:

"'Toda comunidade tem o seu membro fidedigno, e vós tendes o vosso.'"

"Não irei pôr-me em destaque", disse o Abu Ubaida, "à frente do homem a quem o Mensageiro de Deus ordenou que nos dirigisse nas orações (referindo-se a Abu Bakr), e que nos dirigiu, até que ele (S) morresse."

Depois daquilo, todos prestaram sua fidelidade ao Abu Bakr, sendo que o Abu Ubaida se tornou o seu melhor conselheiro nos assuntos religiosos, e o mais generoso assistente nas realizações das boas ações.

Quando a liderança da comunidade passou, de Abu Bakr para o Al Faruq Ômar b. al Khattaba, o Abu Ubaida foi completamente leal a ele, e apenas uma vez achou por bem desobedecê-lo. Mas, por que um homem como o Abu Ubaida achou por bem desobedecer o califa dos muçulmanos?

Isso aconteceu quando Abu Ubaida estava na Síria liderando os exércitos dos muçulmanos, duma vitória a outra, até que toda a Síria se tornou parte do Estado, desde o Rio Eufrates, no leste, até à Ásia Menor, no norte.

Naquele tempo, uma pestilência, como nunca se havia visto, se alastrava por toda a Síria, ceifando suas vítimas, como a foice de um

ceifador no tempo da colheita. Apressadamente, Ômar b. al Khattab enviou um mensageiro para ir ter com o Abu Ubaida, com uma carta que dizia:

"Estou grandemente necessitado dos teu serviços, num assunto urgentíssimo. Se esta carta chegar a ti à noite, eu insisto em que te ponhas a caminho até mim pela manhã; e se te chegar durante o dia, eu insisto em que te ponhas a caminho antes que a noite chegue."

Ao acabar de ler cuidadosamente a carta de Al Faruk, o Abu Ubaida disse:

"Eu sei porque o Emir dos Crentes precisa de mim. Ele quer prolongar a vida de quem não está destinado a permanecer com ele." De sorte que escreveu para o Ômar, dizendo:

"Ó Emir dos Crentes, tenho conjecturado sobre o porquê precisares de mim; mas acontece que também sou necessitado aqui, entre os soldados muçulmanos, e não tenho qualquer desejo de os abandonar para que eu talvez me salvaguarde do que os está a ameaçar. Deixarei que Deus decida qual irá ser a minha sina, bem como a deles. Qaundo receberes esta minha carta, por favor, omite-me de obedecer a tua ordem, e permite-me que eu continue aqui."

Quando Ômar leu a carta, ele chorou, e ficou num tal estado de tristeza, que os que estavam presentes perguntaram:

"Ó Emir dos Crentes, será que o Abu Ubaida morreu?"

"Não", ele respondeu, "mas a morte está perto dele."

A premonição do Al Faruk era verdadeira, pois o Abu Ubaida logo foi acometido da pestilência. No seu leito de morte, ele exortou junto aos soldados:

"Vou fazer-vos um último apelo. Desde que leveis isto (que vou dizer) convosco, ireis estar bem encaminhados. Estabelecei regularmente a cultuação, jejuai no mês de Ramadan, dai dinheiro em caridade, empreendei as peregrinações 'maior' e 'menor', aconselhai uns aos outros a fazerem o bem, dai bons conselhos para os vossos líderes, e não os enganeis, e não vos entretenhais com as vaidades terrenas. Mesmo que um homem fosse durar mil anos, iria acabar como eu, aqui, como vedes. Que a paz recaia sobre vós, e também a misericórdia de Deus!'

Então voltou-se para o Moaz b. Jabal, pedindo-lhe para liderar as pessoas na oração. Por fim, soltou o seu último suspiro, e sua alma pura se separou do seu corpo. Moaz se levantou, e se dirigiu às pessoas, dizendo:

“Ficastes privados de um homem como igual, juro por Deus, por sua generosidade de espírito, por seu alheiamento ao despeito e ao ódio, por seu amor à Vida Futura, e por seu comissionamento com o bem-estar do povo, jamais vi.

“Rogai a Deus que tenha misericórdia dele, para que Ele tenha misericórdia de vós!”

CAPÍTULO 12

Abdullah b. Massud

"Se algum de vós desejar recitar o Alcorão, com a pureza com que foi primeiramente revelado, que o recite como o faz Ibn Massud." (dizer do abençoado Profeta – S).

Naquele tempo, ele era um jovem que ainda não tinha chegado à puberdade. Era reponsável pelo pastoreamento de um rebanho de ovelhas que pertencia a um dos senhores do Coraix (o Ucba b. Muit), e as levava a pastar numa garganta entre as montanhas ao redor da cidade de Makka. O Profeta (S) o chamava de "Filho de Umm Abd", mas o seu verdadeiro nome era Abdullah, e o nome do seu pai era Massud.

O rapaz havia ouvido falar acerca do profeta que tinha aparecido entre o seu povo, mas as notícias tinham pouco efeito sobre ele. Uma das razões era por causa da sua idade, e a outra era pelo fato de ele estar sempre afastado da sociedade de Makka. Ele levava o rebanho do Ucba, cedo pela manhã, e não voltava para a cidade senão após a noite ter descido.

Num belo dia, o jovem viu dois homens feitos que caminhavam em sua direção. Parecia que o cansaço havia tomado conta deles, e que estavam esmorecidos pela sede. Quando se aproximaram dele, saudaram-no, e disseram:

"Ó garoto, ordenha esta ovelha para nós, a fim de que tenhamos algo com que aplacarmos a nossa sede, e nos reanimarmos!"

"Não posso fazer isso", respondeu o rapaz, "porque as ovelhas não são minhas, e eu sou reponsável por elas."

Os dois homens não desaprovaram a resposta dele; ao contrário, pareciam estar contentes com ele. Um deles falou:

"Então mostra-nos uma ovelha que ainda não tenha tido filhotes e não produza leite", ao que o rapaz respondeu por meio de apontar para

um ovelha nova que estava por perto. O homem foi até a ovelha, enlaçou-a e passou a mão pelas suas tetas, dizendo o nome de Deus. Atônito, o rapaz exclamou:

"Desde quando uma ovelha que ainda não teve filhotes pode produzir leite?"

Os homens não responderam; e, após uns momentos, o jovem viu as tetas da ovelha incharem e o leite começar a fluir delas. O segundo homem pegou do chão uma pedra côncova, encheu-a de leite, e bebeu, juntamente com o seu companheiro. Depois deram de beber ao rapaz Abdullah b. Massud. Com os olhos arregalados de espanto, ele bebeu a se fartar. Quando beberam o suficiente, o homem disse para as tetas da ovelha:

"Encolhei-vos!", e, rapidamente, a ovelha voltou ao seu estado original, como se nada houvesse acontecido.

Então, o rapaz disse para o homem:

"Ensina-me a dizer as palavras que falaste!"

"Tu já sabes as palavras, ó rapaz!", foi a resposta.

Este foi o começo da estória de Abdullah b. Massud junto ao Islam, pois o homem não era outro senão o abençoado Profeta, e o seu companheiro era Abu Bakr Al Siddik (que Deus esteja aprazido com ele). Naquele dia eles tinham buscado refúgio nos desfiladeiros entre as montanhas de Makka, por causa das perseguições e dos insultos infligidos a eles por parte dos pagãos do Coraix.

O rapaz ficou afeiçoadíssimo ao abençoado Profeta e ao seu companheiro, e eles, por sua vez, ficaram impressionados pela confiabilidade e determinação do rapaz. Eles viam nele a possibilidade de se tornar um grande homem.

Não demorou muito para que o Abdullah b. Massud aceitasse o Islam, para que se apresentasse ao abençoado Profeta (S), e se oferecesse para o servir. Este aceitou a oferta dele, e o sortudo rapaz mudou de trabalho, de tomador de conta de ovelhas, a servir o Mensageiro de Deus.

O Abdullah b. Massud permanecia bem junto ao abençoado Profeta, sendo que ficava mais perto dele do que uma sombra. Acompanhava–o em suas viagens, e ia e vinha com ele, passando mesmo horas na casa do abençoado Profeta. Era responsável pela tarefa de o acordar, de o ocultar quando se banhava, levar-lhe as sandálias quando ia sair, e tirá-las quando ele chegava. O rapaz carregava-lhe os pertences e a *miswak*[1], e dormia num quarto pegado ao dele.

1 *Miswak* – um tipo de escova de dentes feita de ramos de uma planta nativa da Arábia.

O abençoado Profeta até permitia que o Abdullah b. Massud entrasse no seu quarto, sempre que quisesse, e nada escondia do rapaz, tanto que o Abdullah b. Massud ficou conhecido como o guarda-segredos do Mensageiro de Deus.

Ibn Massud foi, desse modo, criado na casa do abençoado Profeta, e treinado sob os cuidados dele, e para lhe seguir o exemplo. Ele procurava imitar todos os atos virtuosos do abençoado Profeta; e tornou-se tão igual a ele, que as pessoas diziam que ele era mais semelhante ao abençoado Profeta do que qualquer ou outro, em termos de comportamento e aparência.

Ibn Massud foi educado pelo abençoado Profeta e, dentre os Companheiros, era o mais conhecedor do Alcorão e seus significados, bem como da Lei Divina.

A melhor estória, a que mais ilustra a erudição do Ibn Massud, foi a de um acontecimento que ocorreu em Arafa, quando um homem foi ter com o Ômar b. al Khattab, dizendo:

"Ó Emir dos Crentes, acabo de vir de Al Kufa, onde há um homem que dita o Alcorão para os escribas, de capa a capa, afirmando que sabe de cor o Livro."

Ômar se encheu de raiva. Raramente alguém o viu tão enraivecido, ao explodir:

"Maldito sejas! Quem é ele?"

"É o Abdullah b. Massud", foi a resposta.

Lentamente, a raiva de Ômar foi-se abrandando, até que ficou calmo o suficiente para dizer:

"Juro por Deus que não sei se há alguém mais merecedor de tal responsabilidade. Vou te contar uma estória sobre ele:

"O nobre Profeta estava uma ocasião passando o começo de noite com o Abu Bakr, e estavam discutindo coisas concernentes à comunidade muçulmana, e eu estava com eles. O Mensageiro de Deus ficou repentinamente de pé, e saiu para fora da casa. Nós o seguimos, e vimos um homem, a quem não reconhecemos por causa da escuridão, orando, na mesquita. O Mensageiro de Deus ficou parado por uns instantes, ouvido o homem recitar o Alcorão, então disse para nós:

"'Se algum de vós deseja recitar o Alcorão, com a pureza com que foi revelado, que o recite como o faz o Filho de Ummu Abd.'

"Quando o Abdullah b. Massud se sentou, fazendo súplicas a Deus, o nobre Profeta lhe disse:

"'Pede, pois ser-te-á concedido!'"

Ômar continua a estória com estas palavras:

"Então eu planejei ir ter com o Abdullah b. Massud, pela manhã, e contar-lhe como o Mensageiro de Deus havia orado para que as súplicas dele fossem atendidas. Quando eu fui a ele para lhe dar as boas-novas, notei que o Abu Bakr já se havia antecipado a mim, e já lhe dado a notícia.

"Juro que sempre que competi com o Abu Bakr no tocante a praticar atos virtuosos, ele sempre me sobrepujou."

A erudição de Abdullah b. Massud atingiu um grau tão elevado, que ele próprio dizia:

"Não há um simples versículo do Alcorão que eu não saiba, tanto quando e onde foi revelado, como em quais circustâncias. Se eu souber que há algém mais conhecedor do que eu, irei viajar até ele, e irei aprender com ele. "

Abdullah b. Massud não esteve a exagerar no que dissera de si mesmo. Há uma história sobre o Ômar b. al Khattab que diz que ele estava numa viagem. Na escuridão da noite, encontrou-se com uma caravana, e não pôde discernir quem eram as pessoas que tomvam parte nela. Aconteceu que o Abdullah b. Massud estava viajando com a caravana.

Ômar ordenou a um dos seus companheiros que perguntasse de onde os estranhos estavam vindo. Abdullah respondeu:

"Da garganta profunda."

"Para onde estais indo?", peguntou Ômar.

"Para a antiga casa", respondeu o Abdullah.

"Eles têm consigo um erudito", Ômar comentou com seus companheiros. Então ordenou que um dos companheiros peguntasse:

"Qual versículo do Alcorão é o maior?"

"Aquele que diz: "**Allah! Não há mais divindade além d'Ele, Vivente, Auto-Subsistente.**" (2:255), respondeu o Abdullah. Então o Ômar fez com seu companheiro perguntasse:

"Qual é o versículo do Alcorão que contém mais justiça?"

"Aquele que diz: "**Allah ordena a justiça, a prática do bem, o auxílio aos parentes**." (16:90). respondeu o Abdullah.

Depois Ômar pediu ao homem que perguntasse qual dos versículos do Alcorão era o mais abrangente, ao que o Abdullah respondeu:

"É o que diz: ". **Quem tiver feito o bem, quer seja do peso de um átomo,vê-lo-á. E quem tiver feito o mal, quer seja do peso de um átomo, vê-lo-á.**" (99:7-8).

Ômar pediu ao homem que perguntasse qual versículo do Alcorão era o mais assustador, e o Abdullah respondeu:

"Aquele que diz "**Não é segundo os vossos desejos, nem segundo os desejos dos adeptos do Livro. Quem cometer algum mal receberá o que tiver merecido e, afora Allah, não achará protetor, nem defensor.**." (4:123).

Então Ômar pediu ao companheiro que perguntasse qual versículo do Alcorão dava mais esperança, ao que o Abdullah respondeu:

"É aquele assim: "**Dize: Ó servos meus, que se excederam contra si próprios, não desespereis da misericórdia de Allah; certamente, Ele perdoa todos os pecados, porque Ele é o Indulgente, o Misericordiosíssimo**." (39:53).

E eis que o Ômar disse ao companheiro que perguntasse se o Abdullah b. Massud estava na companhia deles, ao que responderam:

"Sim, de fato está."

Abdullah b. Massud não apenas era um estudado erudito e um devoto asceta, mas era também influente e determinado. Era um intrépido combatente(*mujahid*) nas horas de conflito. Basta dizermos que ele foi a primeira pessoa, depois do Mensageiro de Deus, a recitar o Alcorão em público. Isso aconteceu em Makka, numa ocasião em que os companheiros do Mensageiro de Deus se haviam reunido num grupo. Eles eram pouco numerosos, e incapazes de se defender. Disseram:

"Os indivíduos do Coraix ainda não ouviram ninguém recitar o Alcorão para eles. Quem seria capaz de fazer isso?"

O Abdullah b, Massud disse:

"Eu o recitarei para eles!"

"Tememos que eles te vão injuriar", disseram, "e preferimos que seja um homem duma tribo forte para o defender, caso joguem sujo com ele."

"Deixai-me fazer isso", disse o Abdullah"; "Deus me há de proteger e me salvaguardar."

Então ele foi para a mesquita, e dirigiu-se para um local chamado Macam Ibrahim[2]. Estavam na metade da manhã, e as pessoas da tribo do Coraix estavam sentadas em torno da Caaba.

Numa voz altissonante, ele começou a recitar.

"'**Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso! O Clemente. Ensinou o Alcorão. Criou o homem, e ensinou-lhe a eloquência**'" Ele

2. Macam Ibrahim – um local em que o profeta Ibrahim esteve e orou. As marcas dos seus pés ainda estão aí preservadas.

continuou a recitar, enquanto os indivíduos do Coraix olhavam para ele e diziam entre si:

"Que coisa está o filho de Umm Abd a falar?"

"Que ele morra! Ele está a entoar algumas das palavras trazidas por Mohammad."

Eles o pegaram de assalto, e começaram a bater nele, enquanto ele continuou a recitar, tanto quanto pôde. Então ele escapou, e voltou para junto dos seus companheiros, com o sangue a lhe escorrer rosto abaixo.

"Eis porque temíamos por ti", disseram.

"Por Deus, eu jamais temi os inimigos de Deus menos do que temo agora. Se quiserdes, irei ter com eles amanhã, e recitarei mais."

"Não, não faças isso!", disseram. "Foi o bastante; tu recitaste para eles, e eles odeiam ouvir a recitação."

Abdullah b. Massud viveu até ao tempo do governo do califa Otman (que Deus esteja comprazido com ele). Quando sua última doença o prostrou, Otman foi visitá-lo, e perguntou:

"Que causou a tua doença?"

"Meus pecados", respondeu.

"Que coisa queres?" perguntou Otman.

"A misericórdia do meu Senhor", respondeu.

"Por que não me deixas ordenar que recebas o teu estipêndio do tesouro, o qual tens recusado por tantos anos?" Otman sugeriu.

"Não o necessito", Abdullah respondeu.

"Ele poderá ser o teu legado para as tuas filhas", disse Otman.

"Acaso temes que minhas filhas irão amargar a pobreza?" perguntou o Abdullah. "Eu lhes ordenei que recitem a Surata Al Waqui'a todas as noites, pois ouvi o abençoado Profeta dizer:

"'Se alguém recitar a Al Waqui'a todas as noites, jamais irá amargar a pobreza.'"

Quando a noite desceu, a alma do Abdullah b. Massud partiu para juntar-se ao seu Mais Elevado Companheiro, tendo sua boca a se mover, até ao último momento, recitando os versículos da revelação, e glorificando o nome do seu Senhor.

CAPÍTULO 13

Salman al Fárisi

"O Salman é um da nossa família" (dito de Mohammad, o Mensageiro de Deus).

Sua estória é a de um homem que tem sede da verdade e que busca a Deus. Salman al Fárisi, que Deus esteja aprzido com ele e lhe conceda felicidade, é aquele cuja estória deve ser contada com as suas próprias palavras. É o mais capacitado a exprimir os sentimentos por trás dela, em todos os seus detalhes. Ele disse:

"Eu era um rapaz persa, da região de Isfahan, de um vilarejo chamado Jayyan. Meu pai era o líder da cidade, e possuia a maior riqueza e desfrutava do mais elevado *status* social. Desde que nasci, ele me amou mais do que qualquer outra pessoa na face da terra. Seu amor se tornou tão intenso, que ele me mantinha enclausurado em casa, feito uma donzela.

"Como seguidor da religião maga, eu costumava ser tão devotado a ela, que fui feito guardião do fogo sagrado, que cultuávamos. Eu era responsável por mantê-lo aceso, de sorte que nunca se apagava, não importava que hora do dia fosse.

"Meu pai possuia uma enorme plantação que produzia grandes quantidades de grãos. Ele costumava inspecioná-la, e receber os lucros que ela dava. Numa ocasião, surgiu uma questão que o manteve ocupado, de modo a não poder ir ao povoado, então disse para mim:

"'Filho, estou ocupado, como vês, e não posso ir ao povoado. Tu vais, e te encarregas dos assuntos ali hoje.'

"Eu fui; e, no caminho, passei por uma igreja cristã. Ouvi as vozes dos seus ocupantes, em oração, e meu interesse foi despertado. Eu nada sabia acerca dos cristãos, ou dos povos das outras religiões, porque meu pai me mantinha isolado em casa. Quando os ouvi, entrei para ver o que estavam fazendo.

"Após observá-los, achei que sua religião me servia, e eu fiquei atrído por ela. Disse para mim mesmo:

"'Por Deus, a religião deles é melhor que a nossa!' e não saí da igreja até que chegou o pôr do sol; e nem cheguei a ir à plantação do meu pai. Perguntei a eles:

"'Onde começou esta religião?'

"'Perto da Síria', foi a resposta deles.

"Quando desceu a noite, eu voltei para casa. Meu pai me esperava, e perguntou o que eu tinha feito naquele dia. Disse-lhe:

"'Pai, eu passei por uns indivíduos que oravam numa igreja, e o que vi da religião deles me atraiu, e estive com eles até ao anoitecer.' Meu pai ficou horrorizado com o que eu havia feito, e disse:

"'Filho, a religião deles não tem dignidade. A tua religião, a religião dos teus ancestrais é melhor.' Meu pai temia que eu apostatizasse a nossa religão, de modo que me trancou em casa, e me acorrentou os pés.

"Quando encontrei uma oportunidade, enviei uma mensagem para os cristãos, pedindo que me informassem se algum viajante, no seu caminho para a Síria, fosse passar por eles. Não demorou muito para que um grupo de pessoas, viajando em direção à Síria, passasse por eles. Eles me informaram daquilo, e eu achei um meio de me livrar dos grilhões. Eu me esguiei de casa, e viajei com eles, disfarçado, por todo o caminho para a Síria.

"Quando chegamos, perguntei-lhes qual era a melhor pessoa, na sua religião, e me disseram:

"'O bispo encarregado da igreja.' Então eu fui ter com ele, e disse:

"' Quero me tornar cristão, acompanhar-te e servir-te, e aprender contigo e orar contigo.'

"'Entra', ele disse. Então eu adentrei o seu lar, e me coloquei ao seu serviço. Não demorou muito para que eu descobrisse que ele era um homem maldoso. Ordenava que seus seguidores dessem dinheiro em caridade, e os encorajava, dizendo-lhes que iriam receber a recompensa divina ao assim fazerem. Sempre que eles davam algo para que fosse gasto para o serviço de Deus, ele o tomava para si mesmo, e nada daquilo dava para os pobres. Ele havia juntado sete urnas cheias de ouro.

"Pelo que ele fazia, cheguei a odiá-lo. Logo depois, ele morreu, e os cristãos foram enterrá-lo. Eu lhes disse:

"'Vosso amigo era um homem maldoso que vos encorajava a fazerdes caridade; quando a leváveis a ele, guardava-a par si mesmo, e nada dela dava para os pobres.'

"'Como sabes disso?' eles perguntaram, e eu respondi:

"'Posso mostrar-vos onde ele guaradava os bens.' Eles concordaram em ir e ver, e ele lhes mostrou o local, onde eles cavaram e encontraram sete urnas cheias de ouro e de prata. Disseram:

"'Por Deus que não o enterraremos!' E eles o crucificaram e apedrejaram o seu corpo. Não demorou muito até que encontrassem um homem para o substituir.Eu permaneci com ele, e descobri que não havia ninguém mais asceta que ele, ou mais desejoso da Vida Futura. Não havia ninguém mais persistente que ele no tocante à adoração, dia e noite. Desenvolvi uma grande afeição por ele, e com ele vivi por um longo tempo. Quando ele estava no seu leito de morte, perguntei-lhe:

"'A quem tu recomendas, de quem tu aconselhas que eu vá atrás, depois que te fores?'

"'Filho', disse ele, 'não conheço ninguém que tenha vivido como eu vivi, a não ser um homem que se encontra em Al Mawsil; seu nome é fulano, e ele jamais se desviou ou mudou. Vai ter com ele.'

"Assim, quando meu companheiro morreu, eu fui ter com o homem, em Mawsil. Ao chegar, apresentei-me a ele, e lhe contei minha estória. Eu disse:

"'Meu companheiro me recomendou, antes de morrer, que viesse ter contigo, porque tu praticas o correto modo de vida.' Ele respondeu:

"'Fica comigo.' Então eu passei a morar com ele, e achei que era uma pessoa virtuosa. Após um tempo, ele também morreu. Antes de ele morrer, eu lhe disse:

"'A hora estipulada para ti, por Deus, chegou, e tu sabes da minha estória; dize-me, a quem tu me recomendas?'

"'Filho', ele disse, 'o único homem que vive como nós temos vivido está em Nassibayn, e seu nome é beltrano. Vai ter com ele.'

"Após ele ter sido sepultado, eu fui ter com o seu amigo, em Nassibayn, e lhe contei a minha estória, e que me havia recomendado a ele. Ele disse para eu ficar com ele, e constatei que ele era tão virtuoso como os seus dois companheiros. Não demorou muito pra que ele, também, morresse. Quando estava no seu leito de morte, perguntei-lhe a quem eu deveria ir. Disse-me que a única pessoa digna que conhecia vivia em Ammuriya.

"Então eu fui até ele, e consegui obter, enquanto com ele morava, algumas reses e alguns bens. Ele, também, não viveu muito. Quando jazia no seu leito de morte, ele disse:

"'Filho, eu não conheço ninguém que ainda se atenha ao modo de vida que nós temos vivido; mas é chegado o tempo em que está para aparecer um profeta de entre os árabes. Ele irá ser enviado com a religião

de Abraão, e irá emigrar, da sua terra, para a terra das tamareiras, entre duas montanhas desnudas. Irão haver sinais pelos quais ele será reconhecido. Irá sustentar-se de algo que lhe será dado como obséquio, não como caridade. Entre as suas clavículas irá haver um anel indicando o selo da profecia. Se fores capaz de viajar até aquelas terras, vai, e junta-te a ele.'

"Fiquei em Ammuriya por um tempo, após à sua morte. Aconteceu que um grupo de mercedores árabes da tribo de Kalb passou por lá. Falei com eles, e disse:

"'Em troca de me levardes para a Arábia, dar-vos-ei minhas reses e os meus bens.' Eles aceitaram, então eu lhes paguei; mas ao chegarmos em Wadi al Qura, entre Damasco e Madina, eles me traíram. Venderam-me como escravo para um judeu, e eu o servi por uns tempos.

"Logo, um primo dele, da tribo dos Banu Quraiza, foi visitá-lo, e me comprou. Levou-me consigo para Yaçrib, e aí eu vi as tamareiras mencionadas pelo meu companheiro de Ammuriya. Reconheci que aquela era a cidade da qual ele havia falado, e ali fiquei.

"Nesse tempo, o Profeta (S) estava a conclamar o seu povo, em Makka, para o Islam, mas eu nada ouvia dele, porquanto minha vida no cativeiro era de trabalho árduo, com a exclusão de tudo o mais.

"Depois de certo tempo, o Mensageiro emigrou para Yaçrib. Eu estava no topo duma tamareira fazendo um trabalho na árvore, enquanto meu amo estava sentado em baixo dela, quando um primo seu chegou, dizendo:

"'Que Deus destrua os Banu Caila[1], pois estão reunidos em Quba, dando as boas-vindas a um homem procedente de Makka, que clama ser um profeta!'

"Ao ouvir aquilo, senti-me como se tivesse contraído febre, e fiquei tão agitado, que tive medo de cair da árvore, em cima do meu amo. Desci dela, e comecei a dizer:

"'Que disseste? Dize-o novamente...' mas meu amo bateu forte em mim, dizendo:

"'Que te interessa isso? Volta já ao trabalho!'

"Quando a noite desceu, peguei algumas tâmaras secas que eu havia poupado, e foi para onde o Mensageiro se estava alojando. Fui até ele, e disse:

"'Tenho ouvido dizer que tu és um homem piedoso, e que tens companheiros que são pobres e vivem no exílio. Tenho isto para dar-vos

1. Banu Caila – as tribos de Aws e Al Khazraj.

em caridade, pois sois mais merecedores do que quaisquer outros.' Quando coloquei as tâmaras perante ele, disse para seus companheiros:

"'Comei', mas ele, próprio, não as tocou. Eu disse para mim mesmo:

"'Esse é o primeiro sinal!', e fui embora. Então eu passei a poupar tâmaras da minha própria ração. Depois que o Mensageiro se mudou, de Quba para Madina, eu fui até ele, e disse:

"'Tenho visto que tu não comes coisas dadas como caridade. Este é um obséquio com o qual pretendo honrar-te.' Então ele comeu, e ordenou que seus companheiros fizessem o mesmo, e eles comeram com ele. Eu disse comigo mesmo:

"'Esse é o segundo sinal!'

"Então aconteceu que eu fui ter com o Mensageiro de Deus quando ele estava em Baqui al Gharcad, sepultando um dos seus companheiros. Vi-o sentado, usando uma roupa de duas peças, e andei em trono dele, tentando olhar para as suas costas. Esperava ver a marca mencionada pelo meu companheiro de Ammuriya.

"Quando o Profeta me viu olhando para as suas costas, ele soube o que eu queria. Baixou sua veste de cima, e suas costas ficaram à mostra. Olhei, e aí vi a marca. Atirei-me sobre ele, beijando-o e chorando. O Mensageiro de Deus perguntou:

"'Que é isso?'

"Contei-lhe a minha estória, e ele ficou fascinado com ela. Ele quiz que seus companheiros a ouvissem, e eu a repeti para eles. Ficaram deleitados com ela."

Que Deus conceda paz para o Salman al Fárisi, por causa do dia em que começou a procurar a verdade em todos os lugares, e que Ele lhe conceda paz por causa do dia em que reconheceu a verdade e nela ecreditou intensamente, e que Ele lhe conceda paz, tanto na morte como na sua ressurreição!

CAPÍTULO 14

Ikrima b. Abi Jahl

"O Ikrima irá vir a vós como um Crente e um *muhajir* (Emigrante); portanto, não amaldiçoeis o seu pai, pois o amaldiçoar os mortos ofende os vivos, e não afeta os mortos" (dito do Profeta Mohammad).

"Dai as boas–vindas ao cavaleiro que vem como um *muhajir*" (a saudação do Profeta – S – para o Ikrima).

Ele tinha quase trinta anos no tempo em que o Profeta da misericórdia (S) estava a proclamar publicamente o chamamento à Divina diretriz e à verdade. Era da tribo do Coraix, com o mais nobre *status*, grande riqueza, e com a mais proeminente das linhagens.

Iria ser uma mostra de dignidade da parte dele, eceitar o Islam, como muitos dos seus iguais haviam feito, tais como o Saad b. Abi Waccas, o Mussab b. Umayr, e outros descendentes das distintas famílias maquenses. No entanto, por causa do seu pai, ele não o fez, pois seu pai era um dos homens fortes de Makka, e um dos principais líderes do paganismo. Por meio das suas bravatas e traições, Deus testava a fé dos Crentes. Com as determinações destes, eis que respondiam ao teste e provavam a veracidade das suas declarações de fidelidade.

Desse feitio era o pai do Ikrima, o Abu Jahl. Quanto a este, era o Ikrima b. Abi Jahl al Makhzumi, um dos cavaleiros do Coraix, conhecidos pela suas bravuras e valores. Por causa da liderança do seu pai, era requerido que o Ikrima fosse um oponente a Mohammad (S), e se tornasse um dos mais hostis inimigos dele. De modo desabrido, ele insultava o Islam e os seus seguidores, e procurava agradar a seu pai por meio de os perseguir intrepidamente.

Seu pai foi o líder do acampamento pagão, na batalha de Badr. Tinha jurado pelos ídolos Al Lat e Al Uzza que somente iria voltar para Makka após ter derrotado a Mohammad. Armou o seu acampamento em Badr,

onde passou três dias abatendo ovelhas, em festa, bebendo vinho e ouvindo música cantada por garotas.

Conquanto Abu Jahl fosse o líder daquela batalha, seu filho Ikrima era o seu braço direito, de quem ele dependia, para fortidão, na batalha. Porém, os ídolos não lhe garantiram nem lhe concederam a vitória, pois não tinham o poder de ouvir, muito menos de lhe conceder algo.

Ele caiu em Badr, sem conseguir o que desejava. Seu filho Ikrima viu-o cair, dilacerado pelas lanças dos muçulmanos, e ouviu o seu último grito.

Ikrima voltou para Makka, após Badr, deixando o corpo do seu pai, o senhor do Coraix, para trás, no campo. Com a derrota e apressada fuga deles, ele se vira impossibilitado de levar o corpo do pai para Makka, e o sepultar, corpo esse que foi deixado com os muçulmanos. Estes o puseram, junto com dezenas de outros pagãos mortos, num poço seco conhecido como Qulayb, e acabaram de enchê-lo com areia.

Desde aquele dia, a hostilidade de Ikrima quanto à religião do Islam tomou um novo matiz. Antes, ele se havia oposto a ela por lealdade ao seu pai; mas, depois de Badr, ele sentia ódio e uma necessidade de vingar a morte do pai.

Naquele ponto, o Ikrima e um pequeno grupo de pagãos cujos pais foram mortos em Badr se movimentavam, reavivando as chamas da hostilidade nos corações dos pagãos contra Mohammad (S). Os Coraixtas que tinham sido privados dos seus parentes pouco precisavam para que lhes fossem ativadas as fráguas do ódio, sendo que suas sedes por vingança levaram à batalha de Uhud.

Ikrima b. Abi Jahl aprontou-se para a batalha, e resolveu levar consigo a sua esposa Umm Hakim. Era uma prática dos pagãos levarem consigo suas mulheres para a guerra, e fazer com que ficassem por detrás das fileiras de combatentes. Cantarolando e batendo nos tambores, elas incitavam os homens a serem intrépidos na briga. Nada era melhor do que aquelas mulheres que haviam perdido um parente na batalha, porquanto clamavam por vingança.

Os Coraixtas puseram o Khalid b. al Walid[1] à direita das suas fileiras e, à esquerda, puseram o Ikrima b. Abi Jahl. Os dois cavaleiros obtiveram na batalha o sucesso que fez oscilar a balança em favor dos pagãos, que

1. Khalid b. al Walid – como pagão, ele foi um dos mais implacáveis inimigos. Depois da sua aceitação do Islam, tornou-se o seu mais poderoso defensor, e foi apelidado de "a desembainhada espada de Deus".

venceram a batalha contra o abençoado Profeta e seus companheiros. Os pagãos saíram dizendo que pagaram a eles pelo que tinha acontecido em Badr.

Durante a batalha seguinte, a batalha da Trincheira, os pagãos sitiaram a cidade de Madina. O Ikrima b. Abi Jahl ficou impaciente com a longa espera. Ansioso por ação, procurou e achou uma seção da trincheira que era estreita. Juntamente com poucos outros cavalarianos, ele tentou bravamente atravessá-la. A aventura falhou, e o Amr b. Abd Wudd al Amiri caiu. Quanto ao Ikrima e os outros, tiveram que fugir para se salvar.

No dia em que os Crentes retomaram Makka, a tribo do Coraix constatou que não tinha meios de resistir a Mohammad (S) e seus seguidores, que acorreram em grandes números. Os Coraixtas resolveram conceder-lhe a entrada em Makka. O que tornou expedita a decisão deles foi o rumor de que Mohammad (S) ordenara a seus seguidores que não lutassem em Makka, a não ser que alguém tentasse atacá-los primeiro.

Ikrima e um pequeno bando de outros indivíduos foram contra o conseso dos líderes tribais, e se aprontaram para combater o enorme exército. Foram derrotados pelo Khalid b. al Walid, num rápido recontro. Alguns deles foram mortos, outros se salvaram, fugindo. Um dos que fugiram foi o Ikrima b. Abi Jahl.

Ele estava então confuso quanto ao quê fazer. Makka havia feito dele um proscrito, após a submissão dela aos muçulmanos. O abençoado Profeta havia divulgado uma anistia geral, e tinha perdoado os Coraixtas quanto às suas ações anteriores contra ele. Porém, uns poucos indivíduos foram eximidos da anistia, e eram caçados e condenados à morte, mesmo se fossem encontrados sob o pano que cobria a Caaba. Um dos primeiros a ser condenado foi o Ikrima; então ele se esgueirou para fora de Makka, e se pôs rumo ao Iêmen, já que não podia pensar em outro refúgio.

Nesse ínterim, a esposa dele, a Umm Hakim, foi, juntamente com a Hind b. Utba[2] e outras dez mulheres, à casa do abençoado Profeta, com o intento de jurarem sua lealdade a ele. Quando entraram, encontraram-no com duas das suas esposas, sua filha Fátima, e algumas das suas primas. A Hind tinha o rosto escondido, com vegonha do abençoado Profeta, pois ela havia mutilado o corpo do tio dele, Hamza, na batalha de Uhud. Ela foi a que falou; disse:

2. Hind b. Utba – a esposa de Abu Sufyan.

"Ó Mensageiro de Deus, louvado seja Deus que concedeu a vitória à Sua religião. Estou aqui para pedir que o meu laço sagüíneo contigo faça com que me trates favoravelmente, pois eis que me tornei uma crédula!" Descobrindo o rosto, ela disse:

"Sou eu, a Hind b. Utba."

"Sê benvinda!", disse o abençoado Profeta.

"Juro, ó Mensageiro de Deus", disse a Hind, "que sempre quis ver a tua família na desgraça; mas agora me dá prazer ver a ti e a tua família fortes e orgulhosos!"

"E vem mais por aí!", disse o abençoado Profeta.

Então, Umm Hakim, a esposa de Ikrima, deu um passo à frente, e anunciou a sua conversão ao Islam. Ela disse:

"Ó Mensageiro de Deus, o Ikrima fugiu para o Iêmen, temendo que fizesses com que fosse morto. Por favor, concede-lhe salvaguarda, e talvez Deus te conceda segurança." Então o abençoado Profeta disse:

"Ele pode considerar-se salvo."

Ela partiu imediatamente à procura do marido, levando consigo um escravo bizantino. Quando haviam viajado por algum tempo e estavam bem longe da cidade, o escravo tentou se proveitar dela. Ela procurou engabelá-lo, prometendo dar-lhe o que ele queria, quando chegassem a um local adequado. Continuaram a viajar e, ao divisar um acampamento de beduínos, ela se apartou dele e correu em direção a eles. Eles pegaram o escravo, e o amarraram; ela o deixou com eles.

Ela continuou sua viagem, até que se juntou ao Ikrima, na região do Mar Vermelho, na planície de Tihama. Ele estava discutindo com um marujo muçulmano, tentando convencê-lo fazer com que o levasse a bordo do seu navio, e o marujo estava a dizer:

"Procura ser um devoto, e eu te levarei."

"Como deverei fazer para ser um devoto?" Perguntou o Ikrima.

"Dize:'Presto testemunho de que não há deus a não ser Deus e de que Mohammad é o Seu Mensageiro'", respondeu o marujo.

"É justamente disto que estou fugindo", disse o Ikrima.

Enquanto eles estavam envolvidos naquilo, a Umm Hakim chegou; ela se aproximou do Ikrima, e disse:

"Ó primo, estou vindo a ti depois de ter falado com o mais virtuoso de todos os homens, o mais correto, com o Mohammad b. Abdullah. Pedi-lhe que tivesse clemência quanto a ti, e ele garante a tua segurança. Portanto, não te atires para a morte!"

"Tu falaste com ele?" perguntou o Ikrima.

"Sim", ela respondeu, "falei com ele, e ele prometeu que não te farão mal."

Ela continuou a argumentação, tentando convencê-lo a ir com ela, até que ele cedeu, e iniciou a viagem de volta com ela. Então ela contou a ele o que o escravo bizantino tinha tentado fazer a ela. Quando passaram por onde o escravo estava sendo conservado como prisioneiro, o Ikrima parou, foi até lá, e o matou.

Ele ainda não havia aceito o Islam e as suas regulamentações; eis o porquê de ele ter praticado tal ato. Depois, quando pararam para descansar, o Ikrima desejou dormir com a sua esposa. Ele o resistiu veementemente, dizendo:

"Eu sou uma muçulmana, e tu és um idólatra!"

Espantado, ele disse:

"Esse Islam deve ser uma coisa séria! se ele faz com que evites ser minha esposa..."

Quando o Ikrima estava quase a chegar a Makka, o abençoado Profeta disse para seus companheiros:

"O Ikrima b. Abi Jahl está vindo a vós como um Crente; portanto, não amaldiçoeis a seu pai, pois xingarmos os falecidos ofende os vivos e não afeta os mortos."

Não demorou muito para que o Ikrima e sua esposa chegassem aonde o abençoado Profeta estava sentado; quando este o viu, ficou de pé para o receber, esquecendo-se, no seu júbilo, de pôr a sua túnica. Quando se sentou novamente, o Ikrima ficou de pé perante ele, e disse:

"Ó Mohammad, a Umm Hakim me disse que me concedeste segurança!"

"Ela falou a verdade", disse o abençoado Profeta, "podes considerar-te a salvo."

"Que coisa é essa para a qual me chamas, ó Mohammad?" ele perguntou.

"Chamo-te a que prestes testemunho de que não há deus a não ser Deus, e que eu sou o servo de Deus e o Seu Mensageiro, a que pratiques regularmente as orações, a que faças caridade..." e ele continuou, até que enumerou todos os pilares do Islam.

"Isso ao quê me estás chamando é a verdade", disse o Ikrima, "e isso que ordenas é correto. Antes de começares a tua missão, nós sabíamos que eras a pessoa mais veraz entre nós, e a mais caritativa."

Estirando a mão, ele disse:

"Presto testemunho de que não há deus a não ser Deus, e de que tu és o Seu servo e Mensageiro."

O abençoadoProfeta o corrigiu, dizendo-lhe:

"Dize: 'Não há deus a não ser Deus, e Mohammad é o Seu servo e Mensageiro.'"

Ikrima pronunciou o (c*haháda*) como lhe fora dito, e depois perguntou:

"Há algo mais?"

O abençoadoProfeta respondeu:

"Dize: 'Invoco a Deus e a todos os presentes a testemunharem que eu sou um muçulmano, um combatente(*mujahid*) e um emigrante (*muhájir*)'", e o Ikrima assim o fez. Quando terminou, o abençoado Profeta disse a ele:

"Deste dia em diante, qualquer coisa que eu der aos outros tu poderás requerer para ti", ao que o Ikrima respondeu: "

"Peço-te que implores a Deus que me perdoe pelas minhas passadas agressões contra ti, pela minha hostilidade, por qualquer coisa que tenha dito a ti ou sobre ti."

O nobre Profeta disse:

"Ó Deus, perdoa-o pelas suas agressões contra mim, por todas as viagens que ele fez para lutar contra a luz da Tua verdade, e por qualquer coisa que ele tenha dito a mim ou, na minha ausência, para me denegrir!"

Deslumbrante de deleite, o Ikrima disse:

"Juro por Deus que, quanto a mim, irei gastar, em prol de Deus, duas vezes mais o dinheiro qua gastei para evitar que as pessoas acriditassem n'Ele. Irei despender, como um combatente pela causa de Deus, duas vezes mais energia do que despendi desfechando batalhas para afastar do Islam as pessoas."

Desde esse dia, o Ikrima se tornou um membro da gloriosa procissão daqueles que eram chamados para a crença em Deus. No campo de batalha, foi um cavaleiro audaz. Na mesquita, foi um cultuador tenaz, do Alcorão um recitador loquaz. Na sua humildade e no seu temor a Deus, ele segurava a Escritura em frente ao rosto e dizia:

"O Livro do meu Senhor! as Palavras do meu Senhor!..."

O Ikrima cumpriu a sua promessa ao Profeta, e não perdeu um simples compromisso militar, desde que se tornou muçulmano. Sempre que havia uma expedição, ele estava sempre na vanguarda.

Quando aconteceu a batalha de Yarmuk, o Ikrima se adiantou como se fosse uma pessoa sedenta, em busca de um gole de água fresca. Quando, numa área, parecia que os muçulmanos estavam em perigo de derrota,

ele desmontou do seu cavalo. Ele quebrou e jogou fora a bainha da sua espada, como se tentasse lutar até à morte, e não precisasse mais embainhar a arma. Então ele saiu em carga para as fileiras dos bizantinos. Khalid b. al Walid foi atrás dele, dizendo:

"Não faças isso, ó Ikrima! A tua morte iria ser uma calamidade para os muçulmanos."

"Fica longe de mim, ó Khalid", disse o Ikrima, "porquanto tu angariaste um grande número de bons feitos para ti, juntamente com o Mensageiro de Deus. Quanto ao meu pai e a mim, nós fomos os piores inimigos do Mensageiro de Deus. Será que eu deveria fugir dos bizantinos depois disso? Isso jamais acontecerá." Então ele conclamou os soldados muçulmanos:

"Quem irá fazer um pacto comigo de lutar até à morte?"

Seu tio, o Háris b. Hicham, o Dirar b. al Azwar, e quatrocentos dos soldados muçulmanos, se uniram a ele, e todos defenderam valentemente os quartéis-generais do Khalid, lutando ferozmente. Quando a batalha de Yarmuk finalmente acabou, com a vitória contundente dos muçulmanos, três dos combatentes ficaram estendidos no campo, vencidos pelos seus ferimentos. Foram eles: Haris b. Hicham, Aiyach b. Abi Rabi'a, e o Ikrima b. Abi Jahl. O Haris b. Hicham pediu água e, quando lhe foi levada, viu que o Ikrima estava olhando para ela, e disse:

"Dá primeiro um pouco a ele!"

Quando ela foi levada para o Ikrima, ele viu que o Aiyach estava olhando para ela, e disse:

"Dá primeiro para ele!"

Quando levaram a água para o Aiyach, constataram que havia morrido, então voltaram para os seus dois companheiros, e constataram que eles se haviam juntado a ele. Que Deus esteja comprazido com todos eles! Que Ele faça com que bebam da fonte de Al Kauçar[4], e que jamais sintam sede. Que Ele lhes dê os verdes campos de Firdaus[5], sobre os quais irão repousar por toda a eternidade!

4. Al Kauçar – um fonte no Paraíso que irá ser uma das recompensas do abençoado Profeta (S) e dos mártires.

5. Firdaus – o mais elevado jardim do Paraíso.

CAPÍTULO 15

Zaid al Khair

"Tens duas qualidades que são apreciadas por Deus e pelo Seu Profeta: deliberação e paciência" (dizer do abençoado Profeta).

O abençoado Profeta costumava dizer que as qualidades básicas das pessoas são tão duradouras quanto o metal: a melhor das pessoas, dos tempos da ignorância tornam-se os melhores muçulmanos.

Neste capítulo há dois retratos de um dos Companheiros. Um retrato dele é do tempo da ignorância (*Jahiliya*), e o outro é de depois que ele aceitou o Islam.

Esse Companheiro era conhecido como Zaid al Khail[1], no tempo da *Jahiliya*, e o abençoado Profeta o renomeou Zaid al Khair[2], após ele aceitar o Islam. A primeira descrição dele pode ser encontrada nas antologias da antiga literatura, contada por Al Chaybani, sob a autoridade de um dos velhos da tribo dos Banu Amir.

Os Banu Amir estavam passando por um ano de seca na qual estavam a perder suas colheitas e o seu gado. Um homem pegou sua família e com ela viajou, deixando a tribo, para Al Hira, onde a deixou, dizendo que aí ficasse até que ele voltasse para a pegar. Ele jurou que não iria voltar até que não conseguisse algum dinheiro, ou então iria morrer, na lida.

Pegou alguma provisão, e se pôs a caminho, a pé. Viajou por todo um dia e, quando a noite caiu, ele se achou defronte a uma tenda; amarrada ali por perto, encontrou um potro. Dizendo a si mesmo que havia encontrado o primeiro tesouro, ele soltou o potro, e estava pronto para o montar, quando ouviu uma voz que disse:

"Deixa-o aí, e corre, se quizeres viver!" Então ele o deixou, e continuou a viagem. Depois de haver caminhado por sete dias, chegou a um lugar

1. Zaid al Khail – "O Cavalariano".
2. Zaid al Khair – Zaid "de benevolência".

onde havia uma cocheira de camelos. Perto dali, viu uma enorme tenda com a cúpula feita de couro, o que queria dizer que os seus donos deveriam ser ricos, e deviam ter um grande número de camelos.

Ele se chegou perto da tenda, e olhou para dentro dela; viu um velho sentado, com as costas voltadas para ele. Ele fez por esgueirar-se para dentro dela, e se sentou atrás do velho, que nem o notou.

Era quase o pôr do sol e, tão logo escureceu, um homem chegou num cavalo. Era o mais corpulento homem que ele já vira na vida, montando um também corpulento cavalo de guerra. Flanqueando-o, estavam dois escravos a pé, e seguindo-os havia uma centena de camelas, dirigidas por um camelo. O camelo ajoelhou-se, e as fêmeas fizeram o mesmo, rodeando-o.

O cavalariano disse para um dos seus escravos que ordenhasse uma das camelas, apontando para uma grande e gorda, e lhe disse para dar leite ao velho. O escravo ordenhou a camela e encheu uma tigela, a qual colocou na frente do velho, entes de ir embora. O velho tomou um ou dois goles do leite, deixando o resto. O intruso se arrastou, no escuro, até à tigela, da qual bebeu até a última gota. Quando o escravo voltou, viu que o leite havia acabado, e disse ao seu amo que o velho tinha bebido tudo.

Contente, o cavalariano apontou para uma outra camela, e disse para o escravo que a ordenhasse, e desse o leite para o velho. O escravo obedeceu, e o velho mais uma vez tomou da tigela mais um par de goles. Dessa vez, o intruso bebeu só a metade do leite, pois temeu que se ele bebesse tudo, iria levantar a suspeita do cavalariano. Este ordenou ao outro escravo que abatesse uma ovelha, a qual ele próprio preparou e assou. Então ele deu manualmente a carne ao velho, até que ficasse satisfeito. Depois daquilo, ele e seus escravos se serviram da carne. Depois foram dormir e, não demorou muito para que estivessem roncando, dormindo a sono solto.

Naquele ponto, o intruso saiu do seu esconderijo e foi até ao camelo, o qual ele desamarrou e montou. O camelo se pôs de pé, e começou a andar, e todas as camelas o seguiram. O ladrão viajou toda a noite com a cáfila. Quando rompeu a manhã, ele olhou em torno e se certificou de que ninguém estava a segui-lo. Continuou, até que o sol estava bem acima do horizonte, quando cismou de olhar atrás dele. À distância, lobrigou algo que primeiramente parecia uma águia vindo em direção a ele. Quando se aproximou, ele constatou que era um cavalariano; e, quando chegou mais perto, viu que era o dono dos camelos.

Parando e desmontando, ele amarrou o camelo, e se posicionou entre o cavaleiro e a cáfila. Depois tirou um flecha da sua aljava, e a colocou no seu arco. O cavalariano parou onde estava, à distância, e gritou para ele:

"Desamarra o camelo!"

"Nunca", respondeu o ladrão, "porque tenho minhas esposas e meus filhos a morrerem de fome, em Al Hira, e jurei que não voltaria a eles se não levasse dinheiro, ou morreria tentendo."

O cavalariano disse para ele:

"Matar-te-ei se não desamarrares o camelo, ínfima criatura!"

"Jamais", respondeu o ladrão.

"Maldito sejas, seu tolo imprudente!" disse o homem.

Apontando para uma das rédeas do camelo, o cavalariano disse para o ladrão que escolhesse um dos três nós. Ele escolheu o do meio, e o cavalariano atirou uma flecha dentro dele, tão facilmente como se a tivesse posto com a mão. O ladrão se conscientizou de que não teria a menor chance contra tal habilidade, e se rendeu. O cavalariano foi até ele, tomou dele o arco e a espada, e lhe disse que montasse na garupa do cavalo; ele assim fez, e o cavalariano lhe perguntou:

"Que pensas que irei fazer contigo?"

"Provavelmente, algo terrível", respondeu o ladrão.

"Por que?" perguntou o cavalariano.

"Por causa do que fiz a ti", disse o ladrão, "e por causa do distúrbio que te causei"

O cavalariano lhe disse:

"Como pensas que te causarei dano, depois que compartilhaste da comida e bebida com Muhalhil, meu pai, e passaste a noite com ele?", dando a conhecer que estivera ciente da estada do intruso, na noite anterior, e não havia objetado a sua presença.

Quando o ladrão ouviu o nome Muhalhil, ficou atônito, e perguntou:

"Será que tu és o Zaid al Khayl?"

O cavalariano disse que era, e o ladrão lhe implorou que o tratasse com misericórdia. Zaid al Khayl lhe garantiu que não o iria injuriar, e o levou consigo de volta para o acampamento. Quando chegaram ao destino, o Zaid al Khayl, que era famoso por sua generosidade, disse para o prisioneiro:

"Se esses camelos fossem meus, eu tos daria, mas acontece que eles pertencem a uma das minhas irmãs. Então, fica conosco como nosso convidado por uns dias. Logo irei sair numa incursão, e espero trazer alguns despojos."

Três dias depois, ele executou uma incursão sobre a tribo dos Banu Numayr, e trouxe consigo quase uma centena de camelos. Ele os deu ao seu prisioneiro, a quem mandou de volta para Al Hira com dois guardas-costas para o proteger.

Esse é o retrato de Zaid al Khail, como era na *Jahiliya*, mas o seu retrato, como muçulmano, é encontrado em outro lugar, nas histórias da vida do abençoado Profeta.

Quando as notícias sobre o abençoado Profeta alcançaram o Zaid al Khail, e ele ouviu alguns dos ensinamentos sobre o Islam, decidiu visitar Madina e ver o abençoado Profeta por si mesmo. Preparou sua montaria, e convidou os chefes da sua tribo para se juntarem a ele. Um grande número de líderes de Tay o acompanhou, incluindo o Zurr b. Sadus, o Málik b. Jubayr, e o Amir b. Juwayn.

Quando a viagem deles terminou, fizeram seus camelos parar no portão da mesquita, e desmontaram. Aconteceu que quando eles entraram, o abençoado Profeta estava fazendo um *khutba*[3] para os muçulmanos. Ficaram impressionados com o que ele estava dizendo, e surpresos por verem o quão apegados a ele os muçulmanos estavam, e quão seriamente o ouviam, e como ficavam afetados pelo discurso dele.

Quando o abençoado Profeta divisou os visitantes, continuou o seu discurso, dizendo:

"Sou melhor para vós do que Al Uzza e do que tudo o que cultuais, até mesmo os camelos negros que glorificais em vez de Deus", referindo-se aos seus visitantes beduínos. Alguns deles não reagiram à verdade, e quiseram ouvir mais. Os outros foram embora, em arrogância; de sorte que alguns deles escolheram o Paraíso, ao passo que outros, o Fogo do Inferno.

O homem chamado Zurr b. Sadus viu como o Profeta (S) lá estava, rodeado pelos crentes cujos olhos exprimiam o amor que tinham por ele. Seu coração se encheu de inveja e temor, e ele disse para aqueles que estavam com ele:

"Esse homem irá tornar-se o mestre de todos os árabes; juro que não permitirei que ele seja o meu mestre!"

Ele partiu para a Síria, onde raspou a cabeça e se tornou cristão.

Zaid e outros reagiram diferentemente. Tão logo o Profeta (S) terminou o seu *khutba*,[3] Zaid juntou-se à multidão de muçulmanos. Era um dos homens mais formosos e, definitivamente, o mais alto; quando montava num cavalo, seus pés arrastavam no chão como se estivesse montando

3. *Khutba* – sermão ou palestra.

um burrinho. Lá estava ele, sobressaindo-se por sobre os outros, ao dizer, com sua poderosa voz:

"Ó Mohammad, presto testemunho de que não há outra divindade além de Deus, e de que tu é o Mensageiro de Deus."

O abençoado Profeta se aproximou dele e perguntou:

"Quem és tu?"

"Sou o Zaid al Khail b. Muhalhil", ele respondeu.

"Irei chamar-te de Zaid al Khair, em vez de Zaid al Khail", disse o abençoado Profeta. "Louvado seja Deus Que te trouxe de tal distância, e abriu o teu coração para o Islam!"

Desde aquela hora, ele passou a ser conhecido como Zaid al Khair.

Pouco depois o abençoado Profeta levou-o para a sua casa, juntamente com o Ômar b. al Khattab e uma porção de Companheiros. Quando entraram e tomaram seus assentos, o abençoado Profeta pôs uma almofada perto do Zaid para que ele nela se reclinasse. Zaid a recusou, apesar da repetida insistência do Profeta (S), pois achava que seria falta de respeito reclinar-se na presença do Profeta (S). Quando todos estavam confortáveis, o abençoado Profeta disse:

"Ó Zaid, toda vez que eu ouço tecerem louvores a alguém, antes que com ele me encontre, vejo que o encontrar-me com ele é desapontador. Tu és a primeira pessoa que eu encontro que condiz com todas as descrições que fornecem de ti. Tu possuis duas qualidades que são apreciadas por Deus e pelo Seu Profeta."

"E quais são elas, ó Mensageiro de Deus?"

"Deliberação e paciência."

Zaid disse:

"Louvado seja Deus que me proporcionou isso que Ele e o Seu Mensageiro apreciam. Ó Mensageiro de Deus, dá-me trezentos cavalarianos, e eu te garanto que irei atacar e derrotar os bizantinos."

O abençoado Profeta, impressionado pela energia do outro, disse:

"Quanto bem há em ti, ó Zaid! Quanto homem és!"

Naquele ponto, todos os que tinham acompanhado o Zaid na sua viagem anunciaram a sua aceitação do Islam. Quando se preparavam para voltar à sua terra-natal, o abençoado Profeta compareceu para dizer adeus ao Zaid. Ao vê-lo partir, disse:

"Que homem! Se não fosse pela febre que grassa em Madina, ele poderia conseguir grandes coisas!"

Naquela ocasião, havia uma febre que se alastrava por toda Madina e, logo depois que o Zaid al Khair deixou a cidade, começou a mostrar os sintomas dela. Ele disse para aqueles com os quais estava viajando:

"Vamos evitar passar pelas terras dos Banu Cais. Nós costumávamos suster guerras tribais com eles, coisa que mostrava a estupidez da época da *Jahiliya*. Não desejo encontrar-me com Deus com o pecado da luta sobre meus ombros."

Zaid al Khair continuou sua viagem rumo à sua terra-natal, em Najd, embora estivesse ficando mais fraco a cada hora por causa da febre. Ele queria alcançar suas gentes, e ser aquele que iria registrar a boa ação de as converter ao Islam. Ele estava disputando com a morte, mas foi uma disputa em que esta o sobrepujou. De modo que exalou o seu último suspiro enquanto ainda em viagem. Morreu puro, uma vez que não houve tempo, entre a sua conversão e sua morte, para que cometesse nenhum pecado.

CAPÍTULO 16

Abu Zarr al Ghifari

"Um homem mais fidedigno do que o Abu Zarr não caminhou na face da terra" (dizer do abençoado Profeta).

No vale de Waddan, que ligava Makka ao mundo exterior, vivia a tribo de Ghifar. Seus membros viviam do dinheiro que lhes era dado pelas caravanas que transportavam mercadorias do Coraix para a Síria e vice-versa. Às vezes eles viviam de roubarem as caravanas, caso nada lhes fosse dado para os pacificar.

Jundub b. Junada, com o nome patronímico de Abu Zarr, era um dos membros da tribo. Ele se destacava dos demais por causa da sua intrepidez, seriedade mental e presciência. Vivia extremamente transtornado por causa dos ídolos que seu povo cultuava, em lugar de Deus. Desaprovava a corrupção dos cultos árabes, bem como as frívolas superstições deles. Esperava o aparecimento de um profeta cujos ensinamentos fossem satisfazer os corações e as mentes do povo, e os fossem tirar das travas e os levar para a luz.

Notícias dum novo profeta que havia aparecido em Makka alcançaram o Abu Zarr, apesar do isolamento em que sua tribo vivia. Ele disse para o seu irmão Anis:

"Ó tu, criatura incomparável, vai para Makka e toma nota de qualquer informação que puderes acerca desse homem que diz ser um profeta, e receber revelações do Céu. Ouve o que ele diz, e vê se aprendes, para que possas me contar."

O Anis foi para Makka, encontrou-se com o abençoado Profeta, se pôs a ouvi-lo. Depois voltou para o deserto, onde o seu irmão esperava ansiosamente por ele. Avidamente, ele perguntou acerca do novo profeta. Anis disse:

"Juro por Deus, nunca vi um homem conclamar as pessoas para a virtuosidade, e recitar falas que não eram poesia!'

"Que coisas as pessoas dizem sobre ele?" perguntou o Abu Zarr.

"Dizem que é um mágico, um adivinho, ou um poeta."

"Tu, de maneira alguma, me satisfizeste", disse o Abu Zarr, "nem sequer respondeste à minha pergunta. Será que poderás prover minha família enquanto eu irei vê-lo por mim mesmo?"

"Claro", Respondeu o Anis, "mas toma cuidado com o povo de Makka!"

Abu Zarr pegou algumas provisões e uma pequena bolsa d'água, e partiu, na manhã segunte. para Makka, a fim de saber o queria acerca do abençoado Profeta. Ele chegou, cheio de ansiedade, ao seio dos indivíduos de Makka. Ouviu deles a sua ira quanto à ameaça aos seus ídolos, e ficou sabendo da perseguição, da parte deles, a qualquer um que abandonasse a idolatria e seguisse a religião de Mohammad (S). Por essa razão, ele ficou relutante em perguntar a qualquer um acerca de Mohammad (S), pois não sabia se estaria perguntando a um dos apoiadores dele, ou a dos seus inimigos.

Quando a noite desceu, ele se deitou para dormir na mesquita. Um homem chamado Áli b. Abi Talib[1] passou por ele, e reconheceu que não se tratava de nenhum pertencente à população local. Áli lhe ofereceu um lugar para ficar, e o Abu Zarr aceitou. Pela manhã, ele se levantou, pegou a sua bolsa de água e suas provisões, e voltou para a mesquita. Nem ele, nem Áli nada perguntaram acerca um do outro.

Abu Zarr passou o seu segundo dia sem saber quem o profeta era e, quando a noite desceu, ele se deitou para dormir. Uma vez mais, o Áli passou por ele e perguntou:

"Por que tu não ficas onde, bem sabes, és benvindo?" Ele levou o Abu Zarr com ele, e o estranho passou a segunda noite na casa de Áli, sem que nenhum deles fizesse perguntas um sobre o outro.

Na terceira noite, Áli lhe perguntou:

"Podes me dizer por que vieste para Makka?"

Abu Zarr respondeu:

"Só se me prometeres que me ajudarás a encontrar o que estou a procurar", e Áli prometeu. Abu Zarr continuou:

"Vim para Makka, de bem longe, desejando encontrar o novo profeta, e ouvir algo do que ele diz."

O rosto de Áli brilhou de contentamento, ao dizer:

1. Áli b. Abi Talib – um primo do abençoado Profeta; um dos primeiros a ser convertido ao Islam. Casou-se com a filha do abençoado Profeta, Fátima; foi um grande e poderoso guerreiro e, ao seu devido tempo, tornou-se o quarto califa.

"Juro pelo Senhor que ele é o verdadeiro Mensageiro de Deus..." e continuou a falar por um longo tempo, contando para o Abu Zarr coisas acerca do abençoado Profeta (S). "Pela manhã, tu me seguirás. Se eu vir que há perigo, eu pararei como se precisasse de algo. Seu eu continuar, tu me seguirás até a casa em que eu entrar."

Abu Zarr foi incapaz de dormir naquela noite, na sua ânsia de ver o abençoado Profeta, e ouvir alguma coisa da revelação.

Pela manhã, Áli dirigiu o seu convidado para a casa do Mensageiro de Deus, e Abu Zarr o seguiu, não se importando de olhar para mais nada. Quando entraram na casa do abençoado Profeta, o Abu Zarr disse:

"Que a paz esteja contigo, ó Mensageiro de Deus!"

"Que a paz, a misericórdia e as bênçãos de Deus recaiam sobre ti, também", respondeu o abençoado Profeta.

Assim, o Abu Zarr foi a primeira pessoa a saudar o abençoado Profeta com a suadação do Islam que, depois daquilo, se tornou popular entre os muçulmanos.

O abençoado Profeta convidou o Abu Zarr a aceitar o Islam, e recitou para ele alguma coisa do Alcorão. Abu Zarr não demorou muito a declarar a sua aceitação à verdade, e, de pronto, tornou-se um muçulmano. Foi a quarta ou quinta pessoa a aceitar o Islam.

O resto da estória irá ser então contada pelas próprias palavras do Abu Zarr.

A história do Abu Zarr:

Permaneci por algum tempo em Makka com o abençoado Profeta, que me ensinou coisas acerca do Islam, e como ler o Alcorão. Ele me aconselhou a não contar a ninguém em Makka sobre eu me tornar muçulmano, pois temia que as pessoas iriam querer me matar. Disse-lhe:

"Juro por Aquele Que tem a minha alma em Suas mãos que não deixarei Makka antes que vá à mesquita e brade aos Coraixtas com o chamamento à verdade!"

O abençoado Profeta nada disse, indicando que não iria tentar me impedir.

Eu fui à mesquita, onde algumas pessoas do Coraix estavam sentadas a conversar. Entrei e fiquei de pé entre eles, e gritei com todas as forças dos meus pulmões:

"Gentes do Coraix, presto testemunho de que não há deus a não ser Deus, e que Mohammad é o Seu Mensageiro!"

Tão logo eles se conscientizaram do que eu estava dizendo, um silêncio assustador se fez sentir. Então alguns deles se puseram de pé, e disseram:

"Agarrai-o, o erético!"

Rodeando-me, começaram a bater em mim com a intanção de me matar. Fui salvo por Al Abbas, o tio do Profeta. Embora fosse pagão, ele me me protejeu com o próprio corpo, enquanto dizia:

"Malditos sejais! Como iríeis matar um homem de Ghifar, sendo que vossas caravanas têm de passar pelas terras deles para chegarem à Síria?" querendo dizer que a minha tribo iria vingar-se da minha morte, caso eu fosse morto. Convencidos, eles me deixaram em paz.

Quando recobrei a consciência, voltei para o Mensageiro de Deus. Vendo o meu lastimoso estado, ele disse:

"Não te falei para não declarares a tua convesão ao Islam em público?

"Volta para as tuas gentes", o abençoado Profeta me disse, "e infroma-os acerca do que viste e ouviste aqui. Convida-os para o Islam, pois tenho esperanças de que Deus os irá beneficiar por teu intermédio. Quando souberes que a minha comunidade escapou à perseguição, vinde, e juntai-vos a nós."

Então eu voltei para as terras do meu povo. A primeira pessoa a me encontrar foi o meu irmão Anis, que me perguntou o que eu havia feito na minha andança. Contei-lhe que aceitara o Islam, pois era a verdade.

Não demorou muito para que Deus fizesse com que o caração do meu irmão se inclinasse para o Islam; ele chegou-se a mim, e disse:

"Nada acho de errado com a tua religião; aceito o Islam, e creio que seja a verdade."

Depois ele foi ter com a nossa mãe, e a convidou a aderir ao Islam, e ela, também, disse que nada achava de errado com a religião. Assim aceitou o Islam.

Fim da narrativa do Abu Zarr.

Daquela data em diante, a família de Abu Zarr continuou naquele diapasão, conclamando toda a tribo de Ghifar ao Islam. Os membros eram incansáveis nos seus esforços e, eventualmente, obtiveram tantos conversos, que eram capazes de estabelecer orações congragacionais diárias. Uns poucos deles se contiveram, dizendo que se iriam converter ao Islam, tão logo o Profeta (S) empreendesse a Hégira para Al Madina.

Eles eram verazes em suas palavras; e quando o abençoado Profeta ouviu aquilo, disse:

"Que Deus conceda perdão para o povo de Ghifar, e paz para os que aceitaram o Islam!"

Abu Zarr permaneceu nas terras-natais desérticas do seu povo, depois que as batalhas de Badr, Uhud, e das Trincheiras tinham terminado. Então viajou para Madina e devotou o seu tempo ao abençoado Profeta, que lhe deu permissão para o servir. Tornou-se um dos mais achegados amigos do abençoado Profeta e, toda vez que este o via, sorria, e apertava-lhe a mão.

Quando o tempo do abençoado Profeta chegou ao fim, neste mundo, e ele foi juntar-se ao seu Mais Elevado Companheiro, no Céu, o Abu Zarr não pôde suportar ficar em Madina. Aí, tudo lhe relembrava o abençoado Profeta, sendo que sentia-lhe profundamente a falta. Viajou para o interior da Síria, onde viveu durante o tempo em que Abu Bakr e Ômar foram os califas da comunidade.

No tempo em que o Otman foi califa, Abu Zarr mudou-se para a cidade de Damasco. Ele ficou horrorizado com o materialismo dos muçulmanos, ali, e as preocupações deles com os assuntos terrenos fizeram-no anunciar em público a sua desaprovação. Então Otman convidou-o a viver em Madina. Ele foi, mas não demorou muito para que se sentisse inconformado com a mundanice do povo, ali. Eles, por sua vez, mostravam-se desconfortáveis com a rigidez das críticas orais e mordazes dele quanto aos modos deles. Assim, Otman ordenou-lhe que se mudasse para Al Rabdhah, um vilarejo fora de Madina.

Ele passou o resto dos seus dias ali, longe das outras pessoas, e desinteressado quanto à riqueza material. Igalmente ao abençoado Profeta e os dois primeiros califas, Abu Zarr preferiu a vida espiritual sobre todas as outras, e se ateve ao seu modo de vida simples.

É contado que uma vez um homem foi visitar o Abu Zarr, e começou a examinar a sua casa. Perguntou-lhe:

"Onde estão as tuas posses?"

"Nós temos uma casa em outro lugar, e nós enviamos todos os nossos bens para lá", respondeu criticamente o Abu Zarr.

"Mas, será que não precisas das coisas, desde que estás vivendo nesta casa?" perguntou o homem, que se havia conscientizado de que o Abu Zar queria dizer que o seu lar real era a Outra Vida.

" O Senhorio não irá permitir que moremos lá", respondeu o Abu Zarr.

Uma ocasião o governador de Damasco enviou para o Abu Zarr trezentos dinares para que ele cuidasse das suas necessidades, e Abu Zarr os mandou de volta, dizendo que deveria haver alguém que realmente os necessitasse mais que ele, pois ele não os necessitava.

No ano 32 da Hégira, a morte finalmente desceu sobre esse piedoso asceta, de quem o abençoado Profeta havia dito:

"Um homem mais fidedigno do que o Abu Zarr jamais caminhou na face da terra!"

CAPÍTULO 17

Adi b. Hátim al Tai

"Vós acreditastes, sendo que eles não; conscientizastes-vos da verdade, sendo que eles a negaram; conservastes vossas palavras, sendo que eles foram traidores; e vós avançastes, sendo que eles fugiram" (tirado duma citação de Ômar b. al Khattab).

No nono ano da Hégira, o Islam se tornou a opção de um dos reis dos árabes, após ele o ter rejeitado. Seu coração se abriu para a fé, após ter passado um longo tempo evitando-a e resistindo-a, até que declarou sua obediência ao Mensageiro de Deus (S). Trata-se de Adi, filho de Hátim al Tai, que era famoso por sua generosidade.

Adi herdou a liderança do seu pai, sendo que as tribos de Tai fizeram-no rei, concedendo-lhe o direito de um quarto das pilhagens que açambarcavam nas incursões e nas batalhas, e dando-lhe autoridade sobre elas.

Quando o Mensageiro de Deus (S) proclamou o chamamento para a diretriz e a verdade, e muitas tribos árabes aceitaram o Islam, Adi viu naquilo uma ameaça; temia que o prestígio de Mohammad (S) sobrepujasse o seu próprio prestígio, e que a liderança e autoridade do Profeta fossem pôr um fim às dele. Então ele se opôs ferrenhamente ao Mensageiro de Deus (S), passando a odiá-lo amargamente, embora nunca o tivesse visto. Sua hostilidade quanto ao Islam continuou por quase vinte anos, até que Deus lhe abriu o coração para a diretriz e a verdade.

A estória de como o Adi b. Hátim aceitou o Islam ficou indelével na memória, preservada que foi nos livros de estória, com as palavras do próprio Adi. Uma vez que foi ele quem viveu a experiência, contá-la-emos como ele a narrou:

A história de Adi

Quando eu ouvi coisas acerca do Mensageiro de Deus, ninguém, em toda a Arábia, o odiou mais do que eu. Eu era considerado como um da nabreza, um cristão, e era-me dado um quarto de todos os despojos açambarcados pelo meu povo, assim como a outros reis era dado. De sorte que odiei o Profeta desde o momento em que ouvi falar dele.

Conforme sua importância e seu poder aumentavam, e quando seus exércitos e patrulheiros começaram chegar a todos os quadrantes da Arábia, eu disse para um dos meus escravos que era responsável pelo pastoreamento dos meus camelos:

"Ó tu, criatura incomparável, junta algumas das mais sadias camelas, que sejam fácil de se lidar, e mantém-nas amarradas perto da minha tenda. Se souberes que um exército ou um batalhão de Mohammad entrou nesta parte do país, notifica-me!"

Numa manhã, o escravo veio a mim, e me disse:

"Amo meu, chegou a hora de executares o teu plano, se é que planejas fazer algo quando os exércitos de Mohammad entrarem nas tuas terras."

"Que tua mãe te perca!", exclamei, "por que?"

Ele respondeu:

"Eu vi bandeiras serem carregadas por todos os lugares, hoje, e perguntei sobre elas. Disseram-me que eram bandeiras dos exércitos de Mohammad."

Ordenei-lhe que preparasse as camelas de montaria que havia selecionado, e que as levasse até mim. Então eu reuni minha família e meus parentes, e lhes disse que iríamos abandonar as nossas amadas terras-natais. Pusemos-nos a caminho, viajando rapidamente em direção à Síria, onde planejava juntar-me aos meus correligionários cristãos.

Na pressa, esquecera-me de contar todos os meus achegados. Logo que estávamos fora de perigo, fui para o meio deles, e constatei que havia deixado uma irmã para trás. Ela ficara em Najd, nossa terra-natal, juntamente com os membros da tribo de Tai, que ficara, e não havia meios de voltarmos para a apanhar.

Nada havia que eu pudesse fazer a não ser continuar indo para a Síria com a minha família, onde iria ficar com meus companheiros cristãos. Quanto à minha irmã, temia que o prior lhe acontecesse, e não demorou muito para eu saber qual foi o seu destino.

Uma vez na Síria, as notícias chegaram a mim, dizendo que os exércitos

de Mohammad haviam vasculhado as nossas terras, e que a minha irmã tinha sido levada como escrava para Yaçrib. Aí, ela foi posta num grande pátio cercado, defronte ao portão da mesquita, juntamente com outras mulheres que haviam sido capturadas. Quando o Profeta (S) passou por ali, ela se dirigiu a ele, em prantos:

"Ó Mensageiro de Deus, meu pai está morto, e meu protetor foi embora. Sê bondoso para comigo, e quem sabe Deus será para bodoso contigo!"

"E quem é o teu protetor?" perguntou o Profeta.

"Adi b. Hátim", ela respondeu.

"Ah, aquele que fugiu de Deus e do Seu Mensageiro?"

Assim dizendo, o abençoado Profeta a deixou, e continuou no seu caminho.

No dia seguinte, quando o abençoado Profeta passou por ali, ele se dirigiu a ele, pedindo-lhe que a soltasse, e ele deu a mesma resposta.

No terceiro dia, quando ele estava passando, ela havia desistido de pedir, e nada disse. Um homem que estava atrás do Profeta fez sinal a ela que se levantasse e falasse com ele; ela se levantou e se dirigiu a ele, dizendo:

"Ó Mensageiro de Deus, meu pai está morto, e meu protetor foi embora. Sê bondoso para comigo, e quem sabe Deus será bondoso para contigo!"

"Concedo-te o teu pedido", ele respondeu.

"Desejo juntar-me à minha família, na Síria", ela pediu.

"Não tenhas pressa em partir, até que possas encontrar alguém do teu povo em quem possas confiar, para te escoltar a salvo até à Síria. Se encontrares alguém em quem possas confiar, faze-me saber", disse o Profeta.

Depois que ele passou, ela perguntou sobre o homem que tinha feito sinal para que ela falasse com o Profeta, e contaram-lhe que fora o Áli b. Abi Talib (que Deus esteja comprazido com ele).

Ela permaneceu em Madina até que um grupo de viajantes que ela sabia que era de respeito passou pela cidade. Ela foi ter com o abençoado Profeta, e lhe disse:

"Ó Mensageiro de Deus, chegou um grupo de indivíduos da minha tribo. Eu confio neles e sei que são capazes de me escoltar até ao meu povo."

O abençoado Profeta ordenou que ela fosse provida de roupa, e deu a ela, como presente, um camelo de montaria, e algum dinheiro para cobrir

as despesas, e ela partiu com os viajantes. Enquanto isso, nós estávamos ansiosos esperando qualquer ponta de notícia que pudéssemos obter sobre ela. De sorte que esperamos a chegada dela, mal acreditando na informação que recebêramos do seu lance com o abençoado Profeta, de toda a bondade dele para com ela, depois de todo o meu procedimento para com ele.

Eu estava sentado com minha família, um dia, quando vi um camelo portando uma liteira para senhoras, que vinha em nossa direção. Exclamei:

"Ó filha de Hátim!" era deveras a minha irmã.

Foi ela que começou a falar, quando desmontou, dizendo:

"Maldoso é aquele que abandona seus familiares! Tu partiste com tuas esposas e teus filhos, deixando desprotegida a progênie do teu pai, tua honra!"

"Ora, irmã, digamos apenas que tudo saiu bem", eu disse, e continuei a abrandar a sua raiva, até que ela ficou calma, e foi capaz de contar-nos a sua estória. Os rumores que haviam chegado até a nós eram todos verdadeiros. Ela era uma mulhar inteligente e independente, por isso lhe perguntei:

"Que achas tu desse homem" (referindo-se ao nobre Profeta)?

"Acho que tu deverias juntar-te a ele", ela disse, "porque ele é um profeta; aqueles que de pronto acreditam nele são os mais virtuosos. E mesmo que ele fosse um rei, tu não irias ser aviltado por ele, pois tu és quem tu és."

Então eu preparei minhas provisões, e viajei até que cheguei ao Mensageiro de Deus, em Madina, sem nenhuma garantia de clemência da parte dele. Contudo, eu ouvira um rumor de que o Profeta havia dito:

"Gostaria que o Adi pusesse sua mão sobre a minha em aliança ao Islam!"

Fui à mesquita, e o saudei, ao que ele me perguntou quem eu era. Disse que era Adi b. Hátim, ao que ele se levantou, pegou-me pela mão e me levou para sua casa. Ele foi parado, no caminho para sua casa, por uma senhora idosa, em companhia duma criancinha. Ela lhe falou sobre algo de que ela necessitava, e ele não a deixou, até que tivesse o pedido dela atendido. Eu fiquei ali, esperando, e pensei:

"Por Deus, este homem não é um rei!"

Mais uma vez ele me pegou pela mão, e fomos andando até que chegamos a sua casa. Aí ele pegou uma almofada de couro, enchida com fibras de palmeira, colocou-a no chão, e disse:

"Senta-te nisto aqui!"

Eu fiquei embaraçado, e disse:

"Não, tu és quem deve sentar nisso aí."

Já que ele tanto insistiu, eu concordei e me sentei na almofada, enquanto ele se sentou no chão limpo, pois não havia nada na casa em que se sentar. Eu pensei:

"Não é assim que um rei vive!"

O Profeta iniciou a conversa, dizendo:

"Bom, tu não és aquele que tem estado oscilante entre a religião cristã e a sabéia?"

"Sim, sou eu mesmo", respondi.

"E tu não tens tomado do teu povo um quarto da sua renda, coisa que não é permitida na vossa religião?" ele perguntou.

"Sim, tenho", eu admiti e, naquele ponto eu me conscientizei de que ele era um profeta enviado por Deus.

Então ele disse:

"Ó Adi, o que tem evitado que te juntes a esta religião é o estado de carência e de pobreza em que vivem os muçulmanos. Por Deus, logo virá o tempo em que tanta riqueza há de chegar a esta comunidade, que não haverá quem vá receber caridade. E talvez o que tem evitado que te juntes a esta religião seja o fato de que sejamos poucos, numericamente, ao passo que os nossos inimigos são muitos; juro por Deus que logo virá o tempo em que uma mulher, sozinha, irá ser capaz de viajar, de Al Cadisiya, no seu camelo, até Makka, sem temer a ninguém, a não ser Deus. Ou talvez o que tem evitado que te juntes a esta religião seja o fato de que não temos poder, e tão somente os não muçulmanos sejam reis e príncipes. Pois eu prometo, em nome de Deus, que tempo virá quando tu hás de ouvir que os palácios suntuosos de Babel foram tomados pelos muçulmanos, e que os tesouros de Cosroé b. Hormuz[1] passaram a ser deles."

"Os tesouros de Cosroé[1]?" exclamei.

"Sim, os tesouros de Cosroé", disse ele.

Naquele ponto eu proferi o testemunho da verdade, e entrei para o Islam.

Na minha avançada idade, eu vi duas das predições do abençoado Profeta tornarem-se realidade, e juro que a terceira está para acontecer. Tenho visto os muçulmanos viverem em segurança tal, que uma mulher pode viajar com segurança e sem escolta, de Al Qadisiyah até Makka. E

1. Cosroé – o rei da Pérsia.

eu formei a primeira linha de cavaleiros que invadiram as terras de Cosroé, e lhe tomei as riquezas; e, por essa razão, eu juro que a terceira predição irá tornar-se realidade.

Este é o fim da estória do Adi b. Hátim. Ele viveu um longo tempo, mas a terceira predição aconteceu depois da sua morte. No tempo da autoridade do califa Ômar b. Abdal al Aziz, o governante piedoso e ascético, a coisa aconteceu tal qual o abençoado Profeta havia predito: a riqueza da comunidade era tanta, que um oficial do tesouro ia para as ruas chamando as pessoas necessitadas para que fossem receber o *zakat*, e ninguém se apresentava.

O Profeta (S) falara a verdade.

E o juramento do Adi b. Hátim fora verdadeiro.

CAPÍTULO 18

Abdullah b. Ummu Maktum

"Benvindo seja aquele em cujo favor o meu Senhor me repreendeu." Dito pelo abençoado Profeta a Ibn Umm Maktum.

Quem foi aquela pessoa em cujo favor o abençoado Profeta foi repreendido pelo Próprio Deus? Em seu favor, o Anjo Gabriel desceu, pela ordem de Deus, do mais elevado Céu, trazendo consigo uma revelação para o abençoado Profeta, revelação essa contendo uma severa repreensão. Tal pessoa foi Abdullah b. Ummu Maktum, o *muazin*[1] do abençoado Profeta.

Abdullah b. Ummu Maktum era mequense, da tribo Coraixta, e um parente do abençoado Profeta, pois era primo em primeiro grau da Mãe dos Crentes, Khadija bint Khuwailid (que Deus esteja aprazido com ela). O nome do pai dele era Cais b. Zaid, e o nome da mãe era Átika bint Abdullah, mas foi-lhe dado o matronímico de Ummu Maktum (mãe do que está na escuridão) quando deu à luz seu filho Abdullah, que era cego de nascença.

Ibn Ummu Maktum (literalmente: filho da mãe do cego) testemunhou o despertar do Islam em Makka, e Deus inclinou o seu coração para a fé; assim, ele foi um dos primeiros a se declarar muçulmano. Compartilhou com os muçulmanos as atribulações destes, em Makka, e suportou com firmeza todos os sacrifícios pelos quais tinham que passar.

O fato de que era cego não fazia diferença alguma para os pagãos do Coraix, que o perseguiam com o mesmo espírito venenoso com que tratavam todos aqueles que aceitavam o Islam. A despeito disso, sua fé na e dedicação quanto à sua religião iam aumentando. Tornava-se cada vez mais profundamente apegado à religião de Deus e ao Seu Livro, sendo que o conhecimento do Islam tornou-se a sua meta, na vida.

---

1. *Muazin* – almuazen ou muezim, pessoa que profere o chamamento islâmico para as orações.

Sua devoção ao abençoado Profeta, e seu entusiasmo por aprender o Alcorão, chegavam a tal ponto, que nunca deixava escapar uma chance de pedir ao Profeta (S) que o ensinasse. Ocasionalmente, ele não apenas tomava parte do tempo do abençoado Profeta, mas de outros também.

Naquele estágio da sua missão, o abençoado Profeta precisava de tempo para escrever aos chefes do Coraix; estava ansioso por convencê-los a aceitarem o Islam. Num dia, ele se encontrou com Utba b. Rabi'a, com o irmão deste, Chaiba b. Rabi'a, com Amr b. Hicham (Abu Jahl), com Umaiya b. Khalaf, e com Al Walid b. Mughira. Ele começou a debater com eles, aliciando-os para a discussão, para que pudessem aprender coisas sobre o Islam. Esperava obter deles uma resposta positiva, ou pelo menos que parassem de causar danos aos crentes.

Enquanto ele estava envolvido naquela discussão, o Abdullah b. Ummu Maktum foi ter com ele, desejando que ele recitasse um versículo do Alcorão.

"Ó Mensageiro de Deus, ensina-me o que Deus te ensinou", ele implorou.

O abençoado Profeta se afastou dele, tendo o rosto a expressar descontentamento, e voltou para o grupo de pessoas com as quais tinha estado conversando. Ele esperava conseguir a aliança deles para o Islam, coisa que iria reforçar a comunidade muçulmana, e dar-lhe prestígio aos olhos dos inimigos.

Ele terminou sua discussão, e apenas tinha tomado o caminho de casa, quando Deus fez com que se anuviasse a sua visão, e ele sentiu uma pontada na cabeça. Então Deus revelou-lhe Suas Palavras:

"**(O profeta) tornou-se austero e voltou as costas,) quando o cego foi ter com ele. E quem te assegura que não poderia vir a ser agraciado, ou receber (admoestação) e, a lição lhe seria proveitosa?) Quanto ao que se tem como auto-suficiente,) tu o atendes. Não tens culpa se ele não cresceu (em conhecimentos espirituais). Porém, quem acorreu a ti, e é temente, tu o negligenciaste! Não! Em verdade, (o Alcorão) é uma mensagem de advertência. Quem quiser, pois, que guarde na lembrança. (Está registrado) em páginas honoráveis, exaltadas, purificadas, por mãos de escribas, nobres e piedosos**." (80:1-16)

Esses são dezesseis versículos do Sagrado Alcorão, trazidos pelo Anjo Gabriel e ensinados ao abençoado Profeta. São dezesseis versículos, todos relacionados com o Ibn Ummu Maktum, os quais têm sido recitados por

incontáveis muçulmanos, desde aquele dia, até aos nossos tempos. Eles continuarão a ser recitados até ao final dos tempos, quando Deus irá herdar a terra, com tudo que nela está.

Do dia daquela revelação em diante, o abençoado Profeta passou a honrar o Ibn Ummu Maktum, a dar-lhe o melhor assento, se o fosse visitar, e a atender-lhe as necessidades. Isso não é causa para espanto, pois o Próprio Deus havia repreendido o abençoado Profeta pelo seu tratamento dispensado ao Ibn Ummu Maktum.

Quando a perseguição que os Coraixtas estavam infligindo aos muçulmanos atingiu o seu auge, o abençoado Profeta anunciou que Deus lhes havia ordenado empreenderem a hégira. Ibn Ummu Maktum foi a primeira pessoa a ajudar a comunidade a dar aquele passo, pois foi para Yaçrib juntamente com Mussab b. Umayr, outro companheiro do abençoado Profeta. Quando chegaram à cidade, andaram por todo lado, recitando o Alcorão e orientando as pessoas acerca do Islam. Foram eles que conseguiram os primeiros convertidos do local, que eventualmente convidaram o Profeta (S) e os crentes a empreenderem a hégira para a cidade deles, que conhecemos como Madina.

Quando o abençoado Profeta se estabeleceu em Madina, escolheu o Abdullah b. Ummu Maktum e o Bilal b. Rabah para fazerem o chamamento à orações. Eles conclamavam a todos para a profissão de fé, cinco vezes ao dia, chamando os fiéis à oração, para as boas ações, e os encorajavam a procurar o sucesso por meio da adoração.

Revezavam-se, recitando, um, o *azan* (chamamento para a oração), e o outro, o *icáma*. (o erguer-se para a oração) Durante o mês de Ramadan, o povo de Madina acordava para a sua refeição da pré-madrugada com a voz de um deles, e parava de comer, observando o jejum que começava quando o outro proferia o chamamento. Bilal acordava as pessoas à noite para as orações, e o Ibn Umm Maktum esperava a oração da madrugada, jamais deixando do fazê-lo.

O abençoado Profeta tinha o Ibn Ummu Maktum em tamanha alta estima, que o deixava encarregado dos assuntos de Madina quando necessitava fazer uma viagem. Uma dessas ocasiões foi quando os muçulmanos retomaram Makka.

Após a batalha de Badr, Deus revelou versículos do Alcorão ao abençoado Profeta, nos quais Ele falou acerca dos combatentes (*mujahidun*). Deus disse que aqueles que iam para a guerra (*jihad*) tinham um *status* mais elevado aos Seus olhos do que aqueles que

ficassem para trás. A intenção da revelação era encorajar as pessoas a empreenderem o *jihad* e não ficarem em casa. O efeito desses veresículos sobre o Ibn Umm Maktum foi tal, que ele se viu privado da chance de participar do mérito da batalha. Foi ter com o abençoado Profeta, e disse:

"Ó Mensageiro de Deus, se eu fosse capaz, iria empreender o *jihad*!" Depois começou a dirigir súplicas a Deus, orando sinceramente para que Ele revelasse um versículo (*aya*) sobre o embaraço dele e daqueles como ele, dizendo:

"Ó Deus, Revela algo dizendo que eu estou excluído!"

Não demorou muito para que Deus respondesse as suas súplicas. Aconteceu que o abençoado Profeta estava sentado com o seu escriba, o Zaid b. Çabit, quando um torpor desceu sobre o Profeta (S). Uma das suas pernas caiu sobre a perna do Zaid que, mais tarde, disse que parecia mais pesada que uma rocha. Então o Profeta (S) voltou ao estado normal, e disse para o Zaid escrever:

"Os Crentes que ficam para trás não são do mesmo quilate daqueles que empreendem o *jihad* em prol de Deus..."

O Ibn Umm Maktum ficou de pé, e disse:

"Ó Mensageiro de Deus, e quanto àqueles que são incapazes de empreender o *jihad*?"

Ele mal havia terminado a pergunta, e o estado de transe voltou ao abençoado Profeta; e quando passou, ele pediu para o Zaid que lesse o que havia sido escrito, e ele leu:

"Os Crentes que ficarem para trás..." depois do que o Profeta disse:

"Acresceta isto: 'e que não tiverem desculpas...'"

O desejo de Ibn Umm Maktum foi satisfeito por Deus, Que o livrou, bem como àqueles como ele, da culpa de não empreenderem o *jihad*. A despeito disso, sua ambição de ser prazeroso aos olhos de Deus não lhe permitia estar contente com o ficar em casa. Ele resolveu empreender o *jihad*, por causa do seu nobre espírito que só podia ser satisfeito com ações nobres. Daquele dia em diante, ele decidiu jamais estar ausente duma batalha, e até planejava o seu papel nela. Escolheu postar-se entre as fileiras, segurando o estandarte dos muçulmanos. Ele dizia:

"Segurá-la-ei e a manterei no lugar para vós, pois sou cego e sem capacidade para fugir."

No 14º ano da hégira, o Ômar b. al Khattab planejava integrar os

pagãos persas no país deles, e deixar esse país em aberto para os pregadores do Islam. Ele escreveu para os seus governadores, em todas as regiões:

"Enviai-me qualquer um e todos que tenham uma montaria, armadura ou arma, e apressai-vos!" Voluntários muçulmanos acorreram para Madina vindos de todos os quadrantes do Estado, sendo que um deles foi o Abdullah b. Umm Maktum.

O Al faruq Ômar deu ao Sad b. Waccas o comando do exército, e se despediu dele.

Quando o exército chegou a Al Cadisiya, o Abdullah b. Ummu Maktum deu um passo à frente, usando uma vetimenta de armadura, e portando toda uma parafernália de armas. Tomou a seu encargo a tarefa de segurar o estandarte dos muçulmanos, e o proteger até à morte.

Os dois exércitos se entrechocaram ferozmente por três cruéis dias. A batalha foi a mais cruenta do que qualquer outra jamais testemunhada pela história. O terceiro dia revelou que Deus havia concedido aos muçulmanos uma estonteante vitória, e que o mais poderoso império do mundo havia sido derrubado. A mais longa linha de imperadores a governarem a terra tinha chegado ao fim e, com eles, a idolatria tinha chegado ao fim. O estandarte da crença num Único Deus foi erguido, para assim permanecer até ao final dos tempos.

O custo dessa vitória foi de centenas de mártires. Entre eles estava o Ibn Umm Maktum, que foi encontrado no campo de batalha, coberto de sangue, apertando contra o peito o estandarte do Islam.

CAPÍTULO 19

Majza'a b. Sawr al Sadusi

"Majza'a b. Sawr foi um corajoso cavaleiro que derrotou uma centena de pagãos em duelos, sem contarmos os que ele matou em batalha."

(Os historiadores)

Os intrépidos heróis dos exércitos de Deus sacudiram de si a poeira da batalha de Al Cadisiya, jubilosos com a vitória que lhes fora concedida por Deus. Invejavam os irmãos (no Islam) martirizados, por causa das recompensas que de Deus iriam receber, e anelavam por outra batalha que fosse rivalizar à de Al Cadisiya, em esplendor.

Esperavam uma ordem que viesse de Ômar b. al Khattab, o califa do abençoado Profeta (S), para que dessem continuidade ao *jihad*, até que arrebatassem de Cosroé o trono. A ansiedade daqueles abençoados soldados não foi em vão, pois não passou muito tempo para que um mensageiro do califa chegasse a Kufa. Trazia consigo uma ordem de Al Faruk[1] dirigida ao governador Abu Mussa al Achari, para que dirigisse seus soldados a um local onde iriam juntar-se às forças muçulmanas de Al Basra. Iriam sair juntos para Al Ahwaz, onde iriam perseguir e subjugar a Hormuzan, líder das foças persas pagãs. Iriam também libertar a cidade de Tustar, a jóia mais brilhante da coroa imperial da Pérsia.

A mensagem enviada pelo califa para o Abu Mussa continha ainda uma ordem específica para que as forças incluíssem o intrépido cavaleiro Majza'a b. Sawr al Sadusi, o inconteste comandante da tribo de Bakr.

Abu Mussa agiu de acordo com a ordem do Emir dos Crentes, e preparou seu exército, colocando o Majza'a b. Sawr al Sadusi ao seu lado esquerdo. Ele juntou saus forças com as forças vindas de Al Basra e, juntos, saíram para lutar por suas crenças. Libertaram uma cidade após a outra, escurraçando o inimigo das suas fortalezas. O Hormuzan fugiu

1. Al Faruk – Aquele que sabia distinguir entre a verdade e a falsidade – um título honorificante dado a Ômar b. al Khattab (que Deus esteja aprazido com ele).

antes deles, procurando refúgio num lugar após outro, até que chegou a Tustar. Aí procurou abrigo junto às suas forças.

Tustar era a mais linda das cidades da Pérsia, com um clima adorável e consistentes fortificações para a protegerem. Era o centro da civilização, que tinha sido contruída havia muitos séculos, e habitada dese os tempos mais remotos. Fora constrída num morro alongado que paracia o corpo dum cavalo. No sopé do morro estava a ravina Dujayal, que abastecia de água a cidade. A água era bombeada para cima, a um reservatório com um chafariz, tudo isso construído pelo imperador Sabur. Aquela maravilhosa construção foi feita com pedras enormes e bem unidas, reforçadas por fortes pilares de ferro, sendo que os canos do reservatório eram alinhados com chumbo.

Rodeando toda a cidade de Tustar havia uma muralha alta e espessa. Dizem os historiadores ser ela a primeira e maior muralha a ser erigida em torno da cidade. Do lado de fora da muralha, Hormuzan ordenou que uma larga trincheira fosse cavada. Não era um obstáculo fácil de ser transposto e, atrás dela, se postava o fino dos exércitos da Pérsia.

As forças muçulmanas sitiaram a cidade de Tustar, acampando, por dezoito meses, do lado externo da tricheira. Durante esse tempo, engajaram-se em oitenta batalhas com as forças persas. Cada batalha começava com duelos entre cavaleiros das duas forças, antes que se transformassem em sangranto entrevero.

Majza'a b. Sawr provou sua coragem nesses duelos, surpreendendo tanto a seus compatriotas como a seus inimigos. Ele matou uma centena de cavaleiros inimigos em duelos, sendo que a simples menção do seu nome causava terror nas fileiras persas, assim como inspirava osgulho e fidalguia entre os muçulmanos. Por causa dos seus feitos, mesmo aqueles que nunca antes tinham ouvido falar de Majza'a ficaram sabendo porque o califa fora tão insistente quanto à sua presença no exército, na prática do *jihad*.

Durante a última das oitenta batalhas, os muçulmanos atacaram tão ferozmente, que os persas foram forçados a abandonar as pontes sobre suas trincheiras, e procurar abrigo atrás das inexpugnáveis muralhas das suas fortalezas.

Após esse longo período de paciência, os muçulmanos constataram que sua situação se tornara pior. De atrás das muralhas da cidade, os persas arremessavam suas setas por sobre os muçulmanos, que eram um alvo fácil. Faziam ainda descer das muralhas ganchos em brasa presos a

correntes de ferro. Sempre que algum dos soldados muçulmanos tentava escalar a muralha, os persas o apanhavam com os ganchos e o içavam para cima, onde encontrava a morte em atroz agonia.

Confome o desânimo dos muçulmanos crescia, eles oravam a Deus com todo o caração, humildemente implorando que Ele lhes abrandasse as dificuldades e lhes concedesse a vitória sobre seus inimigos, que eram hostis à sua própria crença em Deus. Abu Mussa estacava, de pé, e estudava a enorme muralha de Tustar, na desesperança de encontrar um meio de a transpor. Um dia ele assim permanecia, quando uma flecha foi atirada de cima da muralha e caiu perto dele. Quando a viu, notou que havia um recado atado a ela. O rtecado dizia:

"Creio que posso confiar em vós, muçulmanos. Estou à procura de anistia para mim, minha família, minhas posses, e para aqueles que me seguem. Em troca, irei mostrar-vos uma passagem que vos levará para dentro da cidade."

Abu Mussa escreveu uma promessa de salvaguarda para a pessoa que arremessara a flecha, e a arremessou de volta, do mesmo modo.

O homem escolhera os muçulmanos, por causa da reputação destes quanto à verdade e fidelidade das suas promessas. Ele se esgueirou para fora da cidade, encoberto pela escuridão da noite, foi ter com Abu Mussa, e confiou-lhe os detalhes da sua estória, dizendo:

"Nós somos da nobreza do nosso povo. Porém, Hormuzan matou meu irmão mais velho e se apoderou da sua família e das suas posses. Ele nutre uma aversão tal quanto a mim, que sinto que meus filhos e eu não estamos seguros das suas garras. Eu prefiro a vossa integridade à injustiça dele, e a vossa lealdade à sua traição. Apresenta-me uma pessoa que seja brava e inteligente, e que saiba nadar bem, e eu lhe mostrarei o caminho."

Abu Mussa chamou Majza'a b. Sawr al Sadusi, e lhe contou privativamente os novos desenvolvimentos, e disse:

"Ajuda-me, trazendo a mim um dos teus homens que seja inteligente, determinado e que saiba nadar."

"Permite que **eu** seja esse homem, ó comandante!", disse o Majza'a.

"Se é o que desejas, então vai com as bênçãos de Deus" respondeu o comandante. Então Abu Mussa pediu-lhe que memorizasse o caminho, especialmente onde se encontrava a passagem, que determinasse onde Hormuzan haveria de ser encontrado, que notasse como ele era, e que não iniciasse ato nenhum que despertasse suspeitas.

Na escuridão, o Majza'a b. Sawr saiu com o seu guia persa, que o dirigiu dentro dum tunel subterrâneo que ligava o rio à cidade. Em certos

lugares o tunel era largo o bastante para que ele vadeasse através da água. Em outros, ele era tão estreito, que Majza'a era obrigado a nadar. Em alguns lugares o rio era serpeante, com saídas que iam para fora do tunel principal, ao passo que outros segmentos eram retos e fáceis de serem transpostos. Eles continuaram desse modo, até que atingiram a abertura do tunel que adentrava a cidade. O guia mostrou ao Majza'a o matador do seu irmão, o general Hormuzan, e o local onde ele se refugiava.

Assim que Majza'a viu o general inimigo, sua primeira reação manifestou-se num impulso de atirar uma flecha e acabar com ele. Mas imediatamente lembrou-se da ordem dada por Abu Mussa de não iniciar nenhuma ação. Ele controlou a sua exuberância, reprimiu-se e, silenciosamente, voltou para o acampamento muçulmano antes do romper da aurora.

Abu Mussa selecionou trezentos dos mais bravos soldados muçulmanos que possuíam grandes resistências e habilidades natatórias. Deu-lhes como comandante o Majza'a, deles se despediu, dando-lhes suas ordens. Eles concordaram com que o brado *Allahu akbar* (Deus é grande!) iria ser o sinal para que as forças muçulmanas atacassem a cidade.

Majza'a ordenou que seus homens se vestissem o mais sumariamente possível, para que a água não fizesse peso em suas vestes, e não os obstruísse, e avisou-os que nada carregassem além das suas espadas, que amarravam contra seus corpos por sob as vestes. Eles iniciaram sua missão cedo à noite, após ter escurecido.

Majza'a b. Sawr e seus corajosos soldados passaram duas horas debatendo-se contra os obstáculos do perigoso tunel; e algumas vezes alguns deles sucumbiam, pois quando Majza'a alcançou a saída para a cidade, constatou que o tunel havia engolido duzentos e vinte dos seus homens, restando apenas oitenta.

Tão logo estavam de todo seguros em terra seca, puxaram das espadas, caíram sobre os guardas e, silenciosamente, os mataram. Abriram os portões, entonando o brado *Allahu akbar*! Como resposta, veio o brado dos seus irmãos muçulmanos que estavam do lado de fora.

De madrugada, os soldados muçulmanos enxamearam para dentro da cidade. A batalha que teve lugar entre eles e os inimigos de Deus foi uma das mais ferozes e sangrentas de toda a história. Em meio à briga, o Majza'a b. Sawr divisou a Hormuzan, e correu ao encontro dele, com a espada em riste. O general ficou rapidamente misturado às fieliras, e foi perdido de vista. Uns momentos depois, Majza'a novamente o viu, e encetou uma carga contra ele.

Majza'a e Hormuzan se entrelaçaram com as espadas. Cada qual queria desfechar o golpe mortal; a espada de Majza'a errou o alvo, ao passo que a de Hormuzan acertou-o. O intrépido e heróico cavaleiro caiu mortalmente ao solo, satisfeito com o que Deus lhe permitira que conseguisse. A força muçulmana continuou a lutar, até que Deus lhes concedeu a vitória; trouxeram cativo a Hormuzan.

Os portadores das boas-novas da vitória dirigiram-se a Madina para encontrarem-se com o califa Al Faruk. Consigo portavam o cativo Hormuzan, sua coroa encrustrada de gemas e sua capa de brocado de ouro, para que o califa os pudesse ver. Portavam também suas condolências ao califa pela perda do seu cavaleiro campeão, o Majza'a b. Sawr.

CAPÍTULO 20

Usaid b. al Hudhair

"**Aqueles eram os anjos que te estavam ouvindo, ó Usaid**."
(Dito pelo Profeta (S) a Usaid)

Na primeiríssima expedição missionária, Musab b. Umair foi à cidade de Yaçrib[1] Ele permaneceu na casa de Assad b. Zurara, um dos nobres da tribo de Al Khazraj[2]; ele usou a casa do seu hospedeiro como um centro para a chamada do povo para Deus, e informou-os quanto à abençoada missão do Profeta Mohammad (S).

As pessoas jovens de Yaçrib formavam uma audiência ávida quanto ao moço Musab b. Umair. Encontravam nele muita coisa que era interessante: a doçura do seu discurso, a clareza das suas discussões, suas maneiras gentis, e a qualidade luminosa que a sua fé imprimia em seu formoso rosto.

O que atraía mais fortemente as pessoas, mais que tudo, era o Alcorão, que Musab lhes recitava de tempos em tempos. Com sua voz maviosa e expressiva, ele recitava os versículos sagrados da revelação, resultando que as pessoas que eram costumeiramente indiferentes eram tomadas pela emoção; as lágrimas fluíam, e nenhuma simples assembléia terminava sem que as pessoas dessem um passo à frente e declarassem sua adesão ao Islam, juntando-se às hostes dos crentes.

Um dia, Asad b. Zurara saiu com o seu convidado, Musab b. Umair, para que pudessem encontrar-se com um grupo de indivíduos do clã de Abd al Achhal e os convidar ao Islam. Entraram num pomar que pertencia ao clã, e se sentaram próximo a um poço cintilante, sob as sombras das tamareiras.

---

1. Yaçrib – o nome pré-islâmico dado à cidade de Madina.

2. Al Khazraj – uma das duas tribos árabes que viviam em Yaçrib antes da chegada do Islam.

Logo Musab foi rodeado por um grupo de pessoas, algumas das quais já haviam aceitado o Islam, e algumas das quais queriam meramente ouvir falar sobre ele. Musab começou a falar, descrevendo as benesses da fé que lhes era apresentada. A audiência o ouviu com total atanção, enlevadas com o brilho do que ele dizia.

Aconteceu que enquanto aquela assembléia estava tendo lugar, alguém levou notícias dela para Usaid b. al Hudhair e Saad b. Moaz. Estes eram dois dos chefes da tribo de Al Aws[3], e seu informante lhes disse que Asad b. Zurara havia incitado a Musab a levar sua pregação praticamente às suas portas.

"Não há ninguém como tu, ó Usaid", disse Sad, "portanto vem comigo, e iremos ter com este jovem makkense. Ele veio para impingir idéias aos nossos subalternos, e para zombar das nossas deidades. Vem, escurraça-o, e dize-lhe que não ponha os pés nos nossos lares novamente. Se ele não fosse um convidado do meu primo Asad b. Zurara – e sob a sua proteção –, teria já feito alguma coisa quanto a ele, e poupado a ti o contratempo."

Usaid pegou da sua lança e dirigiu-se para o pomar. Quando Asad b. Zurara o viu aproximando-se, disse:

"Cuidado, Musab! O homem é o chefe do seu povo, com a mais salutar das mentes e com a maior integridade. Seu nome é Usaid b. Hudhair. Se ele aceitar o Islam, muitas pessoas irão seguir o seu gesto. Convida-o ao Islam duma maneira que agrade a Deus. Faze o melhor que puderes para convencer a Usaid."

Usaid permaneceu de pé perante a assembléia, e olhava por cima para Musab e seu companheiro. Então ele falou, dizendo:

"Que vos trouxe aos nossos domínios, e quem vos impingiu ambições entre os nossos subalternos? Saí já desta área se valorizais vossas vidas!"

Musab voltou seu luminoso rosto para Usaid e, em seu sincero e atraente estilo, respondeu-lhe, dizendo:

"Posso apresentar algo melhor do que isso para um homem que é o chefe do seu povo?"

"De que se trata?", perguntou Usaid.

"Senta-te conosco e ouve-nos", disse Musab, "e se gostares do que temos para dizer, poderás aceitá-lo. Se não o achares do teu agrado, nós partiremos e não mais vos aborreceremos."

---

3. Al Aws – outra tribo que vivia em Yaçrib.

"O que tu sugeres é justo", disse Usaid. Enfiando a ponta da sua no solo, para que ficasse de pé – como para lembrar a todos que havia vindo com intenções histis –, ele se sentou. Musab dedicou a Usaid toda a sua atenção, explicando a ele as verdades ensinadas pelo Islam; então recitou para ele uma parte do Alcorão. Usaid reagia favoravelmente, e sua expressão ia-se tornando cada vez mais concordante, até que exclamou:

"Quão belo é tudo isso que disseste, e que coisa gloriosa é essa tua recitação! O que deverei fazer se quiser tornar-me muçulmano?"

"Terás que banhar-te e purificar tuas vestes", disse Musab, "e depois deverás testificar que não há deus a não ser Deus, e que Mohammad (S) é o Mensageiro de Deus. Depois deverás fazer duas *rakát* (inclinações)."

Usay foi até ao poço, fez a ablução com a água, testificou que não havia outra divindade além de Deus, e que Mohammad era o Mensageiro de Deus. Por fim, orou dois *rakát*, tornando-se assim, daquele dia em diante, um membro das fileiras dos crentes, em adição a ser um dos mais famosos cavaleiros dentre os árabes e um renomado chefe da tribo dos Al Aws.

Seu próprio povo o apelidou de "o perfeito", por cusa da sua mente sadia, sua origem nobre, e pelo fato de que ele era um mestre na pena (caneta), bem como na espada. Em adição à sua perícia como cavalariano e arqueiro, ele era alfabetizado, numa sociedade em que o saber ler e escrever era uma rara habilidade. Por causa da sua aceitação do Islam, seu amigo Saad b. Muadh também se tornou muçulmano; e, devido exemplo demonstrado pelos dois, muitas pessoas da tribo dos Al Aws entraram para o Islam. Como resultado, sua cidade, Yaçrib, tornou-se o lugar onde o abençoado Profeta e os crentes fizeram sua histórica migração – a Hégira. Yaçtrib tornou-se Madina, o refúgio dos crentes e a base para o grande império do Islam.

A partir da hora em que Usaid b. Hudhair ouviu pela primeira vez o Alcorão, recitado por Musab b. Umair, ele o amou profundamente. Ele ficou tão ávido quanto ao Alcorão, como se este fosse água fresca e cristalina, e ele estivesse a morrer de sede. Quando ele não estava engajado em *jihad*, lutando por suas crenças, era sempre visto a estudar e recitar a Escritura. Tinha uma voz melodiosa, dicção perfeita e um brilhante estilo de leitura. Nada havia de que ele gostasse mais do que recitar o Alcorão na calada da noite, quando as pessoas estavam dormindo e as almas estavam tranquilas.

Os honoráveis Companheiros procuravam oportunidades de lhe ouvirem a recitação, disputando uns com os outros quem o iria ouvir

com mais frequência. Os que tinham a felicidade de ouvi-lo ouviam a recitação tão perfeitamente como quando o Alcorão foi revelado ao Profeta Mohammad (S).

Sem ser do conhecimento de Usaid e dos Companheiros, havia outras pessoas que também tinham prazer em ouvir a recitação de Usaid.

Numa noite, Usaid estava sentado no quintal de trás da sua casa, tendo seu filho Yahya a dormir perto dele[4]. Não longe dali, ele havia amarrado o seu cavalo de guerra, que ele mantinha preparado para o *jihad* pela a causa de Deus. A noite era calma e tranquila, com um céu claro no qual as estrelas pareciam observar a terra dormente, com a afeição de uma mãe para com seu filho. De súbito, Usaid sentiu uma vontade de realçar a beleza da noite com os sons do Alcorão; e sua melodiosa voz começou:

"**Alef, Lam, Mim. Eis o Livro que é indubitavelmente a orientação dos tementes a Allah; que crêem no desconhecido, observam a oração e gastam daquilo com que os agraciamos; que crêem no que te foi revelado (ó Mohammad), no que foi revelado antes de ti e estão cientes da Outra Vida**"[5]

De repente ele ouviu que seu cavalo corcoveava com tanta força, que quase arrebentou suas amarras. Ele parou de recitar, e o cavalo ficou quieto e calmo.

Usaid voltou a recitar:

"São aqueles que seguem a diretriz apresentada por seu Senhor, e serão aqueles que irão alcançar a satisfação plena."

O cavalo começou a coicear mais intensamente do que antes. Usaid ficou silente, e o animal tornou-se novamente calmo. Ele repetiu aquilo por várias vezes; toda vez que ele começava a recitar, o cavalo ficava excitado, e quando ele parava, o animal ficava calmo. Ocorreu a Usaid que o cavalo poderia pisotear o seu filho Yahya, e ele se levantou e acordou o menino. Ao fazer isso, olhou para cima. Lá, no céu, viu uma nuvem que era mais brilhante do que qualquer jamais vista pelo homem. Ela estava juncada do que pareciam ser lanternas, e iluminava o céu em todas as direções. Ele a observava conforme ela se elevava cada vez mais, até que não mais pôde vê-la.

Quando Usaid acordou, pela manhã, foi diretamente ter com o abençoado Profeta (S), e lhe contou o que havia acontecido na noite

---

4. Não era incomum aos árabes dormirem fora da casa nos meses quentes do verão, sendo que essa prática ainda é comum em muitos países árabes.

5. (Alcorão Sagrado, 2:1-4).

anterior. O Profeta (S) lhe disse:

"Aqueles eram os anjos que te ouviam, ó Usaid. Se tu tivesses continuado a ler, eles teriam vindo tão perto, que qualquer um teria sido capaz de os ver."

Em adição ao seu grande amor pelo Livro de Deus, Usaid também desenvolveu um grande amor pelo Mensageiro de Deus (S). Usaid costumava dizer, de si mesmo, que sentia uma grande clareza de espírito e a maior fé quando lia o Alcorão, e quando observava o Mensageiro de Deus (S), e quando o ouvia falar. Ele gostava tanto do Profeta, que o seu maior desejo era ter a oportunidade de o tocar ou de o beijar.

Finalmente foi-lhe dada a oportunidade. Um dia, Usaid estava entretendo os Companheiros com suas estórias humorísticas; o abençoado Profeta (S), todo risonho, cutucou maliciosamente a Usaid. Este, fingindo sentir dor, gritou:

"Tu me machucaste, ó Mensageiro de Deus!"

"Podes vingar-te, e me cutucar também, ó Usaid", disse o abençoado Profeta.

"Mas tu estás usando uma camisa extra, e eu não estava usando camisa quando tu me cutucaste", objetou Usaid.

Então o Mensageiro de Deus (S) levantou a camisa, e Usaid o abraçou; ao invés de o cutucar, ele beijou-lhe a lateral, e disse:

"Ó Mnsageiro de Deus, eu seria capaz de trocar os meus pais por ti. Eu tenho desejado beijar-te desde que te vi, e agora satisfiz o meu desejo."

O Mensageiro de Deus (S) retribuia o amor de Usaid, e sempre lhe lembrava que jamais poderia esquecer que Usaid fora um dos primeiros convertidos ao Islam, que Usaid o havia defendido durante a batalha de Uhud, e que havia recebido sete ferimentos sérios naquela ocasião. O Profeta estava ciente de que Usaid era uma pessoa de linhagem entre o seu povo, e de que poderia contar com ele, caso precisasse de alguém para falar em seu benefício junto ao povo de Usaid.

Usaid relatou a seguinte estória:

"Uma vez eu fui ter com o Mensageiro de Deus, e lhe contei que havia uma família, dentre os Ansares, que era muito pobre, que os cabeças da casa eram mulheres, que não tinham homens adultos que a provesse. O Profeta (S) disse:

"'Chegaste muito tarde, ó Usaid, pois já distribuí todo o dinheiro

destinado à caridade que nos estava disponível. Se souberes de que algo está para ser doado, lembra-me sobre essa família.'

"Logo depois, os despojos da Batalha de Khaibar foram entregues ao Profeta (S). Ele os distribuiu entre os muçulmanos, dando generosamente aos ansares, especialmente à família necessitada. Disse-lhe:

"'Que Deus te recompense bastante, por causa disso, ó Profeta de Deus!'

"'Eu peço que Deus conceda aos ansares a melhor das recompensas, porque desde que eu vos conheço, tendes sido um povo paciente, que nada exigis. Depois que eu morrer, constatarás que outros irão ser mais favorecidos em questões terrenas. Sê paciente, até que me vejas no Paraíso, onde o nosso ponto de encontro irá ser na fonte de Kauçar.'

"Quando o califado[6] passou para o Ômar b. al Khattab (que Deus esteja comprazido com ele), ele dividiu alguns dos bens e algum dinheiro entre os muçulmanos. Enviou uma capa para mim, a qual achei que era muito pequena. Quando eu estava na mesquita, aconteceu de eu ver um jovem coraixita que passava por ali. Ele estava usando uma capa comprida, do mesmo tipo da que Ômar me havia enviado. Era tão comprida, que chegava a arrastar no chão; então lembrei-me do que o Profeta (S) me havia dito sobre outros serem mais favorecidos, e mencionei aquilo àqueles que comigo estavam.

"Alguém saiu e foi ter com o Ômar e lhe contou o que eu havia dito; Ômar veio a mim apressadamente enquanto eu estava ainda orando. Ele disse:

"'Termina a tua oração; depois vamos conversar.'

"Quando terminei de orar, ele disse:

"'Que disseste, exatamente?'

"Contei-lhe o que havia visto e o que dissera, e ele disse:

"'Que Deus te perdoe! Enviei aquela capa para um dos ansares que jurou sua fé em 'Acaba, e lutou nas batalhas de Badr e Uhud. O rapaz do Coraix que a está usando comprou-a dele. Achas que eu iria permitir que as predições do Mensageiro de Deus (S) fossem acontecer no meu tempo de vida?' perguntou Ômar.

"'Juro por Deus, eu não esperava que elas fossem acontecer no teu tempo de vida' respondi"

Usaid não viveu por muito tempo, pois foi durante a autoridade de Ômar que Deus o chamou ao Seu lado. Foi descoberto que Usaid morreu

6. califado – a liderança da comunidade.

devendo uma quantia de quatro mil dirhams. Seus herdeiros queriam vender a sua propriedade para pagarem a dívida; mas quando Ômar soube daquilo, disse:

"Não permitirei que os filhos do meu irmão Usaid fiquem pobres e dependentes de outros", e convenceu os credores a aceitarem como pagamento os grãos produzidos pelas terras, coisa que foi avaliada em 1000 dirhams.

CAPÍTULO 21

Abdullah b. Abbás

"Ele é um jovem com condições de liderar homens maduros."
Ômar b. al Khattab.

Esse distinguido Companheiro, Abdullah b. Abbás, foi um homem que adquiriu renome, de todas as maneiras imagináveis. Embora fosse jovem quando o abençoado Profeta (S) vivia, assim mesmo conseguiu ter a honra de aprender com ele, e por isso é considerado um dos Companheiros. Desfrutou ainda da dignidade de ser um membro da família do Profeta (S), de quem era primo em primeiro grau.

Ele sempre foi conhecido pelos muçulmanos como sendo "o erudito da nossa comunidade", porquanto não havia um simples ramo da escolaridade em que ele não fosse uma autoridade. Adicionado a isso, estava a sua profunda religiosidade. Passava seus dias jejuando, e grandes partes das noites orando. Acordava antes da madrugada, quando todos os outros estavam quentinhos e a dormirem confortáveis, e orava para o seu Deus por misericórdia e perdão. Chorava à noite por temor a Deus, sendo que suas faces estavam permanentemente marcadas pelas lágrimas.

Esse era Ibn Abbás, o erudito religioso da comunidade do Profeta Mohammad (S). Era o que tinha mais conhecimento sobre o Alcorão com seus significados, e mais capaz do que qualquer um no tocante a explicar o mais difícil dos versículos.

Ibn Abbás nascera três anos antes da Hégira; então ele tinha apenas treze anos quando o abençoado Profeta morreu. Apesar da sua pouca idade, ele guardou na memória 1.660 dos dizeres do abençoado Profeta (S), os quais foram documentados nas coleções de Al Bukhári e Muslim[1].

1. As coleções são conhecidas como *Sahih Muslim* e *Sahih Bukhari*, e são duas das coleções mais cuidadosamente documentadas e completas do *Haiss* e da tradição islâmica.

Quando ele nasceu, sua mãe o levou imediatamente ao abençoado Profeta. Sem esperar recuperar-se do parto, ou mesmo amamentar a criança, ela o levou ao seu primo, na esperança de que o Profeta (S) proferisse uma oração ou abençoasse o bebê. O Profeta (S), de cuja boca saíra a divina revelação, massageou a boca do nenen com sua própria saliva. Assim o Abdullah b. Abbás começou a sua vida, com bênção do Profeta (S); eis que não foi a saliva que lhe entrou pela boca, mas sim a religiosidade e sabedoria do próprio Profeta (S).

No tempo em que tinha seis anos de idade, a criança Abdullah b. Abbás tornou-se um companheiro constante do abençoado Profeta (S). Levava a este água para a sua ablução, e permanecia de pé atrás dele, nas orações. Do mesmo modo que a lua, na sua órbita em torno da terra, Abdullah b. Abbás seguia os rastros do Profeta (S), como se fora sua sombra, acompanhando-o mesmo quando ele viajava.

Abdullah b. Abbás não fazia aquilo às cegas; possuia u'a mente que rivalizava com um moderno computador, e estudava, analizava e memorizava cada palavra e ação do abençoado Profeta (S).

Os textos clássicos da história islâmica muito dizem da vida de Ibn Abbás, com suas próprias palavras. Ele disse que quando o abençoado Profeta (S) desejava fazer uma ablução, e ele lhe levava a água, o Profeta (S) ficava encantado com a sua rapidez. Numa ocasião o Profeta (S) ficou de pé para proferir a oração, e fez sinal para que o Ibn Abbas ficasse de pé ao seu lado. Ibn Abbás hesitou e, em vez disso, ficou de pé atrás do Profeta (S). Quando o Profeta (S) completou a oração, inclinou-se onde o Ibn Abbás estava sentado, e perguntou:

"Por que não ficaste em pé ao meu lado, ó Abdullah?"

"Tu és muito distinguido e importante, e eu não sou digno de ficar ao teu lado, na oração", respondeu o Abdullah.

O abençoado Profeta (S) ergueu as mãos, em súplica, e disse:

"Ó Deus, concede-lhe sabedoria!"

Deus atendeu a súplica do Seu Mensageiro, e concedeu à criança do clã do Háchim[2] sabedoria além da média de qualquer outro estudante. Há uma bem conhecida estória de como o Abdullah b. Abbás utilizou sua escolaridade e sabedoria para pacificar uma disputa; é como se segue:

---

2. Háchim – o clã do abençoado Profeta que era considerado pelos coraixitas como um dos mais nobres.

Abdullah b. Abbás e os Khawarij[3]

Quando alguns dos companheiros de Áli b. Abi Tálib[4] (que Deus esteja comprazido com ele) o desapontaram ao se dissociarem dele, durante a sua disputa com os Muawiyah, o Abdullah b. Abbas se interpôs. Disse para o califa Áli:

"Ó Emir dos Crentes, permite-me ir ter com essas pessoas e falar com elas!"

"Temo que elas te façam mal", disse Áli.

"Acho que não, se assim quiser Deus", disse o Ibn Abbas.

Quando Ibn Abbas foi ter com os Khawarij, e os viu, conscientizou-se de que eles eram muito religiosos e tementes a Deus. Eles lhe deram as boas-vindas, e perguntaram por que ele havia ido. Quando ele lhes disse que queria ter uma conversa com eles, alguns deles se recusaram a ouvir o que ele tinha para dizer; outros, contudo, estavam dispostos a ouvi-lo. Ele começou perguntando:

"Dizei-me, por que estais irritados com o primo do Mensageiro de Deus, que é também genro dele, e o primeiro homem a acreditar nele?"

"Há três coisas que nos incitaram à irritação", responderam. "Primeiro, ele permitiu em ajustar uma disputa sobre um assunto que deveria ser ajustado de acordo com o Alcorão. Segundo, ele não estabeleceu uma batalha contra os Muawiya, e não tomou despojos, nem fez cativos. Terceiro, ele permitiu que não mais fosse denominado Comandante de Fé, sendo que o povo lhe tinha dado o comando e jurado sua aliança a ele."

"Se eu vos fornecer claras provas tiradas do Alcorão Sagrado, o Livro de Deus, e da *sunna*[5] do Mensageiro de Deus, ireis pôr um fim à disputa?" perguntou Ibn Abbás. Eles concordaram, e ele começou:

"Iniciemos com a vossa alegação de que Áli permitiu que os homens assentassem um assunto de religião. O Próprio Deus diz, no Alcorão Sagrado:

---

3. Khawarij – ou seccionistas, era um grupo de indivíduos leais a Áli na disputa pelo califado, ou liderança da comunidade. Quando Áli concordou com a mediação da disputa, eles se seccionaram do Estado Muçulmano.

4. Áli b. Abi Tálib – primo em primeiro grau do nobre Profeta (S), que cresceu no lar do Profeta, e foi o primeiro homem a acreditar no Islam. Casou-se com Fátima, a filha do Profeta (S). Áli foi o quarto califa dos muçulmanos.

5. A *Sunna* ou *hadice* do Mensageiro de Deus (S) inclui todas as ações e todos os dizeres do Profeta (S), devidamente documentados.

"**Ó crentes, não mateis animais de caça quando estiverdes com as vestes da peregrinação. Quem, dentre vós, os matar intencionalmente, terá de pagar a transgressão, o equivalente àquilo que tenha morto, em animais domésticos, com a determinação de duas pessoas idôneas**" (Alc. 5:95).

"Eu vos pergunto em nome de Deus, o que tem maior prioridade, que os homens estabeleçam o custo dum coelho ou duma codorniz, ou que determinem a melhor maneira de se pôr um paradeiro ao derramamento de sangue, e findem uma disputa?"

"Claro, pôr um paradeiro ao derramamento de sangue e findar uma disputa são coisas mais importantes", responderam.

"Estais convencidos?" perguntou Ibn Abbás.

Quando eles assentiram, ele continuou:

"Quanto à questão de tomar despojos e fazer cativos, eu estou perplexo. Gostaríeis acaso de ver a vossa mãe, Ummul Muminin Aicha, sendo concubina, feito uma escrava pagã? Se disserdes que sim, ireis cometer blasfêmia. E se disserdes que ela não é vossa mãe, ireis também cometer blasfêmia, pois Deus diz, no Alcorão:

"**Um profeta tem mais domínio sobre os crentes do que eles mesmos (sobre si), e as esposas dele devem ser (para eles) suas mães**" (Alc. 33:6).

"Assim sendo, escolhei o que credes ser o certo. Será que vos convenci?"

Quando eles assentiram, Ibn Abbas continuou:

"Quanto à vossa afirmação de que Áli abdicou a sua posição como Emir dos Crentes, comparai isso com a ação do abençoado Profeta (S) no tempo de Al Hudaybiya. Quando ele ditou o texto da trégua aos pagãos, e lhes disse para porem 'Mohammad, Mensageiro de Deus', disseram:

"'Se crêssemos que eras o Mensageiro de Deus, não teríamos declarado guerra contra ti, ou evitado que fizesses a peregrinação. Nós apenas iremos escrever 'Mohammad b. Abdullah'.

"O abençoado Profeta (S) aceitou o desejo deles, dizendo:

"'Juro por Deus que eu sou o Mensageiro de Deus, mesmo que negueis isso.'

"Estais agora convencidos?"

Como resultado daquele encontro, em que o Abdullah b. Abbás demonstrou sua sabedoria e seu poder de raciocínio, vinte mil dos seccionistas voltaram com sua lealdade a Áli, embora quatro mil deles

se recusassem obstinadamente a aceitar a verdade, permanecendo inflexíveis em sua determinação de continuarem a disputa.

Abdullah b. Abbás tornou-se um estudante erudito por causa da sua persistência e diligência. Como já vimos, ele dedicava todo o seu tempo a aprender com o abençoado Profeta (S). Quando o Profeta deixou este mundo, Ibn Abbás voltou sua atenção para os Companheiros, procurando por cada fragmento de conhecimento que pudesse encontrar. Ele descreveu seus próprios esforços, como se segue:

"Se eu ouvisse dizer que um dos companheiros do Mensageiro de Deus (S) sabia de um *hadice*[6], eu ia a sua casa mesmo ao meio-dia, hora da sesta. Não batia à porta, muito embora soubesse que seria convidado a entrar se escolhesse fazê-lo. Dobrava meu manto num montículo, e me sentava à porta da frente. Pegava no sono, no calor, e o vento leve me cobria de areia. O motivo por que eu me humilhava, daquele jeito, era para que a pessoa soubesse o quanto eu o respeitava, por seu conhecimento, e fosse induzido a compatilhá-lo comigo. Quando ele saía para fora e me via daquele jeito, dizia:

"'Ó primo do Mensageiro de Deus, o que te trouxe até aqui? Se me tivesses chamado, eu teria ido até ti!'

"Eu respondia:

"'Tu mais mereces que eu vá até ti. A escolaridade é que deve ser procurada, e não precisa procurar por estudantes.' Então eu lhe perguntava acerca do *hadice*."

Assim como o Ibn Abbas se humilhava na busca do conhecimento, também fazia honra aos eruditos. Uma ocasião Zaid b. Sábit queria ir a algum lugar em seu cavalo. Zaid havia sido o escriba ao qual o abençoado Profeta ditara as palavras do Alcorão. Era também o professor liderante de Madina, e o mais conhecedor das questões de heranças e de legados. Abdullah estava de pé em frente a ele, humilde como um servo, segurando a sela e as rédeas do cavalo de Zaid, para que este pudesse montar. Zaid lhe disse: "Deixa esse trabalho para outrem, ó primo do Profeta!"

"Esta é a maneira que se supõe tratemos os nossos eruditos", respondeu Abdullah b. Abbás.

"Dá-me tua mão!" pediu Zaid; e quando o Ibn Abbás a estendeu, Zaid a pegou, curvou-se e a beijou, dizendo:

"E este é o modo que se supõe tratemos os familiares do nosso Profeta."

---

6. *Hadice* – um *hadice* é algo que o abençoado Profeta disse, fez ou aprovou, tática ou expressamente.

Ibn Abbás persistia na sua busca do conhecimento, até que atingiu um nível que chegava a surpreender os eruditos mais velhos. O mestre Masruk b. al Ajda descrevia-o deste modo:

"Quando eu olhava para ele, diria que era o homem mais formoso que já vira. Quando ele falava, diria que era o homem mais eloqüente que já ouvira; e quando discorria sobre algo, diria que era o homem mais erudito."

Quando Ibn Abbás alcançou o nível de aprendizado a que aspirava, pôs-se a compartilhar dos seus conhecimentos com outros, e tornou-se professor. Sua casa transformou-se no primeiro colégio para os muçulmanos. A única diferança entre os modernos colégios e o de Ibn Abbás é que os colégios de hoje em dia têm dúzias de professores, ao passo que o dele tinha um só professor – ele mesmo. Um dos pupilos de Ibn Abbás dizia que as maravilhas da escolaridade de Ibn Abbás eram suficientes para que toda a tribo dos coraixitas se ufanasse, e que havia estórias suficientes para que todos os membros da tribo tivessem algo novo para dizer. Num dia – de acordo com esse mesmo estudante –, as alamedas que davam para a casa de Ibn Abbas estavam tão cheias de pessoas que esperavam para lhe fazerem perguntas, que ninguém podia passar. O estudante foi até onde estava o Ibn Abbás, e lhe contou acerca da multidão que esperava por ele. Então o mestre pediu ao rapaz que lhe levasse água; e, após fazer sua ablução, disse ao estudante:

"Dize a todos aqueles que têm perguntas a fazer sobre o Alcorão, e querem saber como o ler, que entrem."

O estudante fez como lhe havia sido dito, e as pessoas adentraram a casa. Encheram a sala de Ibn Abbás e o quintal adjacente. Ele respondeu a todas as perguntas, e lhes proporcionou conhecimentos adicionais; então disse: "Agora, dai lugar a vossos irmãos", e todos partiram.

Então Ibn Abbas pediu ao seu pupilo que levasse para dentro todos aqueles que tivessem perguntas a fazer sobre o significado do Alcorão Sagrado. Quando entraram, encheram também a sala e o quintal. Uma vez mais o Ibn Abbas respondeu a todas as perguntas deles, e lhes proporcionou conhecimentos adicionais. Essa mesma cena foi repetida por aqueles que buscavam conhecimento sobre *fiquih*[7], herança, língua árabe e filologia.

A constante procura pelos conhecimentos e pela hospitalidade de Ibn Abbas finalmente fez com que ele passasse a ensinar separadamente

7. *Fiquih* – lei religiosa, ou jurisprudência.

as questões, em dias separados, os quais ele dividiu como se segue: *fiquih*, história islâmica, poesia, a história pré-islâmica dos árabes, e explicação do Alcorão.

Os maiores eruditos que freqüentavam as aulas dele achavam que ele era mais conhecedor do que eles próprios. Nunca era incapaz de responder uma simples pergunta. Até os califas dos Estados Muçulmanos dependiam dele para conselhos, embora ele fosse ainda muito jovem. Se o califa Ômar b. al Khattab se encontrasse em alguma dificuldade e precisasse de conselho, convidava todos os veneráveis Companheiros para irem até ele, e compartilharem com ele suas opiniões. Se o Ibn Abbás estivesse presente, Ômar mostrava-lhe respeito e lhe dava o melhor assento, dizendo: "Tenho um problema do tipo que só tu podes resolver."

Uma ocasião Ômar foi acusado pelas pessoas de demonstrar excessivo respeito a um homem tão jovem como o Abdullah na presença de homens muito mais idosos, ao que Ômar disse:

"Ele é um jovem feito para liderar homens mais velhos; possui u'a mente inquiridora e uma natureza perceptiva."

Embora Ibn Abbás se tivesse devotado a ensinar estudantes de escolaridade islâmica, não se esquecia de que o público, em geral, tinha o direito de se beneficiar dos seus conhecimentos. Ele mantinha aulas de interesse geral, durante as quais proferia sermões. Um dos seus mais famosos sermões foi como se segue:

"Vós, que cometei pecados, não vos sentis seguros quanto aos resultados, pois o que decorre do pecado é mais sério do que o próprio delito. A vossa falta de vergonha perante os anjos, que vos testemunham quando cometeis pecados, é mais séria do que o próprio delito. O vosso sorrir, quando pecais – pois vos esqueceis do castigo de Deus –, é coisa mais séria do que o próprio pecado. O vosso deleite, se tendes a oportunidade de cometer pecado, é mais sério do que o próprio crime. Mesmo o vosso desapontamento, se perdeis uma chance de pecar, é mais sério do que o próprio pecado. Quereis saber o que é mais sério do que o pecado? É o fato de que ficais aterrorizados com a possibilidade de que ireis ser descobertos e ver a vossa reputação danificada, mas não temeis o conhecimento de que Deus vos vê.

"Sabeis, acaso, qual foi o pecado de Jó, e por quê razão o Todo-Poderoso Deus o testou, fazendo com que perdesse sua saúde e riqueza? Foi tão-somente porque ele se recusou a ajudar um pobre homem que lhe pediu proteção quanto a um opressor!"

Ibn Abbas não era o tipo de pessoa que ensinava mas não vivia o que pregava. Passava os dias a jejauar e as noites a orar. O escritor Abdullah b. Mulaykah descreveu-o como se segue:

"Saí numa viagem com o Ibn Abbás, de Makka para Madina. Se parávamos para descansar, ele passava parte da noite a orar, enquanto todos os outros dormiam. Numa noite eu o ouvi recitar:

"'Então os momentos finais da morte chegaram (os anjos dirão): Isto é o que estáveis tentando evitar.' E ele continuou a repetir isso, soluçando, até ao romper da aurora."

O rosto de Ibn Abbás era belo e radiante; e o que tornava extraordinária sua aparência era o fato de que sua constante lamentação, por temor a Deus, deixava marcas em seu rosto, feito pegadas descendo-lhe pelas faces lisas.

A fama de Ibn Abbás crescera tanto, que num ano em que ia na mesma peregrinação em que também ia o califa Muawiyah, embora este fosse o líder de um império, e tivesse consigo um cortejo de conselheiros e guardas, e Ibn Abbas não tivesse poder ou autoridade, o sequito que seguia com Ibn Abbas era maior do que o do califa.

Ibn Abbas vivieu por setenta e um anos, durante os quais prodigalizou a comunidade de conhecimento, compreensão e sabedoria. Quando morreu, a oração do seu funeral foi liderada por Mohammad b. al Hanafiya[8], e foi assistida por uns poucos Companheiros que ainda estavam vivos, bem como pelos líderes da geração seguinte. Enquanto estavam cobrindo o seu túmulo com terra, ouviram de súbito uma, voz que não era humana, recitar:

"**E tu, ó alma em paz, retorna ao teu Senhor, satisfeita (com Ele) e Ele satisfeito (contigo)! Entra no número dos Meus servos! E entra no Meu Paraíso!**" (89:27-30).

8. Mohammad b. al Hanafiya – filho de Áli b. Abi Tálib, fruto dum casamento com uma mulher da tribo dos Banu Hanifa.

CAPÍTULO 22

An Numan b. Micarrin al Muzani

"*Alguns lares são lares de fé; alguns lares são lares de hipocrisia. O lar dos filhos de Micarrin é um dos lares de fé.*"

As terras das tribos dos Muzayna ficavam perto da cidade de Yaçrib, na estrada entre ela e a cidade de Makka. Quando o Mensageiro de Deus (S) realizou a Hégira para Madina, a tribo dos Muzayna principiou a ouvir, dos viajantes que iam e vinham entre as duas cidades, falar acerca do Profeta (S), e tudo o que ouviam sobre ele era positivo.

Numa terdezinha, o Al Numan b. Micarrin al Muzani, chefe da tribo, estava sentado com o seu círculo de amigos, que incluia seus irmãos e os mais velhos da tribo. Ele lhes falou, dizendo:

"Povo meu, juro por Deus que nada ouvimos sobre Mohammad que não seja coisa boa. Tudo o que ouvimos constata que ele está conclamando as pessoas para a misericórdia, a retidão e justiça. Por que deveríamos retardar-nos em ir até ele, quando todos os mais estão indo até ele às pressas? Estou resolvido a ir vê-lo pela manhã. Se algum de vós deseja me acompanhar, que se prepare para a viagem."

É óbvio que as palavras do Al Numan encontraram ouvidos receptivos, pois logo que rompeu a aurora, ele encontrou esperando, já prontos, seus dez irmãos, mais quatrocentos cavaleiros dos Muzayna. Estavam prontos para ir com ele ao encontro do Profeta (S), e entrar para a religião de Deus.

Porém, o Al Numan achou que era impróprio ir a casa do Profeta (S), juntamente com aquela enorme multidão, sem levar um presente para os muçulmanos. Aquele havia sido um ano improdutivo, sem chuvas, deixando a tribo dos Muzaynah sem grãos nem gado poupados. Assim, Al Numan foi a sua própria casa e a casa dos seus irmãos, a coletar umas poucas ovelhas que haviam sido poupadas pela seca. Mantendo-as à frente, ele foi ter com o Profeta (S) e, perante este, jurou sua fidelidade e a dos seus irmão ao Islam.

Toda Yaçrib foi acometida de júbilo com a nova aceitação do Islam feita pelo Al Numan e por seus companheiros. Nunca havia acontecido, entre os árabes, de onze irmãos jurarem fidelidade ao Islam, juntamente com quatrocentos cavaleiros. O abençoado Profeta (S) ficou deleitado com a aceitação de Al Numan ao Islam. O presente das ovelhas foi aceito pelo Próprio Deus, Que revelou o seguinte *aya*:

"**Entre os beduínos, há aqueles que crêem em Allah e no Dia do Juízo Final; consideram tudo quanto distribuem em caridade como um veículo que os aproximará de Allah e lhes proporcionará as preces do Mensageiro. Sabei que isso os aproximará! Allah os acolherá em Sua clemência, porque é Indulgente, Misericordiosíssimo**" (9:99).

Al Numan tornou-se um leal defensor da bandeira do Mensageiro de Deus, e lutou em todas as batalhas com energia e convicção.

Quando a liderança da comunidade muçulmana passou para Abu Bakr As Siddik[1], o Al Numan e seu povo permaneceram do lado dele, e o apoiaram firmemente nas batalhas de *Al Ridda*.[2]

Durante o tempo da autoridade de Al Faruk Ômar b. al Khattab, Al Numan desempenhou um importante papel, coisa que deixou sua marca na história.

Antes da batalha de Al Cadisiya, o líder dos exércitos muçulmanos, Saad b. Abi Waccas, enviou uma delegação ao imperador da Pérsia, Yazdagurd, para convidar este a se juntar ao Islam. À cabeça da delegação estava o Al Numan b. al Micarrin.

Quando chegaram a Al Madain, a cidade-capital do imperador, pediram permissão para vê-lo, e foram convidados a isso. O imperador chamou um intérprete, ao qual foi mandado dizer:

"Que coisa vos trouxe às nossas terras e vos tentou a invadir-nos? Talvez tivésseis ficado empolgados com o fato de que tínhamos outros afazeres, e não nos era conveniente agarrar-vos."

Al Numan b. al Micarrin voltou-se para seus companheiros e disse:

"Se desejais, eu posso falar por vós. Se qualquer um de vós desejar falar, farei com que avance, e permitirei que fale por nós."

"Tu irás falar por nós", disseram-lhe e, indicaram que Al Numan iria falar por eles.

Al Numan começou dando graças e tecendo louvores a Deus, e invocando Sua paz sobre o Seu Profeta. Então disse:

1. As Siddik – "O homem com retidão", o título honorífico de Abu Bakr.
2. *Ridda* – apostasia, ou o afastar-se da fé, após tê-la aceitado.

"Deus tem tido misericórdia de nós e nos enviou um mensageiro que nos ensina a retidão e nos manda que a pratiquemos, e nos previne acerca das más maneiras e nos ordena que nos refreiemos quanto a elas.

"Ele promete que se lhe obedecermos naquilo para o qual nos está conclamando, Deus nos concederá bênçãos neste mundo e no outro. Num curto tempo Deus trocou a nossa miséria por conforto, a nossa baixa condição por honra, a nossa hostilidade entre nós mesmos por fraternidade e misericórdia.

"Deus também nos tem ordenado que conclamemos os povos para isso, porque é o melhor para eles, e que começássemos com aqueles que são nossos vizinhos; portanto, estamos convidando-vos a que vos junteis à nossa religião. Trata-se de um credo que afirma que a bondade é a mais elevada virtude, e encoraja as pessoas a ela, e amaldiçoa toda a vileza, e admoesta-nos a evitá-la. Aqueles que o abraçarem serão tranportados da opressão e escuridão da incredulidade para a luz da justiça e da fé.

"Se responderdes favoravelmente ao nosso chamamento ao Islam, deixaremos convosco o Livro de Deus como vosso guia, far-vos-emos guardiães sobre ele, com a vossa responsabilidade de agirdes pelas sua leis; e vos deixaremos para que cuideis dos vossos assuntos.

"Se recusardes entrar na religião de Deus, viremos cobrar o *Jizya*[3] que deveis, e vos defenderemos; e se recusardes entregar o *Jizya*, declararemos guerra contra vós.

O imperador Yazdagurd ficou furioso com o que ouvira, e disse:

"Jamais houve um povo sobre a terra de mais baixa condição do que vós, ou menor em número, ou mais dividido, ou que vivesse na maior miséria. Nós sempre temos dependido dos nossos governadores provincianos para que vos mantêssemos em submissão, e isso nunca foi difícil para eles." Sua ira se abateu um pouco, e ele continuou:

Se foi a pobreza que vos fez vir a nós, ordenaremos que algumas provisões vos sejam enviadas até que vossas terras recebam chuva e se tornem mais férteis; e enviaremos roupas para vossos chefes e para os nobres dentre vosso povo, e poderemos apontar um rei que vos irá tratar benevolentemente."

Um dos árabes da delegação demonstrou sua desdenhosa recusa à oferta de Yazdagurd, coisa que aguçou a fúria deste, e ele disse:

"Se não fosse pelo fato de que a oferta fosse ficar danificada, eu vos mataria a todos. Eu nada vos devo. Dizei ao vosso líder que vou

3. *Jizya* – a taxa paga pelos não-muçulmanos ao Estado Islâmico.

enviar o meu general, Rustam, contra ele, e ele vos irá enterrar, juntamente com o vosso líder, na trincheira de Al Cadisiya."

Então ele deu uma ordem para que uma carga de terra fosse trazida, e disse para seus homens:

"Forçai o membro mais nobre deste grupo a carregá-la nas suas costas, e fazei com que ele vá na vossa frente, para que todos o possam ver, até que ele deixe a capital dos nossos domínios."

Eles perguntaram para a delegação qual era o membro mais nobre, e o companheiro Asim b. Ômar se apresentou como voluntário. Fizeram com que ele carregasse a terra até que tivesse deixado Al Madain. Depois ele passou a carga para o seu camelo, e a levou para o Saad b. Abi Waccas, dando a este a feliz notícia de que Deus iria dar as terras dos persas para os muçulmanos, e que eles iriam possuir o próprio solo delas.

Foi chegada a hora da batalha de Al Cadisiya, e a trincheira que rodeava a cidade foi, na verdade, enchida com os abatidos na batalha, mas estes eram do exército pagão do imperador, e não dos muçulmanos.

Os persas não se conformaram com a derrota de Al Cadisiya. Reagruparam suas forças e aprontaram um exército de cento e cinqüenta mil dos seus mais ferozes guerreiros. Quando a notícia da preparação dos persas para a guerra chegou ao Al Faruk Ômar, ele resolveu liderar, ele mesmo, os exércitos muçulmanos, e encarar a ameaça. Os cidadões liderantes da cominidade o desencorajaram de fazer aquilo, e o aconselharam a enviar um líder de confiança que pudesse manejar com um assunto tão sério. Ele lhes pediu que indicassem uma pessoa que pudesse assumir a responsabilidade sobre o exército, na fronteira, e lhe disseram:

"Tu és o mais familiarizado com os teus soldados, ó Comandante da Fé!"

"Darei o comando dos exércitos muçulmanos a um homem que é, juro por Deus, mais rápidos do que as próprias lanças: Al Numan b. al Micarrin al Muzani." Seus conselheiros concordaram com a escolha dele; Ômar escreveu para o Al Numan:

"De Ômar b. al Khattab para Al Numan b. Micarrin:

"Após as minhas suadações, desejo informar-te de que ouvi dizer que um grande número de forças *ajam*[4] se juntou para vos atacar, na cidade de Nahavand. Tão logo esta carta chegue até ti, ide ao encontro deles para fazerdes o trabalho de Deus e, com a Sua ajuda, talvez Ele vos conceda a vitória. Leva todas as forças muçulmans contigo, mas não os

4. *Ajam* – aqueles que não falam árabe. Aqui são os persas.

exponhas a qualquer perigo, pois um muçulmano é mais valioso para mim do que cem mil dinars. Que a paz esteja contigo!"

Al Numan saiu com seu exército para encontrar o inimigo, e mandou à frente uma facção de batedores para que checassem as estradas. Quando os batedores chegaram próximos a Nahavand, seus cavalos estancaram. Eles os incitaram para a frente, mas os cavalos não quiseram continuar. Os batedores desmontaram para verem qual seria o problema, e encontraram lascas de metal que pareciam cabeças de pregos nos cascos dos animais. Os batedores examinaram o terreno e constataram que os persas haviam espalhado pedaços de metal pontiagudos pelos caminhos que levavam a Nahavand, para evitar que qualquer um, mantando ou a pé, dela se aproximasse.

Os cavaleiros informaram a Al Numan acerca da descoberta dos batedores, e requisitaram que ele lhes desse um estandarte para que pudessem combater o inimigo. Al Numan ordenou-lhes que mantivessem suas posições, e que fizessem fogueiras para que os inimigos os pudessem ver. Assim, os muçulmanos iriam fazer de conta que estavam intimidados pela força inimiga, e iriam fingir uma retirada, para que a força inimiga, tentada pela possibilidade de derrotar os muçulmanos, viesse a eles, e limpasse das estradas os estilhaços.

O estratagema funcionou, pois tão logo os persas viram os batedores se retirarem, ordenaram que os sapadores fossem limpar os caminhos. Logo que estes terminaram o trabalho, os muçulmanos voltaram, a toda força, e ocuparam as estradas.

Al Numan havia estabelecido seus quartéis com uma clara visão de Nahavand, e decidiu por se antecipar ao inimigo, atacando primeiro. Ordenou aos seus soldados:

"Irei estabelecer três *takbirat* (declarar "*Allahu Akbar*"). No primeiro, aprontai-vos; no segundo, cada um deverá desembeinhar sua espada; e no terceiro, desfecharemos juntos uma carga ao inimigo."

Al Numan proferiu os três *takbirat*, e eles assaltaram as fileiras inimigas como se fossem leões atacando, e as forças dos muçulmanos se "despejaram" sobre elas como se eles fossem as águas duma inundação arrebatadora. Uma das batalhas mais ferozes registradas pela história então teve lugar entre as duas forças. O exército persa foi dizimado, com seus integrantes caídos espalhados pelos montes e planuras. Havia poças de sangue por todo o lado, sendo que o cavalo de Al Numan escorregou e caiu. Al Numan ficou fatalmente ferido. Seu irmão apanhou a bandeira, envolveu-o com um manto, e escondeu dos muçulmanos o fato de que Al Numan estava morto.

Quando aos muçulmanos foi concedida a vitória, eles denominaram aquela batalha como "a maior das vitórias". Depois se puseram a procurar o seu líder, Al Numan b. Micarrin. Seu irmão foi para frente, revelando o corpo de Al Numan, e disse: "Este é o vosso comandante. Deus concedeu-lhe o prazer de ver a vitória e a nobre sina do martírio!"

CAPÍTULO 24

Abu al Dardá

"Abu al Dardá usava ambas as mãos e toda sua força para empurrar o mundo material para longe de si"

Abdur Rahman b. Awf.

Uwaymir b. Málik acordou cedo e dirigiu-se ao local mais proeminente da sua casa, onde mantinha o seu ídolo. Uwaymir, que tinha o nome patronímico de Abu al Dardá, saudou o ídolo, e o esfregou com o mais caro perfume que sua loja possuia. Depois enrolou-o com um manto de cara seda que lhavia sido dado como presente por uma mercador que voltava do Yêmen.

Quando o sol saiu, Abu al Dardá foi para fora de sua casa e se dirigiu para a sua loja. Constatou que as ruas de Yaçrib estava cheias dos seguidores de Mohammad que estavam voltando da batalha de Badr. Com eles estavam os cativos de guerra, os pagãos do coraix. Primeiramente Abu al Dardá procurou evitar encontrá-los, mas, repentinamente, voltou-se, e perguntou para um dos muçulmanos se o Abdullah b. Rawaha havia voltado a salvo com eles da batalha.

O jovem, que era da tribo dos Khazrij, como o era o Abu al Dardá, afirmou-lhe:

"Ele lutou valentemente, e voltou a salvo, e carragado de despojos."

O jovem não se surpreendeu com o fato de que Abu al Dardá perguntasse sobre o Abdullah b. Rawaha, pois todos sabiam que os dois eram como irmãos um para o outro. Na hora da *Al Jahiliya* (idolatria), os dois deveras juraram irmandade. Quando o Islam chegou a Yaçrib, Abdullah b. Rawaha abraçou o Islam, ao passo que o Abu al Dardá se afastou dele.

A despeito disso, os dois permaneciam ligados um com o outro. Abdullah b. Rawaha visitava constantemente o Abu al Dardá, e o convidava a aceitar a fé do Islam. Aquele fazia tudo o que podia para

tornar a idéia plausível a este, pois sentia pena por cada dia em que Abu al Dardá disperdiçava sua vida como pagão.

Abu al Dardá continuou a andar, até que chegou à sua loja. Sentando-se em sua cadeira, passou a conduzir seus negócios, vendendo, comprando e dirigindo seus empregados no sentido de comprirem suas ordens. Ele não tinha como saber o que se passava em sua casa.

Abdullah b. Rawaha pôs-se a dirigir-se para a casa de Abu al Dardá, pois havia tomado uma séria decisão. Encontrou o portão aberto, e viu que a Umm al Dardá estava sentada no quintal. Ele a saudou:

"Que a paz esteja contigo, ó mulher de Deus[1]."

"Que a paz esteja contigo, ó irmão de Abu al Dardá", ela respondeu

"Onde está o Abu al Dardá?" perguntou o Abdullah.

"Ele foi à sua loja, e irá voltar logo", respondeu ela.

"Será que posso entrar?" perguntou ele.

"Tu és benvindo", respondeu ela, e permitiu que ele adentrasse a casa. Ela se retirou para o seu quarto onde, ocupada com seu serviço e suas crianças, não deu atenção a ele.

Abdullah b. Rawaha entrou no quarto onde Abu al Dardá conservava seu ídolo, e retirou um afiado enxó que trazia escondido sob seu manto. Voltando sua atenção para o ídolo, ele se pôs a talhá-lo com o enxó, dizendo repetidamente:

"A cultuação de qualquer coisa que não seja Deus é falsidade!"

Quando acabou de cortar o ídolo, ele saiu da casa.

A Umm al Dardá, sem saber o que tinha acontecido, foi ao quarto onde o ídolo havia estado. Para seu horror, notou que nada havia sido deixado dele, a não ser pedacinhos de madeira espelhados pelo chão. Batendo em suas próprias faces, ela exclamou:

"Tu me arruinaste, ó Ibn Rawaha, tu me aruinaste!"

Quando o Abu al Dardá voltou para casa, um pouco depois, encontrou sua esposa sentada perto da porta do quarto onde o ídolo havia estado. Ela estava a soluçar, e ele pôde notar que ela estava também com medo dele.

"Qual o problema?" perguntou ele.

"O teu irmão, Abdullah bin Rawahah veio a nossa casa enquanto tu estavas fora", respondeu ela, "e olha o que ele fez com o ídolo!"

Quando Abu al Dardá viu que nada restava do ídolo a não ser lascas de madeira, ele explodiu de raiva. Primeiramente ele pensou que deveria

1. Literalmente, *Amatullah* - serva de Deus, assim como *Abdullah* significa servo de Deus. Todos os indivíduos são servos. Esse é um modo respeitoso de se dirigir a uma mulher que não é uma companheira muçulmana.

vingar-se pelo ídolo. Então o seu senso comum ganhou a parada, e sua zanga foi-se arrefecendo. Por fim, disse:

"Se esse ídolo aí valesse alguma coisa, deveria ter-se defendido!"

Rapidamente ele siau de casa. Foi para a casa de Abdullah b. Rawaha e, juntos, foram ter com o Mensageiro de Deus (S), onde Abu al Dardá declarou a sua aceitação do Islam. Ele foi a última pessoa da sua vizinhança a permanecer pagã por tanto tempo.

Desde aquele começo, Abu al Dardá passou a crer em Deus e no Seu Mensageiro tão intensamente, que aquela crença passou a penetrar todas as fibras do seu ser. Sentia muito pelas oportunidades das quais não havia tirado vantagem. Seus amigos que haviam aceitado o Islam antes dele tinham garantido para eles um vasto estoque de bons feitos, haviam aprendido acerca da sua religião, tinham aprendido o Alcorão, e passado suas horas em adoração. Ele sabia que eles poderiam esperar recompensas de Deus por tais comportamentos retos.

Ele resolveu fazer um esforço supremo para compensar o que havia passado por ele, e exercitar-se dia e noite para se igualar aos seus camaradas crentes. Deu-se à adoração como se não tivesse interesse nos assuntos materiais, e passou a buscar o conhecimento, tão afanosamente, como se este fosse água e ele estivesse a morrer de sede. Voltou-se pra o Alcorão, memorizando-lhe as palavras e ponderando sobre os seus significados profundamente.

Quando ele viu que os seus negócios estavam atrapalhando a sua cultuação e retardando os seus estudos, ele o fechou, sem se arrepender disso. Alguém lhe perguntou por que assim havia feito, e ele respondeu:

"Eu era um comeciante antes de conhecer o Mensageiro de Deus. Ao conhecer o Islam, eu pensei combinar negócios e cultuação, mas achei-me incapaz de conseguir o que desejara. Então abandonei meus negócios para que pudesse melhor cultuar. Juro por Deus, Que tem minha alma em Suas mãos, que gostaria de ter uma loja na entrada da mesquita. Assim eu poderia ganhar algum dinheiro e, ao mesmo tempo, não perder uma simples oração.

"Não digo que o Todo-Poderoso Deus tenha proibido o comércio, mas quero ser um dos que Ele descreve, no Alcorão, como não sendo distraído quanto à recordação d'Ele pela transação ou venda."

Abu al Dardá não apenas abandonou o comércio; abandonou o mundo material na sua inteireza. Virou as costas para o seu "glamour" e sua luxúria, contentando-se com alimentos simples, que sobrassem, e com roupas toscas.

Numa noite, quando o tempo estava acremente frio, alguns convidados foram a casa de Abu al Dardá. Ele lhes apresentou comida quente, mas não lhes forneceu cobertores, tanto que um deles disse: "Eu vou falar com ele."

Um dos seus companheiros tentou evitar que ele fosse, mas ele insistiu, e foi para a porta do quarto do Abu al Dardá. Aí viu-o deitado, tendo sua esposa sentada ao lado dele. Os dois estavam cobertos com um simples lençol que nada podia fazer para os proteger do frio ou do calor. O homem exclamou:

"Vejo que não tendes mais coberta do que nós! Onde estão vossas posses?"

"Nós temos um lar em outro lugar; sempre que recebemos algo, mandamo-lo para lá. Se tivéssemos algo a mais nesta casa, ter-vos-íamos enviado. O caminho que temos de percorrer para chegar a essa casa é cheio de obstáculos, que são fáceis de ser transpostos por alguém que não esteja carregado de posses. Assim sendo, nós temos diminuída a nossa carga, na esperança de completarmos a viagem. Será que isso faz sentido?" perguntou o Abu al Dardá.

"Sim, faz", respondeu o homem, "e desejo que te seja concedida a recompensa."

Quando Al Faruk Ômar (que Deus esteja comprazido com ele) era califa do Estado Muçulmano, ele requisitou que Abu al Dardá assumisse a posição de governador de uma das província da Síria. Ele se recusou e, ao insistir Ômar, Abu al Dardá disse:

"Se quiseres, poderei ir à Síria ensinar o Alcorão e a Sunnah às pessoas, e os liderar nas orações."

Ômar concordou com aquilo, e o Abu al Dardá partiu para Damasco. Aí constatou que os seus habitantes não tinham interesse em mais nada além de riquezas e de um viver luxuoso. Ele ficou horrorizado, e convidou os indivíduos a que comparecessem a uma assembléia na mesquita. Quando estavam reunidos, ele ficou em pé na frente deles e se dirigiu a eles, dizendo:

"Povo de Damasco, vós sois nossos irmãos na religião, sois nossos vizinhos e nossos aliados contra o inimigo. Eu não quero nada de vós, e não vos é exigido que pagueis minhas despesas. Meus conselhos nada vos custa, e não vejo nada que vos empate de responderdes aos meus desvelos por vós, bem como ouvirdes os meus conselhos.

"Dizei-me, por que razão os vossos eruditos estão morrendo de velhice, e nenhum dos vossos jovens tem sido educado para que lhes tome o lugar?

"Por que acontece isso, que quando Deus tem-vos provido, tende-vos ocupado com granjeardes mais riqueza, e virado as costas quanto às vossas obrigações para com Ele?

"Por que guardais coisas que não ireis consumir? Vós construís casas em que não habitais, no mais das vezes! E esperais pelo Paraíso, sendo que nada fazeis para o conseguir!

"Várias nações antes de vós esperaram conseguir o que queriam deste mundo e do outro. Terminaram vendo que tudo o que tinham poupado nada valia; suas esperanças eram vãs e seus lares eram sem vida, feito túmulos.

"O povo de Ad, que viveu antes de vós, enchia a terra de riqueza e de filhos. Agora, será que há alguma coisa restante do povo de Ad que valha dois dirhams?"

Na hora em que o Abu al Dardá tinha terminado, as pessoas, na mesquita, estavam chorando tão alto, que seus soluços podiam ser ouvidos do lado de fora.

Daquele dia em diante, Abu al Dardá passou a freqüentar o ajuntamento das pessoas em Damasco, e a andar pelos mercados, respondendo às perguntas, ensinando o povo, e prevenindo os desavisados. Jamais deixava passar uma oportunidade de beneficiar as pessoas.

Numa ocasião, ele estava seguindo o seu caminho quando encontrou um grupo de pessoas que se aglomeravam em torno de um homem no qual estavam batendo e xingando. Ele lhes perguntou qual era o problema, e lhe disseram que o homem havia cometido algo mui pecaminoso. Abu al Dardá lhes disse:

"Se ele tivesse caído num poço, será que não o teríeis puxado para cima?"

"Claro que teríamos!" disseram.

"Então, não o xingueis, nem batei nele. Outrossim, explicai as coisas para ele, esclarecei-o; e louvai a Deus por ter-vos salvo de incorrerdes no mesmo pecado", disse o Abu al Dardá.

"Não o odeias?" perguntaram-lhe.

"Apenas odeio o que ele fez; e, caso se arrependa, ele é meu irmão", disse o Abu al Dardá.

Quando o homem que estava apanhando ouviu aquilo, começou a chorar, e disse que estava arrependido, e que não voltaria a pecar.

Uma ocasião um jovem foi ter com o Abu al Dardá, e disse:

"Aconselha-me, ó companheiro do Profeta (S)!" Abu al Dardá respondeu:

"Filho, sê um freqüentador de escola, ou um estudante, ou um ouvinte, e não sejas um dos deixados de fora, ou ficarás arruinado.

"Filho, faz da mesquita o teu lar, porquanto ouvi o Mensageiro de Deus (S) dizer:

"'A mesquita é o lar de toda pessoa temente a Deus. Vê, o Todo-Poderoso Deus prometeu confortação e misericórdia para aqueles que fazem da mesquita seus lares, e prometeu que eles atravessarão o caminho para adquirir o Seu aprazimento.'"

Numa ocasião Abu al Dardá encontrou um grupo de jovens sentados à beira da estrada, onde estavam proseando e observando as pessoas passarem. Ele lhes disse:

"Filhos, o lar de um muçulmano é o seu refúgio seguro. Aí ele pode refreiar os seus olhares e os seus desejos. Cuidado com o sentardes na praça do mercado, pois que isso desvia o indivíduo da lembrança de Deus e o leva a conversas vãs."

Enquanto o Abu al Dardá estava vivendo na Síria, o Muawiya b. Abi Sufyan enviou-lhe uma mensagem pedindo a mão da sua filha, Al Dardá, em casamento para o seu filho, Yazid. Abu al Dardá recusou a proposta, e terminou por consentir que ela se casasse com um jovem muçulmano das pessoas comuns, porque estava contente com as sua maneiras e o seu moral. Quando a notícia se espalhou pela comunidade, as pessoas começaram a falar:

"O Yazid b. Muawiya quis desposar a filha de Abu al Dardá, mas o pai se recusou, e casou-a com um homem das pessoas comuns!" Foi perguntado ao Abu al Dardá porque havia feito aquilo, e ele respondeu:

"Assim o fiz porque queria o melhor para Al Dardá."

Quando lhe foi perguntado o que ele queria dizer com aquilo, ele respondeu com outr pergunta:

"Pensai: o que iria ser de Al Dardá se ela se achasse com escravos que iriam estar ao seu lado obedecendo a cada ordem sua, vivendo em palácios tão iluminado, que iriam ofuscar-lhe os olhos! Que iria acontecer com a sua fé?"

Enquanto o Abu al Dardá estava ainda na Síria, o Emir dos Crentes, Ômar b. al Khattab, viajou para lá a fim de ver por si mesmo como estavam indo os muçulmanos. Foi ver o Abu al Dardá à noite.

Ele empurrou a porta da frente, e ela se abriu, pois não tinha fechadura. Entrou, e não pôde ver luz em lugar algum. Abu al Dardá o ouviu, foi à porta, saudou-o e lhe ofereceu uma assento. Os dois sentaram-se no escuro a conversar, não podendo ver um ao outro. Ômar esticou a mão e sentiu a almofada do Abu al Dardá, e constatou que se tratava de um cobertor de sela. Procurou tatear um colchão, e nada encontrou além de seixos no chão. Sua coberta era nada mais que um tênue lençol que nada fazia para o proteger do frio clima de Damasco. Ômar disse:

"Que Deus tenha misericórdia de ti! Será que não te dei dinheiro suficiente para viveres melhor que isto? Será que não te mandei dinheiro?"

"Acaso não te lembras de algo que o Mensageiro de Deus (S) nos disse?" perguntou Abu al Dardá.

"Que foi que ele disse?" perguntou Ômar.

"Ele não disse: 'Não leveis mais bens materiais do que podeis quando viajardes'. Que temos nós feito após sua morte, ó Ômar?

Ômar chorou, e também chorou o Abu al Dardá. Os dois sentaram-se juntos, lamentando-se conforme pensavam em quão materialista se havia tornado a comunidade muçulmana; e assim permaneceram até ao romper da madrugada.

Abu al Dardá passou o resto da sua vida em Damasco, pregando aos seus habitantes e ensinando-lhes a sabedoria do Alcorão. Quando ele estava no seu leito de morte, seus companheiros foram visitá-lo, e lhe perguntaram:

"Que coisa te botou doente?"

"Meus pecados", respondeu ele.

"Há alguma coisa de que gostarias?" perguntaram.

"O perdão do meu Senhor." Então disse para os que o visitavam:

"Fazei-me dizer: 'Não há há outra divindade além de Deus, e Mohammad é Seu Mensageiro.'" Continuou a dizer isso, até que morreu.

Após a morte do Abu al Dardá, o Companheiro, Awf b. Málik al Achfai[2] teve um sonho no qual viu uma vasta campina verde com muitas árvores frondosas. No meio da campina viu uma grande tenda côncava-

2. Awf b. Málik al Achja'i – um Companheiro que também era um corajoso *mujahid*. Quando Makka foi tomada pelos muçulmanos, Ibn Málik carregou o estandarte da sua tribo. Posteriormente, viveu na Síria.

convexa feita de couro. Pastando ao redor da tenda estavam ovelhas, as mais lindas do que qualquer uma que jamais vira. Ele perguntou:

"A quem isto pertence?"

"Ao Abdur Rahman b. Awf", alguém respondeu.

De súbito, o Abdur Rahman b. Awf olhou para fora da tenda, e disse:

"Isto é o que o Todo-Poderoso Deus nos prometeu, no Alcorão. Se fores caminho acima, irás ver e ouvir coisas que jamais imaginaste."

"E a quem elas pertencem, ó Abu Mohammad?" perguntou Ibn Málik.

Ele respondeu:

"O Todo-Poderoso Deus preparou-as para o Abu al Dardá, porque ele usou ambas as mãos e toda sua força para empurrar o mundo material para longe de si."

CAPÍTULO 23

Suhaib b. Sinan

"*Fizeste uma transação proveitosa, ó Suhaib, e conseguiste a melhor parte da barganha*."

Mohammad, o Mensageiro de Deus.

Suhaib, o bizantino – será que há um muçulmano vivo que nunca ouviu falar dele? Sua vida é tão cheia de eventos os quais constituem material para estórias, por todo o mundo muçulmano, tanto é que todos nós conhecemos pelo menos um pouco sobre ele.

O que muitos de nós não sebem acerca de Suhaib é que ele não era bizantino, ou romano, mas árabe, com o pai sendo da tribo de Numair e a mãe, da tribo de Tamim. Como ele se tornou conhecido por "bizantino" é a própria estória em si. A estória está em muitos textos históricos clássicos, mas quem, entre nós, ouviu-a em detalhes?

Cerca de duas décadas antes do tempo em que o abençoado Profeta (S) primeiramente recebeu o chamado para a profecia, um homem chamado Sinan b. Málik, da tribo de Numair, era governador de uma cidade chamada Ubulla. Essa velha cidade fazia parte do império sassânida, e faz, nos nossos dias, parte da cidade de Al Basra.

Esse governador, Sinan, tinha um grande número de filhos, dos quais o seu favorito era o Suhaib. Com suas faces rosadas, seus cabelos cor de cobre, e ilimitada energia, Suhaib era precocemente inteligente, embora tivesse apenas cinco anos de idade. Tinha um temperamente afável e era bem humorado, sabendo como arrancar risadas do seu pai, Sinan, mesmo quando os deveres e afazeres do governo pareciam aborrecê-lo.

O verão, na cidade, era uma época insalubre. O calor e a umidade tornavam-se tão opressivos, que todos os que podiam iam procurar o clima mais agradável do campo, nos meses de verão. A esposa de Sinan fez as malas e se pôs a caminho do vilarejo de Çaniy, com seus criados, suas criadas e, certamente, a criança Suhaib. Não estavam ali havia muito, quando o vilarejo foi invadido por uma divisão do exército bizantino. Eles assassinaram os guardas do vilarejo e carregaram os bens das pessoas.

Também raptaram um bom números de pessoas e, entre elas, levaram o jovem Suhaib.

O jovem foi vendido no mercado de escravos da capital bizantina, e depois passou de uma pessoa para outra. O ser passado dos serviços de um amo, para os serviços doutro, era a sina de milhares de escravos que enchiam os palácios dos membros abastados da sociedade bizantina.

A experiência de Suhaib como escravo capacitou-o a ver além da brilhante fachada que era chamada de civilização, naquela sociedade. Os escravos sabiam de todos os segredos dos seus senhores, e viam tudo o que se passava por trás das altas muralhas dos palácios. Suhaib nada sentia além de ódio e desprezo pelos bizantinos, e sabe-se que teria dito que nada, a não ser um dilúvio, que afogasse a todos, poderia purificar tal sociedade.

Conforme passavam os anos, Suhay começava a perder o seu domínio da língua-mãe, o árabe. Porém, embora passasse muitos anos nas terras dos bizantinos, ele sabia que era árabe e, adstrito à sua natureza beduína, ansiava pela liberdade que teria na Arábia. Todos os seus sonhos focalizavam uma escapada do cativeiro e o retorno ao seu povo.

Num dia, ele ouviu sorrateiramente a conversa entre o seu amo e um padre. O padre estava a dizer que muitos eruditos da religião sabiam que em breve um profeta iria aparecer em Makka, na Arábia. Esse profeta iria confirmar a mensagem de Jesus, filho de Maria, e tirar o povo da escuridão da ignorância, e levá-lo para a luz da verdade. O ouvir aquilo, tornou Suhaib ainda mais ansioso quanto ao libertar-se e escapar dos seus captores.

Ele aproveitou a primeira oportunidade disponível, e fugiu do império bizantino. Decidiu dirigir-se para Makka por duas razões: primeiro porque era o ponto-de-encontro dos viajantes de toda Arábia e, segundo, porque era o lugar onde o padre predisse que o esperado profeta iria aparecer.

Em Makka, Suhaib foi empregado por um homem de nome Abdullah b. Jadan, que lhe deu trabalho nos seus negócios de mercador. Suhaib foi um sucesso nos negócios, e começou a ganhar um respeitável provento. O povo de Makka veio a conhecê-lo e o apelidou de *Al Rumi* (o romano) por causa da sua compleição clara, dos seus cabelos ruivos, e do seu forte sotaque, ao falar árabe. Mas eis que o Suhaib sempre se lembrava da predição, e estranhava por que ela demorava tanto a acontecer.

A verdade foi que Suhaib não teve que esperar muito tempo. Quando voltava das suas muitas viagens, como mercador, costumava vagar pelo mercado e ouvir, de outros jovens, toda a ocorrência que acontecera durante a sua ausência. Num dia, ao voltar, ouviu as pessoas a dizerem que um tal de Mohammad b. Abdullah (S) começava a pregar aos indivíduos, conclamndo-os a cultuarem um Deus Único, a serem justos nos seus tratos financeiros, e bondosos e caritativos nas suas interações sociais. Também requeria deles que se reprimissem da indecência e do pecado. Excitado, Suhaib perguntou a seus amigos se esse tal de Mohammad não era aquele a quem todos chamavam de *Al Amin* (o confiável)? Quando eles assentiram, Suhaib lhes perguntou aonde poderia encontrar aquele homem. Eles disseram para o Suhaib que o Profeta (S) encontrava-se com as pessoas na casa de Al Arqam b. al Arqan, perto do monte de Safa, mas tentaram impedi-lo a que fosse ter com ele.

Ao verem os jovens que Suhaib estava determinado a ir ao encontro do Profeta (S), deram-lhe o seguinte conselho:

"Toma cuidado para que ninguém te veja, ou saiba aonde tu estás indo. Se qualquer um dos coraixitas te vir, far-te-ão coisas terríveis, uma vez que não tens uma tribo que te proteja. Eles agem cruelmente quando sabem que não há ninguém para vingar a morte da pessoa.

Cuidadosamente, Suhaib se dirigiu para a casa do Al Arqan. Após certificar-se de que ninguém o havia visto ou seguido, ele foi até à porta, onde encontrou um conhecido, o Ammar b. Uasir. Ele o havia encontrado antes, mas hesitou um momento antes de perguntar:

"Que estás fazendo aqui, ó Ammar?"

"E **tu,** que estás fazendo aqui?" foi a resposta.

"Eu quero encontrar-me com alguém, e ouvir o que ele tem a dizer", disse Suhaib.

"E eu também", disse Ammar.

"Entremos juntos, e oremos para que Deus abençoe a nossa vbisita", disse Suhaib.

Aquele foi um dia que irá ser lembrado pelos muçulmanos por todo o porvir, dia em que Suhaib b. Sinan e Ammar b. Uasir se apresentaram ao Profeta (S) e ouviram a sua pregação. De bom grado aceitaram a fé e declararam que não havia deus a não ser Deus, e que Mohammad era o Seu servo e Mensageiro. Eles permaneceram lá até que a noite caísse, ouvindo os ensinamentos dele e aprendendo algo sobre sua religião. Quando finalmente eles partiram para suas casas, escondidos

sob o manto da noite, cada um deles levou em seu coração fé suficiente para iluminar o mundo inteiro.

Por causa da sua conversão, Suhaib sofreu perseguições por parte dos coraixitas. Juntamente com Ammar, Bilal, Summaiya, Khabbab e dúzias de outros crentes, ele foi caçado e torturado por causa das suas crenças. Uma montanha teria de ser triturada caso fose ser feita a comparação do peso do seu sofrimento, mas o Suhaib permanecia firme e tranquilo, pois sabia que o caminho para o Paraíso não era fácil.

Quando o Profeta (S) anunciou aos seus seguidores sua decisão de emigrar para Madina, Suhaib planejou deixar Makka na companhia do Profeta e de Abu Bakr, mas a tribo do coraix suspeitou que ele planejava partir. Ele contrataram espiões para que o vigiassem, dia e noite, para que não pudesse se esgueirar levando toda a riqueza que havia acumulado como mercador.

Suhaib permaneceu em Makka, esperando uma chance de escapar e encontrar-se com o Profeta (S) e seus Companheiros. Por fim, quando tinha quase perdido as esperanças de fugir dos seus eternos inimigos vigilantes, ele bolou um plano.

Ele esperou até que a noite se tornasse acremente fria. Quando já se fazia tarde, ele penetrou na escuridão da noite, pretendendo que ia fazer as necessidades fisilógicas. O espias o seguiram, até que ele voltou para casa. Ele repetiu isso muitas vezes, até que os guardas voltaram-se uns para os outros, zombeteiros, dizendo:

"Os deuses reviraram-lhe os intestinos. Ele não irá a lugar algum esta noite." Então eles voltaram aos seu postos, dando-se ao luxo de dormirem um pouco. Tão logo Suhaib teve certeza de que eles estavam num sono profundo, esgueirou-se pela saída, e se dirigiu para Madina.

Suhaib não tinha ido longe quando os homens responsáveis pela vigilância acordaram alarmados, conscientizando-se de que ele tinha escapado. Selaram seus mais rápidos cavalos e se puseram ao encalço dele. Quando o Suhaib ouviu que eles se aproximavam, constatando que não havia lugar algum para se esconder, subiu na encosta de um morro, colocou uma flecha no seu arco, e gritou:

"Ó homens do coraix, Juro por Deus que sabeis que eu sou um dos melhores arqueiros, e que sempre acerto no alvo. Vós não me alcançareis antes que eu derrube um de vós com cada uma das minhas setas, e irei lutar até à morte com minha espada para que não me captureis!"

"Tu nunca fugirás de nós para levares toda essa riqueza para os muçulmanos", um deles respondeu. "Quando vieste a nós, estavas sem

lar e sem dinheiro. Agora que te empregamos e te ajudamos a ficar rico, desejas fugir!"

"Esse é que é o probelama?" perguntou o Suhaib. "Se eu deixar o meu dinheiro, permitireis que eu vá?"

Eles concordaram com o tratado, e ele disse onde o dinheiro estava guardado. Este estava ainda em Makka e, depois que ele lhes mostrou onde o encontrar, eles pegaram o dinheiro e soltaram o rapaz. Suhaib continuou a viagem para Madina, levando consigo o mais valioso dos tesouros: sua fé. Ele não se lamentava pelo dinheiro que passara a juventude a juntar. Toda a vez que suas passadas esmoreciam e ele sentia que não mais poderia continuar, era reanimado pela ânsia de estar com o Profeta (S), e continuava a caminhar.

Quando ele chegou a Quba, constatou que o Profeta (S) lá estava, e foi recebido calorosamente. O Profeta (S) ficou irradiante com a presença de Suhaib, e disse:

"Fizeste uma transação proveitosa, ó Abu Yahya!" O Profeta (S) repetiu isso por três vezes, e Suhaib, cheio de assombro, disse:

"Juro por Deus que ninguém passou por mim na estrada para Madina. Ninguém poderia ter-te contado o que aconteceu comigo, excepto o próprio anjo Gabriel."

E aquilo fora a verdade. Suhaib adquirira a melhor parte do ajuste, e isso foi confirmado pela divina revelação. O anjo Gabriel contara ao Profeta Mohammad (S) o que acontecera a Suhaib, e revelara ao Profeta (S) as seguintes palavras do Alcorão, concernentes ao Suhaib:

"**Entre os homens há também aquele que se sacrifica para obter a complacência de Allah, porque Allah é Compassivo para com os servos**" (2:207).

CAPÍTULO 25

Zaid b. Háriça

"Juro por Deus que o Zaid b. Háriça merecia ser comandante. Foi uma das pessoas a quem eu mais amei."

{Profeta Mohammad (S)}

Nossa estória começa quando uma mulher de nome Su'da b. Çalaba sai da casa do seu marido para fazer uma visita à tribo de Man. Leva consigo o seu menininho, Zaid b. Háriça al Ka'bi. Ela não havia estado com a tribo por muito tempo, quando todos foram atacados por incursadores dos Banu al Cayn. Os atacantes roubaram o povo de Man, tomaram seu dinheiro e gado, e levaram um bom número de pessoas como cativos. Um dos que foram raptados foi o filho de Su'da, o Zaid b. Háriça.

Ao tempo, Zaid tinha quase oito anos de idade. Ele foi levado para a feira de Ukass, onde foi vendido como escravo a um rico figurão do Coraix por 400 dirhams. O nome desse homem era Hakim b. Hazam b. Khuwailid. Ele comprou um bom número dos escravos que estavam à venda, e os levou consigo para Makka.

Depois que chegou a Makka, recebeu uma visita de cortesia da sua tia, Khadija b. Khuwailid, que foi congratulá-lo pela sua volta segura da viagem. Desejando mostrar a sua estima pela sua tia, ele insistiu em que ela escolhesse um dos escravos que havia adquirido, para que lho desse de presente.

Khadija se pôs a olhar os escravos. Ao invés de examinar os físicos deles, para ver qual poderia ser o mais laborioso, ela lhes perscrutou os rostos. Por fim, decidiu-se pelo Zaid b. Háriça, porque parecia ser o mais inteligente, e o levou consigo.

Não muito tempo depois, Khadija b. Khuwailid casou-se com Mohammad b. Abdullah. Ela desejou dar a ele um presente que fosse singular, e decidiu que o melhor presente seria o seu escravo favorito, o Zaid.

Assim, a criança sortuda cresceu sob os gentis cuidados de Mohammad (S), com quem aprendeu os mais altos padrões de vivência e a mais refinada conduta.

Ao mesmo tempo, a mãe do menino, devastada pelo seu rapto, passava os dias na esperança de que, de algum modo, ele fosse encontrado, e passava as noites chorando. Ela não sabia se ele ainda estava vivo; ou se estava morto, para que, assim, pudesse perder as esperanças e pôr um fim ao seu sofrimento.

O pai da criança se engajava numa contínua busca quanto a ela. Viajava para todos os lugares em que pudesse pensar, e perguntava a todos que encontrava acerca do seu desaparecido filho. Ele compôs versos de partir o coração sobre a sua dor pela sua criança, alguns dos quais foram:

"Chorei pelo Zaid, não lhe sabendo a sina;
"Estaria ele vivo? esperamos que sim,
"Ou será que a morte nos derrotou?
"Juro por Deus que não sei, mas perguntarei;
"Ó Zaid, sará que as planícies te roubaram de nós?
"Ou será que foram as montanhas?
"O sol o traz à minha mente, quando se alevanta,
"E a memória dele me atormenta,
"Quando o sol se assenta.
"Assim hei de passar a vida, até que minha hora chegue,
"Pois todo ser humano é mortal
"Embora a esperança lhe eleve o moral.

Aconteceu que alguns dos membros da tribo de Zaid foram a Makka para celebrarem a estação da peregrinação, à maneira pagã. Estavam andando pela Caaba quando, repentinamente, encontraram-se cara a cara com o Zaid. Eles o reconheceram, disseram-lhe quem eles eram, e lhe perguntaram como fora parar em Makka. Quando eles terminaram de realizar os rituais, voltaram para suas terras e contaram ao pai Hárica que haviam encontrado o seu filho, e relataram tudo o que o Zaid lhes havia dito.

Hárica não perdeu um só momento em preparar a sua montaria e, tendo coletado dinheiro suficiente para comprar a liberdade do seu precioso filho, e levando consigo o seu próprio irmão, Kaab, pôs-se, apressadamente, a caminho de Makka. Ao chegarem, procuraram imediatamente a Mohammad b. Abdullah (S) e disseram:

"Ó filho de Abdul Muttalib, vós, habitantes de Makka, sois apegados a Deus; proporcionais proteção aos indefesos, comida para os famintos, e assistência para aqueles em desespero. Viemos pleitear por nosso filho que está contigo, e trouxemos dinheiro suficiente para comprar a sua liberdade. Sê condescendente conosco e dize-nos o teu preço por ele!"

"Qual seria esse filho a que vos referis?" perguntou Mohammad (S).

"O teu servo, Zaid b. Háriça", responderam.

"Gostaríeis de fazer algo melhor do que comprar a liberdade dele?" perguntou Mohammad.

"E que coisa seria essa?" eles argumentaram.

"Vou chamá-lo aqui. Dai-lhe a oportunidade de escolher entre ir convosco e ficar aqui comigo. Se ele vos escolher, podereis levá-lo sem nada pagar; mas se ele me escolher, não o empurrarei para longe de mim."

"Tu és imparcial e justo além do que alguém possa imaginar!" exclamaram.

E eis que Mohammad (S) mandou chamar o Zaid, e lhe perguntou:

"Sabes acaso quem são estas pessoas?"

"Este é meu pai, Háriça b. Churahil, e aquele é o meu tio, Kaab."

"Estou proporcionando-te uma escolha", Mohammad (S) disse a ele. "Se quiseres, poderás ir com eles; e se quiseres, poderás ficar comigo."

"Prefiro ficar contigo", disse o Zaid.

"Maldito sejas, ó Zaid!", berrou o Háriça. "Preferirias a escravidão ao teu pai e à tua mãe?"

"Após conhecer este homem", disse Zaid, "desejo passar o resto da minha vida com ele."

Quando Mohammad (S) viu o quão Zaid era apegado a ele, dirigiu-o pela mão até à Grande Mesquita, e os dois ficaram de pé defronte ao santuário, e perante um grande número de membros dos coraixitas. Então ele disse:

"Povo do Coraix! Prestai testemunho do fato de que este rapaz é meu filho adotivo e meu herdeiro."

Quando Háriça e Kaab, o pai e o tio de Zaid constataram o quanto Mohammad zelava pelo rapaz, ficaram convencidos de que iria ser melhor para ele ficar com Mohammad (S). Eles voltaram para o seu povo, confiantes de que o Zaid estava em boas mãos, e dando-se muito bem.

Daquele dia em diante, Zaid foi por todos denominado Zaid b. Mohammad, e continuou a assim ser chamado, até ao tempo em que o Mensageiro de Deus (S) recebeu a divina revelação, que abolia a adoção (nos termos ocidentais). O Todo-Poderoso Deus diz, no Alcorão:

"**Dai-lhes os sobrenomes dos seus (verdadeiros) pais**" (Al Ahzab, 33:5).

E daí em diante foi novamente chamado de Zaid b. Háriça.

Zaid não sabia, ao escolher a Mohammad (S) e não à sua família, que prêmio angariava para si. Não sabia que o mestre a quem preferira ao seu próprio povo era o mestre de todos os povos, e o Mensageiro de Deus para toda a humanidade. Não tinha como saber que um Estado divino estava para se erguer na terra, e que este iria disseminar a retidão e a justiça, de oeste até ao este. Não tinha como saber que ele iria ser o primeiro tijolo da construção desse Estado.

Nada disso ocorrera ao Zaid, pois aquilo era pela graça de Deus, Que a concede a quem Lhe apraz, porque Deus é Aquele com ilimitadas graças.

Apenas uns poucos anos haviam passado após o incidente em que lhe foi dada a escolha, e Deus envolveu o Seu Mensageiro (S) com a religião da diretriz e da verdade. Zaid foi o primeiro homem a acreditar nele. Poderia alguém ultrapassar um **primeiríssimo** como esse? Nenhuma outra aquisição se compara a essa!

Zaid b. Háriça tornou-se um confidente dos segredos do Mensageiro de Deus (S), assim como um líder dos exércitos em tempo de guerra, e o deputado do Profeta (S) em Madina, quando este viajava.

Zaid amava o Profeta (S), sendo que o preferiu, aos seus prórios pais. O Profeta (S) lhe retribuía o amor, fazendo dele um membro da sua própria família, e compartilhando com ele tudo o que possuía. Se Zaid estivesse para sair numa viagem, o Profeta (S) sabia que iria sentir terrivelmente a sua falta; e sentia-se super jubiloso quando ele voltava, são e salvo.

A senhora Umm al Muminin Aicha descrevia uma cena que mostrava a alegria do abençoado Profeta (S) quando o Zaid voltava duma viagem; ela disse:

"Uma ocasião o Zaid voltava para Madina. O Mensageiro de Deus (S) estava no meu quarto quando o Zaid bateu à porta. O Mensageiro de Deus (S) pulou para abrir a porta, com nada mais que uma tanga que lhe cobria até aos joelhos; e foi pondo as roupas enquanto se dirigia para a

porta. Juro por Deus que aquela foi a única vez em que vi o Mensageiro de Deus ficar de pé e caminhar sem as suas vestes."

O amor do abençoado Profeta (S) pelo Zaid era tão conhecido, que as pessoas o apelidaram de *Zaid al Hubb* (Zaid, o amado), e *Hibb* (o amado). O filho de Zaid, Ussama, tornou-se conhecido como *Ibn Hibbi* (filho do amado).

No oitavo ano da Hégira, Deus quis testar o Profeta (S), fazendo por separá-lo do seu amado amigo.

Aconteceu de o Profeta (S) enviar uma carta ao rei de Busrah, convidando-o ao Islam. O portador da missiva era o Al Háris b. Umair al Azdi, que foi apenas até Muata, a leste do Jordão. Nesse ponto foi barrado por um dos príncipes gassânidas, Churhabil b. Amr, que o capturou, amarrou-o e fez com que fosse executado em público, pela decapitação.

O abençoado Profeta (S) nunca tivera um dos seus mensageiros que fora morto, e ficou ultrajado. Assim, ele pôs uma força de três mil lutadores a marcharem sobre Muata, e colocou o seu amado amigo, Zaid b. Háriça no comando daquela força. O Profeta se dirigiu aos soldados:

"Se o Zaid for ferido, passai o comando para o Jafar bin Abi Tálib; e se o Jafar também for ferido, passai o comando para o Abdullah bin Rawaha; e se este também for ferido, que os soldados muçulmanos escolham o seu próprio líder."

O exército marchou até que chegou a Maan, na parte oriental do Jordão. Heráclius, o imperador de Bizâncio, madou uma força de 100.000 homens para proteger o Estado-satélite ghassânida, e juntaram-se a mais 100.000 dos árabes pagãos. Esse exército enorme estabeleceu acampamento próximo aos muçulmanos.

Os muçulmanos passaram duas noites em Maan discutindo e consultando-se sobre o melhor plano de ação. Algumas pessoas sugeriram que mandassem uma mensagem ao Profeta (S) perguntando-lhe o que deveriam fazer. Outras afirmavam que eles deveriam lutar, dizendo:

"Juro por Deus que as nossas batalhas não são encetadas com números ou fortidão, ou com suprimentos. Nossas batalhas são vencidas com fé. Devemos acabar o que começamos, pois, de todo modo, Deus nos tem garantida a vitória: ou vencemos a batalha, ou morreremos como mártires, e entraremos no Paraíso."

Os dois exército se chocaram em Muata, e os muçulmanos lutaram com tal ferocidade, que chegaram a assustar os bizantinos, enchendo-os de espanto com aqueles três mil muçulmanos que lhes desafiavam a enorme força.

O Zaid b. Hária defendeu o estanderte do Mensageiro de Deus com um heroísmo sem precedente de qualquer um na história. Por fim, Zaid sucumbiu, com centenas de ferimentos causados pelas lanças do inimigo. Jafar b. Abi Tálib lhe tomou o lugar, agarrando o estandarte e defendendo-o com nobreza, até que ele, também, caiu como um mártir. Então o Abdullah b. Rawaha tomou o lugar de Jafar, segurando o estanderte e lutando forozmente, até que teve a mesma sorte dos seus dois companheiros.

Os combatentes muçulmanos deram o comando ao Khalid b. al Walid, que se havia recentemente convertido ao Islam. Ele reuniu o exército muçulmano e forçou os homens a se retirarem do campo, antes que ficassem totalmente aniquilados.

O abençoado Profeta recebeu a notícia da derrota em Muata e da morte dos seus três líderes. Nunca havia estado tão intensamente pesaroso como ora estava, por eles. Ele foi para cada uma das casas deles, a fim de oferecer suas condolências às suas respectivas famílias. Quando chegou a casa do Zaid, a filhinha deste se atirou sobre o abençoado Profeta, soluçando. O abençoado Profeta a segurou, chorando tão alto, ele mesmo, que todos podiam ouvi-lo.

O Saad b. Ubada lhe perguntou:

"Por que estás chorando desse jeito, ó Mensageiro de Deus?"

"É muito natural que a gente chore pela morte de um ente querido", respondeu o Profeta (S).

C A P Í T U L O 26

Ussama b. Zaid

"O abençoado Profeta amava mais o pai de Ussama do que amava o teu pai, e Ussama era mais querido do abençoado Profeta do que tu." (dito por Al Faruk Ômar ao seu filho)

Esta estória começa sete anos antes da Hégira, em Makka. O abençoado Profeta (S) e seus seguidores estavam constantemente sofrendo perseguições da parte dos coraixitas pagãos. Em adição a essa carga, o Profeta (S) também suportava o encargo de tentar disseminar a fé no que parecia ser uma avassaladora onda de resistência. Num tempo em que a vida nada parecia ser além de uma interminável série de atribulações, um raio de felicidade brilhou na vida do Profeta (S).

Aquele raio de felicidade foi levado pela pessoa que foi ter com o abençoado Profeta (S), dando-lhe a jubilosa notícia de que a Umm Ayman havia dado um menino à luz. Seu nobre rosto brilhou com um profundo deleite, à medida em que ouvia as boas-novas.

Mas quem era aquele afortunado menino cuja notícia do nascimento pôde trazer tal alegria ao Profeta (S), num tão difícil período da sua vida? o nome dele era Ussama b. Zaid; e eis que nenhum dos companheiros do abençoado Profeta mostrou-se surpreso com a reação do Profeta (S) à notícia, pois sabiam o quanto ele reverenciava os pais da criança.

Umm Ayman era o matronímico da mãe do Ussama, mas o seu nome era Baraka, a abissínia. Ela fora uma escrava que pertencera a Amina b. Wahb, a mãe do Profeta (S). Ela hvia ajudado a mãe do Profeta a tomar cuidado dele, e fora sua segunda mãe depois que Amina morreu. Na verdade, tanto quanto ele podia lembrar-se, essa Baraka tinha sido mais mãe dele do que qualquer uma outra. Por causa daquela relação, e toda uma vida a uni-los, o abençoado Profeta costumava dizer de Baraka:

"Ela é a minha segunda mãe, e a última pessoa que resta da domesticidade da minha família."

A afortunada mãe do novo bebê rivalizava apenas com o pai, em termos de quão próximo se estava do abençoado Profeta (S). Zaid b. Háriça, o pai, tinha o apelido de *Hibb* (o amado do Mensageiro de Deus). O Profeta (S) havia adotado o Zaid como seu herdeiro legal, antes do advento do Islam e, depois que o Islam aboliu a adoção, Zaid permaneceu como o confidente dos segredos do Mensageiro de Deus (S), e como um membro da família.

O nascimento da criança trouxe júbilo a toda a comunidade dos muçulmanos, dum modo que nunca antes acontecera. O motivo do júbilo deles foi que eles viam a alegria do Profeta (S), e o que dava felicidade a ele, dava felicidade igualmente a eles. Então eles apelidaram o menino de *Al hibb b. al Hibb* (o amado, filho do amado).

O apelido não era um exagero, pois o Mensageiro de Deus tinha mais afeição pelo Ussama do que qualquer outro sonhava conseguir. Ussama tinha mais ou menos a mesma idade do filho mais velho da querida filha do abençoado Profeta (S), Fatima.

Al Hassan tinha a pele clara, as faces rosadas e belas, e parecia-se fortemente com o seu avô, o Profeta (S). Ussama tinha a pele escura e nariz chato, e parecia-se fortemente com sua mãe que era etíope. O que possuíam em comum era que ambos tinham a afeição do Profeta (S), que os pegava um em cada lado do seu colo, apertava-os contra o peito e dizia:

"Ó Deus, eu os amo, amo-os mutíssimo!"

Uma ocasião o Ussama estava brincando, e tropeçou na soleira da porta, caiu e fez um corte na cabeça. O abençoado Profeta estava ocupado, e pediu para Aicha que cuidasse do ferimento do Ussama. Ela assim fez, mas com uma certa repulsa, pois não era muito mais velha do que o menino. Então o abençoado Profeta (S) foi até ele, beijou o ferimento, sem nenhuma repulsa, apertou-o e o confortou da melhor maneira possível.

Conforme Ussama crescia deixando a meninice, o abençoado Profeta continuava a amá-lo. Uma ocasião foi dado, por Hakim b. Hazam, um dos chefes do coraix, ao abençoado Profeta, um presente. Era uma capa que havia sido usada por Dhu Yazan, um dos reis do Yêmen, e Hakim tinha pago cinqüenta dinares por ela.

O abençoado Profeta recusou-se a aceitar o presente, porque o Hakim b. Hazam era ainda um idólatra, naquele tempo, mas disse que ficaria agradecido se pudesse comprá-la. Ele a comprou, e usou-a uma

vez numa sexta-feira, antes de dá-la para o Ussama. Este sempre a usava, e todos os seus amigos do Muhajirun e dos Ansar sabiam que aquilo se tratava de um presente do abençoado Profeta (S).

Pelo tempo em que o Ussama atingiu a puberdade, estava claro para todos que ele merecia desfrutar da afeição do abençoado Profeta (S), por causa das sua nobres virtudes e qualidades. Era inteligentíssimo, poderosamente corajoso, e possuía um mesurado senso de julgamento. Era puro, detestava todos os vícios, era afetivo e muito querido pelos outros, religioso e consciente quanto a Deus, e carismático.

Quando chegou a hora da batalha de Uhud, o Ussama b. Zaid se apresentou, juntamente com os outros jovens dentre os Companheiros, os quais desejavam sair em *jihad*, para lutarem pela liberdade de religião. O abençoado Profeta escolheu um bom número deles, descartando outros, uma vez que eram muito jovens para lutar. Um dos excluídos foi o Ussama; ele foi embora em lágrimas, pois lhe havia sido negada a chance de sir com o *jihad* sob o estandarte do Mensageiro de Deus.

Quando chegou a hora para a batalha da Trincheira, o Ussama b. Zaid se apresentou de novo, juntamente com os jovens Companheiros que desejavam sair em *jihad*. Tentou ficar o mais ereto possível; e o Profeta (S), vendo que o Ussama estava tentando parecer mais alto do que era, ficou impressionado e permitiu que ele se juntasse aos combatentes. Deleitado, ele carregou consigo a espada como se fosse um *mujahid* (combatente). Tinha quinze anos, nesse tempo.

Na batalha de Hunain, durante a qual os muçulmanos foram derrotados, o Ussama b. Zaid permaneceu firme ao lado de Al Abbás, tio do Profeta (S), de Abu Syfyan b. al Háris, seu tio, e de seis outros dentre a elite dos Companheiros. Juntamente com eles, o abençoado Profeta (S) foi capaz de proteger os muçulmanos retrocedentes; e, por causa da fé e indômita coragem deles, foi capaz de transformar uma derrota numa pequena vitória.

Na batalha de Muata, quando o Ussama b. Zaid já contava dezoito anos de idade, ele lutou sob o estandarte do seu pai, o Zaid b. Háriça, e viu seu pai cair, em batalha, perante ele. Não se enfraqueceu ou perdeu a coragem, mas continuou a lutar sob o estandarte de Jafar b. Abi Tálib, até que este também caiu. Ele continuou a lutar sob o estandarte de Abdullah b. Rawaha, que também foi morto; e, por fim, sob o estandarte de Khalid b. al Walid, que fez o pequeno exército retroceder, desse modo resgatando os soldados das garras dos bizantinos.

De volta a Madina, o Ussama passou a montar o cavalo do qual o seu martirizado pai havia caído, em batalha. Atrás de si, deixou o corpo puro do seu pai no campo de batalha, na fronteira com a Síria, esperando pela, e na expectativa da compensação de Deus pela perda.

No undécimo ano da Hégira, o abençoado Profeta (S) expediu ordem para que uma força fosse preparada e enviada contra os bizantinos. À cabeça da força estavam Abu Bakr, Ômar Ibn al Khattab, Saad b. Abi Waccas, Abu Ubaida b. al Jarrah, e outros proeminentes Companheiros. O Profeta (S) deu o comando do exército ao Ussama b. Zaid, embora este ainda não tivesse vinte anos de idade. O Profeta ordenou que o Ussama conduzisse a cavalaria até Al Balca, até a Fortaleza Darum, perto da cidade de Gaza, na Palestina.

O exército estava sendo preparado, quando o abençoado Profeta (S) ficou doente. Com a enfermidade dele a ficar rapidamente severa, o exército parou com as preparações. Todos esperavam, observando ansiosamente para verem o resultado daquele novo desenvolvimento. O Ussama relatou:

"Quando o abençoado Profeta (S) chegou a um severo estágio na sua doença eu fui visitá-lo. Estava sofrendo tanto, que não era mais capaz de falar. Ele ergueu a mão para o céu, e a colocou no meu peito, e eu sabia que estava orando por mim."

Logo depois o abençoado Profeta (S) teve o seu passamento, e a comunidade jurou fidelidade a Abu Bakr, que passou a ser o califa. Este expediu a ordem para que a força do Ussama se engajasse na sua missão. Contudo, um grupo dos Ansar era da opinião de que a missão deveria ser adiada, e pediu a Ômar b. al Khattab que discutisse a questão com Abu Bakr, dizendo:

"Se ele está determinado a prosseguir com essa missão, faze-o entender que nós queremos um comandante que seja mais velho que o Ussama."

Ômar foi ter com o Abu Bakr, e transmitiu-lhe a mensagem dos Ansar. Cheio de justificada cólera, Abu Bakr levantou-se e agarrou Al Faruk Ômar pelas barbas, dizendo:

"Que tua mãe te renegue, ó filho de Al Khattab! Estás a pedir que eu retire alguém a quem o abençoado Profeta (S) apontou!? Juro por Deus, isso jamais irá acontecer!"

Todos estavam do lado de fora esperando ouvir o resultado do encontro de Ômar com o Abu Bakr. Quando ele saiu, inquiriram-no, e sua única resposta foi:

"Afastai-vos de mim! Vós sois os tais a quem ele deveria ter falado, pois eis que fizestes com que eu fosse humilhado pelo califa do Mensageiro de Deus!"

Quando os contingentes saíram para a sua missão sob o comando do seu jovem líder, foram escoltados pelo califa, que caminhava ao lado da montaria do Ussama. Este, sentindo que a situação era inusitada, disse:

"Ó califa do Mensageiro de Deus, tu deves montar, ou terei que desmontar", ao que Abu Bakr disse:

"Juro por Deus que não irei montar. Pensas acaso que irei me incomodar de ter meus pés cobertos de areia por causa de caminhar umas horas pela causa de Deus?" E continuou:

"Eu dependo de Deus para salvaguardar a vossa fé, juntamente com a confiança que vos foi depositada, bem como para espiar os vossos bons feitos. Exorto-vos a que cumprais as ordens do Mensageiro de Deus." Então ele encostou perto do Ussama, e murmurou:

"Se puderes deixar o Ômar aqui para me assistir, por favor, pede-lhe que fique." O jovem consentiu, e ordenou que Ômar ficasse.

Ussama b. Zaid cumpriu com suas ordens, viajando com a cavalaria até Al Balca e até a Fortaleza Darum, na Palestina. Naquela operação, os muçulmanos perderam todo o medo que tinham dos bizantinos, e o Ussama preparou-lhes o caminho para a expansão por entre a Síria, o Egito e o norte da África, até ao Oceano Atlântico. Ele voltou da missão cavalgando o mesmo cavalo em cujo lombo seu pai fora martirizado. O exército portava consigo os despojos das batalhas, que eram enormes, e foi dito sobre aquilo:

"Jamais um exército foi visto voltar com tão poucas perdas e tantos ganhos como o do Ussama b. Zaid!"

Enquanto viveu, o Ussama b. Zaid permaneceu um dos mais respeitados e queridos Companheiros, pois, nas mentes dos demais, ele representava a família do Mensageiro de Deus.

Quando Al Faruk Ômar designou estipêndios do tesouro para os muçulmanos, determinou para o Ussama uma quantia maior do que para o seu próprio filho, Abdullah; este disse:

"Ó pai, determinaste quatrocentos para o Ussama, e somente trezentos para mim! O pai dele não foi mais importante que tu, e ele não é mais importante que eu!"

"Longe disso", replicou Al Faruk. "O Mensageiro de Deus (S) amava o pai dele mais que a mim, e o Ussama foi mais amado pelo Profeta (S) do que tu."

Visto isso, o Abdullah compreendeu por que seu pai havia dado ao Ussama u'a maior quantia, e se contentou com o que recebera.

Sempre que Ômar b. al Khattab se encontrava com o Ussama, dizia:

"Dou as boas-vindas ao meu comandante!" Se acontecesse de alguém expressar sua surpresa do por quê de o califa se dirigir assim ao rapaz, ele explicava:

"O Mensageiro de Deus deu-lhe o comando sobre mim!"

Na verdade, isso constitui uma lição para todos nós, para que estudemos tais personalidades. Em toda a história, jamais existiu congêneres dos Companheiros, por causa das suas naturezas nobres e generosas.

CAPÍTULO 27

Saíd b. Zaid

"*Ó Deus, se me privas dessa bênção, não prives a meu filho Saíd!*"
Oração feita por Zaid, pai de Saíd.

Zaid b. Amr b. Nufayl permanecia a uma certa distância afastado da multidão, observando os coraixitas, conforme celebravam um dos seus festivais. Via os homens com as cabeças enroladas em turbantes de fina seda, pavoneando-se, em custosas túnicas iemenitas. Podia ver ainda as mulheres e crianças com camisolões alegremente coloridas, e uma esquisita joalharia. Observava o rebanho sendo arrastado por pessoas abastadas, que chegavam até a decorar os animais, antes de os levar para o abate perante seus ídolos.

Zaid, com as costas contra a parede da Caaba, disse:

"Ó povo do Coraix, as ovelhas são criadas por Deus. Ele faz descer a chuva para elas, para que possam beber; Ele faz crescer a relva no pasto para que eles se fartem; e eis que as abateis, mas não em Seu nome! Que pessoas ignorantes sois!"

O tio dele, Al Khattab, pai de Ômar b. al Khattab, foi à frente dele, esbofeteou-o, e disse:

"Que tu pereças! Temos ouvido essa tola fala de ti, e tolerado o suficente. Nossa paciência está chegando ao fim."

Então Al Khattab chamou alguns dos mais cruéis membros da sua tribo, e os incitou a atacarem o Zaid. Eles o atacaram, e estavam tão determinados na tantativa de o ferir, que ele fugiu de Makka e se refugiou na montanha de Hira. Al Khattab designou alguns dos jovens do Coraix para impedirem que o Zaid voltasse para Makka. Depois daquilo, ele só foi capaz de entrar na cidade às escondidas.

Sem que os coraixitas soubessem, Zaid encontrou-se com Waraca b. Nawfal, com Abdullah b. Jahch, com Otman b. al Háris, e com a Umaima b. Abd al Muttalib, a tia de Mohammad b. Abdullah. Eles

discutiram o fato de como os árabes haviam descambado para o politeísmo, e o Zaid disse para os seus companheiros:

"Juro por Deus, vós sabeis que vossos concidadãos estão em erro, e que se desviaram da religião de Abraão, indo contra ela. Se desejais a salvação, deveis procurar uma religião em que podereis acreditar. "

Os quatro homens foram ter com os eruditos das crenças judaica e cristã, bem como de outras, na busca da pura religião de Abraão. O Waraca b. Nawfal tornou-se cristão. O Abdullah b. Jahch e Otman b. al Háris nada encontraram que os satisfizesse. Quanto ao Zaid b. Amr b. Nufayl, bem, ele tem uma estória que iremos permitir que suas própria palavras nos contem, uma vez que foram registradas pelos historiadores:

"Eu estudei o judaísmo e o cristianismo, mas deles me afastei, porque achei que não me satisfaziam. Viajei para longe, norte-sul, leste-oeste, em busca da fé de Abraão, até que cheguei à Síria. Aí ouvi falar de um monge que tinha conhecimento das escrituras; então o procurei e lhe contei a minha estória. Ele disse para mim:

"'Vejo que tu buscas a religião de Abraão, o irmão que era de Makka!'

"'Sim,', respondi, 'é isso que eu quero.'

"Ele me disse:

"'Estás procurando uma religião que hoje não existe. Volta para o teu país, pois Deus irá enviar um profeta de entre teu próprio povo, profeta esse que fará reviver a religião de Abraão. Se estiveres ainda vivo, irás converter-te a ela'".

Zaid pôs-se a voltar apressadamente para Makka, à procura do profeta prometido. Enquanto o Zaid estava ainda viajando, Deus começou a enviar a revelação da verdade e da diretriz para o Seu Profeta Mohammad (S). Zaid nunca chegou a alcançá-lo, pois foi atacado por um bando de ladrões-de-estrada, no caminho para Makka. Quando exalava o último suspiro, Zaid se conscientizou de que nunca mais iria ter o prazer de ver o Mensageiro de Deus (S). Assim orou:

"Ó Deus, se me privas dessa bênção, não prives a meu filho Saíd!"

Foi da vontade de Deus ouvir a súplica de Zaid, pois logo que o Profeta (S) começou a conclamar as pessoas ao Islam, o Saíd b. Zaid foi um dos primeiros a crer em Deus e na mensagem do Seu Profeta. Isso não veio como surpresa para ninguém, pois o Saíd havia crescido numa família que rejeitava os desvios dos coraixitas. Saíd fora criado por um pai que passara a vida buscando a verdade, e morrera correndo atrás dela.

Saíd não esteve só na sua aceitação do Islam, porque sua esposa, Fátima b. al Khattab, irmã de Ômar, juntou-se a ele no acolhimento da fé. A perseguição infligida a esse jovem coraixita teria sido suficiente para afastá-lo da fé. Ao contrário, ele e sua esposa foram capazes de privar os pagãos de um dos seus mais formidáveis e perigosos homens-fortes, pois que foram uma das razões que levaram o Ômar al Khattab à conversão.

Embora não tivesse ainda vinte anos de idade quando aceitou o Islam, Saíd colocou toda a sua energia jovem a serviço da sua religião. Ele acompanhou o Mensageiro de Deus (S) em todas as batalhas, menos na de Badr, porque na ocasião havia sido enviado pelo abençoado Profeta (S) numa missão separada.

Ele compartilhou com os muçulmanos na tomada do trono do Cosroé, da Pérsia, e na expansão pelos territórios tomados do imperador de Bizâncio. Em todas as batalhas ele demonstrou um brilhante valor, coisa que o tornou proeminente entre os muçulmanos.

Seu episódio mais heróico foi na batalha de Yarmuk. Os historiadores registraram a narração dos eventos feita pelo Saíd b. Zaid, e a transmitimos aqui:

A Batalha de Al Yarmuk – a Estória de Saíd b. Zaid

Quando chegou a hora da batalha de Al Yarmuk, nossas forças chegavam a quase vinte e quatro mil homens. Os bizantinos vinham com um exército de cento e vinte mil. Eles avançavam em direção a nós com passadas pesadas, como se fossem montanhas movidas por mãos invisíveis. Estavam sendo liderados por bispos, patriarcas e padres, carragando cruzes e entoando orações que eram repetidas pelos exército, que troavam como trovões.

Quando os muçulmanos os divisaram daquele jeito, ficaram espantados com a quantidade numérica deles, e o medo lhes subiu aos corações. Naquele ponto, o Abu Ubayda b. al Jarrah foi para a frente, incitando os muçulmanos a batalhar, dizendo:

"Ó servos de Deus, lutai pela causa do Senhor, que Ele vos apoiará! Ó servos de Deus, sede firmes, como apraz ao Senhor, e evitai a desgraça. Segurai vossas lanças na frente, protegei-vos com vossos escudos, e nada digais além do nome de Deus, sob a vossa respiração, até que eu vos dê outra ordem!"

Então um homem deu um passo à frente, saindo das fileiras dos muçulmanos, e disse para o Abu Ubaydah:

"Estou resolvido a morrer em batalha. Tens alguma mensagem que queiras que eu leve para o Mensageiro de Deus (S)?"

Abu Ubayda respondeu:

"Sim, dize-lhe que os muçulmanos e eu lhe dizemos *assalaamu alaykum*, e depois dize-lhe: 'Ó Mensageiro de Deus, o que o Senhor nos prometeu aconteceu!'"

Tão logo eu ouvi aquelas palavras e vi-o desembainhando a espada para combater os inimigos de Deus, eu me ajoelhei, pus minha lança à frente e, com ela, matei um cavalariano que se projetava sobre nós. Então levantei-me num salto para ir ao encontro do inimigo, porque Deus havia retirado todo o medo do meu coração. Todo o exército se projetou em direção aos bizantinos, e continuou batalhando contra eles, até que Deus concedeu a vitória aos muçulmanos.

Fim da estória de Saíd

Saíd b. Zaid esteve presente na tomada de Damasco. Quando o povo daquela cidade anunciou a sua aceitação da autoridade do Estado Muçulmano, Abu Ubaida b. al Jarrah fez do Saíd b. Zaid o primeiro governador muçulmano de Damasco.

No tempo do domínio da família dos Banu Umaiya[1], um evento com o Saíd b. Zaid teve lugar, coisa que deu o que falar às pessoas de Madina por longo tempo.

Uma mulher por nome Arwa b. Uways reclamou que o Saíd b. Zaid havia tomado um pedaço da sua terra e adicionado à propriedade dele. Ela foi de muçulmano em muçulmano, falando sobre sua reclamação, tornando público o caso. Por fim ela levou sua reclamação perante Marwan b. al Hakam, governador de Madina. Este mandou chamar o Saíd b. Zaid para com ele conversar sobre o assunto. Aquilo causou um grande aborrecimento ao Saíd, um dos companheiros do Profeta (S), e ele disse:

"Será que eles acham que eu lidei injustamente com ela e lhe tomei as terras? Jamais poderia ter feito isso, pois ouvi o abençoado Profeta (S) dizer: 'Se alguém tomar um punhado de terra ilicitamente, ser-lhe-á

1. Banu Umaiya – isto é, a dinastia omíada, a primeira dinastia a ter o califado (califa), depois dos primeiros quatro, ou seja, o *Khulafá al Rachidin*.

feito carregá-la amarrada ao pescoço no Dia do Julgamente, e ela irá ser tão espessa como a terra com suas sete camadas.' Ela reclama que eu a oprimi... Ó Deus, se ela mente, que seja acometida de cegueira e que caia no poço que diz ser seu! Que o meu direito seja reconhecido entre os muçulmanos como uma luz, para que saibam que eu não a oprimi."

Pouco depois, a ravina de Al Aquik foi devastada por uma enorme enchente. As águas puseram a descoberto as marcas da divisa disputada pela Arwa e pelo Saíd, e os muçulmanos viram que o Saíd havia falado a verdade.

Um mês depois, a mulher foi acometida de cegueira; e num dia em que ela estava vagando por sua propriedade, caiu no seu próprio poço. Abdullah b. Ômar disse:

"Quando éramos crianças, costumávamos ouvir as pessoas dizerem como um provérbio: 'Que Deus te faça ficar cego como fez com a Arwa!'"

Essa é uma razão diminuta para ficarmos admirados, porquanto o próprio abençoado Profeta (S) já dizia:

"...porque a oração do oprimido chega a Deus sem qualquer obstáculo." E essa oração fora nada mais nada menos pronunciada pelo Saíd b. Zaid, uma das dez pessoas a quem o Profeta (S) profetizara o Paraíso.

C A P Í T U L O 28

Umair b. Saad – na adolescência

"*O Umair b. Saad é* **suigeneris**."
(dito do Ômar b. al Khattab)

O primeiro sabor de vida experimentado por Umair b. Saad proveio duma taça de privações e pobreza. Seu pai morrera não lhe deixando bens, nem ninguém que lhe garantisse o sustento.

Não muito tempo depois, porém, sua mãe se casou, dessa vez com um ricaço da tribo dos Al Aws. Seu nome era Al Julas b. Suwayid, e ele tomou ao Umair, seu novo enteado, sob sua proteção. Com sua bondade, afeição e seu desvelo, Al Julas foi capaz de fazer com que a criança esquecesse que perdera o pai. Umair amava a Al Julas como se este fora seu pai, e Al Julas era mutíssimo apegado ao Umair, como se este fora seu verdadeiro filho.

Conforme Umair começava a amadurecer, o amor que Al Julas nutria por ele ia crescendo. Al Julas notava no Umair uma inteligência inata que afetava tudo quanto o rapaz fazia, bem como uma personalidade infalivelmente honesta e confiável, sendo que tudo isso servia para encarecer o rapaz perante seu padrasto.

Umair b. Saad tornou-se muçulmano quando era ainda muito jovem, pois não tinha ainda completos dez anos de idade, naquele tempo. Seu coração puro e inocente foi um campo fértil para a semente da fé. O Islam tornou-se parte vital da personalidade daquele jovem que nunca perdia uma oportunidade de orar por trás do Mensageiro de Deus (S). O caração da sua mãe se enchia de júbilo toda vez que o via indo para a mesquita ou dela voltando, às vezes com o marido dela, às vezes sozinho.

A vida do rapazinho Umair b. Saad continuava dessa maneira, em paz e contentamento, sem nada para o perturbar ou aborrecer. Então aconteceu que foi da vontade de Deus jujeitar o jovem a um dos testes mais severos possíveis, e testá-lo duma maneira que era raramente requerida de um rapaz tão jovem.

No nono ano da Hégira, o Mensageiro de Deus (S) anunciou sua resolução de sair para Tabuk[1] para encetar batalhas contra os bizantinos. Ordenou ao muçulmanos que se preparassem, bem como aos seus equipamentos, para a expedição.

Nunca fora costume do Profeta (S) informar os muçulmanos da destinação deles, se estavam planejando uma expedição. Fazia-os pressentirem que se estavam dirigindo a uma direção que não era a verdadeira. Todavia, quanto à expedição de Tabuk, ele relatou claramente aonde estavam indo, por causa da grande distância, das dificuldades envolvidas, e da força do inimigo. Ele queria que os muçulmanos se conscientizassem daquilo ao que se estavam comprometendo, para que assim fizessem as preparações adequadas.

Os muçulmanos responderam aos chamados do Profeta (S) com alacridade, e se prepararam. Não se retraíram, muito embora estivessem na metade do verão. O calor ficara intenso, as espigas estavam amadurecendo, as sombras feitas pelas árvores eram convidativas; era a estação em que as pessoas costumeiramente preferiam dar-se ao relaxamente e ao óscio, a exercerem qualquer atividade.

Em meio à preparação, um grupo dos *Munaficun*[2] começou a trabalhar no sentido de fazer com que se enfraquecessem as determinações dos muçulmanos, e se abalassem suas resoluções. Puseram-se a espalhar as sementes da dúvida, e a falar mal do Profeta (S) por trás dele. Nas conversas particulares deles, diziam coisas que nada mais eram do que blasfêmias.

Durante o período, antes que o exército saísse, o jovem Umair b. Saad voltava para sua casa, vindo da mesquita, com a mente cheia de imagens de sacrifícios que eram demostrados pelos muçulmanos. Ele estivera presente, vendo e ouvindo tudo.

Umair viu as mulheres de Muhajirun e dos Ansar irem até ao Mensageiro de Deus (S), despojarem-se das suas jóias e as colocarem perante ele para que as pudesse usar para pagar os equipamentos para o exército que estava para sair para a batalha pela causa de Deus.

Umair viu o Uçman b. Affan (que Deus esteja comprazido com ele) trazer uma sacola com mil dinars em ouro, e apresentá-la ao Profeta (S). Viu também o Abd al Rahman b. Awf trazer duzentas onças de ouro

1. Tabuk – uma região na fronteira síria. Uma famosa batalha teve aí lugar entre os muçulmanos e os bizantinos.

2. *Munaficun* – os hipócritas. Munafik é un incrédulo que professa o Islam para que possa causar dano aos muçulmanos, estando do lado de dentro.

nos seus ombros, e depositar perante o Mensageiro de Deus (S). Viu ainda um homem pondo sua cama à venda para que pudesse comprar uma espada com a qual lutar pela causa de Deus .

Então o Uamir começou a remoer aquelas cenas esplêndidas, admirando-se por que Al Julas estava tão moroso em fazer os preparativos para a macha com o Profeta (S), e por que estava tão hesitante em gastar dinheiro com apetrechos para o exército, a despeito da sua capacidade de assim fazer.

Parecia que o Umair quaria instigar o entusiasmo do Al Julas, e o inspirar com fidalguia, conforme lhe contava uma estória trás outra. Ele prolongou-se numa estória sobre um grupo de crentes que fora ter com o Mensageiro de Deus (S), implorando desesperadamente para que ele os levasse com o exército. O Profeta (S) os mandou embora porque ele não dispunha de cavalos ou camelos para eles montarem. Eles se foram em lágrimas, porquanto não tinham meios para satisfazer suas ambições de irem em *jihad* , e realizar sua ânsia de morrerem como mártires da fé.

Logo que Al Julas acabou de ouvir o que o Umair havia descrito, disse algo que quase fez com que aquele jovem crédulo perdesse a razão; Al Julas disse:

"Se Mohammad é veraz em ser um profeta, como afirma, então nós somos piores que burros."

Umair ficou estupefato pelo que ouvira, pois jamais lhe ocorrera que um homem da idade e inteligência de Al Julas pudesse proferir tal blasfêmia. O que Al Julas dissera era nada mais nada menos do que estar desistindo da sua fé e aceitando o ateísmo.

A mente do Umair se pôs a trabalhar tão rápido como um computador ao qual foi apresentado um problema, considerando o que deveria fazer. Sentiu que o silêncio e a ocultação do que ouvira seria uma traição e deslealdade para com o Mensageiro de Deus (S). Ele temia que assim iria causar dano à causa do Islam, num tempo em que os Munaficun estavam também conspirando e tramando contra ele.

Ao mesmo tempo, Umair sentia que a revelação do que Al Julas dissera iria demonstrar ingratidão para com o homem a quem amava como a um pai, e que iria ser o pagamento da bondade com a injúria, depois que Al Julas lhe dera um lar, sustentara-o, e o compensara pela perda do seu pai.

O jovem era forçado a escolher entre duas correntes de ação, em que mesmo a melhor seria contraproducente. A escolha não demorou muito para se produzir, pois ele se voltou para Al Julas e disse:

"Juro por Deus, ó Julas, que jamais amei alguém na terra mais do que a ti, excepto no caso de Mohammad b. Abdullah (S). Tu és aquele que me é mais achegado, e a quem muito devo. Fizeste uma declaração que irá causar um escândalo se eu a repetir. Porém, se eu a ocultar, terei traído a confiança dos crentes, violado minha religião, e mandado minha alma para a perdição. Estou resolvido a ir ter com o Mensageiro de Deus (S) e informá-lo do que disseste; assim, fica tu avisado disso, pois falo sério."

O jovem Umair b. Saad foi para a mesquita e informou o Profeta (S) sobre o que ouvira do seu padrasto, Al Julas Swayid. O Profeta (S) fez com que Umair ficasse com ele na mesquita, enquanto mandou um dos seus companheiros ir buscar Al Julas. Este logo veio, saudou o Profeta (S) e se sentou na frete dele.

O Profeta (S) lhe perguntou:

"Que dizes sobre a afirmação que o Umair b. Saad diz ter ouvido de ti?" e ele repetiu aquilo.

"Ele mente, ó Mensageiro de Deus", respondeu Al Julas, "e arquitetou toda a estória, pois eu jamais diria tal coisa!"

Os Companheiros se puseram a olhar, primeiro para Al Julas, depois para o seu enteado, Umair, depois de volta para Al Julas, tentando ler-lhes os pensamentos pelas expressões dos seus rostos. Eles se puseram a cochichar entre eles, e um deles, cujo coração não era salutar e honesto, disse:

"Ele é um jovem ingrato que insiste em injuriar quem que lhe mostrou caridade."

"Não, ele é um rapaz que cresceu em obediência a Deus", outros disseram. "Seu rosto mostra que ele diz a verdade."

O Mensageiro de Deus (S) voltou-se para o Umair e viu que o rosto dele havia ficado vermelho, e que as lágrimas lhe escorriam pelas faces, indo cair no seu peito. Umair repetia:

"Ó Deus, faze Teu Profeta saber que digo a verdade!"

Al Julas se adiantou para a frente, e disse:

"Ó Mensageiro de Deus, o que eu disse é a verdade e, se quiseres, poderei fazer um juramento perante ti. Juro por Deus que não disse nada do que o Umair está a repetir para ti!"

Al Julas mal tinha terminado o juramento, e todos estavam a olhar para o Umair, quando uma súbita tranquilidade desceu sobre o Mensageiro de Deus (S). Os Companheiros sabiam que ele estava recebendo uma revelação, e pernaceram como estavam, sem se moverem ou fazerem qualuer ruído. Tinham o olhar fixo no Profeta (S), esperando.

Al Julas começou a parecer com medo, e o Umair tornou-se ansiosoe curioso. Todos esperaram desse modo, até que o Profeta (S) se recuperou, e recitou as palavras do Todo-Poderoso Deus: “

Al Julas estava tremendo, espantado, com o que ouvira, e quase não podia falar, por causa da sua consternação. Então ele disse, voltando-se para o Profeta (S):

“Eu me arrependo, ó Mensageiro de Deus, eu me arrependo! Umair falou a verdade, e fui eu quem mentiu. Pede a Deus que aceite meu arrependimento, ó Mensageiro de Deus, e eu me sacrificarei por ti!”

O Profeta (S) se dirigiu ao Umair b. Saad, e viu as lágrimas de alegria a escorrer-lhe faces abaixo, faces essas que brilhavam com a fé. O Profeta estirou a mão até à orelha do Umair, tocando-a gentilmente, e dizendo:

“Teu ouvido cumpriu a confiança nele depositada, filho, e o Senhor te vingou.”

Al Julas voltou às fileiras dos muçulmanos, e passou a viver fielmente de acordo com o Islam. Os Companheiros testemunharam a reforma dele, e ele continuou a ser bondoso e caritativo para com o Umair. Se alguém falava do Umair, Al Julas dizia:

“Que Deus lhe conceda uma recompensa para o meu bem. Ele me salvou do ateísmo e me libertou do Fogo do Inferno!”

Há ainda cenas brilhantes da vida do Umair b. Saad. Este foi um exemplo de como ele viveu em criança, e há ainda eventos mais formidáveis que aconteceram na sua vida ulterior. Iremos encontrá-lo no próximo capítulo.

CAPÍTULO 29

Umair b. Saad – Na época de Adulto

"*Sempre desejei que tivesse mais pessoas como o Umair b. Saad para me ajudar a gerir os assuntos dos muçulmanos*."
Dizer de Ômar b. al Khattab

Assim acabamos de ver uma cena singular da vida do virtuoso Companheiro Umair b. Saad, na sua infância. Agora iremos ver um brilhante retrato do mesmo Companheiro, como adulto, e ireis ver que o segundo retrato é igual ao primeiro, em termos de virtude e distinção.

Os habitantes da cidade de Hims[1] eram famosos por sua insatisfação quanto aos seus governantes, e por apresentarem sempre queixas contra eles. Toda vez que um novo governador era apontado, eles achavam faltas nele, faziam uma lista dos seus pecados, e apresentavam queixa contra ele junto ao califa, pedindo-lhe que o substituísse por outro melhor.

Al Faruk Ômar (que Deus esteja comprazido com ele) estava determinado a enviar um governador no qual eles não poderiam achar faltas, e que não lhes pudesse dar causa para queixas. Igual a um guerreiro exminando suas setas para escolher a mais comprida e forte, ele passou em revista, na sua mente, todos os seus homens, e não achou ninguém mais adequado do que o Umair b. Saad.

Nesse tempo, Umair estava a marchar à cabeça do exército muçulmano, em Al Jazira[2], na Síria, lutando pela causa de Deus, libertando cidade após cidade, arrazando com as fortalezas inimigas, subjugando tribos hostis, e erigindo mesquitas em toda cidade em que botava os pés. A despeito disso, o Comandante da Fé, retirou-o do seu exército, e confiou-lhe o governo de Hims, ordenando-lhe que para lá fosse imediatamente. Umair obedeceu, embora contra a vontade, pois nada havia que ele preferisse mais do que realizar o *jihad* pela causa de Deus.

1. Hims – uma cidade na região central da Síria, entre Damasco e Alepo. O túmulo de Khalid b. al Walid está aí localizado.

2. Al Jazira – a região oriental da Síria que, naquele tempo, era habitada por tribos pagãs.

Ao chegar a Hims, ele conclamou o povo a comparecer à oração congregacional. Terminada a oração, Umair ficou de pé e se dirigiu às pessoas. Após dar graças a Deus e Lhe tecer louvores, ele disse:

"Povo meu, o Islam é uma sólida fortaleza com um fortíssimo portal. A fortaleza do Islam é construída com justiça e seu portal é a verdade. Se a fortaleza for arrazada e o seu portal derrubado, então nada haverá que projeja o santuário da religião. O Islam permanecerá inexpugnável enquanto o governante tiver poder. O poderio do governante não depende de ele dar em cima dos indivíduos com um chicote em punho, ou os atacar com uma espada. Outrossim, sua força deve ser gerada por meio de ele resolver os assuntos deles com justiça, e de assegurar os direitos de todas as pessoas."

Depois desse curto discurso, ele saiu de lá para assumir suas responsabilidades e pôr em prática os princípios que havia acabado de estabelecer.

Por todo um ano, o Umair b. Saad permaneceu em Hims, sem escrever uma só carta para o Emir dos Crentes, nem tampouco enviar-lhe as taxas destinadas ao tesouro dos muçulmanos. As dúvidas começaram a tomar forma na mente de Ômar, pois ele sempre temeu que os seus governadores pudessem ser levados pelas tentações do poder; ele achava que nenhum deles estava livre dessa tentação, a não ser o abençoado Profeta (S). Ele chamou o seu escriba e lhe disse:

"Escreve para o Umair b. Saad, dizendo a ele: 'Quando receberes esta carta do Emir dos Crentes, sai de Hims e vem até mim. Traze contigo o que tens cobrado, em termos de taxas para os muçulmanos.'"

Umair b. Saad recebeu a carta de Ômar (que Deus esteja comprazido com ambos), pegou um saco que continha suas provisões, uma gamela para sua comida, um cântaro com água para sua ablução, e jogou essas coisa sobre o ombro. Levando sua lança na mão, e deixando para trás sua Hims e sua posição de autoridade, pôs-se, a pé, a caminho de Madina.

Quando Umair chegou ao seu destino, havia-se tornado pálido e ficara magro, seu cabelo crescera; estava claro que a viagem requerera muito dele. Quando foi ver o Ômar b. al Khatab, o Emir dos Crentes ficou chocado com o estado em que Umair se encontrava, e perguntou:

"Que há contigo, ó Umair?"

"Não há nada de errado, ó Emir dos Crentes", respondeu o Umair. "Estou bem e em boa forma, graças a Deus. Tenho todas as coisas de que preciso neste mundo, e tudo está sob controle."

"E que bens terrenos trouxeste contigo?" perguntou Al Faruk, pensando que o Umair estava portando o dinheiro para o tesouro dos muçulmanos.

"Tenho um saco no qual botei minhas provisões, uma gamela da qual como, e que uso para lavar minha roupa e despejar água sobre mim, no banho, e um cântaro com água para beber e me abluir. Tudo o mais, no mundo, ó Emir dos Crentes, é de menos valor do que estas coisas, sendo sucata supérflua da qual não tenho necessidade, nem tampouco os outros dela também têm", respondeu Umair.

"Vieste até aqui a pé?" perguntou Ômar.

"Sim, ó Emir dos Crentes."

"Será que não te forneceram uma montaria, na tua posição de governador?"

"Não, não me deram nenhuma, e eu não lhes pedi uma", respondeu Umair.

"Onde está o dinheiro que trouxeste para o tesouro?" perguntou Ômar.

"Não trouxe nenhum."

"Por que não?" perguntou Ômar.

Quando cheguei a Hims, reuni os mais idôneos dos cidadãos, e deleguei-lhes a responsabilidade de cobrarem as taxas. Quando eles conseguiam algo, eu lhes perguntava em que aquilo era mais necessitado, gastava-o no que devia ser gasto, e dava algo dele para as pessoas necessitadas."

Ao ouvir aquilo, Ômar disse ao seu escriba: "Escreve uma nova autorização para o Umair, como governador de Hims", achando que estava recompensando o Companheiro por sua confiabilidade.

"Não", disse o Umair, "pois isso é algo pelo qual não tenho o menor desejo. Doravante não mais trabalharei para ti, ó Emir dos Crentes, nem para ninguém depois de ti." Ele pediu permissão ao califa para se passar para um vilarejo fora de Madina, onde seus parentes viviam, e lhe foi dada a permissão.

Não muito tempo depois que Umair se passara para o seu vilarejo, o califa quis testar o seu amigo, e se certificar o quão verdadeira era a decisão do rapaz em se dar ao ascetismo. Ele disse para um dos seus amigos de confiança conhecido pelo nome de Háris:

"Vai, ó Háris, até aonde está o Umair, e fica na casa dele como se fosses um viajor que precise de uma pousada. Se vires quaisquer indícios

de que ele vive luxuosamente, volta a mim sem nada fazeres. Mas se notares que ele vive na pobreza, dá-lhe estes dinars." E deu ao Háris uma sacola contendo cem dinars.

Al Háris se pôs a caminhar, até que chegou ao vilarejo do Umair b. Saad; pôs-se a perguntar onde era a casa do rapaz, até que lha foi mostrada. Quando o encontrou, começou por dizer:

"*Assalamu alaykum wa rahmatullah* (que a paz esteja contigo, bem como a misericórdia de Deus)."

"*Wa alaykum al salam wa rahmatullahi wa barakatuh* (e que a paz esteja contigo, assim como a misericórdia de Deus e a Sua bênção)", foi a resposta; depois o Umair perguntou: "De onde vens?"

"De Madina."

"Como estavam os muçulmanos quando saíste de lá?"

"Ah, eles estão bem", respondeu Al Háris.

"Como está o Emir dos Crentes?" perguntou Umair.

"Ele está bem e faz o seu trabalho com retidão", respondeu Al Háris.

"Será que ele faz cumprir todas as leis, mesmo as penalidades pelos crimes?"

"Claro que faz. Ele até fez com que um dos seus próprios filhos fosse chicoteado por um crime que este cometeu, resultando que o filho veio a falecer!"

"Ó Deus, dá ajuda ao Ômar", orou Umair, "pois sei que ele assim procedeu por amor a Ti!"

Al Háris permaneceu na casa de Umair b. Saad, como convidado, por três dias, e todas as tardes Umair lhe dava uma broa de pão de cevada. No terceiro dia, uma das pessoas do vilarejo disse para o Háris: "Tu tens agastado o Umair e sua esposa; eis que eles nada têm, cada dia, além de uma broa de pão, que ta dão em preferênca a eles mesmos. Eles estão sofrendo com a fome; então, se desejas ficar neste vilarejo, é melhor que fiques na minha casa."

Naquele ponto, Al Háris apresentou o dinheiro, e tentou entregá-lo ao Umair, que peguntou: "Isto é para quê?"

"O Emir dos Crentes o envia para ti", respondeu Al Háris.

"Dá o dinheiro de volta a ele; dize-lhe *al salamu alaykum* por mim, e dize-lhe que o Umair não precisa dele."

A esposa de Umair estava por perto, e ouviu a conversa entre seu marido e seu convidado; ela exclamou: "Pega-o, ó Umair, pois precisas dele! tu poderás gastá-lo! e se não quiseres fazer isso para nós, poderás

gastá-lo com aqueles que precisam dele e o merecem, pois há muitas pessoas pobres por aqui."

Ao ouvir o que ela dissera, Al Háris deixou o dinheiro na frente do Umair, e foi embora. Umair pegou o dinheiro, dividiu-o em saquinhos, e não foi dormir, naquela noite, sem antes distribuí-los entre os necessitados, especialmente entre os filhos daqueles que haviam sido mortos em *jihad*.

Al Háris voltou para Madina, e o Ômar b. Al Khattab lhe perguntou: "Então, que viste, ó Háris?"

"Ah, ele vive em extrema pobreza, ó Emir dos Crentes", respondeu Al Háris.

"Deste-lhe o dinheiro?"

"Sim, ó Emir dos Crentes."

"Que fez ele com o dinheiro?"

"Isso eu não sei, mas acho que não irá ficar com um só dirham para si mesmo."

Então Al Faruk escreveu para o Umair:

"Quando receberes esta minha carta, deverás vir ver-me tão logo acabes de a ler."

Umair b. Saad dirigiu-se para Madina, e foi ver o Emir dos Crentes. Ômar saudou-o calorosamente e lhe deus as boas-vindas, fazendo com que Umair se sentasse perto dele. Depois perguntou-lhe:

"Que fizeste com o dinheiro, ó Umair?"

"Qual a tua preocupação, ó Emir dos Crentes, uma vez que mo deste?"

"Estou determinado a fazer com que me contes o que fizeste com ele!"

"Coloquei-o de lado para mim mesmo, para o meu benefício, para o dia em que nem riqueza nem progênie irão ter qualquer valia", respondeu o Umair.

Os olhos de Ômar se enchiam de lágrimas, conforme dizia:

"Testifico que és um daqueles que dão preferência a outros, a darem preferência a si mesmos, mesmo que estejam, eles próprios necessitados." Ômar ordenou que Umair fosse provido com mantimentos equivalentes a uma carga de camelo, e com duas mantas, ao que Umair disse: "Não precisamos de mantimentos, ó Emir dos Crentes; Deixei minha família com dois *sas*[3] de cevada, e quando estes tiverem acabado, Deus nos irá prover de mais sustento. Quando às mantas, levá-las-ei para minha esposa,

3. – Uma medida de peso equivalente a 2,35 kg.

pois suas vestes acham-se tão rotas, que mal servem para cobrir-lhe o corpo."

Pouco depois daquele último encontro entre Al Faruk e o seu amigo Umair, Deus deu ordem para que Umair fosse juntar-se a Após-morte do seu Profeta Mohammad b. Abdullah, que era o seu mais caro amigo. Umair tinha anelado, havia muito tempo, vê-lo de novo; assim passou, calma e confiantemente, deste mundo para o outro, desobstruído das preocupações e possessões terrenas. Partiu, levando consigo sua luz, sua espritualidade, sua religiosidade e seu amor a Deus.

Quando a notícia da morte de Umair chegou a Al Faruk, a tristeza fez com que rosto se desfigurasse. Seu coração ficou transido de pesar, e ele disse: "Sempre desejei ter homens iguais ao Umair b. Saad para me auxiliarem a gerir os assuntos dos muçulmanos!"

Que Deus esteja aprazido com o Umair, e o faça feliz. Foi singular entre todos os homens, pois foi um estudante eminente, educado por não outro que Mohammad b. Abdullah (S).

CAPÍTULO 30

Abd al Rahman b. Awf

"*Que Deus abençoe o que deste em caridade, e que Deus abençoe o que guardaste para ti mesmo*

Oração do Profeta (S) para o Abd al Rahman b. Awf

Ele foi um dos primeiros dentre as oito pessoas que abraçaram o Islam, e um dentre as dez às quais o Mensageiro de Deus (S) havia prometido entrariam no Paraíso. Foi também um dos seis membros do conselho da *chura*[1], no dia em que o novo califa foi escolhido após o assassinato de Ômar b. al Khattab.

Foi ainda uma das poucas pessoas que era consultada quanto aos assuntos religiosos em Madina enquanto o Mensageiro de Deus (S) estava ainda vivo, por causa da sua confiabilidade e do seu grande conhecimento do Islam, que adquirira com o Profeta (S).

No tempo do *jahiliya* (idolatria), seu nome era Abd Amr[2]; quando ele aceitou o Islam, o Profeta deu-lhe o nome de Abd al Rahman b. Awf (que Deus esteja aprazido com ele, e lhe conceda felicidade).

Abd al Rahman b. Awf aceitou o Islam, antes de o Profeta (S) começar a conclamar as pessoas ao Islam, na casa de Al Arcam[3], apenas dois dias após Abu Bakr al Siddik tê-lo aceitado

Compartilhou, juntamente com os primeiros muçulmanos, das perseguições que sofreram pela causa de Deus. Juntamente com eles, ele foi paciente e teve firmeza. Era veraz à sua fé, como eles o eram e, como muitos deles, fugiu para a Abissínia a fim de praticar livremente sua religião.

---

1. *Chura* –o conselho formado pelos Companheiros para discutirem e deliberarem sobre assuntos concernentes ao Estado Muçulmano.

2. Abd Amr – literalmente, o servo de Amr. Esse nome é inaceitável para um muçulmano, porquanto o indivíduo tão-somente pode ser servo (cultuador) de Deus. Qualquer nome que começar com "Abd" deverá ter, como segundo componente, um dos atributos de Deus.

3. Al Arcam b. al Arcam – Abd Manaf al Makhzumi era um muçulmano em cuja casa os muçulmanos se encontravam secretamente.

Quando Deus revelou ao Seu Mensageiro (S) que ele e seus companheiros na fé deveriam migrar para Madina, o Abd al Rauhman b. Awf esteve na vanguarda daqueles que deixaram tudo pela cuasa de Deus e do Seu Mensageiro.

Quando o Profeta (S) fez com que cada um dos Ansar tomasse um dos Muhajirum como irmão, ele tornou o Abd al Rahman b. Awf irmão de Saad b. Abi Rabi'a al Ansari. A primeira coisa que este disse para o seu novo irmão foi:

"Ó irmão, eu sou o homem mais rico de Madina; tenho dois pomares e duas esposas. Olha e vê qual dos dois pomares preferes, e te darei os frutos dele; e dize qual das minhas esposas mais te agrada, e eu me divorciarei dela para que possas desposá-la."

Abd al Rahman disse para o seu irmão dos Ansar:

"Que Deus te abençoe pela tua riqueza e tua família. Eu apenas quero que me mostres onde é o mercado." Saad mostrou-lhe onde era o mercado, e o Abd al Rahman principiou imediatamente a trabalhar, comerciando, comprando e vendendo. A pouco e pouco, começou a ganhar dinheiro e a economizá-lo. Não demorou muito para que tivesse poupado o suficiente para poder oferecer um dote, a fim de que se casasse. Aconteceu que ele foi ter com o Mensageiro de Deus (S), e o perfume que havia usado para realizar o seu casamento podia ser sentido por todos. O Profeta (S) disse:

"Que elegância, ó Abd al Rahman!"

"Acabei de me casar."

"Que espécie de dote deste para tua esposa?"

"Dei-lhe o peso dum caroço de tâmara em ouro."

"Deves dar um banquete", disso o Profeta (S), "mesmo que tenhas uma só ovelha. Que Deus te abençoe pela tua riqueza!"

O Abd al Rahman iria dizer mais tarde:

"Daquele momento em diante, o mundo material abriu suas portas para mim, e passei a ter tanta sorte, que esperava quase encontrar ouro ou prata debaixo de cada pedra que revirava!"

Na batalha de Badr, o Abd al Rahman lutou valentemente pela causa das suas crenças. Em batalha, ele derrotou o inimigo de Deus, Umair b. Uçman b. Kabal al Taymi.

Na batalha de Uhud ele permaneceu firme, quando quase todos se enfraqueceram, e vacilaram em suas resoluções; e ele não se retraiu quando quase todos do exército fugiram em debandada. Saiu da batalha com mais de vinte ferimentos, alguns dos quais tão profundos, que a

mão dum homem cabia dentro deles.

Porém, o *jihad* que o Abd al Rahman praticava nas batalhas era considerado insignificante em comparação com o *jihad* que praticava com sua riqueza.

Uma ocasião, o Mensageiro de Deus precisou prover um batalhão que iria numa missão; reuniu os Companheiros e disse:

"Preciso que me deis dinheiro em caridade para que eu possa enviar uma expedição."

Abd al Rahman b. Awf foi até a sua casa, e voltou às pressas, dizendo:

"Ó Mensageiro de Deus, tenho quatro mil dinares, a metade dos quais dou como empréstimo ao meu Senhor[4], e a outra metade deixo para minha família."

O Profeta (S) disse:

"Que Deus abençoe o que dás em caridade, e que Deus abençou o que guardas para ti mesmo!"

Quando o Mensageiro de Deus resolveu enviar a expedição a Tabuk, a última expedição da sua vida, a necessidade por dinheiro não era menor do que a necessidade por homens, pois o exército dos bizantinos era tão grende quanto estava fortemente armado. O ano anterior, em Madina, havia sido estéril. Com uma tão longa viagem à frente deles, os muçulmanos dispunham de poucas provisões e pouquíssimos animais de montaria. Quando alguns dos muçulmanos iam ter com o Mensageiro de Deus, pedindo-lhe que os levasse com ele na expedição, ele os despachava, porque não dispunha de animais para eles montarem. Eles iam embora em lágrimas, porque não tinham meios de comprar o de que necessitavam. Àqueles indivíduos era dado o nome de "Os Chorões"; e o exército foi apelidado de "o exército das circunstâncias difíceis".

Eis que o Profeta (S) se pôs perante os Companheiros e ordenou-lhes que despendessem tudo o que pudessem pela causa de Deus, na esperança de receberem a recompensa d'Ele. Os muçulmanos se apresentaram em resposta à reivindicação do Profeta (S). Um dos primeiros deles a dar em caridade foi o Abd al Rahman b. Awf, pois deu duzentas medidas de ouro. Ômar b. al Khattab disse para o Profeta (S):

"Acho que o Abd al Rahman está cometendo um pecado, pois ele nada deixou para sua família!"

---

4. Empréstimo – no Alcorão Sagrado, Deus diz que irá recompensar a caridade na Outra Vida, multiplicando-lhe o pagamento.

"Deixaste algo para a tua família, ó Abd al Rahman?", perguntou o Profeta.

"Sim", respondeu ele, "deixei-lhes mais do que gastei em caridade, e de melhor qualidade."

"Quanto?" perguntou o Profeta (S).

"A provisão que Deus e o Seu Profeta têm prometido: excelência e recompensa."

O exército foi para Tabuk, e aí Deus concedeu um favor ao Abd al Rahman que jamais concedera a nenhum dos muçulmanos. Era chegada a hora da oração, e o Mensageiro de Deus lá não estava, assim que, o Abd al Rahman foi para a frente e começou a dirigir os muçulmanos na oração. Apenas tinham terminado a primeira *raka* (unidade), e eis que o Profeta (S) se juntou aos adoradores, ficando atrás do Abd al Rahman b. Awf, seguindo os demais enquanto o Abd al Rahman continuava com a oração. Será que poderia haver honra maior do que ser o líder duma oração assistida pela mais nobre entidade de toda a humanidade, aquele que dirigiu os outros profetas na oração[5] – Mohammad b. Abdullah (S)?

Quando o Mensageiro de Deus deixou este mundo para estar com o seu Mais Elevado Companheiro, o seu Senhor, o Abd al Rahman b. Awf assumiu a responsabilidade de prover as Mães dos Crentes viúvas. Saía a serviço delas, escortava-as quando precisavem viajar, e as acompanhava nas peregrinações. Decorou as liteiras delas com com dosséis verdes (para que fossem reconhecidas por todos), e escolhia para elas as melhores paradas de descanso, nas suas viagens. Aquela era uma das dintinções que fora condedida ao Abd al Rahman b. Awf por Deus, sendo que ele merecia ficar orgulhoso da confiança nele depositada pelas Mães dos Crentes.

A generosidade do Abd al Rahman b. Awf para com os muçulmanos e as Mães dos Crentes era tamanha, que ele chegou a vender uma parte da sua propriedade por quarenta mil dinars, e dividiu o dinheiro entre os Banu Zuhra[6], os muçulmanos pobres, os Muhajiran, e as viúvas do Profeta (S)[7]. Quando o Abd al Rahman enviu para a Aicha (que Deus esteja comprazido com ela) o quinhão que lhe tinha separado, ela perguntou:

---

5. A referência aqui é feita à miraculosa Ascenção do Profeta (S) ao Céu (*Al miraj*), quando ele dirigiu os profetas na oração.

6. Banu Zuhra – a tribo de Amina b. Wabb, mãe do Profeta (S).

7. Foi dito por Deus, no Alcorão, que as viúvas do Profeta não poderiam casar-se com ninguém, após ele, pois que eram as Mães de todos os Crentes. Ninguém devaria esperar ganhos terrenos por cuidar delas após a morte do Profeta (S).

"Quem está enviando este dinheiro?" Ao ser-lhe dito que era o Abd al Rahman b. Awf, ela contou que o Profeta (S) dissera:

"Ninguém irá cuidar de vós quando eu me for, a não ser aqueles que tiverem grande paciência."

A oração feita pelo Profeta (S) para que Deus abençoasse a riqueza do Abd al Rahman continuou a fazer efeito enquanto este viveu. Ele tornou-se o mais rico dos Companheiros. Seus negócios cresciam à revelia, com suas caravanas partindo de Madina e a ela voltando, trazendo para os seus habitantes trigo, farinha, azeite, roupas, utensílios, perfumes, e tudo o de que necessitvam. Então partia de novo, levando o que desejavam vender da sua produção e indústria.

Um dia, a caravana do Abd al Rahman b. Awf estava voltando para Madina, e havia setecentos camelos no comboio. Aquela grande quantidade de animais, todos carregados de mantimentos e mercadorias, fazia uma bulha tal, conforme adentrava a cidade, que o chão era sacudido e o barulho podia ser ouvido por toda parte. Aicha (que Deus esteja comprazido com ela) perguntou:

"Que está a causar tal barulho?" Foi-lhe dito que se tratava da caravana do Abd al Rahman b. Awf: setecentos camelos portando trigo, farinha, e mantimentos, e ela disse:

"Que Deus abençoe o que Ele lhe tem concedido neste mundo! A recompensa, no Outro Mundo, irá ser maior, pois ouvi o Mensageiro de Deus (S) dizer:

"'O Abd al Rahman irá adentrar o Paraíso, arrastando-se (ou seja, irá entrar no Paraíso, apesar da sua grande riqueza neste mundo)."

Antes de a caravana parar e os camelos se ajoelharem, alguém se apressou a ir dizer para o Abd al Rahman as coisas boas que a Umm al Muminin Aicha havia repetido sobre ele entrar no Paraíso. Tão logo ouviu aquilo, ele apressou-se em ir ver a Aicha, e perguntou:

"Ó mãe, é verdade que ouviste isso do Mensageiro de Deus?"

"Sim, é", respondeu ela, e ele ficou todo contente.

"Se eu pudesse, entraria caminhando. Peço-te que sejas testemunha, ó Mãe dos Crentes, que toda esta cravana, incluindo o seu conteúdo de selas, forros, é agora de propriedade dos muçulmanos, para a causa de Deus."

Daquele brilhante e abençoado dia, em que lhe foi dada a notícia de que iria entrar no Paraíso, em diante, ele teve a uma única preocupação na vida: gastar a sua riqueza em caridade. Dava-a e todos que pudesse,

aberta ou secretamente, primeiramente despendendo quarenta mil dirhans em prata, depois quarenta mil dirhans em ouro. Então desfez-se de duzentas medidas de ouro.

Também providenciou quinhentas pratas para os Mujahidun[8], com cavalos, e, noutra ocasião, providenciou cavalos para mil e quinhentos dos Mujahidun.

Quando o Abd al Rahman b. Awf estava para morrer, ele libertou muitos dos escravos que estavam na sua posse, e deixou um legado de quatrocentos dinars em ouro para cada um dos sobreviventes da batalha de Badr. Todos eles receberam e, note-se, eles somavam uma centena de indivíduos!

Ele ainda legou para cada uma das Mães dos Crentes uma grande soma de dinheiro, sendo que a Umm al Minimun Aicha costumava dizer:

"Que Deus o faça beber da fonte de Salsabil!"[9]

Além disso, ele deixou para os seus herdeiros uma riqueza que era muito vasta para ser contada. Deixou mil camelos, uma centena de cavalos e três mil ovelhas. Ele tinha quatro esposas, sendo que o quinhão de cada uma, da oitva parte da sua reiqueza (que era o quinhão das terras dele), somou oitenta mil dinars. As barras de ouro e de prata que foram divididas entre os seus herdeiros precisaram ser cortadas a machados, e precisou de muito esforço, sendo que as mãos dos cortadores ficaram feridas com o trabalho. Tudo isso, graças à oração que o Mensageiro de Deus (S) fez para que Deus abençoasse a riqueza do Abd al Rahman.

Todavia, toda aquela riqueza não levou o Abd al Rahman b. Awf ao extravio, e não o afetou. Quando estava entre os seus escravos, não aparentava ser melhor que eles, em vestimenta ou maneirismo.

Num dia foi-lhe levada comida para a quebra do jejum; ele olhou para ela e disse:

"O Musab b. Umair, que era melhor que eu, foi morto e nada possuía. Pudemos achar apenas uma mortalha tão pequena, que quando a púnhamos sobre sua cabeça não lhe cobria os pés, e vice-versa. Então aconteceu que Deus tornou disponível para nós o que Lhe aprouve, deste mundo. Apenas temo que estejamos recebendo nossas recompensas neste mundo, não no outro."

Então ele começou a chorar, e saiu soluçando, sem tocar na comida. Que Deus conceda bênçãos e felicidades ao Abd al Rahman b. Awf! O

8. Mujahidun – aqueles que vão em *jihad* pela causa de Deus.

9. Salsabil – uma nascente no Paraíso reservada para os profetas, os mártires e os mais virtusos dentre os crentes.

homem mais veraz de toda a humanidade, Mohammad Abdullah (S) prometeu a ele o Paraíso.

O ataúde que o levou ao seu lugar final de descanso foi carregado pelo tio do Profeta (S), Saad b. Abi Waccas. A oração funerária foi dirigida pelo venerável Otman b. Affan, e a procissão foi escoltada pelo futuro Emir dos Crentes, Áli b. Abi Tálib, que disse:

"Alcançaste a vida real, e deixaste atrás de ti a vida que é apenas decepção!"

CAPÍTULO 31

Ja'far b. Abi Tálib

Havia cinco homens da tribo dos Banu Abd Manaf[1] que se pareciam tanto com o Mensageiro de Deus (S), que as pessoas que enxergavam pouco chegavam a confundi-los com o Profeta (S). Aqui o leitor irá ser introduzido a cada um daqueles indivíduos que se pareciam com o Profeta (S).

O primeiro foi Abu Sufyan b. al Háris b. Abd al Muttalib[2], que era primo em primeiro grau do Profeta (S), bem como seu irmão adotivo.

O segundo foi Quçam b. al Abbás b. Abd al Muttalib, outro primo em primeiro grau do Profeta (S).

O terceiro foi Al Saíb b. Ubaid b. Abd Yazid b. Háchim. Este foi avô do grande erudito Al Cháfi'i (que Deus esteja comprazido com ele).

O quarto foi Al Hassan, filho Áli Ibn Abi Tálib, o neto do Profeta (S), e foi o que mais veio a se parecer com o Profeta (S).

Por fim, houve o Ja'far b. Abi Tálib, que era irmão do Áli b. Abi Tálib, o Emir dos Crentes. Neste capítulo, iremos ver cenas da vida do Ja'far.

Abu Tálib vivia em difícil situação financeira, apesar do fato de que era um dos nobres do Coraix, e altamente respeitado entre o seu povo. Tinha muitos filhos para sustentar. Sua situação tornou-se aguda, certo ano, por causa da seca que destruíu todas as espigas e plantações. O povo do Coraix estava deveras comendo "o pão que o diabo amassou".

Ao tempo, havia dois indivíduos que eram melhores que os outros; eram eles: Mohammad b. Abdullah e seu tio, Al Abbás. Mohammad disse para o seu tio:

"Tio, teu irmão Abu Tálib tem muitos filhos para sustentar, e tu podes ver que todos estão sofrendo com a seca e com dor da fome. Por

---

1. Banu Abd Manaf – uma subdivisão do clã dos Banu Hashim, ao qual o Profeta (S) pertencia.

2. Abu Sufyan – o líder da oposição pagã ao Profeta (S), até à retomada de Makka.

que não vamos a ele, e cada um de nós pega um dos filhos para sustentar, aliviando assim a carga do meu tio?"

"Iria ser um verdadeiro ato de caridade e de retidão isso que estás a sugerir!" disse Al Abbás.

Então os dois foram ter com o Abu Tálib, e lhe disseram:

"Queremos ajudar-te, aliviando um pouco a responsabilidade de sustentares teus filhos, pelo menos até essa crise passar."

"Vós podeis fazer o que quiserdes, contanto que não leveis o meu filho Aqil convosco", respondeu o Abu Tálib.

Assim, Mohammad tomou a Áli, que ficou com ele, e Al Abbás tomou a Ja'far, fazendo dele um dos seus dependentes. Áli permaneceu com Mohammad até passado o tempo em que Deus enviou a primeira revelação informando Mohammad que este havia sido escolhido para ser o profeta da diretriz e da verdade. Áli foi o primeiro rapaz a acreditar em Mohammad.

Ja'far permaneceu com o seu tio Al Abbás até que cresceu, aceitou o Islam, e foi capaz de se manter por si mesmo. Juntamente com sua esposa, Asma b. Umays, Ja'far se juntou ao préstito da luz, que foi desde o início conhecido como Islam. Os dois aceitaram o Islam, levados pela mão do Abu Bakr as Saddik, antes de o Profeta (S) começar a conclamar as pessoas ao Islam, na casa de Al Arcam.

O jovem casal era o alvo das persaguições e crueldades da parte dos coraixitas, como o foram todos os primeiros muçulmanos. Suportaram pacientemente a perseguição, pois sabiam que o caminho para o Paraíso era juncado de espinhos e rodeado de obstáculos. A única preocupação que os perturbava, bem como aos seus irmãos na fé, era o fato de que os coraixitas os impediam de praticarem seus rituais islâmicos. Eram incapazes de se juntar aos prazeres da cultuação espiritual, porque os coraixitas estavam em toda parte, à espreita, para evitarem que os muçulmanos se reunissem ou orassem juntos.

Sentindo que eram incapazes mesmo de respirar livremente, Jafar requereu junto ao Profeta (S) que permitisse que ele, sua esposa e um grupo de Companheiros, emigrassem para o país da Abissínia. Grandemente consternado, o Profeta (S) consentiu. Causava-lhe pesar ver aquelas pessoas puras, de condutas retas, serem forçadas a sair dos seus lares, e serem privadas dos lugarem onde bincaram juntas e juntas cresceram. Eram forçadas ao exílio, não por crimes, mas porque disseram: "Deus é o nosso Senhor!" Mas tinha que permitir que partissem, pois não tinha poder para os proteger quanto às perseguições dos coraixitas.

O participantes daquela primeira hégira foram para a Abissínia, liderados por Ja'far b. Abi Tálib (que Deus esteja aprazido com ele). Aí se assentaram, sob a proteção do rei justo e virtudoso que lá havia. Pela primeira vez, desde que aceitaram o Islam, desfrutaram da segurança e doçura da cultuação, despreocupados com qualquer interferência. Sua felicidade era completa.

Não demorou muito para que os coraixitas descobrissem aonde os muçulmanos tinham ido. Ouviram dizer que os muçulmanos haviam buscado a proteção do rei da Abissínia e que este havia permitido que praticassem livremente sua fé. Ultrajados, os coraixitas conspiraram matar os muçulmanos ou forçá-los voltarem para Makka, onde iriam estar à mercê do Coraix.

Uma, dentre os participantes daqueles eventos, foi a Ummu Salama[3], e a história nos preservou os relatos dela quanto aos acontecimentos que tiveram lugar; então permitimos que ela os narre:

A narrativa de Ummu Salama

Quando nos assentamos no país da Abissínia, constatamos que havíamos sido abençoados com o melhor dos vizinhos. Encontramos segurança para a nossa religião, e éramos capazes de cultuar ao nosso Senhor, o Todo-Poderoso Deus, sem sermos perturbados ou insultados. Quando os coraixitas ouviram isso, fizeram um plano, e enviaram dois dos seus mais poderosos homens: Amr b. al As e Abdullah b. Abi Rabi'a. Os coraixitas enviaram muitos presentes com eles, que eram para Al Najachi[4] e para os seus bispos, escolhendo as mais atraentes mercadorias que puderam encontar em todo o Hijaz. Os coraixitas instruíram os dois enviados no sentido de darem aos bispos os seus presentes, antes mesmo de discutirrem os nossos assuntos com o rei.

Quando chegaram, puseram-se a cumprir suas ordens, encontrando-se com cada um dos bispos, dando-lhe o seu presente e dizendo-lhe:

"O reino do teu rei foi penetrado por jovens que são pessoas insensatas da nossa tribo. Eles se afastaram da nossa religião, a religião dos nossos ancestrais, e têm criado dissensões entre o seu povo. Quando falarmos com o rei, aconselha-o a nos entregar esses renegados, pois os nobres, dentre o seu povo, sabem mais o que é melhor, e estão cientes daquilo em que eles verdadeiramente crêem."

3. Ummu Salama – ver cap. 6, para um relato da vida dessa Mãe dos Crentes.
4. Al Najachi – o Negus, ou rei, da Abissínia.

Os bispos concordaram com o plano. Não havia nada que o Amr b. al As e o seu companheiro quisessem menos do que ver Al Najachi chamar qualquer um de nós e ouvir o que tínhamos a dizer.

Então os enviados foram ter com Al Najachi, e lhe deram os presentes. Ele ficou eufórico com aquilo. E eis que os enviados lhe disseram:

"Ó rei, um grupo de jovens nossos, da mais baixa condição, veio procurar abrigo no teu reinado. Trouxeram com eles uma religião desconhecida por nós e por ti; eis que desertaram da nossa religião e não abraçaram a tua!

"Os nobres, dentre os seus pais, tios e clãs, nos enviaram para que tu os mandes de volta para suas famílias, pois seus parentes são os mais incomodados pelas desordens cousadas por esses jovens."

Al Najachi olhou para seus bispos, os quais disseram:

"Eles falam a verdade, senhor, porquanto as pessoas da espécie deles são os melhores juízes para lhes julgarem as ações. Manda-os de volta para que o seu povo possa decidir o que fazer com eles!"

O rei ficou ultrajado com o que lhe aconselharam a fazer, e disse:

"Não! Juro por Deus que não os irei entregar a ninguém, antes de os chamar e lhes perguntar acerca dessa acusação. Se o que os enviados dizem for verdade, eu lhos entregarei; mas se a questão for outra, eu os irei proteger e ser um bom vizinho para eles, desde que escolham por viver em meu reinado."

Então Al Najachi mandou chamar-nos. Mas nos reunimos, antes de irmos ter com ele, e dissemos uns para os outros:

"O rei irá perguntar-nos acerca da nossa religião; assim, sede firmes ao falardes sobre as nossas crenças. Deixemos que o Jafar bin Abi Tálib fale por nós; o resto de nós permaneceremos em silêncio."

Então nós fomos ter com Al Najachi. Notamos que ele tinha chamado os seus bispos, e feito com que se sentassem um em cada lado do seu trono. Estavam usando seus mantos verdes e suas altas mitras. Na frente deles, haviam colocado seus livros.

Constatamos também que o Amr b. al As e o Abdullah b. Abi Rabi'a estavam com o rei. Após termos tomado nossos assentos, Al Najachi se dirigiu a nós, e disse:

"Contai-me acerca dessa religião que inventastes e por cujo bem deixastes a religião do vosso povo. Eis que vos não juntastes à minha religião, nem a qualquer outra com a qual nós estamos familiarizados!"

Ja'far b. Abi Tálib deu um passo à frente, e disse:

"Senhor! Éramos pessoas que vivíamos na ignorância. Cultuávamos ídolos, e comíamos carne de animais mortos. Cometíamos obscenidades, repelíamos nossos parentes e injuriávamos nosso próximo. Os membros fortes devoravam os membros fracos da nossa sociedade, e continuamos a viver desse jeito, até que Deus nos enviou um profeta de entre o nosso próprio povo. Ele é um homem de respeitável ancestralidade, e que é conhecido por sua honestidade, confiabilidade e castidade.

"Ele nos alertou quanto a Deus, para que servíssemos tão-somente a Ele. Pediu-nos que desistíssemos de tudo quanto os nossos ancestrais costumavam cultuar que não fosse Deus, e que abjurássemos os nossos ídolos e totens.

"Ordenou-nos falarmos apenas a verdade, realizarmos o que nos foi confiado, sermos generosos com nossos parentes e bondosos com nossos semelhantes, abstermo-nos do que é proibido, e protegermos as vidas dos outros. Proibiu-nos de cometermos obscenidades, prestarmos falso testemunho, ou difamarmos mulheres decentes.

"Mais do que tudo, ordenou-nos cultuarmos somente a Deus, e não associarmos nada a Ele, estabelecermos orações regulares, pagarmos caridade ritual, e jejuarmos no mês de Ramadan.

"Nós acreditamos nele, aceitamos o que ele diz, e seguimos o que nos trouxe de Deus. Nós nos permitimos usufruir do que ele diz ser permisível, e nos abstemos do que ele diz ser proibido.

"Em troca, o nosso próprio povo nos tem horrivelmente atacado e perseguido, a fim de que abandonemos a nossa religião e voltemos de novo à idolatria.

"Quando vimos que eles insistiam quanto à opressão, tornando nossas vidas miseráveis e evitando que praticássemos a nossa religião, viemos para o teu país, senhor, escolhendo a ti como protetor, e não outro, desejando ser teus vizinhos, na esperança de que não seremos maltratados!"

Al Najachi estudou Jafar por uns momentos, e perguntou:

"Será que sabes alguma coisa daquilo que o teu profeta trouxe sobre Deus?"

Quando Jafar disse que sabia, Al Najachi pediu que ele recitasse. Jafar começou:

"**Caf, Ha, Yá, Ain, Sad. Eis o relato da misericórdia de teu Senhor para com o Seu servo, Zacarias. Ao invocar, intimamente,**

seu Senhor, dizendo: Ó Senhor meu, os meus ossos estão debilitados, o meu cabelo embranqueceu, mas nunca fui desventurado em minhas súplicas a Ti, ó Senhor meu! Em verdade, temo pelo que farão os meus parentes, depois da minha morte, visto que minha mulher é estéril. Agracia-me, de Tua parte, com um sucessor" (19:1-5).

Ja'far continuou, completando a parte de abertura da Surata Maryan.

Profundamente comovido, Al Najachi chorou, e os bispos choraram com ele, como resultado das belas palavras de Deus. Então Al Najachi disse para nós:

"A luz trazida a vós pelo vosso prefeta vem da mesma fonte daquela que nos foi trazida por Jesus" Voltando-se para o Amr b. al As e o Abdullah b. Abi Rabi'a, disse-lhes:

"Ide para casa, pois jamais irei entregar-vos estes jovens!"

Conforme saíamos da assembléia de Al Najachi, ouvimo o Amr b. al As falando contra nós, dizendo para o seu companheiro:

"Juro por Deus que irei voltar ao rei amanhã, e contar coisas sobre os jovens que o encherão de raiva e ódio por eles; farei com que os corte pela raiz!"

"Não faças isso, ó Amr", disse o Abdullah b. Abi Rabi'a, "pois eles são nossos parentes, embora estejam contra nós."

"Nada disso", respondeu o Amr. "Irei dizer-lhe algo que irá sacudir o chão sob os seus pés. Contar-lhe-ei que eles dizem que Jesus, filho de Maria, era um escravo[5]."

No dia seguinte, o Amr entrou na assembléia de Al Najachi, e disse:

"Senhor, aquelas pessoas a quem garantiste abrigo e proteção dizem algo terrível sobre Jesus, o filho de Maria. Manda chamá-las, e pergunta-lhes o que têm a dizer."

Quando soubemos daquilo, começamos a ficar preocupados como nunca antes havíamos ficado. Um do nosso grupo perguntou:

"Que deveremos nós dizer sobre Jesus, o filho de Maria, se o rei nos perguntar?"

Concordamos com que iríamos dizer apenas o que nos havia sido dito por Deus no Alcorão, e não adicionaríamos uma palavra sequer ao que nos havia sido ensinado pelo nosso Profeta (S), não importando quais as conseqüências. Concordamos também com que iríamos deixar o Ja'far b. Abi Tálib falar por nós novamente.

---

5. "um escravo" – um depreciativo jogo de palavras, pois os muçulmanos acreditam que todas as pessoas, incluindo os profetas, são servos de Deus.

Qaundo Al Najachi nos chamou, entramos na assembléia, e vimos que os bispos estavam sentados com ele, da mesma maneira em que haviam estado antes. Vimos também o Amr b. al As e o Abdullah b, Abi Rabi'a. Tão logo estávamos todos perante ele, Al Najachi começou a conversação, perguntando:

"Que é essa coisa que dizeis acerca de Jesus, o filho de Maria?"

"Dizemos o que nos foi contado pelo nosso Profeta (S)", respondeu o Ja'far.

"E que diz ele?" perguntou Al Najachi.

"Que ele é o servo de Deus, e Seu Mensageiro", respondeu Ja'far, "e que provém do Seu Espírito e da Sua Palavra, a qual Ele decretou sobre a reverente Virgem Maria."

Ao ouvir aquilo dito pelo Ja'far, o rei bateu com o pé no chão em assombro, dizendo:

"Por Deus, não há um tópico da espessura dum fio de cabelo de diferença entre o que o vosso Profeta trouxe e o que Jesus disse!"

Com desaprovação, os bispos começaram falar incoerentemente.

"Essa é a verdade, quer aproveis, quer não", disse Al Najachi para os bispos. "Podeis ir", disse para nós, "pois estais seguros e não sereis entregues a ninguém. Se alguém vos insultar, terá que pagar uma multa; e se alguém tentar causar-vos dano, será punido. Juro por Deus que não irei permitir que qualquer mal caia sobre vós, mesmo se me for dada uma montanha de ouro para fazê-lo!"Depois, olhando para o Amr e o seu companheiro, Al Najachi contimuou:

"Que sejam dados de volta os presentes para esses homens, pois não precisamos deles."

Amr e seu companheiro partiram, derrotados e desapontados. Quanto a nós, permanecemos com Al Najachi na melhor das circunstâncias, com o mais nobre dos vizinhos.

Fim da narrativa da Ummu Salama

Jafar b. Abi Tálib e sua esposa passaram dez anos pacíficos e seguros no país de Al Najachi. No sétimo ano da Hégira, saíram da Abissínia com um grupo de muçulmanos, e viajaram para Madina. Quando chegaram, o Mensageiro de Deus (S) estava voltando de uma vitória concedida por Deus, em Khaybar[6]. Ficou tão contente ao ver o Jafar, que disse:

6. Khaybar – uma cidade montanhosa fortificada guardada por tribos judias que se haviam aliado aos árabes pagãos como inimigos dos muçulmanos.

"Não sei o que me deixa mais feliz: a vitória em Khaybar ou a chegada do Jafar."

Os próprios muçulmanos, especialmente os necessitados, ficaram não menos contentes do que o Profeta (S) com a chegada do Jafar. Ele era conhecido como sendo muito preocupado com os pobres , ao ponto de seu apelido ser "o pai dos necessitados".

Abu Huraira disse sobre ele:

"A mais bondosa das pessoas para conosco, os pobres de Madina, foi o Ja'far b. Abi Tálib. Ele costumava levar-no a sua casa e nos alimentar da comida que tivesse. Se lhe acabasse a comida, ele trazia um pote em que conservava a manteiga, quebrava-o para que pudéssemos nos servir do último resquício restante."

Ja'far b. Abi Tálib não ficou muito tempo em Madina. No oitavo ano da Hégira, o Profeta (S) aprontou um exército para batalhar contra os bizantinos, na Síria. Ele deu o comando do exército ao Zaid b. Háriça, dizendo:

"Se o Zaid for morto ou ferido, deixai o Jafar b. Abi Tálib tomar o comando; se este for morto ou ferido, deixai o Abdullah b. Rawaha assumir o comando; e se este também for morto ou ferido, os muçulmanos deverão eles mesmos escolher o comandante."

Quando os muçulmanos chegaram a Muata, um vilarejo onde é agora a Jordânia, perto da fronteira síria, constataram que os bizantinos haviam preparado um exército de cem mil soldados, apoiados por cem mil árabes cristãos das tribos de Lakhm, Judham, Qudaah, e outras. O número dos muçulmanos montava a três mil.

Logo depois que a batalha começou o Zaid b. Háriça caiu lutando valentemente até que exalou o seu último suspiro. Jafar, vendo o quanto os muçulmanos poderiam sair-se mal face a uma contestação desigual, desceu da sua linda baia e a aleijou com sua espada, para que ela não pudesse ser de valia para o inimigo. Portando o estanderte dos muçulmanos, ele irrompeu por entre as fileiras dos bizantinos, entoando o cântico:

"Quão belo é o Paraíso, quando se aproxima,
"Docemente fragrante, com água fresca e refrescante!
"E os bizantinos, verdade para eles, irão ver
"Seu castigo se aproximar,
"Pagãos que são, de geração a geração.
"E meu dever, quando os encontro, é a eles combater!"

Ele continuou a encetar a batalha nas fileiras dos inimigos, até

que recebeu um golpe que lhe decepou a mão direita. Pegou o estanderte com a mão esquerda, mas recebeu outro golpe que lhe decepou também a mão esquerda. Segurou o estanderte contra o peito com seus braços mutilados, até que foi atingido por um golpe final que o cortou ao meio. O Abdullah b. Rawaha apanhou o estandarte, e continuou a lutar, até que encontrou a mesma sorte dos seus dois companheiros.

O Mensageiro de Deus (S) recebeu a notícia das mortes dos seus três comandantes, e ficou profundamente consternado. Ele foi a casa do seu primo Jafar b. Abi Tálib, onde constatou que a esposa de Jafar, Asma, havia preparado tudo para comemorar a volta do marido. Ela fizera pão fresco, dera banhos nas crianças, vertira-as a rigor, e perfumara-as.

A própria Asma descreveu a cena que se segue:

"Quando o Mensageiro de Deus (S) veio nos ver, eu pude ver o seu rosto anuviado com o pesar. Comecei a ficar ansiosa, mas não queria perguntar-lhe sobre o Jafar, temendo que pudesse ouvir algo que me desagradasse. O Profeta me saudou, e me pediu que levasse as crianças a ele. Eu as chamei, e elas vieram correndo, na sua peculiar alegria, dando gritinhos de prazer, tentando tirar uma a outra do caminho, para que recebesse, cada uma, a indivisível atenção dele. Ele se curvou a elas, abraçando-as e enterrando seu rosto nas braços delas, conforme as lágrimas lhe corriam copiosamente. Eu também chorava, e perguntei:

"'Ó Mensageiro de Deus, acaso ouviste notícias ruins sobre o Jafar e seus dois companheiros?'

"'Sim', o Profeta (S) respondeu, 'eles foram martirizados em batalha.'"

Quando as crianças ouviram os soluços da mãe, os sorrisos desapareceram dos seus rostos, e estancaram onde estavam, conscientizando-se de que algo terrível tinha acontecido.

O Mensageiro de Deus (S) as deixou, enxugando as lágrimas e orando:

"Ó Deus, toma conta dos filhos do Jafar na sua ausência! Toma conta da esposa do Jafar na sua ausência!" E continuou dizendo:

"Tive uma visão na qual vi o Jafar no Paraíso, na forma de uma ave cujas asas estavam manchadas se sangue, e cujas patas eram brilhantemente vermelhas."

CAPÍTULO 32

Abu Sufyan b. al Háris

Raramente duas pessoas têm tanta coisa em comum como aquelas que eram compartilhadas por Mohammad b. Abdullah e pelo Abu Sufyan b. al Háris. Foram amigos de infância, tendo nascido aproximadamente no mesmo tempo, e criados na mesma família numerosa. Abu Sufyan era primo em primeiro grau do Profeta (S), porquanto Abdullah, pai do Profeta (S), e Al Háris, pai de Abu Sufyan, eram totalmente irmãos, sendo, estes, dois dos filhos de Abd al Muttalib. Abu Sufyan e o Profeta (S) eram ainda irmãos de criação, pois ambos foram amamentados pela Halimah al Sadiyah ao mesmo tempo.

Em adição, ele era amigo íntimo do Profeta (S) antes de este receber o chamado para a profecia, e até se parecia com ele. Com toda honestidade, poderia o leitor ter visto, em qualquer lugar, laços mais fortes do que aqueles que ligavam o Profeta (S) e o Abu Sufyan b. al Háris?

Era de se esperar que o Abu Sufyan iria ser uma das primeiras pessoas a responder o chamamento ao Islam, e o mais ansioso a seguir o Profeta (S), de quem era íntimo. Contudo, os eventos agiram contrariamente à expectativa de todos. Logo que o Profeta (S) começou a conclamar publicamente as pessoas ao Islam, a afeição que o Abu Sufyan nutria pelo Profeta (S) se transformou em ódio e inimizade. Negando os laços de parentesco, o Abu Sufyan tornou-se do Profeta (S) um acre inimigo.

No tempo em que o Profeta (S) obedeceu a ordem de Deus e começou a conclamar as pessoas ao Islam, o Abu Sufyan era conhecido como um dos mais intrépidos guerreiros do Coraix, bem como um dos seus mais dotados poetas. Ele decidiu-se por usar o seu poder e a sua eloqüência para o mister de lutar contra o Mensageiro de Deus, e para lhe obstruir a missão. Valia-se de todos os seus talentos com o simples propósito de injuriar o Islam e os muçulmanos. Sempre que os coraixitas desfechavam uma batalha contra o Profeta (S), era o Abu Sufyan que a

instigava, e estava certo de desempenhar um melhor papel nos esforços para infligir danos aos muçulmanos. Ele também explorava os seus talentos poéticos, compondo grosseiras sátiras sobre o Profeta (S). Compôs versos que foram misericordiosamente esquecidos pela história, porquanto eram algo da mais indecente poesia que já foi recitada em árabe.

A inimizade do Abu Sufyan para com o Profeta (S) durou quase vinte anos, durante os quais ele não deixou pedra alguma sem ser virada, na sua trama contra o Profeta (S), e no seu afã de cuasar danos aos muçulmanos. Vinte anos de ódio e crueldade, pelos quais o Abu Sufyan tem de suportar a culpa.

Pouco tempo antes de Makka ser finalmente tomada pelos muçulmanos, o destino quis que o Abu Sufyan aceitasse o Islam. A estória de como ele aceitou o Islam é tão extraordinária, que pode ser encontrada em todos os livros da hitória árabe. Todavia, seria melhor se deixássemos que o conteúdo da estória fosse dita pelas próprias palavras dele.

A estória de Abu Sufyan

Quando o Islam tornou-se estabelecido e poderoso, e eram espalhados rumores de que o Profeta (SAAS) estava planejando tomar Makka, senti que não havia lugar no mundo aonde eu pudesse ir. Eu imaginava:

"Aonde irei? Com quem? Entre que povo irei viver?" Então fui ter com minha esposa e meus filhos e lhes disse:

"Preparai-vos para deixar Makka, pois Mohammad logo virá, e eu serei morto se ficar aqui quando chegarem os muçulmanos."

"Quando irás conscientizar-te de que tanto os árabes como os não-árabes, todos juraram sua fidelidade a Mohammad?" perguntaram-me. "Tu persistes na tua inimizade para com ele, quando já era tempo para que abraçasses a sua religião. Teria sido bem mais válido se tivesses sido um dos que o houvessem apoiado desde o início."

Eles continuaram tentando me influenciar favoravelmente ao Islam, mostrando-o como uma luz aconchegante, até que fianlmente Deus fez com que me inclinasse a aceitar o Islam.

Naquele ponto, eu me levantei, chamei o meu criado, Mandhkur, a lhe disse que selasse alguns camelos e uma égua para nós. Levando meu filho Jafar comigo, pusemo-nos às pressas a caminho de Al Abwa, entre Makka e Madina, pois havia ouvido dizer que Mohammad (S) lá estava

acampado. Quando estávamos quase chegando, eu me disfarcei, para que não fosse reconhecido e morto antes de chegar ao Profeta (S) e declarar a minha fidelidade ao Islam na presença dele.

Continuei minha viagem a pé por quase um quilômetro e, passando por mim em direção contrária, viam-se as primeiras facções de soldados muçulmanos que se dirigiam para Makka, um grupo após o outro. Saí do caminho, dando-lhes passagem, permanecendo de lado, temendo ser reconhecido por um dos companheiros de Mohammad (S). Enquanto isso acontecia, o grupo com o qual o Mensageiro de Deus (S) etava viajando apareceu repentinamente. Parado no meio da estrada, Eu esperei que ele se aproximasse. Quando ele estava tão perto, a ponto de estar cara a cara comigo, eu me revelei a ele. Logo que me deu uma boa olhada e viu quem eu era, voltou o rosto na outra direção. Dei a volta em torno dele, e fiquei na frente dele novamente. Uma vez mais ele virou o rosto, e continuou a proceder assim, embora eu fizesse vários esforços para fazer com me olhasse e falasse comigo.

Então, quando os outros viram que o Mensageiro de Deus (S) se afastou e recusou falar comigo, puseram-se hostis para comigo, e todos se afastaram de mim. Abu Bakr me viu e, inflexível, afastou o olhar; então voltei-me para o Ômar b. al Khattab, e olhei para ele percrutadoramente, esperando que ele olhasse para mim com benevolência. Achei-o mais severo do que Abu Bakr, na sua recusa em me olhar. Em vez disso, ele disse algo que incitou um dos Ansar a falar coisas contra mim; aquele ansar disse:

"Ó inimigo de Deus, eras tu que costumavas causar danos ao Profeta e aos seus companheiros. Tuas injúrias e teus insultos são suficientes para encher o mundo inteiro..." e ele continuou naquele teor, enquanto os Companheiros continuavam a me olhar friamente, satisfeitos com o que eu estava sendo forçado a ouvir.

De súbito, eu vi meu tio, Al Abbás, e me voltei a ele, dizendo:

"Ó tio, esperava que o Mensageiro de Deus (S) fosse ficar feliz por eu ter aceitado o Islam, por causa do meu parentesco com ele e do meu *status* entre o meu povo. Mas... tu viste como ele me recebeu. Fala com ele para que ele reconsidere com realção a mim!"

"Não", ele respondeu. "Juro por Deus que não direi uma palavra ao Mensageiro de Deus (S), depois que vi o modo como ele se afastou de ti, a menos que eu veja uma oportunidade apropriada, porque tenho muito respeito por ele. Não, não seria propriado agora."

"A quem devo dirigir-me então, ó tio?" gritei eu.

"Nada posso fazer por ti", foi a resposta dele. Fiquei arrazado de desânimo e desencorajamento. Logo depois eu vi o meu primo Áli b. Abi Tálib, e falei com ele, na esperança de que ele fosse fazer algo em meu favor, mas ele apenas disse a mesma coisa que ouvira do meu tio, Al Abbas. Então eu voltei a falar com o meu tio, e disse:

"Ó Tio, já que és incapaz de fazer com que o Profeta (S) me olhe com bons olhos, pelo menos defende-me do homem que me está vilipendiando e incitando os outros a fazerem o mesmo!"

"Dize-me como é o homem", disse o tio. Quando eu descrevi o homem, ele disse:

"Esse é o Nuayman b. al Háris al Najjari." Mandou chamá-lo e falou, dizendo:

"Ó Nuayman, o Abu Sufyan aqui é primo do Mensageiro de Deus (S) e meu sobrinho. Embora o Profeta (S) esteja zangado com ele, eis que um dia ele poderá reconsiderar quanto a ele; então deixa-o em paz!" Al Abbás persistiu, até que convenceu o homem a se reprimir de me amolar, e ele prometeu que não mais me iria incomodar, daquele momento em diante.

Quando o Mensageiro de Deus (S) chegou a al Jahfah, e fez aí uma parada, eu me sentei à entrada da sua tenda, com o meu filho Jafar ao meu lado. Quando o Profeta (S) saiu e me viu, virou o rosto. Contudo, eu não perdi as esperanças de fazer com que ele reconsiderasse em relação a mim; e toda vez que ele fazia uma parada para descansar, eu sentava à sua porta, e fazia com que o Jafar ficasse em pé do meu lado. Sempre que o Profeta (S) me via, afastava-se de mim. Aquilo continuou por algum tempo, até que comecei a ficar desencorajado. Quando eu estava para perder as esperanças, disse para minha esposa:

"Juro por Deus que, ou o Profeta (S) reconsidera com relação a mim, ou vou pegar meu filho pela mão e vagar pelo deserto até que morramos de fome e de sede."

Quando o Profeta (S) foi informado sobre aquilo, abrandou em relação a mim e, da próxima vez que saiu da sua tenda, olhou para mim duma maneira não tão severa quanto da vez anterior. Eu queria que ele sorrisse para mim.

O Profeta (S) entrou em Makka, e eu entrei juntamente com os seus seguidores. Então ele foi para a mesquita, e eu fui após ele, seguindo-o a cada passo.

O tempo passou, e aconteceu a batalha de Hunayn. As tribos árabes que permaneciam hostis ao Profeta (S) se juntaram numa inusitada força

para fazerem a guerra contra ele. Eles prepararam o seu exército intensamente, e estavam determinados a desfechar uma batalha que iria ser o golpe de morte para o Islam e os muçulmanos.

O Profeta (S) arrebanhou uma força para defender os muçulmanos, e se pôs a campo, juntamente com os Companheiros, para encarar o exército invasor. Eu fui com eles e, ao ver o imenso número de soldados dos inimigos pagãos, disse comigo:

"Juro por Deus que hoje irei compensar todas as coisas que fiz como inimigo do Mensageiro de Deus (S), e farei com que ele me veja prová-lo, duma maneira que irá agradar a Deus e a ele."

Quando os dois exércitos se encontraram na batalha, os muçulmanos viram-se diminuídos perante os inimigos pagãos, e começaram a perder algumas das suas energias e algo do seu entusiasmo. As forças que apoiavam o Profeta (S) logo ficaram desordenadas, e parecia que iriam sofrer uma humilhante derrota. Eis que lá estava o Mensageiro de Deus, por quem eu seria capaz de renegar a meu pai e minha mãe, constantemente mantendo a sua posição, sobre a sua mula cor de cinza, firme como uma rocha, defendendo-se a si e aos que o rodeavam, atacando como se fosse um leão. Ao ver aquilo, pulei do meu cavalo, quebrando a bainha da minha espada, atirando-a de lado. Deus sabe que eu desejei encontrar a morte na defesa do Seu Mensageiro.

Meu tio Al Abbas segurava as rédeas da mula do Profeta (S), e permanecia ao seu lado, enquanto eu tomava o mu lugar, no lado contrário. Na minha mão direita eu segurava a minha espada, usando-a para defender o Mensageiro de Deus, enquanto segurava a sua sela com a mão esquerda. Quando o Profeta (S) viu quão ferozmente eu lutava, perguntou ao meu tio Al Abbás:

"Quem é esse?"

"Esse é o seu primo e irmão, o Abu Sufyan b. al Háris", respondeu Al Abbás, "ó Mensageiro de Deus... por favor, mostra que estás aprazido com ele!"

"Sim, estou aprazido com ele, e que Deus lhe perdoe cada fragmento de hostilidade que sempre demonstrou contra mim!"

Meu coração pulou de alegria quando ouvi dizer que o Profeta (S) estava aprazido comigo; eu me curvei sobre sua sela e lhe beijei o pé, ao que ele disse:

"Ó irmão meu, vai em frente, e luta intrepidamente!" Suas palavras acenderam o meu entusiasmo, e eu desfechei uma carga tal sobre os

pagãos, que os fez recuar das suas posições. Os muçulmanos os assaltaram juntamente comigo, e os perseguimos por vários quilômetros, e eles debandaram em todas as direções.

Fim da narrativa de Abu Sufyan.

Desde o dia da batalha de Hunayn, o Abu Sufyan foi abençoado com a aceitação da parte do Mensageiro de Deus (S), que passou a tratá-lo graciosamente. Abu Sufyan, no entanto, nunca mais foi capaz de olhar o Profeta (S) no rosto, pois sentia-se tímido perante ele, e envergonhado pelas memórias do seu comportamento passado.

Abu Sufyan contorcia-se de remorso ao lembrar-se dos dias negros que passara em *Al Jahiliya*, sem ser tocado pela luz da verdade de Deus, e privado da Sua Escritura. Começou a passar noites e dias a ler o Alcorão, a educar-se nos seus ensinamentos, e a ponderar sobre suas lições espirituais.

Ele virava as costas a todas as tentações da vida terrena, e voltava todo o seu coração e sua mente para Deus. Numa ocasião, o Profeta (S) viu o Abu Sufyan entrando na mesquita, e perguntou para a Aicha (que Deus esteja aprazido com ela):

"Ó Aicha, sabes quem é aquele?"

"Não, ó Mensageiro de Deus", respondeu ela.

"É o meu primo Abu Sufyan b. al Háris. Vê, ele é o primeiro a entrar na mesquita e o último a dela sair; e nunca tira os olhas do chão", disse o Profeta (S).

Quando o Mensageiro de Deus (S) partiu da vida deste mundo para estar com o seu Senhor, o Abu Sufyan chorou por ele como se fora u'a mãe que perdera o seu filho único. Pranteou-o como se tivesse perdido o seu amigo mais querido, e compôs um poema que é considerado a mais fina das elegias jamais escritas, pois é cheio de uma emoção que envolve o leitor no profundo sentimento do poeta.

Durante a autoridade de Al Faruk Ômar (que Deus esteja aprazido com ele), o Abu Sufyan sentiu que o seu próprio fim estava-se aproximando. Cavou um túmulo para si mesmo, e dali três dias morreu. Quando chegou sua hora, ele voltou-se para sua esposa e seus filhos, e disse: "Vós não precisais chorar por mim, pois juro por Deus que nada fiz de pecaminoso depois que aceitei o Islam", e morreu com a tranquilidade de um inocente. Al Faruk Ômar dirigiu a oração, no funeral,

e ele e os Companheiros se entristeceram com o passamento do Abu Sufyan, e acharam que aquilo era uma grande perda para o Islam e para os muçulmanos.

CAPÍTULO 33

Saad b. Abi Waccas

"**E recomendamos ao homem a benevolência para com os seus pais. Sua mãe o carrega, entre dores e dores, e a sua desmama é aos dois anos. (E lhe dizemos): Agradece a Mim e aos teus pais, porque o retorno será a Mim. Porém, se te constrangerem a associar Mim o que tu ignoras, não lhes obedeças; comporta-te com eles com benevolência neste mundo, e segue a senda de quem se voltou contrito a Mim. Logo o retorno de todos vós será a Mim, e, então, inteirar-vos-ei de tudo quanto tiverdes feito**" (31:14-15).

Há uma estória singular por detrás desses versículos do Alcorão Sagrado, uma estória da porfia de emoções conflitantes no coração de um jovem inexperiente. A bondade triunfou sobre a maldade, e a fé sobre a incredulidade. O herói da estória foi um jovem de Makka, do mais elevado *status* social, filho de pais que eram considerados nobres entre o seu povo.

Esse jovem foi Saad b. Abi Waccas (que Deus esteja aprazido com ele, e que lhe conceda felicidade). Quando a luz da alvorada do Islam se despejou sobre Makka, o Saad era um jovem dócil, de refinada sensibilidade. Era bom para seus pais, e muito apegado à sua mãe, em particular. Não obstante o fato de que ainda não tinha completado dezessete anos, portava consigo o senso de maturidade, e a sabedoria dos "barbas brancas".

Jamais se sentiu a contento com o tipo de entretenimento aos quais os seus colegas eram atraídos; por exemplo: ele usava sua energia para afiar flechas, ajustar arcos, e praticar a arte de arqueiro, como se estivesse preparando-se para um assunto sério.

Nem tampouco sentia-se a gosto com a falta de religiosidade dos indivíduos e com a desordem social. Vivia com se estivesse a esperar por u'a mão forte e firme, mas gentil, para os tirar das trevas em que se agitavam. Foi da vontade de Deus que tal espera não fosse em vão, pois

Ele abençoou toda a humanidade ao enviar-lhes uma pessoa que iria reconstruir adoravelmente a sociedade. Esse homem outro não foi senão o melhor de toda a humanidade – Mohammad b. Abdullah (S), que portava consigo a divina luz que jamais iria extinguir-se: O Alcorão, o Livro de Deus.

O Saad b. Abi Waccas rapidamente respondeu ao chamamento à diretriz e à verdade, pois foi o terceiro ou o quarto homem a aceitar o Islam. Muitas vezes ele iria dizer com orgulho:

"Eu fui, por toda uma semana, um quarto do Islam!"

O Mensageiro de Deus (S) ficou grandemente deleitado com a aceitação do Islam por parte do Saad, pois o jovem demonstrava sinais promissores de inteligência e virilidade, coisas que lhe indicavam o potencial quando chegasse à maturidade. A nobre ancestralidade e o elevado *status* social do Saad eram fatores que iriam encorajar os jovens de Makka a lhe seguirem o exemplo, e a tomarem o caminho que ele escolhera. Em adição, ele estava relacionado ao Profeta (S) pelo seu lado materno, pois procedia dos Banu Zuhra, o povo da Amina b. Wahb, mãe do Mensageiro de Deus (S). O Profeta (S) tinha muito orgulho do seu jovem parente; aconteceu que numa ocasião ele estava sentado com alguns dos seus amigos quando viu que o Saad estava vindo em direção a eles, e disse:

"Esse é o meu primo materno. Será que algum de vós tem um primo igual a ele?"

Porém, a conversão do Saad b. Abi Waccas ao Islam não se deu "em brancas nuvens" O jovem passou por uma experiência estafante, tão extenuante, que Deus, na Sua glória e no Seu poderio, revelou versículos do Alcorão em relação a ela. Iremos aqui permitir que o Saad nos conte a estória do seu singular teste de fé, com suas próprias palavras.

A história de Saad b. Abi Waccas

Três noites antes de aceitar o Islam tive um sonho no qual eu estava afundando em camadas de escuridão. Enquanto eu estava me debatando entre as ondas, vi a luz da lua, a qual segui. Então vi algumas pessoas na minha frente que alcançaram a lua antes de mim; eram elas o Zaid b. al Hária, o Áli b. Abi Tálib e o Abu Bakr al Siddik. Perguntei-lhes:

"A quanto tempo estais aqui?"

"Chegamos agora", responderam.

Quando veio a manhã e eu acordei, ouvi dizer que o Mensageiro

de deus (S) estava secretamente convocando as pessoas ao Islam, e me conscientizei de que Deus queria que algo de bom acontecesse a mim, e Ele queria que eu saísse das trevas e fosse para a luz. Assim, saí à procura do Profeta (S), e encontrei-o na garganta da montanha do Jiyad. Ele acabara de fazer a oração do meio-dia, e eu fui até ele e declarei a minha aceitação do Islam. Ninguém me havia precedido na aceitação do Islam, a não ser aqueles a quem vira em sonho.

Quando minha mãe ouviu dizer que eu me havia tornado muçulmano, sentiu-se ultrajada, embora eu sempre tivesse sido um filho adorável e caritativo. Ela veio até mim, e disse:

"Que religião é essa que abraçaste e que te faz afastar do culto dos teus pais? Juro por Deus que ou tu deixas essa nova religião, ou eu não comerei nem beberei até que eu morra. Teu coração irá partir-se com ressentimento e remorso quanto ao que fizeste, e as pessoas irão culpar-te por isso para sempre."

"Não faças isso, ó mãe", eu disse, "pois nada irá fazer com que eu abandone a minha fé."

Porém, ela teimou, e começou a pôr em prática a sua ameaça, recusando-se a comer e a beber por vários dias. Logo ela tornou-se fraca e começou a emagrecer. Eu ia vê-la a cada hora, implorando-lhe que comesse e bebesse apenas um pouquinho, e ela repetia seu juramento de não comer nem beber até que morresse, se eu não deixasse a minha religião. Então eu lhe disse:

"Ó mãe, apesar do meu grande amor por ti, eu tenho mais amor por Deus e por Seu Mensageiro. Juro por Deus que se tivesses mil vidas e as fosses perder, uma após outra, nada disso me faria perder minha fé."

Ao ouvir o quão sério eu estava falando, ela foi forçada a aceitar a realidade e, relutantemente, começou a comer e a beber. Deus, em Seu poderio e majestade, revelou o seguinte:

"Se te compelirem a associar junto a Mim aquilo de que não tens conhecimento, não os obedeças, mas trata-os com benevolência nesta vida."

Fim da narrativa de Saad

O dia em que o Saad b. Waqqas escolheu para tornar-se muçulmano foi aquele em que aquilo provou trazer uma grande boa sorte para o Islam e para os muçulmanos.

No dia da batalha de Badr, o Saad e seu irmão Umair foram envolvidos num incidente bastante conhecido. Ao tempo o Umair era um jovem que mal tinha chegado à puberdade. Quando o Profeta (S) se pôs a examinar as fileiras do exército muçulmano, antes da batalha, o Umair se escondeu atrás dos outros para que o Profeta (S) não notasse o quão jovem ele era e se recusasse a permitir que ele fosse para a batalha. Mas o Profeta (S) o viu, e se recusou a levá-lo. Umair começou a chorar, até que o Profeta (S) sentiu pena dele e permitiu que fosse.

O Saad foi para perto do Umair, e apertou fortemente o cinto da espada do rapaz, pois este era muito jovem para saber fazer aquilo por si só. Os dois irmãos se puseram a caminho rumo ao *jihad* pela causa de Deus.

Terminada a batalha, o Saad voltou para Madina só, deixando o irmão Umair martirizado no campo de batalha, e orando a Deus que o recompensasse pela perda.

Na batalha de Uhud, os muçulmanos foram severamente sacudidos e começaram a rarear e se afastar do Profeta (S), até que havia menos de dez homens a rodeá-lo. O Saad b. Abi Waccas permanecia firmente defendendo-o com o seu arco e flecha. Cada flecha que atirava contra os pagãos deixava a sua marca mortal. Quando o Profeta (S) viu quão bem o Saad atirava, encorajou-o, dizendo:

"Atira, ó Saad, atira! Não te trocaria pelo meu pai ou minha mãe!"

Pelo resto da sua vida, o Saad se lembrou, e falava daquilo com orgulho, dizendo:

"Sou o único a quem o Profeta (S) disse que trocaria pelos seus pais!"

O Saad não iria alcançar o pináculo do seu heroísmo senão quando Al Faruk Ômar resolveu desfechar uma guerra contra os persas, coisa que iria abolir o paganismo da face da terra, por meio de destronar o déspota que goverava suas terras, dando um fim ao império. O Ômar enviou cartas para todos os seus governadores, em todas as terras muçulmanas, pedindo-lhes que enviassem a ele, Ômar, qualquer um que tivesse uma arma, um cavalo de guerra, que pudesse prestar assistência, dar conselhos, ou mesmo que fosse destro em poesia ou discursos, para encorajar as pessoas a irem em *Jihad*.

Delegações de *mujahidun* (combatentes) começaram a fluir a Madina, vindos de todas as direções. Quando todos se reuniram, Al Faruk se pôs a consultar com os líderes religiosos sobre quem apontar para

liderar o exército muçulmano, e todos eles concordaram quanto a uma pessoa: o Saad b. Abi Waccas, "o leão atacante", como o Ômar o chamava, e lhe deu o estandarte, que era o símbolo da sua liderança quanto ao exército.

Quando o exército estava pronto para partir, saindo de Madina, o Ômar b. al Khattab estava perto deles para lhes dizer adeus, e proferiu para o Saad estas palavras finas de conselho:

"Ó Sad, não te desvies do caminho de Deus ao ouvires as frases 'o parente do Profeta, e o primo do Profeta', porque Deus não permite que se cometam malefícios para expiarem malefícios, mas somente boas ações.

"Ó Sad, a única relação que leva a pessoa para perto de Deus é a obediência. O de baixa condição e o de elevada condição não são diferentes aos olhos de Deus, pois que Ele é o Senhor deles e eles são servos Seus. A única coisa que os diferencia é a sua religiosidade, e apenas poderão alcançar o que Deus lhes prometeu por meio da obediência. Leva em consideração como o Mensageiro de Deus constumava se conduzir, pois esse é o único meio de se agir."

O exército marchou em frente. Na fileiras estavam noventa e nove veteranos de Badr, mais de trezentos e vinte homens que eram muçulmanos desde antes do Juramento de Fidelidade, em Al Hudaybiya, e trezentos que haviam acompanhado o Profeta (S) quando da retomada de Makka. Havia ainda setecentos jovens que eram filhos dos Comapanheiros.

O Saad dirigiu o exército, até que acamparam em Al Cadisiya. Após três dias de sangrenta e indecisa luta, no último dia da batalha, os muçulmanos resolveram pôr um fim a ela. Eles renderam as forças inimigas e irromperam por entre suas fileiras, gritando:

"*La ilaha illa Allah*! *Allahu Akbar*![1]"

A cabeça decepada de Rustum, o líder do exército persa, foi erguida pelas lanças dos muçulmanos, e o terror e o desespero crassaram por entre as fileiras dos inimigos de Deus. Foi dito que os muçulmanos tinham apenas que fazer um sinal para os soldados persas, para que viessem ser mortos, oferecendo mesmo suas próprias armas. As riquesas que se tornaram propriedades dos muçulmanos eram sem conta, e os mortos do exército inimigo montavam a três mil homens, daqueles que caíram no

2. trad. – "Não há outra divindade além de Deus! Deus é Maior!

rio ou nele pularam, não se contando os que foram virtualmente mortos em batalha.

O Saad viveu uma longa vida, e Deus o abençoou com uma grande riqueza. Quando sentiu que a morte estava próxima, mandou que lhe levassem uma sua velha manta de lã, e disse:

"Enrolai o meu corpo nela e enterrai-me com ela, pois encontrei-me com os pagãos, usando-a, na batalha de Badr, e desejo ir em frente e ser visto com ela por Deus, no Dia do Julgamento."

CAPÍTULO 34

Huzaifa b. al Yaman

"*Deverei acreditar em qualquer tradição que vos for ensinada pelo Huzaifa, assim como devereis recitar o Alcorão da maneira como vos é ensinada pelo Ibn Massud.*"

(Dito do Profeta {S})

"Se quiseres, poderás considerar-te um dos Muhajirun; se quiseres, poderás considerar-te um dos Ansar. Escolhe um dos dois que mais te apraz!" Essas foram as palavras com as quais o Mensageiro de Deus (S) se dirigiu ao Huzaifa b. al Yaman, quando o encontrou pela primeira vez em Makka. Há uma estória por trás dessa escolha, oferecida ao Huzaifa, de se identificar com um ou com outro entre aqueles povos que eram caros aos muçulmanos.

A caso é que Al Yaman, o pai de do Huzaifa, matou alguém da sua própria tribo, e foi forçado a se dar ao exílio, deixando Makka e indo para Yaçrib. Aí ele se aliou com os Banu Abd al Achhal[1], e desposou uma mulher daquela tribo, e eles tiveram um filho, o Huzaifa.

Mais tarde, o problema foi acertado, e Al Yaman pôde voltar para Makka; assim ele podia viajar entre Makka e Yaçrib. Contudo, ele ficava mais em Yaçrib, e aí passava a maior parte do seu tempo.

Quando a luz do Islam começou a iluminar a Península Arábica, Al Yaman, pai do Hudhafah, foi uma das dez pessoas da tribo de Abs que foram, numa delegação, ter com o Profeta (S), e declararam sua aliança ao Islam. Isso aconteceu antes de o Profeta (S) emigrar, juntamente com os muçulmanos, para Madina, no tempo da Hégira. Portanto, o Huzaifa, que era de origem maquense, era também madinense de criação.

O Huzaifa b. al Yaman cresceu num lar muçulmano, e foi criado por pais que estavam entre os primeiros aderente ao Islam, e haviam

1. Abd al Achhal – um nome pagão para uma tribo, indicando crença num certo ídolo.

abraçado a religião de Deus antes que ele tivesse tido a oportunidade de se encontrar com o Mensageiro de Deus (S).

O coração do Huzaifa estava cheio de ansiedade para ver o Mensageiro de Deus (S). Nunca se cansava de perguntar pelas últimas notícias sobre ele, e poderia perecer na sua pesquisa para ouvir descrições dele, todas as quais lhe intensificavam a ansiedade.

Ele acabou por viajar para Makka, a fim de se encontrar com o Profeta (S); e logo que o viu, perguntou:

"Será que sou um muhajir, ou um dos Ansar, ó Mensageiro de Deus?"

"Se quiseres, poderás considerar-te um muhajir", respondeu o Profeta S); "e se quiseres, poderás considerar-te um dos Ansar. Escolhe qual dos dois mais te apraz!"

"Então sou um ansar, ó Mensageiro de Deus", declarou o Huzaifa.

Quando o Profeta (S) realizou a Hégira para Madina, o Huzaifa tornou-se o seu companheiro constante, e participou com ele em todas as batalhas, menos na batalha de Badr. Há uma estória que o próprio Huzaifa contou sobre o por que de ele não lutar na batalha de Badr:

"Nada poderia ter evitado que eu lutasse em Badr, a não ser o fato de que estava viajando com meu pai, fora de Madina. Fomos apanhados pelos pagãos do Coraix, que nos perguntaram aonde estávamos indo. Dissemos que estávamos indo para Madina, e eles disseram que talvez estivésemos indo ter com Mohammad. Nós negamos aquilo, dizendo que apenas desejávamos ir para Madina. Eles não nos iriam soltar até que tirassem de nós a promessa de que não iríamos ajudar a Mohammad (S) contra eles, ou lutar do lado dele; a assim concordaram em nos soltar.

"Quando chegamos ao Mensageiro de Deus (S), contamos-lhe a promessa que fizéramos aos coraixitas, e lhe perguntamos o que deveríamos fazer. Ele disse:

"'Devereis permanecer fiéis à vossa promessa a eles, e nós iremos buscar a ajuda de Deus contra eles.'"

Tanto o Huzaifa como o seu pai Al Yaman lutaram na batalha de Uhud. O Huzaifa lutou valentemente, provando a sinceridade da sua fé. Seu pai, entretanto, foi martirizado no campo de batalha. Aliás, eis que sua morte foi pelas mãos dos nuçulmanos, não pelas mãos dos inimigos pagãos.

O que aconteceu foi que o Mensageiro de Deus (S) havia colocado o Sábit b. Qays e Al Yaman nas paliçadas que serviam de abrigo para as mulheres e as crianças, pois eles próprios eram idosos. Quando o calor

da batalha ficou intenso, Al Yaman disse para o seu companheiro:

"Não sei o que estamos esperando! Cada um de nós nada mais tem de sua vida do que o lapso de tempo que um mulo leva para ficar com sede. Se não morrermos hoje, sem dúvida iremos morrer, de qualquer modo, muito em breve. Peguemos nossas espadas e emparelhemos com o Mensageiro de Deus. Talvez Deus nos agracie com o martírio, lutando ao lado do Seu Profeta!"

Assim, eles pegaram suas armas e entraram na batalha. Deus concedeu o martírio ao Çabit b. Qays, que foi abatido pelos pagãos. Quanto a Al Yaman, pai do Huzaifa, sabe-se que os muçulmanos não o reconheceram quando ele entrou na batalha. Achando que se tratava dum inimigo, eles o abateram. O Huzaifa viu o que estava acontecendo, e gritou:

"Pai, ó pai!" Ele não foi ouvido, e o velho caiu vítima das espadas dos seus próprios companheiros. O Huzaifa apenas disse para eles:

"Que Deus vos perdoe, pois Ele é mais misericordioso do que qualquer um!"

Quando o Mensageiro de Deus (S) queria pagar o *diya*, a compensação por morte indevida, para o Huzaifa, este falou:

"O que queríamos era morrer como mártires, e isso ele conseguiu. Ó Deus, testemunha que eu doei o *diyah* dele como caridade para os muçulmanos." Sua ação fez intensificar o bom conceito que o Mensageiro de Deus (S) fazia dele.

O Profeta (S) ficou intimamente apercebido da personalidade do Huzaifa b. al Yaman, e das três características conspícuas que o rapaz possuía: uma inteligência aguçada, que não esmorecia com os mais difíceis problemas, uma intuição penetrante que nunca lhe faltava, e uma habilidade para guardar segredos, como ninguém. O Profeta (S) tinha o costume de escrutar os pontos fortes nos caracteres de cada um dos Companheiros, para que pudesse trazer à tona o melhor de cada um deles, e apontar a cada um deles os deveres, por meio dos quais poderiam melhor beneficiar a comunidade.

O mais cruciante problema apresentado aos muçulmanos, em Madina, era a presença dos Munaficun. Estes constituíam-se dos judeus e os tribadistas pagãos que professavam o Islam para causar dano à crença, estando eles do lado de dentro; etavam constantemente a esquemetizar complôs contra o Profeta (S) e seus companheiros. Ele confiou a Al Huzaifa o mister de colher as identidades dos Munaficun. Aquele foi um assunto que o Profeta (S) não divulgara a ninguém, mas contou para Al

Huzaifa, encarregando-o com o dever de observar os Munaficun, a fim de ele se pôr a par das atividades deles e proteger o Islam e os muçulmanos quanto ao que fosse que eles planejassem. Daquele tempo em diante, o Huzaifa b. Al Yaman passou a ser conhecido como o "confidente do Mensageiro de Deus (S)".

O Profeta (S) apelou para os talentos do Huzaifa durante um dos mais críticos eventos na vida da comunidade, quando a situação requeria uma inteligência mais aguçada e uma intuição mais sagaz. Foi no auge da Batalha da Trincheira, quando os muçulmanos estavam cercados por seus inimigos por todos os lados. O sitiamento já se arrastava por um longo período de tempo, sendo que a fadiga e a miséria começavam a assomar-se quanto aos melhores muçulmanos. Estes estavam temerosos de que não mais iriam poder ver direito, e perdiam a coragem ao ponto de duvidarem da veracidade da vitória prometida a eles por Deus.

Os coraixitas e os seus aliados pagãos não estavam numa melhor situação que os muçulmanos, porque Deus havia despejado Sua ira sobre eles, dum modo que os havia enfraquecido e abalado suas resoluções. Deus enviara-lhes uma feroz e uivante ventania que varrera suas tendas, tombara suas panelas de comida, apagara suas fogueiras, crivara-os de pedriscos, e levantara nuvens de poeira que lhes encheram os olhos e narizes. Aquele era o tipo de batalha que se achava tão empatada, que o primeiro a enfraquecer iria perder, e o vencedor iria ser o que fosse agüentar um momento a mais que seu oponente. É num momento como esse que a superioridade de um exército sobre outro pode ser influenciada pela superioridade do seu aparato de inteligência, coisa que pode guiá-lo quanto a escolher o curso da sua ação.

E esse momento aconteceu durante aquela batalha, em que o Profeta (S) valeu-se da habilidade do Huzaifa b. al Yaman, e resolveu mandá-lo para o centro do campo inimigo. Ele devaria desempenhar a sua missão, sob o manto da noite, de colher e trazer infromações que iriam ser a base sobre a qual o Profeta (S) iria operar. O próprio Huzaifa contou a estória da sua aventura, assim:

A estória de Huzaifa

Naquela noite nós estávamos sentados em fileiras. O Abu Sufyan e o exército pagão de Makka estavam sobre nós, do outro lado da trincheira. Abaixo de nós, do nosso lado da trincheira, estavam os Banu

Qurayza, os judeus de Madina, os quais temíamos por causa das nossas mulheres e crianças. Era a noite mais escura que já víramos, com um vento cortante que soava como estrondo de trovão. Não podíamos mesmo destacar nossos dedos na escuridão.

Os hipócritas começaram a pedir permissão ao Mensageiro de Deus (S) para deixarem as fileiras do exército, com desculpas de que seus lares estavam expostos ao inimigo, quando na verdade suas famílias não corriam perigo. Àquele que pedisse permissão essa lhe era dada, sendo que eles começaram a se esgueirar, até que apenas permaneceram cerca de trezentos soldados nas nossas fileiras. Naquele ponto, o Profeta (S) se ergueu e se pôs a caminhar entre nós, olhando-nos um por um, até que veio até mim. Eu nada estava usando que me protegesse do frio, a não ser um xale que pertencia à minha esposa, e que mal chegava aos meus joelhos. Chegou perto de onde eu estava agachado, e perguntou:

"Quem és tu?"

"O Huzaifa", respondi.

"Huzaifa?" ele exclamou com surpresa, enquanto eu me agachava ainda mais, relutando em ficar de pé, porque estava com frio e com fome.

"Sim, sou eu, ó Mensageiro de Deus!"

"Olha, algo está acontecendo no acampamento inimigo. Preciso que vás espioná-los e me trazer informes sobre eles", disse o Profeta (S)

Então parti para a minha missão e, com certeza, eu estava mais tiritante e amedrontado do que qualquer um, enquanto o Mensageiro de Deus (S) orava:

"Ó Deus, protege-o por todos os lados, e não deixes que ele seja danificado!"

Juro que na hora em que o Profeta (S) tinha completado sua súplica, Deus tinha retirado todo o temor do meu coração, e eu já não mais sentia o frio. Conforme eu ia saindo, o Profeta (S) gritou para mim:

"Huzaifa, não faças nada que desperte o inimigo, antes de retornares a mim!" Eu fiz com a cabeça que sim, esgueirei-me na escuridão, e me infiltrei entre as fileiras dos inimigos, tão facilmente como se fosse um deles.

Pouco tempo depois, o Abu Sufyan se ergueu e se dirigiu ao seu exército, dizendo:

"Povos do Coraix, Vou dizer-vos algo que, temo, talvez chegue ao ouvido de Mohammad; portanto, que cada um de vós verifique cuidadosamente quem está sentado ao seu lado." Imediatamente eu peguei no braço de um homem que estava perto de mim, e perguntei:

"Quem és tu?" ele me deu o seu nome, conforme o Abu Sufyan continuava:

"Povo do Caraix, não iremos ser capazes de manter as nossas posições aqui, pois as nossas montarias estão exaustas, e os Banu Quraydhah nos abandonaram. Vós vistes o que a ventania nos fez; então preparai-vos para partir, porque eu estou partindo." Então ele foi para o seu camelo, desatou-lhe a maneia, montou, e sacudiu a rédea. O camelo ficou de pé. Se não fosse pelo fato de que o Mensageiro de Deus me tivesse ordenado que nada fizesse, eu poderia ir até ele e tê-lo matado com uma flechada.

Logo eu voltei para o Mensageiro de Deus (S), e encontrei-o de pé, a orar, envolto num xale que pertencia a uma das suas esposas. Ao me ver, estreitou-me junto às suas pernas, e me cobriu com uma parte do xale. Contei-lhe as novidades, e ele ficou grandemente prazeroso, e agradeceu a Deus, tecendo-Lhe louvores.

Fim da estória de Huzaifa

O Huzaifa permaneceu pelo resto da sua vida como o confidente da informação secreta quanto aos inimigos da comunidade. Os califas o consultavam sobre questões governamentais. Uma vez que não era permitido manter-se um serviço funerário para qualquer um dos Munaficun, o Ômar b. al Khattab perguntava, sempre que um muçulmano morria, se o Huzaifa tinha ido orar pelo falecido. Se o Huzaifa não tivesse ido, Ômar já sabia que o indivíduo falecido fora provavelmente um dos Munaficun, e se reprimia quanto a orar por ele.

Numa ocasião, o Ômar perguntou para o Huzaifa:

"Será que algum dos meus governadores é dos Munaficun?"

"Um deles é", respondeu o Huzaifa. Ômar pediu-lhe que revelasse a identidade do homem, mas ele se recusou a fazê-lo. O Huzaifa relatou mais tarde que o Ômar, como que guiado por Deus, fez com que o indivíduo em questão fosse retirado do gbinete, de qualquer maneira por outra razão.

Poucas pessoas sabem que o Huzaifa dirigiu os exércitos muçulmanos nas suas vitória em Nahrwan, Al Dinaqar, Hamadhan, e Raiy, sendo, todas elas grandes cidades do Império Sassânida. Ainda mais, foi uma das pessoas que capacitaram os muçulmanos a concordarem com uma singela versão escrita do Alcorão, quando estavam a ponto de

dar-se a um cisma divisivo quanto a como a versão deveria ser coletada.

Não obstante suas aptidões virtuosas, o Huzaifa b. al Yaman tinha muito temor a Deus, e sempre estava ciente do Seu castigo.

Quando a sua enfermidade terminal se tornou aguda, alguns dos Companheiros foram visitá-lo, já tarde da noite. Ele perguntou-lhes que hora era, e lhe disseram que já era quase de madrugada. O Huzaifa disse:

"Peço proteção de Deus quanto à manhã que me levará para o Fogo do Inferno."

Momentos depois ele se esforçou para dizer:

"Trouxestes u'a mortalha para mim?" Quando lhe disseram que sim, Huzaifa lhes disse:

"Não gasteis uma quantia extravagante numa fina mortalha, pois se Deus me quer o bem, Ele me irá dar uma melhor no Outro Mundo; e, caso contrário, a fina mortalha irá ser tirada de mim." Ele continuou, dizendo:

"Ó Deus, Tu sabes que eu sempre preferi a pobreza à riqueza, a humildade ao orgulho, e agora eu prefiro a morte à vida. Irei, por fim, ver o meu Amantíssimo, e não há remorso!" Dizendo aquilo, ele morreu. Que Deus tenha misericórdia quanto ao Huzaifa, pois foi simgular entre todos os indivíduos.

CAPíTULO 35

Ucba b. Amir al Juhani

Nossa estória se abre com a cena da chegada do Mensageiro de Deus (S) a Madina. Ele era esperado com ansiedade e esperança. Ele chegou à periferia da cidade e encontrou os citadinos esperando por ele, alinhados nas ruas, apinhando os telhados, gritando:

"*la ilaha illa Allah! Allahu akbar!*"

O deleite deles, ao receberem o Mensageiro de Deus (S) e seu amigo Abu Bakr al Siddik era ilimitado. As menininhas da cidade acorreram com seus tamborins às mãos, com os olhos a brilharem de expectativa, e lágrimas de alegria, entoando o cântico:

"A lua cheia se alevantou
De entre as gargantas montanhosas de Wada[1].
É nosso devar darmos graças,
Pois jamis houve outro conclamador a Deus
Melhor do que ele!"

A procissão dignificada, liderada pelo Mensageiro de Deus (S) abria caminho por entre as multidões, rodeada pelos Crentes devotos, alguns dos quais derramavam lágrimas de júbilo, enquanto outros irradiavam felicidade.

Contudo, o Ucba b. Amir al Juhani não estava lá para testemunhar a chegada do Mensageiro de Deus (S) ou para compartilhar das alegrias dos Crentes que o receberam. Aquilo foi porque ele tinha ido longe, fora da cidade, para levar umas poucas ovelhas ao pasto, para que pudessem gramar e engordar. Já fazia tempo desde a última vez que as tinha levado a pastar, e elas haviam-se tornado tão esquálidas, que ele temia que morressem, pois que elas constituíam toda a sua riqueza terrena.

---

1. Wada – nome duma montanha. Um duplo sentido foi provavelmente pretendido, uma vez que *wada* significa também adeus, sendo que o Profeta (S) foi o último a deixar Makka, na Hégira. Os muçulmanos maquenses haviam esperado a sua chegada a Madina por um bom tempo.

A alegria que se fazia sentir em Madina não demorou muito a se estender até aos vilarejos vizinho e ao interior, e até às regiões semi-desérticas e inabitadas, aonde pessoas como o Ucba b. Amir al Juhani costumavam levar seus rebanhos. Ucba b. Amir contou a estória de como aceitou o Islam, nestas palavras:

"O Mensageiro de Deus (S) chegou a Madina quando eu estava fora fazendo pastar o meu rebanho de ovelhas. Tão logo ouvi as notícias, deixei minhas ovelhas ao léu e fui diretamente até ele. Quando o vi, perguntei-lhe se aceitaria a minha jura de fidelidade. Ele me perguntou o que eu preferia: uma jura beduína de fidelidade, ou uma jura que me ligasse ao Islam sobre todos os outros laços? Eu disse que preferia a última; então o Mensageiro de Deus aceitou de mim o mesmo voto que aceitara dos Muhajirun. Passei a noite em Madina e, pela manhã, voltei ao meu rebanho.

"Incluindo a mim, havia uma dezena de pastores que viviam bem longe de Madina; assim que podíamos pastorear nossos rebanhos. Todos aceitamos o Islam, e decidimos que a nossa conversão apenas iria valer alguma coisa, se nos beneficiássemos todos os dias da presença do Mensageiro de Deus (S), que poderia nos ensinar acerca da nossa religião e recitar para nós o que lhe havia sido revelado, vindo do Alto. Nós concordamos com que, a cada dia, cada um de nós fosse à cidade e aprendesse com o Profeta (S), e deixasse suas ovelhas aos cuidados dos outros. Eu lhes disse que aproveitasem suas vezes, que deixassem suas ovelhas comigo, pois eu era muito zeloso para com meus animais, e não queria deixá-los com ninguém mais.

Meus amigos começaram a ir ver o Mensageiro de Deus, um após outro, deixando suas ovelhas comigo. Em troca, eu ouvia de cada um deles o que tinham ouvido, e aprendia o que tinham aprendido. Depois de certo tempo, comecei a me indignar por ter feito tal arranjo, até que senti que era um tolo por permitir que umas poucas ovelhas, que de nada me iriam servir, me privassem da companhia do Mensageiro de Deus (S) e de aprender diretamente com ele. Desisti do meu rebanho, deixando para trás, e foi para Madina viver na mesquita, perto do Mensageiro de Deus (S)."

Nunca ocorrera ao Ucba b. Amir al Juhani, quando tomou a decisão de fazer aquele sacrifício, que, após uma década, iria tornar-se um dos mais eruditos entre os Companheiros. Iria tornar-se um dos mais dotados recitadores do Alcorão, bem como um dos mais distinguidos líderes do

exército muçulmano, e um respeitado governador de um dos estados muçulmanos. Jamais imaginara, ao deixar abandonado o seu rebanho e ir para perto do Mensageiros de Deus (S), que iria estar na vanguarda do exército que iria libertar a mais linda cidade do mundo, Damasco, ou que iria construir o seu lar entre os jardins próximos ao Portão Tuma.

Ele não tinha como saber que iria ser um dos líderes que iriam abrir as portas da terra que era a jóoia da civilização, o Egito, ou que iria ser o seu governador, que iria contruir o seu lar na ladeira do Monte Muqqatam, que tinha vista que dava para o local onde o Cairo foi fundado. Todos esse eventos estavam ainda escondidos no mundo do Incognoscível, conhecidos apenas por Deus.

O Ucba b. Amir al Juhani acompanhava o Mensageiro de Deus (S) aonde quer que ele fosse, permanecendo tão perto dele como se fora a sua sombra. Aonde quer que o Profeta (S) fosse, com sua mula, o Ucba a dirigia pelas rédeas até aonde o o Profeta (S) quisesse ir. Às vezes o Profeta (S) fazia com que o Ucba cavalgasse atrás dele, isso tão freqüentemente, que o Ucba ficou conhecido como "aquele que cavalga com o Mensageiro de Deus." Algumas vezes o Profeta (S) desmontava e fazia com que o Ucba cavalgasse, em vez dele. Ucba uma vez ralatou:

"Uma ocasião eu estava a dirigir o Profeta (S), em sua mula, por entre as florestas de Madina, quando ele disse para mim:

"'Ó Ucba, não queres cavalgar?' Eu Achava que deveria recusar, mas temia que ao fazê-lo, iria desobedecer o Mensageiro de Deus (S), então eu disse:

"'Muito bem, ó Profeta de Deus', e ele desmontou, e eu montei na mula em atendimento ao seu pedido, enquanto ele andava. Após um breve intervalo, eu desmontei, e ele montou mais uma vez. Então ele disse para mim:

"'Ó Ucba, deixa-me ensinar-te duas Suratas do Alcorão cuja similidade jamais foi vista!' Eu deixei, e ele me ensinou a recitar *Al Falaq* e *An Nas*. Quando chegou a hora da oração, o Profeta foi o que dirigiu a oração, e recitou as mesmas duas Suratas. Pouco depois, ele disse para mim:

"'Faze por recitá-las sempre que fores dormir e, novamente, sempre que acordares.' Assim, as tenho recitado todas as manhãs e todas as noites, desde aquele tempo", finalizou o Ucba.

O Ucba b. Amir concentrava todas as suas energias em duas áreas: escolaridade e *jihad*. Dedicava todo seu coração para esses interesses

com uma intesidade que revelava a sua nobreza de espírito.

Como estudante, nunca se cansava de aprender com o Mensageiro de deus (S), até que se tornou um *háfiz* (pessoa que aprendera de cor o Alcorão), um erudito em Tradições (dizeres do Mensageiro de Deus {S)}), um jurisconsulto, um *expert* em leis de herança, e um eloqüente e criativo erudito em literatura.

Possuía uma das mais belas vozes para a recitação do Alcorão e, quando a noite se tornava quieta e todos estavam a dormir, ele começava a recitar os belos versículos do Livro de Deus. Alguns dos Companheiros tinham o hábito de ouvir a sua recitação, sendo que seus corações se enchiam de humildade, e seus olhos de lágrimas, na recordação da majestade de Deus.

Numa ocasião, o Ômar b. al Khattab chamou o Ucba, e lhe disse:

"Deixa-me ouvir de ti algo do Livro de Deus, ó Ucba!"

"Irei obedecer-te, ó Comendante dos Crentes!" disse o Ucba, e começou a recitar versículos da sagrada Escritura, até que o Ômar começou a chorar abertamente.

Ucba deixou, após sua morte, uma cópia do Alcorão, escrito com sua própria caligrafia. Esse livro permaneceu, até não muito tempo, no Cairo, na mesquita conhecida como Jámi' Ucba b. Amir[2], e, escrito no final dele, estava: "Transcrito por Ucba b. Amir al Juhani". Essa cópia do Alcorão escrita pelo Ucba era uma das mais antigas do mundo, mas ficou perdida, coisa que aconteceu com muitas obras-primas preciosas da nossa herança, durante um período em que as pessoas não consideravam tais itens como sendo de importância.

No seu papel como um mujahid, é suficiente que saibamos que o Ucba b. Amir participou, juntamente com o Mensageiro de Deus (S), da batalha de Uhud, e de todas as batalhas que aconteceram depois dela. Foi um dos guerreiros intrépidos e valentes que lutaram bravamente para a tomada de Damasco. Foi recompensado pelo Abu Ubaydah b. al Jarrah[3], por seu valor, por ser ter sido ele enviado ao Ômar al Khattab, em Madina, para dar-lhe as boas-novas da vitória. Ele viajou apressadamente, passando dias e noites na estrada, sem parar, até que alcançou a Al Faruk Ômar, e lhe deu as maravilhosas notícias.

2. Jámi' – uma mesquita sexta-feireira, maior que as mesquitas adjacentes, que pode ser encontrada em todas as cidades muçulmanas. Em cada quarteirão da cidade do Cairo pode-se encontrar uma dessas grandes mesquitas sextas-feireiras.

3. Abu Ubayda b. al Jarrah – outro Companheiro famoso, cuja estória é contada no primeiro volume destas séries.

Ele foi ainda um dos líderes dos exércitos muçulmanos que conquistaram o Egipto. O Emir dos Crentes, Muawiya b. Abi Sufyan, recompensou-o, fazendo-o governador, por três anos. Depois enviou-o para a batalha da ilha de Rhodes, no Mediterrâneo. O apego que o Ucba b. Amir tinha pelo *jihad* era tão grande, que ele sabia de cor todas as tradições do Profeta (S) sobre aquele assunto, e se dedicava a ensiná-las aos muçulmanos. Exercitava-se constantemente na precisão do arremsso de setas, sendo que a arte de arqueiro se tornou o seu entretenimento preferido.

Quando o Ucba b. Amir caiu doente com sua doença terminal, no Egito, fez com que seus filhos fossem levados a ele, e lhes ordenou:

"Meus filhos, eu vos proíbo fazerdes três coisas; portanto, ficai atentos em evitá-las: não acrediteis numa tradição do Profeta (S), a menos que ela seja relatada por alguém de confiança; não contraiais dívidas, ainda que sejais obrigados a sair por aí vestidos com as vossas piores vestes; e jamais componhais versos, pois isso iria desviar do Alcorão vossos corações!"

Quando ele morreu, seus filhos o sepultaram na ladeira do Monte Muqattam. Depois foram de volta a casa para verem o que ele tinha deixado como herança. Constataram que ele havia deixado mais de setenta arcos, cada um com uma aljava de flechas. Ele deixara aquilo para os muçulmanos, para ser usado em *jihad*.

Que Deus conceda uma grande recompensa e perpétua juventude ao Ucba b. Amir, o *hafiz*, o erudito, e o *mujáhid* que realizou muitos serviços para o Islam e para os muçulmanos!

CAPÍTULO 36

Habib b. Zaid al Ansari

Que Deus conceda a toda tua família as Suas bênçãos, e que Ele te conceda a Sua misericórdia.

(Mohammad, o Mensageiro de Deus {S})

Esta é a estória de um homem que cresceu num lar que estava cheio de todas as virtudes inspiradas pela fé religiosa. Todos os sacrifícios despendidos era para o bem da religião. Foi nesse lar que o Habib b. Zaid deu os primeiros passos e passou da adolescência para a puberdade.

Seu pai, Zaid b. Asim, foi um dos primeiros indivíduos de Yaçrib a se converter ao Islam, e foi um dos setenta, que estiveram presentes em Al Aqaba[1], a apertar a mão do Mensageiro de Deus (S) e dar a ele sua jura de lealdade. Juntamente com ele estiveram sua esposa e seus dois filhos.

A mãe de Zaid era a Umm ‘Amara, também conhecida como Nasiba al Maziniya, a primeira mulher a portar armas na defesa do Islam, e a proteger a Mohammad, o Mensageiro de Deus (S). Seu irmão era o Abdullah b. Zaid, que sacrificou a própria vida para proteger a vida do Profeta (S) na batalha de Uhud.

O próprio Profeta disse para aquela família: “Que Deus dê à tua família as Sua bênçãos, e que Ele conceda à tua família a Sua misericórdia!”

A divina luz da fé encontrou o seu caminho no coração do Hubaib b. Zaid quando ele era apenas um menininho dócil, e aí se estabilizou por toda uma vida.

O destino fez com que o Hubaib acompanhasse seus pais, irmãos e seu tio até Makka, e fizesse parte da nobre companhia dos setenta indivíduos que deram forma à história do Islam. Na escuridão da noite, o Zaid estendeu a sua mãozinha, colocando-a na mão do Mensageiro de Deus (S), apresentando-lhe a sua jura de fidelidade de Al ‘Aqaba.

Naquele dia, o Mensageiro de Deus (S) tornou-se mais querido para o Hubaib do que seus próprios pais, e o Islam tornou-se mais caro para ele do a sua própria alma.

O Hubaib b. Zaid era muito jovem para estar presente à batalha de Badr, e ele não compartilhou da honra de estar na batalha de Uhud, uma vez que era ainda muito jovem para portar armas. Porém, participou em muitos eventos militares que aconteceram depois de Uhud, e portou-se com honra em cada ocasião. Todas as vezes ele demonstrou ser um membro nobre e auto-sacrificante, dentre os crédulos.

Não obstante suas glórias e grandiosidades, todos esses eventos nada mais foram do que simples preparação para o evento sobre o qual ireis agora ler. Trata-se de uma estória que irá abalar as vossas almas nas suas profundezas, assim como tem abalado milhões de muçulmanos desde o tempo da missão profética até hoje. Essa poderosa estória tem sido uma das favoritas dos muçulmanos, por séculos, sendo, portanto, digna de ser recontada.

No nono ano da Hégira, o Islam tornou-se estabilizado como uma entidade segura e poderosa. Delegações de todos os quadrantes da Arábia começaram a viajar para Madina, a fim de encontrarem-se com o Mensageiro de Deus (S), com o fito de declararem suas aderência ao Islam e jurarem suas absolutas lealdades e obediências ao Profeta (S). Entre aqueles visitantes estava a delegação dos Banu Hanifa, procedentes das altiplanícies de Najd.

Esses delegados desmontaram de seus camelos na entrada da cidade de Madina, e deixaram suas posses a cargo dum homem chamado Musailima b. Habib al Hanifi. Foram ter com o Mensageiro de Deus (S) e anunciaram suas conversões e a do seu povo à religião do Islam. O Profeta (S) os recebeu com honrarias, tratando-os com respeito, ordenando que a cada um fosse dado algum dinheiro, mesmo para o homem que ficara encarregado dos camelos e das posses deles.

Logo que a delegação voltou para a sua terra, em Najd, o Musailima apostatou quanto ao Islam, e se pôs a andar entre o povo, anunciando que Deus o tinha enviado como profeta aos Banu Hanifa assim como tinha enviado um profeta para o Coraix.

Os homens da sua tribo acorreram a ele, levados por inúmeros motivos, o principal do qual, o orgulho tribal. Um deles chegou a dizer: “Juro que Mohammad é veraz, e que o Musailima é um mentiroso; mas, um mentiroso de Rabi’a me é mais benquisto do que um veraz de Mudar[2].

Quando o Musailima achou que se havia tornado poderoso e granjeado muitos apoiadores, enviou uma carta para o Mensageiro de Deus (S), na qual dizia: “De Musailima, o mensageiro de Deus, para Mohammad, o

Mensageiro de Deus. Que a paz esteja contigo. Quero informar-te de que eu fui feito teu parceiro na profecia. Nós[3] iremos governar a metade das terras, e o Coraix irá governar a outra metade; mas o Coraix tem ultrapassado os seus limites."

Musailima enviou dois dos seus homens com a carta para o Profeta (S) que, quando a missiva foi lida para ele, perguntou aos missivistas:

"Que tendes a dizer sobre isto?"

"Concordamos com o que ele diz", responderam.

"Não fosse pelo fato de que os missivistas não podem ser mortos, iria fazer com que ambos fossem decapitados", o Profeta (S) lhes disse.

Então o Profeta (S) ditou uma carta que enviou ao Musailima; era assim:

"Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso.

"De Mohammad, o Mensageiro de Deus, para Musailima, o mentiroso:

"Que a paz esteja com aquele que segue a Divina Diretriz. Deves saber que as terras pertencem a Deus, Que as concede como legado a quem Lhe apraz, e que a recompensa da Vida Futura é para aqueles que O temem."

Ele enviou a carta com os missivistas.

A maldade, em Musailima, crescia, conforme ele começava a espalhar a sua missão corrupta, norte-sul, leste-oeste. O Profeta (S) decidiu enviar-lhe uma carta severíssima, avisando-o que desistisse do seu curso desviativo. O Profeta (S) delegou ao herói da nossa estória, o Hubaib b. Zaid, o mister de portar a carta. Por esse tempo, ele já tinha atingido a maioridade. Ele era um jovem valoroso, um crente e tanto, da cabeça aos pés.

Hubaib b. Zaid partiu imediatamente na missão dada a ele pelo Mensageiro de Deus (S), sem qualquer hesitação ou delonga. Paasou por planaltos e cruzou uma infinidade de vales, antes de finalmente chegar às terras dos Banu Hanifa, encravadas na região de Najd. Imediatamente ele entregou a carta ao Musailima.

Logo que o Musaylima tomou consciência do que estava escrito na carta, seu coração se encheu de despeito e ódio. Seu rosto grosseiro e pastoso demonstrava suas intenções maldosas e traiçoeiras, e ele ordenou que o Hubaib b. Zaid fosse acorrentado e levado a ele na manhã seguinte.

Na manhã seguinte, o Musailima tomou seu assento na sua assembléia, e fez com que os líderes da sua profana corte se sentassem de cada lado dele. Ele anunciou que a assembléia estava aberta ao público, e deu ordem

para que o Hubaib b. Zaid fosse para ali levado. Hubaib entrou arrastando as correntes com ele.

No meio daquela multidão enorme e despeitada, o Zaid permanecia altivo e orgulhoso, tão destemeroso como se fosse uma lança afiada. Musailima voltou sua atenção a ele, e perguntou:

"Srá que prestas testemunho de que Mohammad é o Mensageiro de Deus?"

"Sim", respondeu ele, "presto testemunho de que Mohammad é o Mensageiro de Deus."

Musailima parecia que ia explodir, conforme perguntava:

"E será que prestas testemunho de que eu sou o mensageiro de Deus?"

Num tom mordaz e irônico, o Hubaib disse:

"Eu sou um pouco surdo e não posso ouvir o que dizes!"

Musailima empalideceu de fúria. Com os lábios a tremelicar, ele ordenou ao seu executante:

"Corta uma parte do corpo dele!"

O executante golpeou o Hubaib com sua espada, cortando um pedaço do seu corpo. Este caiu ao chão, e o Musailima repetia a pergunta:

"Será que prestas testemunho de que Mohammad é o Mensageiro de Deus?"

"Sim, presto testemunho de que Mohammad é o Mensageiro de Deus."

"E será que prestas testemunho de que eu sou o mensageiro de Deus?"

"Eu te disse, sou surdo e não posso ouvir o que dizes."

Então o Musailima ordenou que outra parte do corpo do rapaz fosse cortado. Essa rolou no chão, parando perto da outra parte que já havia sido cortada, enquanto a multidão olhava par o Hubaub, estarrecida com a sua determinação e persistência.

Musailima continuou a perguntar, enquanto o seu executante continuava a cortar, e o Hubaib a dizer:

"Presto testemunho de que Mohammad é o Mensageiro de Deus", até que metade dele era uma pilha de membros ensangüentados, espalhados pelo chão, e a outra metade era uma forma sangrenta e disforme que ainda falava. Por fim ele morreu, tendo seus lábios a proferir o nome do Profeta a quem ele havia prestado juramento, na abençoada noite, em 'Acaba: o nome de Mohammad, o Mensageiro de Deus (S).

A notícia da morte de Hubaib b. Zaid foi levada à sua mãe, a Nasiba al Maziniya, e tudo o que ela teve para dizer foi:

“Foi para essa ocasião que eu o criei e o preparei. Busco minha recompensa para ele em Deus. Ele jurou fidelidade ao Mensageiro de Deus (S) na noite de Al ‘Acaba, quando era ainda jovem e, como adulto, compriu o seu juramento. Se Deus me der a chance de me defrontar com o Musailima, irei fazer com que as filhas dele batam nos seus próprios rostos, pesarosas com ele!”

O dia que a Nasiba desejava que chegasse não demorou muito a chegar. O almuazen de Abu Bakr foi por toda Madina, conclamando o povo a se preparar para encetar a batalha contra Musailima, o falso profeta.

Os muçulmanos se apressaram a ir ao encontro de Musailima em batalha e, com o exército, estavam a Nasiba al Maziniya e seu filho Abdullah.

Na histórica batalha de Al Yamama, a Nasiba foi vista abrindo caminho por entre as fileiras, como uma leoa enfurecida, gritando:

“Onde está o inimigo de Deus? Mostrai-me onde está o inimigo de Deus!”

Quando, finalmente, ela chegou até ele, encontrou-o jazendo no chão, sendo que as espadas dos muçulmanos já haviam feito seus serviços. Sua ira foi abrandada, e ela ficou aliviada; e por que não deveria ficar?

Não tinha Deus vingado o seu filho reverente e cumpridor dos deveres, pondo um fim àquele assassino maldoso e sanhudo?

Certamente que tinha, pois cada um deles fora encarar o Criador; só que um fora para o Paraíso, e o outro fora alimentar o calor do Fogo.

CAPÍTULO 37

Abu Tal-ha al Ansari

"*Jamais soubemos de um homem que tivesse dado um dote mais precioso do que aquele dado pelo Abu Tal-ha para a Umm Sulaim pois o dote que ela queria era que ele aceitasse o Islam.*"
(as mulheres de Madina)

Zaid b. Sahl al Najjari, também conhecido como Abu Tal-ha, ficou a par de um rumor que o encheu de alegria. Ouviu dizer que a Rumaysa b. Mil-ham al Najjariya, também conhecida como Umm Sulaim, acabara de ficar viúva. Agora que a Umm Sulaim estava livre para se casar, e como tatava-se duma senhora de elevadas qualidades morais e intelectuais, o Abu Tal-ha decidiu tomar a iniciativa de lhe pedir a mão em casamento, antes de qualquer um – pois havia muitos que tinham a ambição de se casar com tal mulher. Estava certo de que ela não iria preferir a nenhum outro dos seus pretendentes a ele, pois que ele era um homem de maturidade, com elevado *status* social e de vasta riqueza. Não obstante isso, ele era um dos mais cavalheirescos guerreiros dos Banu Naffar, e um dos melhores arqueiros de toda Yaçrib.

Abu Tal-ha pôs-se a caminho da casa da Umm Sulaim. No caminho, lembrou-se de ter ouvido dizer que a mulher havia ouvido o pregador maquense, o Musab b. Umair, e que acreditava em Mohammad, e seguia a religião dele. Ele deu de ombros, descartando o pensamento, achando que aquilo não vinha ao caso. O último marido dela apegava-se à religião dos seus antepassados, recusando-se a ter qualquer coisa a ver com Mohammad e o seu chamamento missioneiro.

Quando o Abu Tal-ha chegou a casa de Ummu Sulaim, pediu permissão para entrar, e lho permitiram. O Anas, o filho da Ummu Sulaim, estava com ela. Sem hesitar, o Abu Tal-ha pediu a mão dela em casamento.

"Um homem como tu, ó Abu Tal-ha, é muito bom para que seja recusado, mas não me casarei contigo, porque és pagão", respondeu a Ummu Sulaim.

Abu Tal-ha achava que a Umm Sulaim estava a usar aquilo como uma desculpa, pois que havia escolhido a outro mais rico que ele, duma tribo mais poderosa que a dele; ele perguntou:

"Dize-me a verdade: por que não queres casar-te comigo, ó Umm Sulaim?"

"Será que pensas que há outra razão?" ela respondeu.

"Amarelo e branco, ou seja, ouro e prata", disse ele.

"Ouro e prata!?" ela exclamou.

"É isso que eu penso", disse ele.

"Peço-te que prestes testemunho, ó Abu Tal-ha", ela disse, "e peço a Deus e ao Seu Mensageiro que prestem testemunho de que se tu aceitares o Islam, concordarei em casar-me contigo, sem requerer nem ouro nem prata. O teu Islam irá ser o meu dote."

Logo que o Abu Tal-ha ouviu aquilo dito pela Umm Sulaim, começou a pensar no seu ídolo que era feito de madeira rara e preciosa, e que era o seu totem pessoal, que o ajudava a conservar os costumes da nobreza da sua tribo. A Umm Sulaim teve o instinto de bater enquanto o ferro estava quente, então continuou:

"Ó Abu Tal-ha, acaso não sabes que essa deidade que tu cultuas, em vez de Deus, cresceu da terra?"

"Claro que sei", ele respondeu.

"Não te sentes envergonhado ao adorares um pedaço duma árvore que moldaste em um deus, sendo que outras pessoas usaram o restante da árvore como lenha para se aquecer ou para assar seus pães? Se aceitares o Islam, ó Abu Tal-ha, eu te aceitarei como marido, e não irei querer dote outro que não seja a tua aceitação quanto ao Islam."

"E que tenho eu que fazer para me tornar muçulmano?" perguntou ele.

"Dir-te-ei", ela respondeu: "Pronuncia a palavra da verdade, e presta testemunho de que não há outra divindade além de Deus, e que Mohammad é o Mensageiro de Deus. Depois vai para tua casa, destrói o teu ídolo, e joga-o fora."

Abu Tal-ha ficou contente, e disse:

"Presto testemunho de que não há outra divindade além de Deus, e presto testemunho de que Mohammad é o Mensageiro de Deus."

Pouco depois ele se casou com a Umm Sualim, e os muçulmanos de Madina diziam entre si:

"Jamais ouvimos dizer de um dote mais precioso do que aquele da Umm Sualim, pois a aceitação do Islam foi o que ela requereu como prenda!"

Daquele dia em diante, o Abu Tal-ha tornou-se um sincero aderente à fé do Islam, e pôs toda sua energia e suas habilidades a serviço da sua religião. Ele foi um dos setenta indivíduos que juraram lealdade ao Mensageiro de Deus (S) em Al ‘Acaba, e junto com ele, sua esposa, a Umm Sulaim. Foi também um dos doze que foram apontados, pelo Profeta (S), naquela noite, como líderes da comunidade muçulmana em Yaçrib.

Mais tarde, ele lutou valentemente ao lado do Mensageiro de Deus (S) em todas as batalhas. A mais corajosa das suas ações foi quando ele estava na companhia do Profeta (S) em Uhud, que será o tema de que iremos aqui tratar.

O amor que o Abu Tal-ha nutria pelo Profeta (S) estava tão profundamente enraizado no seu coração, que parecia que fluía paralelo ao sangue das suas veias. Nunca se cansava de olhá-lo, e não se fartava da doce conversação dele. Sentava-se perante o Profeta (S), e lhe dizia:

“Eu seria capaz de sacrificar a minha própria alma pelo bem da tua, e escudar o teu rosto de qualquer dano com o meu próprio!”

Mas eis que durante a batalha de Uhud, os muçulmanos começaram a se afastar das posições que rodeavam o Mensageiro de Deus (S), sendo que o exército pagão principiou a atacá-lo de todas as direções. Um dos seus dentes foi quebrado, sua testa foi ferida, seu lábio foi cortado. Havia alguns muçulmanos que tinham convertido suas alianças com o inimigo, e se puseram a berrar que Mohammad (S) tinha sido morto, para que os muçulmanos se desencorajassem. Na verdade, o exército muçulmano já havia perdido sua resolução e, ao ouvir aquilo, a maior parte dos soldados fugiu do campo de batalha. Nenhum permaneceu com o Profeta (S) a não ser um pequeno grupo de muçulmanos, sendo que um dos mais proeminentes deles foi o Abu Tal-ha.

Abu Tal-ha permaneceu fimemente na frente do Mensageiro de Deus (S), escudeando-lhe o corpo com o seu próprio, como se fora uma montanha atrás da qual o Profeta (S) não podia ser atacado. Então o Abu Tal-ha esticou o seu arco, que sempre atirava para valer, e arremessou uma das suas flechas, que nunca erravam o alvo. Com aquela arma, ele ficou defendendo o Mensageiro de Deus (S), derrubando os inimigos pagãos, um a um. O Profeta (S) tantava olhar por sobre os ombros do Abu Tal-ha para ver se ele estava a atirar efetivamente, mas toda vez o rapaz o pressionava para trás, temendo pela segurança do amigo, dizendo:

“Eu seria capaz de trocar meus próprios pais por ti; então não tentes olhar para os inimigos, pois eles podem atirar em ti. Preferiria que minha

garganta e meu peito fossem feridos, ao teu ombro; fica sabendo que me sacrificaria por ti!"

Toda vez que um dos muçulmanos que fugiam do campo de batalha passava perto do Mensageiro de Deus (S), carregando uma aljava cheia de setas, o profeta (S) lhe dizia:

"Deixa as flechas aqui com o Abu Tal-ha, e não as leves contigo na fuga!"

Abu Tal-ha continuou a defender, de pé, o Mensageiro de Deus, até que se quebraram três dos seus arcos, e ele matou um incontável número de inimigos, até que a batalha chegou finalmente ao fim. Foi da vontade de Deus que o Profeta (S) saísse dela a salvo, com a Sua proteção.

O Abu Tal-ha nunca se reprimiu nos seus esforços corajosos nas horas de atribulação, em prol da causa de Deus. Do mesmo modo, ele era ainda mais generoso no disprendimento quanto aos seus bens materiais, em tempos de necessidade. Um exemplo dessa generosidade é dado na seguinte estória:

O Abu Tal-ha tinha um pomar de tamareiras e videiras. Este era conhecido como tendo as mais altas árvores em toda Yaçrib, com as melhores frutas e a mais pura água. Numa ocasião, o Abu Tal-ha estava em oração, à sombra das árvores, quando sua atenção foi voltada para uns pássaros verdes e gorgeantes, com bicos vermelhos e pés coloridos e brilhantes. Os pássaros começaram a pular alegremente de galho em galho, trinando agudamente. Abu Tal-ha ficou atraído pela visão, sendo que a sua atenção se desviava da sua devoção, conforme ele seguia a evolução das aves. Repentinamente o Abu Tal-ha estancou e se conscientizou de que nem mesmo se lembrava de quantos *rak'a*[2] tinha orado! Seriam dois, ou três? Realmente, não podia lembrar-se.

Tão logo o Abu Tal-ha terminou de orar, foi ter com o Mensageiro de Deus (S), quixando-se a ele sobre sua alma, como ela foi distraída da cultuação a Deus pela sombra do seu pomar e pelos pássaros canoros. Então o Abu Tal-ha terminou, dizendo:

"Presta testemunho, ó Mensageiro de Deus, de que eu estou dando esse pomar em caridade, para a causa de Deus. Tu poderás usá-lo da maneira que mais agradará a Deus e ao Seu Mensageiro!"

Abu Tal-ha passava os dias em constante jejum e como um *mujahid* (combatente). Os historiadores do seu tempo relatam que ele viveu por trinta anos, após a morte do Mensageiro de Deus (S), e que ele jejuava todos os dias, durante esse tempo, excepto nos dois dias de festejo do *id*, quando é proibido jejuar. Viveu até que ficasse bem velho, mas sua idade

avançada não o impediu de realizar o *jihad* pela causa de Deus, ou de viajar note-sul, leste-oeste, para lutar pela liberdade da prática do Islam e para disseminar a palavra de Deus.

Durante a autoridade do califa Otman b. Affan, os muçulmanos resolveram realizar uma expediçõ militar por mar. Abu Tal-ha começou a fazer os preparos para se juntar ao exército muçulmano, quando os seus filhos tentaram dissuadi-lo, dizendo:

"Ó pai, que Deus tenha misericórdia de ti! Estás velho, e já participaste de muitas batalhas com o Mensageiro de Deus (S), com o Abu Bakr e Ômar. Por que não te assentas, e permites que nós vamos à batalha em teu lugar?"

A resposta do Abu Tal-ha foi esta:

"Deus, no Seu poder e majestade, diz: 'Saí, quer estejais leve ou fortemente armados', e assim Ele requereu que todos partíssemos para a batalha, quer fôssemos velhos ou moços; Ele não estabeleceu uma idade específica." E com isso, o Abu Tal-ha foi juntar-se ao exército muçulmano. Enquanto estava ao mar com os soldados, caiu doente, e logo veio a morrer da doença.

Os muçulmanos se puseram a procurar uma ilha em que pudessem sepultar o Abu Tal-ha, mas demorou sete dias para que avistassem uma. Durante todo esse tempo, o corpo do Abu Tal-ha jazeu incólume a bordo do navio, como se estivesse a dormir.

Por fim, no meio do oceano, longe da sua família e sua terra, o Abu Tal-ha foi sepultado. Ninguém se sentiu amargurado pelo fato de que o lugar de descanso dele fosse tão longe do seu lar e dos seus entes queridos, pois, que importância tem isso para um homem que estava tão próximo ao Todo-Poderoso Deus?

CAPÍTULO 38

Ramla bint Abi Sufyan

A Ummu Habiba foi aquela que amou a Deus e ao Seu Mensageiro mais do que qualquer coisa no mundo, e temia voltar ao paganismo mais do que uma pessoa teme ser queimada viva.

Nunca ocorrera ao Abu Sufyan b. Háris que alguém do Coraix pudesse negar-lhe a autoridade, ou agir contrariamente aos seus desejos em questões sérias. Ele era o inconteste mestre de Makka, e era reconhecido por todos que ele deveria ser o líder.

Porém, sua filha Ramla, que tinha o matronímico de Ummu Habiba, fez arrefecer as ilusões dele quanto àquela sua autoridade, ao repudiar os deuses do seu pai, e aceitar, juntamente com o seu marido, o Ubaidullah b. Jahch, a crença tão-somente em Deus, nada associando a Ele, e na missão do Seu Profeta, o Mohammad b. Abdullah (S).

Abu Sufyan tentou usar todo o seu poder para forçar sua filha e o marido dela a voltarem para o seu culto ancestral. Contudo, fracassou nos seus esforços, porquanto a convicção de fé estava tão profundamente enraizada no coração da Ramla, para ser extirpada pelas invectivas de Abu Sufyan, e estava mui firmemente estagnada para ser abalada pela ira dele. Abu Sufyan ficou tomado de tristeza por causa da acitação da sua filha quanto ao Islam. Ele não sabia como iria ser capaz de comandar o Coraix depois de ter falhado em fazer com que sua própria filha se submetesse à sua vontade, ou de ter evitado que ela seguisse a religião de Mohammad (S).

Quando os coraixitas souberam que o Abu Sufyan estava com raiva da sua filha e do marido dela, puseram-se a agir impetuosamente contra o casal, fustigando-os e perseguindo-os, até que os cônjuges se viram numa situação intolerável em Makka. Então, quando o Profeta (S) anunciou a sua decisão de permitir que alguns dos muçulmanos emigrassem para a Abissínia, a Ramla b. Abi Sufyan, sua filhinha Habiba

e o seu marido, o Ubaidullah b. Jahch, estiveram entre os primeiros que abandonaram tudo o que possuíam, a fim de estarem livres para cultuar a Deus, fugindo para a proteção do Najachi, nada levando, a não ser suas crenças.

O Abu Sufyan b. Háris e os seus camaradas, chefes do Coraix, não se conformavam com o fato de que alguns dos muçulmanos haviam escapado da tirania deles e estivessem gozando de conforto e segurança, na Abissínia. Então o Abu Sufyan e sua corte enviaram agentes para Al Najachi, com o fito de o porem contra os muçulmanos, para que ele os entregasse de volta aos líderes de Makka. Os enviados disseram para Al Najachi que os muçulmanos, a quem ele estava a proteger, procuravam insuflar idéias desrespeitosas e insultantes acerca de Jesus e sua mãe, Maria.

Al Najachi mandou chamar os líderes dos muçulmanos emigrados, e perguntou-lhes o que tinham a dizer sobre Jesus, o filho de Maria, e sua mãe. Ele pediu que eles lhe recitassem alguma coisa do Alcorão que havia sido revelado para o profeta deles, Mohammad (S). Quando eles o puseram a par dos ensinamentos do Islam, e lhe recitaram alguns versículos do Alcorão, ele ficou tão comovido, que chorou, e disse:

"Isso que tem sido revelado para o vosso Profeta, Mohammad, e aquilo que foi trazido por Jesus, o filho de Maria, são luzes que vêm da mesma fonte!"

Depois ele declarou sua crença num só Deus, sem ninguém associado a Ele, bem como sua crença na missão do Profeta Mohammad (S). Declarou ainda a sua proteção formal a qualquer muçulmano que escolhesse imigrar para o seu país, a despeito do fato de que os seus bispos se recusassem a aceitar o Islam com ele, e insistissem em permanecer cristãos.

Depois de uma longa e difícil porfia, a Ummu Habiba pensou que os novos acontecimentos fossem tornar a vida mais fácil para ela. Achava que tinha chegado a um final feliz de uma amarga jornada, mas não tinha como saber que as suas atribulações estavam apenas começando.

Deus, na Sua profunda e imperscrutável sabedoria, quis que a Umm Habiba passasse por um teste que poderia privar mesmo o mais equilibrado dos homens da sua sanidade mental. Tão-somente Ele sabia que ela iria sair-se do teste com singular sucesso.

Uma noite, a Ummu Habiba foi dormir e sonhou que via seu marido, o Ubaidullah b. Jahch, caindo num mar revolto, e enegrecido por pesadas

nuvens escuras, e que estava em perigo de morte. Acordou tremendo e horrorizada, mas não querendo contar para o seu marido ou para ninguém o que a assustara tão seriamente.

O significado do sonho tornou-se patente no dia seguinte, quando o Ubaidullah declarou sua rejeição ao Islam e optou por tornar-se cristão. Logo, logo, ele começou a freqüentar as tabernas e a beber quanto podia do vinho maléfico, como se fosse um saco sem fundo. Por fim, ele a intimou com um derradeiro choque, dizendo-lhe que ou ela se tornava cristã, ou ele se divorciaria dela.

A Ummu Habiba viu que estava cara a cara com três escolhas, nenhuma das quais fáceis de ser feita. Poderia ceder ao seu marido, que era persistente na sua demanda de que ela se tornasse cristã. Como apóstata, ela iria trazer desgraças sobre si mesma, neste mundo, e castigo no Outro. Não, não poderia fazer aquilo, mesmo que suas carnes lhe fossem arrancadas do corpo com um rastelo de ferro.

Ou ela poderia voltar para a casa do pai, em Makka, onde iria viver em abusiva degradação, por causa das suas crenças religiosas.

Ou poderia permanecer na Abissínia, só e ultrajada, sem família nem protetor.

Por fim, deu-se à escolha que era a mais prazerosa aos olhos do Todo-Poderoso Deus, e que ela realmente preferia. Escolheu ficar na Abissínia até que Deus achasse para ela uma saída para o seu transe.

A Ummu Habiba viu que não teve de esperar muito, pois sua sorte apareceu logo após o seu *idda*[1], depois do divórcio do seu marido, que, de qualquer modo, não viveu por muito tempo. Inesperadamente, como uma ave do paraíso que tivesse pousado no telhado da casa dela, bateram à sua porta.

Na luz brilhante das primeiras horas da manhã, a Ummu Habiba abriu a porta, e lá estava a Abraha, uma das criadas da corte de Al Najachi, o imperador da Abissínia. Saudando-a calorosamente, pediu permissão para entrar, e disse para a Umm Habiba:

"O rei te envia seus cumprimentos e este recado: que Mohammad, o Mensageiro de Deus (S) pede a tua mão em casamento. Ele enviou uma carta para o rei autorizando-o a ser o seu representante na cerimônia matrimonial, assim que tu poderás escolher alguém para te representar."

A Ummu Habiba ficou hilariante além da conta, e exclamou:

"Que Deus algum dia te dê uma boa notícia como esta!" Como não tinha nenhum dinheiro para dar à Abraha, para expressar sua gratidão

por ter-lhe levado tão boa notícia, ela começou a se defazer das suas jóias. Primeiro tirou seus braceletes e suas tornozeleiras, e os deu à Abraha, depois adicionou àquilo seus anéis e brincos. Naquela altura, se ela possuísse todos os tesouros da terra, ela os teria dado de presente para a garota. Por fim, a Ummu Habiba disse:

"Aponto como meu representante a Khalid b. Saíd b. al As, pois ele me é o mais achegado."

O contrato matrimonial foi finalmente assinado no palácio de Al Najachi. Naquele palácio, situado num monte com árvores frondosas, com a frente dando para o verdejante inteiror da Abissínia, encontraram-se os mais eminentes dos Companheiros que residiam naquele país. Liderando a delegação estavam o Jafar b. Abi Tálib, o Khalid b. Saíd b. al As e o Abdullah b. Huzafa al Sahmi. Eles se encontraram com Al Najachi num dos seus espaçosos saguões que eram decorados com brilhantes mosaicos, iluminados por cintilantes lanternas de bronze, e acarpetados como esplêndidos tapetes. Em meio àquela nobre assembléia, Al Najachi deu um passo à frente e se dirigiu a eles como se segue:

"Louvado seja Deus, o Sacratíssimo, Aquele que concede segurança, o Poderoso. Presto testemunho de que não há outra divindade além de Deus, e que Mohammad é o Seu servo e mensageiro, e que é aquele cuja vinda foi profetizada por Jesus, o filho de Maria.

"O Mensageiro de Deus (S) pediu-me que contratuasse um casamento entre ele e a Umm Habiba b. Sufyan, e estou a obedecer-lhe o pedido e, por ele, estou oferecendo um dote de quatrocentos dinars de ouro. Realizo esta cerimônia matrimonial de acordo com a lei de Deus e do Seu Mensageiro."

Então ele colocou as moedas de ouro perante o Khalid b. Saíd b. al As. Este se pôs de pé, e disse:

"Louvado seja Deus a Quem dou graças, de Quem busco perdão, e a Quem me volto em arrependimento. Presto testemunho de que Mohammad é o Seu servo e mensageiro, e que Ele enviou a Mohammad com a diretriz religiosa e a verdade, que a sua deverá ser a melhor e a mais forte religião, embora os seus inimigos digam o cantrário.

"Estou a satisfazer o pedido do Mensageiro de Deus, ao dar-lhe em casamento a minha afiançada, a Ummu Habiba bint Abi Sufyan. Que Deus abençoe a esposa do Seu Mensageiro. E que Deus conceda a ela felicidade na sua boa sorte, a qual Ele ocasionou a ela!"

Depois ele recolheu o dote e deu-o a ela, e seus companheiros se levantaram para irem embora, mas Al Najachi lhes pediu:

"Sentai-vos, pois a norma que nos foi ensinada por todos os profetas é a de que se dê um banquete quando acontece um casamento!" Ele ordenou que fossem levadas as comidas e, depois que todos comeram, eles partiram.

O resto da estória está contida nos livros de história, como foi relatado pela própria Ummu Habiba. Ela disse:

"Quando o dote me foi entregue, eu mandei que fossem dadas cinqüenta medidas dele para a Abraha, juntamente com uma mensagem que enviei a ela dizendo que lhe dera aquele modesto presente, quando ela me levou a notícia da proposta do Profeta (S), porque eu não tinha dinheiro. Pouco depois a Abraha foi me visitar, e me deu de volta o ouro. Levou também uma caixinha contendo as jóias de prata que eu lhe havia dado, deu-as de volta para mim, dizendo:

"'O rei não quer que eu receba nenhuma recompensa de ti. Ele ordenou também que as mulheres da sua domesticidade te enviem todos os seus perfumes, para que te possas adornar adequadamente, como deve fazer uma noiva.'

"No dia seguinte ela me visitou de novo, dessa vez levando consigo açafrão, sândalo e âmbar–cinzento, e disse:

"'Tenho um pedido a te fazer.'

"Perguntei-lhe o que poderia ser, e ela disse:

"'Eu aceitei o Islam, e agora sigo a religião de Mohammad (S); portanto, transmite minhas saudações ao Profeta, e dize-lhe que eu creio em Deus e no Seu Mensageiro. Por favor, não te esqueças!'

"Depois ela me ajudou a fazer as malas e a me vestir para a viagem; e eu fui levada para o Mensageiro de Deus (S), em Madina. Quando eu contei a ele acerca dos trâmites, sobre o que se havia passado entre a Abraha e mim, e de como ela lhe enviava os respeitos, ele ficou jubiloso, e disse:

"'E que a paz, a misericórdia e as bênçãos de Deus estejam com ela, também!'"

CAPÍTULO 39

Wahchi b. Harb

"*Eu matei a melhor pessoa do mundo depois de Mohammad; também matei a pior pessoa*."

Quem foi o indivíduo que feriu o coração do Mensageiro de Deus (S), matando o tio deste, o Hamza b. Abdul Muttalib, durante a batalha de Uhud? Foi o mesmo que abrandou a ira dos muçulmanos ao matar o falso profeta, o Musailima, na batalha de Yamama. Foi o Wahchi b. Harb, o abissínio, com o patronímico de Abu Dasma. Sua estória é ardente e repleta de drama e derramamento de sangue. Deixemos que ele nos conte a estória da sua tragédia, com suas próprias palavras.

A estória de Wahchi

Eu era um escravo pertencente ao Jubair b. Mutim, um dos chefes do Coraix. Seu tio fora morto n batalha de Badr pelo Hamza b. Abdul Muttalib. O Jubair foi tomado de pesar, e jurou pelos ídolos Al Lat e Al Uzza que iria se vingar pela morte do seu tio, matando o matador deste.

Logo depois, os coraixitas concordaram entre si desencadear uma guerra contra os muçulmanos na batalha de Uhud, para que pudessem matar a Mohammad b. Abdullah, e assim vingarem àqueles da sua tribo que morreram na batalha de Badr. Eles separararam os guerreiros, os quais constituíram o seu exército, arrebanharam aliados de outras tribos, prepararam suas armas e seus suprimentos, e deram o comando da sua força para o Abu Sufyan b. Háris.

Abu Sufyan decidiu levar com o exército um grupo de mulheres coraixitas que tinha perdido seus parentes na batalha de Badr. O papel daquelas consternadas damas iria ser instigarem o exército pagão a ir em frente para se vingar, e evitarem que os soldados desertassem e debandassem do campo de batalha. Liderando as mulheres que saíram

com o exército, estava a Hind b. Utba, a esposa do próprio Abu Sufyan. O pai, o tio e o irmão dela tinham sido mortos na batalha de Badr.

Quando o exército estava quase pronto para partir, o Jubair b. Mutim se virou para mim, e perguntou:

"Ó Abu Dasma, gostarias de te livrar da escravidão?"

"Quem poderia fazer isso por mim?", perguntei.

"Eu posso fazer isso por ti", ele repondeu.

"Como?" perguntei.

"Se vingares a morte do meu tio Tuayma", disse ele, "matando o Hamza b. Abdul Muttalib, estarás livre do cativeiro."

"Quem irá garantir que irás cumprir tua promessa?" perguntei.

"Quem tu quiseres", ele repondeu, "e estou disposto a fazer com que qualquer um testemunhe a promessa."

"Sendo assim, eu posso fazer isso, e o farei", disse eu.

Eu sou um abissínio e, como todo africano, quando arremesso uma lança, nunca erro o alvo. Então eu peguei a minha lança e saí com o exército, marchando na retaguarda, perto das mulheres. Aquela luta não era minha, e eu tinha pouco interesse nela, além de obter a minha liberdade.

Sempre que eu passava perto da Hind, a esposa de Abu Sufyan, ou ela passava por mim, e via a lnça na minha mão, cintilando à luz do sol, exclamava:

"Ó Abu Dasma, liberta-te a ti mesmo, e liberta-nos das amarguras!"

Quando chegamos a Uhud, a batalha começou, e eu me pus a procurar pelo Hamza b. Abdul Muttalib. Eu já o tinha visto antes, e sabia como ele era. Não iria ser difícil encontrá-lo, pois ele sempre usava o seu turbante com uma pena de avertruz enfiada nele. Esse era um costume dos guerreiros árabes que eram considerados campeões, para que os inimigos que se consideravam iguais os reconhecessem e os desafiassem em batalha. Logo o encontrei porfiando em seu caminho através das fileiras, feito um garanhão numa manada de cavalos, abrindo caminho entre os inimigos, com sua espada. Ninguém era capaz de se pôr em seu caminho, para estancar a sua progressão.

Eu estava chegando perto dele, escondendo-me atrás de toda rocha ou toda moita que pudesse encontar. De súbito, um guerreiro montado dos coraixitas apareceu. Seu nome era Siba b. Abdul Uzza, e ele gritou:

"Eu te desafio, ó Hamza!"

O Hamza deu um passo à frente, dizendo:

"Vem pegar-me, filho de pagão, vem pagar-me!"

Tão logo o homem se aproximou, o Hamza o derrubou com um golpe da sua espada, que o fez jazer no seu próprio sangue. Naquele ponto, eu senti que estava numa boa posição para o acertar. Ergui minha lança, testando-a de lado a lado da minha mão, eté que estivesse perfeitamente contrabalançada, e a arremessei contra ele. Ela atingiu o seu abdomen, sendo que a ponta saiu por um dos lados dele. Ele deu dois passos cambaleantes na minha direção, e caiu, com a lança ainda enfiada nele; eu a deixei ali até estar certo de que ele estava morto, então retirei-a dele. Depois eu voltei ao acampamento, onde me sentei, pois não queria matar a mais ninguém. Eu tinha feito o que fiz, apenas para conseguir a minha liberdade.

A batalha tornou-se mais intensa, com cargas e retraimentos. Eventualmente, o curso da batalha se tornou desfavorável aos muçulmanos, muitos dos quais foram mortos. Naquele ponto, a Hind b. Utba conduziu umas mulheres até ao campo de batalha, que se puseram de entremeio aos muçulmanos mortos, mutilando-os. Ela os estripava, arrancava-lhes os olhos, cortava-lhes os narizes e as orelhas. Então ela fez um colar e uns brincos de orelhas e de narizes, e se adornou com eles. Ela me deu os seus brincos e o seu colar de ouro, dizendo:

"Estes são para ti, ó Abu Dasma, estes são para ti; guarda-os, pois são valiosos!"

Quando a batalha terminou, eu voltei para Makka com o exército. O Mutim cumpriu sua promessa feita a mim, livrando-me do cativeiro. Tornei-me um homem livre.

O tempo passou, Mohammad tornou-se mais conhecido, e o número de muçulmanos parecia crescer de hora para hora. À medida em que o poder de Mohammad crescia, eu me tronava mais ansioso, eté que senti que estava em sério perigo. Eu permaneci naquele estado até que Mohammad tomou pacificamente Makka com o seu enorme exército. Eu fugi para Al Taif à procura de refúgio. Porém, não demorou muito para que o povo de Al Taif se tornasse favorável ao Islam, e designasse uma delegação para ir encontrar-se com Mohammad e declarar sua conversão à religião dele.

Naquela altura eu comecei a ficar desanimado, pois sentia que não haveria lugar na terra aonde eu pudesse encontrar asilo. Deveria ir para a Síria, ou para o Iêmen, ou para qualquer outro lugar? Conforme eu levava aquilo em consideração, eis que alguém que era bom em dar conselhos, veio a mim, e disse:

"Em que deplorável estado estás, ó Wahchi! Juro por Deus que o Mohammad não executa a ninguém que adere a sua religião, e que pronuncia a declaração de fé."

Ao ouvir aquilo, logo me preparei para ir a Yaçrib, procurar por Mohammad. Quando cheguei, pedi informações sobre ele, e soube que ele estava na mesquita. Fui ter com ele, sorrateira e cautelosamente, até ficar em pé, perto de onde ele se sentava, e disse:

"Presto testemunho de que não há outra divindade além de Deus, e que Mohammad é o Seu servo e Mensageiro."

Ao ouvir que alguém enunciava a *chaháda*[1], ele ergueu o olhar. Ao reconhecer-me, ele desviou o olhar, dizendo:

"És tu, ó Wahchi?"

"Sim, ó Mensageiro de Deus", eu respondi; então ele disse:

"Senta-te; explica-me como vieste a matar o Hamza!"

Sentei-me e me pus explicar tudo. Quando terminei, ele virou o rosto, dizendo:

"Eis que tu trouxeste desgraça sobre ti mesmo, ó Wahchi! Tira teu rosto da minha visão, pois não posso suportar olhar para ele, de agora em diante!"

Daquele dia para a frente, eu fazia tudo para evitar ser visto pelo Profeta (S). Quando os Companheiros se sentavam em frente a ele, eu procurava me sentar atrás deles. Continuei a fazer aquilo até à morte do Mensageiro de Deus (S).

Embora eu viesse a saber que a aceitação do Islam significasse o perdão dos pecados anteriores, eu jamais pude superar a vergonha quanto ao desastrado feito por mim cometido, pois sabia que aquilo tinha causado uma terrível perda para os muçulmanos e o Islam. Comecei a manter os olhos abertos, esperando uma oportunidade para compensar o mal que havia feito.

Quando o Profeta (S) não mais se achava no nosso meio, mas no Paraíso com o seu Senhor, e a liderança da comunidade passara para o Abu Bakr, muitos dos beduínos, incluindo os de Banu Hanifa, apostataram quanto ao Islam, escolhendo seguirem o falso profeta, o Musailima. O califa aprontou um exército para encetar a guerra contra o Musailima, para que aqueles que se desviaram pudessem voltar para a religião de Deus. Eu disse a mim mesmo:

"Por Deus, ó Wahshiy, esta é a tua chance! Não a desperdices! Se a desperdiçares talvez não haverá outra!"

Assim, eu parti com o exército, levando comigo a lança com a qual eu havia matado o Príncipe dos Mártires, o Hamza b. Abdul Muttalib. Eu havia jurado ou matar o Musailima, ou morrer como mártir.

Quando a força muçulmana adentrou o pomar onde o Musailima e suas cortes se refugiavam, e a batalha teve começo, eu me pus a procurar pelo Musailima. Encontrei-o de pé, com sua espada em riste, ao mesmo tempo em que divisei um homem dos Ansar a procurar por ele, assim como eu. Eu estava numa boa posição de ataque, assim ergui minha lança, certifiquei-me de que estava perfeitamente contrabalançada, mirei, e atirei. A lança atingiu o alvo.

Naquele mesmo momento, o homem dos Ansar pulou à frente em direção ao Musailima, desfechando-lhe um forte golpe com sua espada. Somente Deus sabe qual dos golpes matou o Musailima. Se foi o meu, então eu havia matado a pior pessoa sobre a terra, após ter matado a melhor das pessoas, depois de Mohammad (S).

CAPÍTULO 40

Hakim b. Hazam

"*Há quatro indivíduos em Makka que eu sinto que são muito bons para serem idólatras, e gostaria que aceitassem o Islam... Um deles é o Hakim bin Hazam.*"

(Mohammad, o Mensageiro de Deus {S})

Em suma, o que aconteceu foi que a mãe dele adentrara a Caaba juntamente com um grupo de amigos seus para ver como o monumento era, porque este era aberto para visitação em certas ocasiões.

Será que o leitor já ouviu falar deste particular Companheiro antes? Ele foi o único menino, em toda a história, a ter nascido dentro da sagrada Caaba. A mãe estava grávida dele naquela ocasião, mas se deu aos seus afazeres, ainda dentro da Caaba. Ele foi acometida de dor, e se tornou incapaz de sair de lá, assim que uma peça de couro foi apresentada e estendida no chão para ela, e então ela teve o bebê. Ele foi aquele que é o assunto da nossa estória, o Hakim b. Hazam b. Khuwailid, o sobrinho de Khadija b. Khuwailid (que Deus esteja aprazido com ela, e que lhe conceda felicidade).

Hakim b. Hazam cresceu numa família de linhagem aristocrática, de grande riqueza e prestígio. Ele ficou conhecido como sendo honorável, inteligente e virtuoso; por essa razão o seu povo fez dele um dos seus chefes, dando-lhe a posição de *rafada* (provedor), que significa que era o responsável pelo provimento dos peregrinos desgarrados e necessitados. Aquela posição requeria que ele lançasse mão dos seus próprios meios para prover os visitantes da Caaba, nos dias da *jahiliya*.

O Hakim era um amigo íntimo do Mensageiro de Deus (S) antes de o Profeta receber o chamamento divino. Embora fosse cinco anos mais velho que o Profeta (S), era muito afeiçoado a ele, sentia-se achegado a ele, e tinha muito prazer em passar o tempo junto a ele. Aquele sentimento era mútuo, pois o Profeta (S) era também muito a feiçoado ao Hakim, e sentia que era um grande amigo.

Então aconteceu que o relacionamento deles foi reforçado, quando o Profeta (S) se casou com a Khadija b. Khuwailid, tia do Hakim.

Após ter lido acerca de tudo o que era comum entre o Profeta (S) e o Hakim b. Hazam, o leitor irá ficar surpreendido ao saber que o último não aceitou o Islam, a não ser depois que os muçulmanos retomaram Makka, quando o Profeta (S) já estava fazendo o chamamento ao Islam por mais de vinte anos. Era de se esperar que um homem como o Hakim b. Hazam, a quem Deus concedera tanta inteligência, em adição ao seu relacionamento com o Profeta (S), fosse ser um dos primeiros indivíduos a acreditar nele, atender ao seu chamamento, seguir a sua diretriz.

Porém, essa foi a vontade de Deus, e o que quer que seja que Deus deseje, será.

Assim como nós nos admiramos com a delonga do Hakim b. Hazam em aceitar o Islam, ele próprio se admirou, depois. Logo que finalmente ele se tornou muçulmano e sentiu o sabor da doçura da fé, lamentou-se sentidamente de cada momento da sua vida em que passou sendo um idólatra que não acreditava no Profeta de Deus. Numa ocasião, após o Hakim ter-se tornado muçulmano, seu filho o viu chorando, e perguntou:

"Ó pai, por que choras?"

"Por muitas coisas, sendo que todas elas me fazem chorar, filho", respondeu ele. "Primeiramente, vejamos, a minha demora em abraçar o Islam fez com que outros alcançassem níveis de vituosidade que eu agora não poderia alcançar, mesmo que eu gastasse ouro suficiente para encher a terra. Segundo, depois que Deus me poupou a vida, nas batalhas de Badr e Uhud, e eu prometi a mim mesmo nunca mais apoiar o Coraix contra o Mensageiro de Deus (S), ou sir de Makka, eis que fui levado à força a apoiá-los novamente. Depois, toda vez em que eu pensava aceitar o Islam, eu observava o que restara dos mais velhos que eram tidos em boa estima pelos coraixitas, que se apegavam às normas da *jihiliya*, eu optava por lhes seguir as tradições. Gostaria que assim não tivesse procedido, pois, o que nos trouxe a ruína, senão a cega imitação dos nossos mais idoso e ancestrais? Como não devo chorar, meu filho?"

Assim como nós nos admiramos da delonga do Hakim b. Hazam em aceitar o Islam, e assim como este se admirou com isso, o Profeta (S) também costumava admirar-se com o fato de que aquilo acontecesse com um homem de grande raciocínio e entendimento. Como poderia a verdade do Islam não ser patente para ele e para homens como ele? O Profeta (S) desejava que eles e aqueles iguais a ele se apresentassem e

declarassem suas crenças quanto ao Islam. Na noite anterior ao dia em que os muçulmanos retomaram Makka, o Profeta disse a seus companheiros:

"Há quatro indivíduos em Makka que eu acho que são muito bons para serem idólatras, e gostaria que aceitassem o Islam."

"Quem são eles, ó Mensageiro de Deus", perguntaram.

"O Attab b. Usayd, o Jubayr b. Mutim, o Hakim b. Hazam, e o Suhayl b. Amr", ele respondeu.

Pela graça de Deus, todos os quatro se tornaram muçulmanos.

Quando o Profeta (S) entrou vitoriosamente em Makka, quis demonstar respeito quanto ao Hakim b. Hazam. Fez com que o seu anunciador pronunciasse:

"Todo aquele que testificar que não há deus a não ser o Deus Único, sem parceiros, e que Mohammad é o Seu servo e Mensageiro, não será prejudicado.

"Todo aquele que se sentar perto da Caaba e depositar sua arma não será prejudicado.

"Todo aquele que permanecer dentro da sua casa não será prejudicado.

"Todo aquele que procurar abrigo na casa de Abu Sufyan não será prejudicado.

"E todo aquele que procurar refúgio na casa de Hakim b. Hazam não será prejudicado."

A casa do Hakim b. Hazam ficava no fundo dum vale de Makka, e a do Abu Sufyan ficava num ponto alto.

Quando o Hakim b. Hazam por fim aceitou o Islam, este tomou todo o seu ser, sendo que sua fé era tão profunda, que se tornara parte do seu coração. Ele jurou compensar por cada ato que cometera quando era ainda idólatra, e dobrar cada centavo que gastara ao apoiar as ações hostis. Ele conseguiu cumpir o juramento.

Aconteceu que uma habitação conhecida por Dar al Nadwa veio a ser de sua propriedade. Tratava-se de uma moradia num sítio histórico, pois os coraixitas a usavam para realizar os seus conselhos tribais, nos dias de antes do Islam. Era ali que que os seus chefes e patriarcas se reuniam para tramarem contra o Mensageiro de Deus (S). O Hakim b. Hazam queria se ver livre daquele prédio, como se desejasse correr uma cortina de esquecimento entre ele e o seu passado. Vendeu-o por cem mil dinars. Um dos jovens do Coraix lhe disse:

"Ó tio, tu vendeste o orgulho dos coraixitas!"

"Que nada, meu filho", respondeu o Hakim. "Os dias de orgulho já passaram; agora não há nada mais importante do que a religiosidade. Vendi-o para que eu possa dar o seu preço em caridade, e ganhar o meu lar no Paraíso. Conclamo a todos vós a que testemunheis que eu destino este dinheiro ao serviço do Todo-Poderoso Deus."

Após ter aceito o Islam, o Hakim b. Hazam empreendeu a peregrinação, e levou com ele cem camelos esplendidamente ornados, e os sacrificou a todos em adoração a Deus[1]. Durante outra pergrinação, ele levou consigo cem escravos, cada um dos quais usando um colar de prata, no qual estava gravada a frase:

"Libertado por Hakim b. Hazam, pela causa do Todo-Poderoso Deus[2]", e lhes deu a liberdade.

Na terceira peregrinação, ele levou mil ovelhas, que foram todas sacrificadas em Mina, e que serviram de alimento para todos os muçulmanos, com a esperança de ele conseguir o aprazimento de Deus.

Após a expedição de Hunayn o Hakim b. Hazan pediu ao Profeta (S) um quinhão dos despojos, e ele lho deu. Ele pediu mais ao Profeta, e lhe foi dado um total de cem camelos. Naquele tempo o Hakim era ainda um muçulmano recente, e o Profeta foi generoso com ele, mas disse:

"Ó Hakim, o que te foi dado é uma boa quantidade, e mui aceitável. Se alguém aceitar as coisas de bom grado, Deus as abençoará e fará com que aumentem. Mas se alguém as pegar afoitamente, não serão abençoadas, e ele se irá sentir igual àquele que come, come, e nunca se sente satisfeito. É mais abençoado dar do que receber."

Quando o Hakim b. Hazam ouviu aquilo, dito pelo Profeta (S), disse:

"Ó Mensageiro de Deus, juro por Aquele Que te enviou com a verdade que jamais irei pedir nada a ninguém, e nunca mais irei tomar nada de ninguém, até ao dia em que eu morra!"

O Hakim cumpriu o seu juramento à risca, pois durante a autoridade de Abu Bakr, ele foi chamado várias vezes ao tesouro para receber os seus proventos, e sempre recusou. Durante o tempo de Ômar ele foi também chamado, e se recusou a ir. O Ômar se pôs à frente do povo, e declarou:

"Conclamo todos vós, muçulmanos, a testemunhardes que eu tenho chamado o Hakim para pegar os seus proventos, e ele se tem recusado!"

Hakim permaneceu daquele jeito pelo resto da sua vida, e se recusava a pegar qualquer coisa de quem quer que fosse.

CAPÍTULO 41

Abbad b. Bichr

"*Há três indivíduos dos Ansar cujas virtudes não são ensombrecidas por ninguém; são eles: o Saad bin Moaz, o Usayd bin al Hudayr e o Abbad bin Bichr*."

(Umm al Muminin Aicha)

Abbad b. Bichr é um nome que cintila brilhantemente na história do chamamento profético de Mohammad (SAAS). Sua reputação entre aqueles famosos por sua religiosidade é destacada, pois ele era piedoso, de coração puro, que passava longas noites em oração, e a recitar o Alcorão. Entre aqueles conhecidos pelos seus heroísmos ele era famoso por ser um bravo e intrépido guerreiro, sempre disposto a desfechar cargas, nas batalhas, para o bem do que era direito. Como governador, ele foi renomado por sua peremptoriedade e credibilidade no cuidar dos interesses dos cidadãos muçulmanos. Tudo aquilo foi o que levou Aicha, a mãe dos crédulos, a dizer:

"Há três indivíduos dos Ansar cujas virtudes não são ensombrecidas por ninguém, sendo todos dos Banu al Achhal; são eles: o Saad bin Moaz, o Usayd bin al Hudayr e o Abbad bin Bichr."

Quando os primeiros raios da luz do Islam começaram a brilhar sobre a cidade de Yaçrib, o Abbad b. Bichr al Achhali era um jovem cheio de energia, com a afabilidade e o frescor da inocência e da castidade. Suas ações revelavam uma dignidade que somente seria de se esperar de homens mais maduros, embora ele não tivesse ainda chegado aos vinte e cinco anos de idade.

Aconteceu que ele veio a encontrar-se com um pregador maquense, o Musab b. Umayr. Muito breve seus corações se juntaram no laço comum da fé, bem como nas virtudes e boas qualidades que ambos tinham em comum. Quando o Abbad escutava o Musayb a recitar o Alcorão, com sua voz cálida e argentina, que tão lindamente exprimia o significado da

escritura, ficava repleto de amor pela palavra de Deus. O Abbad abriu os recônditos do seu coração ao Alcorão, fazendo dele o seu único interesse na vida. Recitava-o dia e noite, estando ocupado ou ocioso, tanto que ficou conhecido, entre os Companheiros, como "o Imame", e "o amigo do Alcorão".

Numa noite, o Profeta (S) estava a ministrar orações das últimas horas, na casa da Aicha, que era pegada à mesquita, quando calhou de ouvir a voz do Abbad b. Bichr que recitava o Alcorão. Aquilo lhe soou tão doce e perfeito, como quando foi primeiramente ensinado ao Profeta (S) por Jibril, que ele perguntou:

"Ó Aicha, essa não é a voz do Abbad b. Bichr?"

"É sim, ó Mensageiro de Deus", ela respondeu.

Profundamente emocionado, o Profeta orou em voz alta:

"Ó Deus, perdoa-lhe todos os pecados!"

Abbad b. Bichr foi com o Profeta em todas as expedições militares, e em cada uma saiu-se de maneira que condizia com um recitador do Alcorão. Uma das suas aventuras é famosa:

Quando o Profeta (S) voltava, com seus companheiros, da expedição de Dhal al Riqa, ele conduziu o exército muçulmano a uma pequena ravina na qual iriam passar a noite. Durante a expedição, uma pagã havia sido feita cativa, e o marido dela não tinha sabido do fato, a não ser depois que o exército muçulmano havia partido. Ao saber do acontecido, ele jurou pelos ídolos Al Lat e Al Uzza que iria defrontar-se com o exército de Mohammad (S), e não iria voltar antes que fizesse derramar sangue dos soldados.

Enquanto isso, os muçulmanos estavam ocupados com a preparação do seu acampamento, fazendo com que seus camelos se ajoelhassem para que pudessem amarrá-los. Então o Profeta (S) perguntou:

"Quem irá ficar na nossa guarda esta noite?"

Abbad b. Bichr e o Ammar b. Yássir se levantaram juntos, e se apresentaram. Eles haviam sido feitos irmãos pelo Profeta (S) quando os Muhajirun haviam ido para Madina. Quando eles se posicionaram à entrada da ravina, o Abbad b. Bichr perguntou ao seu irmão Ammar b. Yássir:

"Em que metade da noite preferes dormir, na primeira ou na segunda?"

"Na primeira", respondeu o Ammar, e deitou-se para dormir a uns poucos passos longe do Abbad.

A noite estava clara, calma e tranqüila. Cada estrela, cada árvore, cada rocha parecia louvar e dar glória ao seu Senhor, e o coração do Abbad

ansiava por compartilhar daquela cultuação, recitando o Alcorão enquanto pronunciava a oração ritual; assim, ele desfrutou do prazer da recitação, juntamente com a cerimônia da cultuação.

Ele voltou o rosto para a *quibla*[1], começou a oração e a recitar a Surata Al Kahf, com sua voz doce e emotiva.

Como uma pessoa que flutua num oceano de luz divina, ele parecia enlevado pela espiritualidade da sua ambiência. Envolvido em adoração, ele não notou um homem que apareceu em cena, e caminhava rapidamente na sua direção. Quando aquele homem viu o Abbad b. Bichr em pé na entrada da ravina, soube que o Profeta (SAAS) e os seus companheiros estavam acampados ali dentro, e que aquela pessoa era o vigia deles. Retirando uma flecha da sua aljava, colocou-a no arco, mirou, e disparou, atingindo o Abbad, que simplesmente puxou a seta do seu corpo, e continuou com a sua cultuação. O homem atirou de novo, e novamente o atingiu, mas o Abbad outra vez puxou a flecha do corpo; então o homem atirou a terceira vez. Abbad puxou a flecha mais uma vez, porém, desta feita, ele gatinhou sobre o seu amigo, acordou-o, e disse:

"Levanta-te, pois que fui seriamente ferido!"

Quando o sujeito viu que havia dois homens montando guarda, fugiu. O Ammar, dadndo uma boa olhada no Abbad e, vendo que estava sangrando muito pelos três ferimentos, exclamou:

"Glória a Deus! Por que não me acordaste logo que foste atingido a primeira vez?

"Eu estava na metade da recitação de uma Surata do Alcorão, e não a queria interromper, antes de terminá-la. Juro por Deus que se não fosse eu temer deixar o exército desvelado, depois que o Mensageiro de Deus (S) me ordenou montar guarda, teria preferido morrer a ser interrompido!" respondeu o Abbad.

Durante a autoridade de Abu Bakr al Siddik, as guerras de *ridda*[2] se inflamaram tanto, que Al Siddik aprontou um exército para ir pôr um fim à revolução civil cuasada pelo falso profeta Musailima, fazer com que os renegados se submetessem e o povo voltasse para as lindes do Islam. Na vanguarda do exército, estava o Abbas b. Bichr.

Nas primeiras batalhas, nas quais os muçulmanos não faziam muito progresso, o Abbad fez uma importante observação. Notava que os Ansar dependiam dos Muhajirun para dirigirem o entrecho, na batalha, enquanto os Muhajirun esperavam o mesmo dos Ansar, coisa que irritava o Abbad. Depois ficava furioso quando, mais tarde, ouvia-os culparem uns aos

outros pelo fato de a batalha não ter saído a contento. Ocorreu-lhe a ele, Abbad, que a única maneira de os muçulmanos se saírem bem, naquelas esmagadoras batalhas, seria cada grupo ser constituído em separado, distinto um do outro, para que cada grupo pudesse arcar com uma responsabilidade em separado; aí então iria estar claro quem estava despendendo o maior esforço na batalha.

Na noite anterior ao dia decisivo da longa batalha de Yamama, o Abbad teve um sonho em que viu o céu se abrir para ele; então ele o adentrou, e o céu se fechou após ele, como faz a porta duma casa. Ao acordar, ele contou para o Abu Saíd al Khudri acerca do seu sonho, e disse:

"Juro por Deus, ó Abu Saíd, isso apenas pode significar que eu vou morrer como um *chahid* (mártir)!"

Quando a manhã surgiu e a batalha foi recomeçada, o Abbad b. Bichr subiu ao alto dum morro, no campo, e conclamou:

"Povo dos Ansar, vinde e apresentai-vos, àparte dos outros! Quebrai as bainhas das vossas espadas, e não deixeis que o Islam seja surpreendido enquanto ainda estais de pé!"

Ele repetiu aquela conclamação, até que conseguiu juntar quatrocentos lutadores, à cabeça dos quais estava o Sábit b. Cais, Al Bara b. Málik e o Abu Dujana, o qual portava a espada do Profeta (S).

O Abbad b. Bichr foi à frente daquele grupo de lutadores, abrindo caminho por entre as fileiras do inimigo, com sua espada, encarando a morte destemidamente, até que as forças do Musaylima ficou desanimada, e procurou refúgio no Pomar da Morte. Nas muralhas do pomar, o Abbad por fim caiu como um mártir, coberto de sangue. Ele suportara tantos ferimentos, que seu corpo foi mais tarde identificado apenas por um sinal de nascença que portava.

CAPÍTULO 42

Zaid b. Sábit

"*Se Hassan e o seu filho são os melhores dentre os poetas, quem irá seguir as pegadas do Zaid no caminho do conhecimento religioso?*"
(Hassan b. Sábit)

Podemos agora imaginar-nos estando no segundo ano da Hégira, em Madina. A cidade do Profeta (SAAS) estava repleta até aos bordos de pessoas se preparando para a batalha de Badr. O Profeta estava fazendo uma inspecção final no primeiro exército que ir-se-ia movimentar sob a sua liderança, para realizar o *jihad* pela causa de Deus, a fim de afirmar o direito de O cultuar livremente.

Um jovem menino que ainda não tinha treze anos de idade se pôs junto às fileiras. Ele refulgia de inteligência e compreensão e, acima de tudo, era brilhante em valor. Na sua mão, portava uma espada que era tão comprida como ele era alto, se não mais. Aproximou-se do Mensageiro de Deus (S), e disse:

"Ó Mensageiro de Deus, irei sacrificar a minha vida por ti! Permite que eu vá contigo e que porfie contra os inimigos de Deus, sob o teu estandarte!"

O Profeta (S) olhou para ele com um espanto prazeroso, e ternamente lhe afagou o ombro. Disse-lhe algo propício para que os sentimentos do menino não ficassem feridos, e o mandou ir para casa, pois ele era muito jovem para lutar.

O rapazinho voltou para casa triste, arrastando sua espada atrás de si, em desapontamento, porque havia sido privado da honra de acompanhar o Profeta (S), na sua primeiríssima expedição. O menino foi seguido por sua mãe, que estava não menos desapontada que ele. Ela esperava sentir o orgulho de ver o rapaz partir com os homens, na sua brava porfia, sob o estandarte do Mensageiro de Deus. Esperava que seu filho fosse ocupar a posição de confiança junto ao Profeta (S), que ela sabia, seria o quinhão do seu falecido marido, tivesse ele vivido o suficiente.

Entretanto, quando aquele filho dos Ansar viu que a sua pouca idade evitava que tivesse a estima do Profeta (S) como um guerreiro, sua inteligência veio em seu socorro, e ele descobriu um outro meio de ficar perto do Mensageiro de Deus (S). Dessa vez, a sua pouca idade não iria ser um empecilho, pois ele voltou sua atenção para a escolaridade e para o estudo do Alcorão. Contou para sua mãe sobre sua nova idéia, e ela ficou jubilosa, e o apoiou completamente.

Al Nawwar falou com alguns dos seus parentes homens sobre o desejo do seu filho de buscar o conhecimento religioso; então eles pegaram o menino, levaram-no ao Profeta (S), e disseram-lhe:

"Ó Profeta de Deus, esta nossa criança, o Zaid b. Sábit, sabe de cor dezesete Suratas do Alcorão, e as recita tão perfeitamente como quando te foram reveladas. Ele tem também o sentido aguçado, e sabe ler e escrever bem. Ele deseja utilizar essas habilidades para os teus serviços, acompanhando-te e aprendendo contigo. Se quiseres, podes testá-lo e conferir por ti mesmo."

O Profeta (S) fê-lo recitar um pouco do que disse saber de cor, e ficou contente ao ver que ele recitava com uma clara e acurada dicção. Sua recitação era brilhante e perceptível como as estrelas numa noite límpida, e sua entonação revelava uma profunda compreensão do que estava a recitar. Até a maneira como iniciava e terminava as sentenças mostrava o quão plenamente ele entendia o teor do que estava a dizer. O Profeta (S) viu que o rapaz era virtualmente melhor do que os seus parentes diziam que era, e ficou maravilhado ao ver o quão bem ele sabia ler e escrever. O Profeta se dirigiu ao rapaz, assim:

"Ó Zaid, tu deves aprender a escrever em hebraico, porque eu não tenho como saber se as tribos judaicas põem corretamente em escrita o que eu digo!"

"Estou a teu serviço, ó Mensageiro de Deus", respondeu o Zaid.

Imediatamente ele se pôs a realizar a tarefa, e estudou dia e noite, até que consaguiu dominar o hebraico num curtíssimo tempo. Desde então, se o Profeta (S) precisava escrever uma carta para os judeus, fazia com que o Zaid a escrevesse, e fazia com que o Zaid lhe traduzisse uma carta, quando ele recebia uma carta deles.

Depois o Profeta (S) pediu que o Zaid aprendesse o siríaco, coisa que ele fez, da mesma maneira que fizera com o hebraico. Desse modo, o jovem Zaid se tornou o tradutor do Mensageiro de Deus (S).

Quando o Zaid recebeu uma posição de confiança junto ao Mensageiro de Deus (S), o qual se assegurou da sua confiabilidade, precisão e

compreensão, o Profeta (S) confiou-lhe a Divina mensagem que estava sendo enviada do céu para o homem. Fez do Zaid o transcritor do Alcorão Sagrado.

Tão logo algo do Alcorão fosse revelado ao Profeta (S), este mandava chamar o Zaid, e lhe ditava os novos versículos, dizendo-lhe que os pusesse em escrita. Fragmento por fragmento, de tempos em tempos, o Zaid ouvia e aprendia o Alcorão, conforme este era enviado do Céu, sendo que crescia espiritualmente, à medida que o seu conhecimento aumentava. Era o primeiro a ouvir do Profeta (S) os novos versículos, e o primeiro a saber como e porque eram revelados. Sua alma tornou-se repleta da luz da diretriz que lhe chegava por meio do Profeta (S). Conforme tornava-se mais íntimo com o espírito dos ensinamentos islâmicos, seu intelecto também se ampliava.

Assim foi como aquele afortunado jovem se tornou um especializado erudito do Alcorão. Após a morte do Profeta (S), o Zaid foi considerado pela comunidade como sendo a maior fonte de conhecimento acerca do Alcorão. Foi o líder daqueles que compilaram o Alcorão durante a autoridade do califa Abu Bakr al Siddik, assim como foi o líder do grupo que foi encarregado pelo califa Otman de determinar a versão autorizável da Escritura. Será que há uma aquisição erudita mais elevada a que uma pessoa possa ambicionar? Existirá um nível mais nobre de aquisição?

Um dos benefícios que afetou o Zaid, como resultado da sua escolaridade, foi que o Alcorão guiava o seu espírito em situações que confundiam pessoas que apenas tinham conhecimentos terrenos. Depois da morte do Profeta (S), quando os Companheiros se reuniram em Saquifat Bani Saida para debaterem a quem iriam escolher para ser o primeiro califa, viram-se incapazes de chegar a um acordo. Os Muhajirun disseram:

"Um de nós deverá liderar a comunidade após o Profeta (S), porque somos mais merecedores."

"Nós somos mais capacitados que vós, em questões de liderança", responderam os Ansar, "e portanto, nós devemos arcar com as responsabilidades."

Outros, ainda, disseram:

"Nós devemos compartilhar da responsabilidade do governo entre nós. Quando o Profeta delegava uma responsabilidade a um de vós, sempre designava um de nós como seu parceiro."

Assim, com o corpo do Profeta ainda jazendo em sua casa, nem mesmo sepultado ainda, os Companheiros mostravam sinais patentes de se

engajarem numa luta. Era uma situação que requeria a decisiva intervenção de alguém que tivesse a mente arejada, e ampla visão. Somente a diretriz do Alcorão poderia aparar aquela discórdia pela raiz, e providenciar um precedente pelo qual as futuras gerações se pudessem guiar.

Foi o Zaid b. Sábit quem se pôs à frente, e falou:

"Povo dos Ansar, o Mensageiro de Deus (S) procedia dos Muhajirun; então, que o califa seja um deles. Nós éramos os Ansar (auxiliadores) do Mensageiro de Deus (S); assim, sejamos nós os *ansar* do califa do Profeta, e o auxiliemos na porfia pela verdade!" Então, estendendo a mão para o Abu Bakr al Siddik, disse:

"Este é o vosso califa; assim sendo, jurai vossa fidelidade a ele!"

Como resultado do seu grande conhecimento do Alcorão, do efeito deste sobre ele, e dos anos que passou na companhia do Profeta, o Zaid b. Sábit tornou-se a luz diretora da comunidade muçulmana. O califa valia-se dele para conselhos, em questões difíceis, e os cidadãos da comunidade iam a ele com os seus problemas. Quando as pessoas tinham questões sobre como dividirem seus bens entre herdeiros, iam ter com o Zaid, pois não havia ninguém na comunidade que estivesse mais a par da pauta para aquilo, que estava estabelecido no Alcorão, do que ele; e o Zaid era destro em dividir propriedades de maneira que a divisão satisfizesse seus objetivos.

Uma ocasião, o Ômar bin al Khattab deu uma *khutba* (sermão) num vilarejo fora de Damasco conhecido pelo nome de Al Jabiyal. Ele dirigiu-se aos muçulmanos acerca dos assuntos que lhes diziam respeito, e os aconselhou:

"Aquele que tiver uma pergunta a fazer sobre o Alcorão, que vá ter com o Zaid b. Sábit; aquele que tiver uma pergunta a fazer sobre a lei religiosa, que vá ter com o Moaz bin Jabal; e aquele que tiver uma pergunta a fazer sobre dinheiro, que venha a mim, pois o Todo-Poderoso Deus me fez responsável por ele, e incumbiu-me do dever de o distribuir entre vós."

Os Companheiros e as gerações de muçulmanos que os sucederam tiveram aspirantes a eruditos que prestaram, todos, ao Zaid b. Sábit o devido respeito, como homem de grande sabedoria e aprendizado. O Ibn Abbás, o primo do Profeta (S), era também uma enciclopédia de conhecimento, mas toda a vez que via o Zaid se preparando para montar em sua mula, ia ajudá-lo e segurar as rédeas para ele. O Zaid b. Sábit perguntou para Ibn Abbás:

"Será que tens de fazer isso, ó primo do Profeta?"

"É como nos foi ordenado tratarmos os nossos eruditos", respondeu o Ibn Abbas.

"Deixa-me olhar para a tua mão", disse o Zaid. Ibn Abbas lhe deu sua mão, o Zaid a tomou nas suas, curvou-se, e a beijou, dizendo:

"E isto é como nos foi ensinado tratarmos os parentes do nosso Profeta."

Quando o Zaid b. Sábit passou deste mundo para o Outro, os muçulmanos choraram por sua morte e pela erudição que fora sepultada com ele. Abu Huraira2 foi para a frete, e disse:

"Hoje, o erudito da nossa comunidade morreu. Talvez Deus nos irá consolar, fazendo do Ibn Abbas o seu sucessor!"

Hassan b. Sábit, o poeta do Profeta (S), elogiu o Zaid nestes versos:

"*Se o Hassan b. Sábit e o seu filho são os melhores dentre os poetas, quem irá seguir as pegadas do Zaid no caminho do conhecimento religioso?*"

CAPÍTULO 43

Rabi'a b. Kab

Deixemos que o sujeito desta estória conte as suas experiências com suas próprias palavras.

A estória de Rabi'a

Eu era apenas um jovenzinho quando a luz da fé encontrou um lugar no meu coração, enchedo-me com a espiritualidade do Islam. Quando vi o Mensageiro de Deus (S) pela primeira vez, fui tomado por um permanente amor por ele. Aquela afeição pelo Profeta (S) tornou-se tão intensa, que cheguei a me ocupar dela à exclusão de tudo o mais. Por fim, eu pensei:

"Por que não tornas as coisas mais fáceis para ti mesmo, e te devotas ao serviço do Mensageiro de Deus? Vai, e oferece teus serviços a ele! Se ele aceitar, tu terás a alegria de sempre o ver, obter a sua afeição, e irás receber as bênçãos neste mundo e no Outro!"

Logo depois, eu fui ter com o Profeta (S) e me ofereci para servi-lo, esperando que ele aceitasse a minha oferta. Ele não me desapontou, mas aceitou que eu fosse o seu criado; e, daquele dia em diante, eu permaneci tão perto do Profeta (S), como se fosse sua sombra. Aonde quer que ele fosse, eu o acompanhava, flutuando em torno dele feito um planeta a orbitar ao redor do sol. Bastava só ele olhar para mim, eu me punha de pé, e ia até ele. Se ele estivesse procurando por algo, ou precisasse que alguém lhe fizesse um serviço fora, eu me apressava em servi-lo.

Eu costumava passar o dia inteiro assim, procurando meios de o servir. Quando o dia terminava e o Profeta (S) havia realizado sua oração final da noite, ia para sua casa e, primeiramente, eu achava que era hora de eu ir embora. Depois eu reconsiderava, dizendo a mim mesmo:

"Ó Rabi'a, por que deves partir? Talvez o Profeta (S) vá precisar de alguma coisa durante a noite!" E me sentava à soleira da sua porta, onde permanecia.

O Profeta passava a noite acordado, em oração. Ocasionalmente, ouvia-o recitar Al Fatiha[1], e ele continuava a repeti-la por uma boa parte da noite, até que eu ou perdia o interesse, ou ia embora, ou pegava no sono. Ou eu o ouvia dizer:

"Deus ouve a quem O louva", e ele repetia aquilo por um tempo mais logo do que fazia com Al Fátiha.

Era hábito do Mensageiro de Deus (S), toda vez que alguém lhe fazia um favor, fazer a esse alguém um favor maior, como uma expressão de gratidão. Ele queria me recompensar por eu prestar serviços a ele; então, num dia, ele se chegou perto de mim, e disse:

"Ó Rabi'a bin Kab!"

"Estou a teu serviço, e pronto para servi-lo, ó Mensageiro de Deus. Que o Senhor te conceda muitas felicidades!" respondi.

"Pede-me algo, e eu to darei", ele disse para mim.

Eu ponderei por um momento, e então disse:

"Dá-me algum tempo, ó Mensageiro de Deus, para que eu possa considerar o que desejo pedir; então te direi."

"Está bem", ele disse.

Naquele tempo eu era pobre, sem esposa, dinheiro, nem lar. Vivia no quintal da mesquita, juntamente com outros muçulmanos pobres. As pessoas costumavam chamar-nos "os convivas do Islam". Se alguém dos muçulmanos levava algum dinheiro ao Profeta (S) em caridade, ele o dava todo para nós. Se alguém lhe enviava um presente, ele tomava um pouco para si, e mandava dar o restante para nós. Eis que me ocorreu pdir ao Profeta (S) algo terreno que me livrasse da pobreza e que me fizesse viver como qualquer outro, com dinheiro, esposa e filhos. Então eu reconsiderei, dizendo a mim mesmo:

"Olha que irás trazer a ruína para ti, ó Rabi'a bin Kab! O mundo material irá passar; e se estiveres destinado a desfrutar da sua riqueza, Deus ta irá proporcionar, quer tu peças por ela ou não. E o Profeta (S) é tão amado por Deus, que Ele não irá recusar qualquer pedido que o Profeta faça. Portanto tu deves pedir a Deus que te conceda um quinhão da recompensa do Outro Mundo." Aquela era a decisão mais plausível. Então eu fui ter com o Profeta, e ele perguntou:

"Que tens a dizer, ó Rabi'a?"

"Mensageiro de Deus, quero pedir-te que ores a Deus e Lhe peças que me faça teu companheiro no Paraíso."

O Profeta (S) ficou em silêncio por algum tempo, antes de dizer:

"Gostarias de algo mais, ó Rabi'a?"

"Não, Mensageiro de Deus, jamais irei mudar de idéia quanto ao que te pedi", respondi.

"Então, tu terás que me ajudar a obter isso para ti, por meio de dizeres muitas orações voluntárias e de fazeres muitas prostrações", foi a resposta final.

Desde então fiz daquilo um hábito, ou seja, estar em constante cultuação, para que eu pudesse ser abençoado com a companhia do Profeta no Outro Mundo, assim como havia sido abençoado ao estar ao seu serviço nesta vida.

Não muito tempo depois que tudo aquilo teve lugar, o Mensageiro de Deus (S) me chamou, e perguntou:

"Não gostarias de te casar, ó Rabi'a?"

"Não quero fazer nada que me vá distrair quanto ao servir-te, ó Mensageiro de Deus", respondi. "Além do mais, eu não tenho dinheiro para poder oferecer um dote a uma noiva, ou para provê-la." O Profeta (S) ficou em silêncio. Ele me viu, em outra ocasião, e fez a mesma pergunta:

"Não gostarias de te casar, ó Rabi'a?"

Eu lhe dei a mesma resposta de antes, mas, depois, quando eu estava só, eu me arrependi ter respondido daquela maneira, e pensei:

"Que vergonha, ó Rabi'a! o Profeta sabe melhor do que tu o que é bom para ti, tanto nos assuntos terrenos como nos espirituais. Juro por Deus que se o Profeta (SAAS) sugerir novamente que eu me case, irei aceitar.

Não demorou muito tempo, e o Profeta me perguntou mais uma vez:

"Não gostarias de te casar, ó Rabi'a?"

"Sim, deveras, ó Mensageiro de Deus", respondi, "mas quem iria dar a mim a sua filha em casamento, sabendo o estado em que estou?"

"Pois vai à família tal, e dize ao chefe:

"'O Mensageiro de Deus manda que tu me dês a tua filha, a tal, em casamento.'"

Eu fui até à família tal, sentindo-me muito tímido, e disse para o chefe:

"O Mensageiro de Deus (S) mandou-me aqui para que eu me case com a tua filha, a tal."

"A tal!?" ele exclamou. Quando eu assenti, ele disse:

"O Mensageiro de Deus (S) é benvindo a nossa casa, e também o é o mensageiro do Mensageiro de Deus. Juro por Deus que este mensageiro não será mandado de volta desapontado." Logo ele elaborou um contrato matrimonial que fez dela, a tal, minha esposa.

Eu fui ter com o Profeta (S) e lhe disse:

"Ó Mensageiro de Deus, acabo de vir da casa duma boa família. Eles acreditaram em mim, deram-me as boas-vindas, e elaboraram um contrato matrimonial para a sua filha. Agora, onde irei conseguir um dote para eles?"

O Profeta (S) mandou chamar o Buraida b. al Hasib, que era um dos chefes da minha tribo, a dos Banu Aslam. Disse-lhe:

"Ó Buraida, por favor, junta para o Rabi'a o valor do peso dum caroço de tâmara, em ouro!"

Ele juntou aquilo para mim, e o Profeta (S) me disse:

"Leva isso para eles, e dize-lhes que isso é o dote da filha deles!"

Eu fui até eles, e lhes apresentei aquilo; eles aceitaram, ficaram contentes, e disseram:

"É bastante, e de boa qualidade!"

Depois eu voltei ao Profeta, e disse a ele:

"Eu nunca encontrei pessoas mais generosas do que as dessa família. Ficaram contentes com a pequena quantia que lhes dei, e disseram que era bastante, e de boa qualidade. Mas agora, como irei proporcionar um banquete para o casamento, ó Mensageiro de Deus?" Uma vez mais o Profeta recorreu ao Buraydah e mandou que ele juntasse para mim o preço dum carneiro, e que saísse à procura de um lindo e gordo animal. Depois o Profeta (S) disse para mim:

"Vai ter com a Aicha[3], e pede a ela que te dê toda a cevada que tiver!" Então eu fui a casa dela, e ela disse:

"Pega a cesta de vime. Ela contém sete *sa*[4] de cevada. Juro por Deus que não temos mais mantimentos para te dar."

Então eu saí de lá levando o carneiro e a cevada para pão à família da minha noiva. Eles disseram que poderiam fazer o pão, mas que eu teria que pedir aos meus amigos que preparassem o carneiro. Algumas pessoas do meu clã e eu nos pusemos a abater o carneiro. Então nós depelamos o animal, e o cozinhamos; eis que eu, que antes nada possuía, tinha então carne e pão para servir aos meus convidados. Assim eu dei um banquete, e convidei o Mensageiro de Deus (S), que aceitou o meu convite.

Então o Profeta me deu uma faixa de terra próxima à propriedade de Abu Bakr; assim eu, que outrora era pobre, passei a estar então afluente. Eis que numa ocasião, eu tive um desentendimento com o Abu Bakr sobre uma tamareira. Eu dizia que ela estava na minha propriedade, e ele dizia estar na sua. Quando eu o contradisse, ele me chamou de um nome que me ofendeu. Mas tão logo ele disse aquilo, ele se arrependeu, e disse:

"Ó Rabi'a, podes chamar-me de um nome feio, em retaliação, para ficarmos quites."

Quando eu lhe disse que não iria fazer aquilo, ele disse que ia ter com o Profeta (S) para queixar-se a ele de que eu não queria aliviá-lo da culpa, fazendo retaliação a ele. Realmente ele foi ter com o Profeta (S), e eu fui atrás dele, seguido por pessoas da minha tribo, que estavam furiosas, e diziam:

"Foi ele que começou a insultar-te, e agora está indo ao Profeta (S) à tua frente, para se queixar de ti!"

Eu me voltei para eles e disse:

"Ficai quietos! Será que não sabeis de quem estais a falar? Ele é Al Siddik, um dos mais venerados pelos muçulmanos. Ide embora, antes que ele olhe para trás e vos veja! Ele poderá pensar que estais vindo comigo para prestardes assistência a mim contra ele, e ficar furioso! Se ele ficar furioso, o Profeta talvez fique também furioso, e então a ira de Deus poderá abater-se sobre a minha cabeça, porque terei ofendido o Profeta (S)!"

Então eles me abandonaram, e o Abu Bakr, que havia ido ter com o Profeta (S), começou a lhe contar o que acontecera.

Quando eu cheguei, o Profeta (S) se voltou para mim, e perguntou:

"Ó Rabi'a, qual é o probelma entre ti e o Abu Bakr?"

"Mensageiro de Deus, ele queria que eu falasse a ele da mesma maneira que ele falara a mim, e eu me recusei", respondi.

"Tu fizeste a coisa certa", ele disse. "Nunca revides um insulto. Outrossim, dize: 'Que Deus perdoe ao Abu Bakr!'"

Assim, eu disse:

"Que Deus te perdoe, ó Abu Bakr!"

Abu Bakr foi embora com lágrimas nos olhos, dizendo:

"Que Deus te conceda uma grande recompensa, ó Rabi'a bin Kab, que Deus te conceda uma grande recompensa!"

CAPÍTULO 45

Abul As b. al Rabi

"*Ele falou, e me disse a verdade, e prometeu, e cupriu a sua promessa para comigo*."

(Mohammad, o Mensageiro de Deus {S})

Foi um coraixita jovem e cheio de energia, que era belo, e agradava a todos que com ele privavam. Seu nome era Abul As al Rabi, procedente do clã dos Abd Shams, sendo que tudo, nele, fazia ver aos observadores que provinha duma família rica e duma linhagem aristocrática. Era um modelo de cavalheirismo árabe, com todas as virtudes de refinamento, orgulho, masculinidade, lealdade e, acima de tudo, com o espírito de entesourar a herança dos ancestrais.

Ele herdou da sua tribo a paixão pelo comércio, pois os coraixitas eram famosos por suas caravanas, caravanas hibernais ao Yêmen, e caravanas estivais à Síria. Tal qual às dos seus antepassados, a caravana de Abul As seguia seus caminhos, indo pelas e vinda das velhas rotas comerciais. Muitas vezes ele enviava tanto quanto cem camelos, com duzentos homens, porque outras pessoas lhe davam seus dinheiros para que ele os pudesse investir para elas. Ele construíra para si uma reputação de astúcia e confiabilidade, como homem de negócios.

Sua tia, a Khadija b. Khuwailid, esposa do Profeta Mohammad b. Abdullah, tratava-o como se ele fosse um dos seus próprios filhos, e abria seu lar e seu coração para ele, com a maior afabilidade e generosidade. Esse amor de Khadija pelo seu sobrinho só se igualava ao amor que Mohammad b. Abdullah nutria pelo Abdul As.

Aqueles anos se passaram rapidamente, pois a domesticidade de Mohammad b. Abdullah cresceu, e sua filha mais velha, a Zainab, se tornou uma damazinha , tão refinada e adorável quanto uma rosa nos seus primeiros dias de floração. Os filhos dos altos chefes de Makka rivalizavam-se em suas ambições de ser, cada qual, o marido dela. Isso não causava surpreza, pois ela era, por si, da mais nobre linhagem, tanto

pela família do lado paterno, como do lado materno. Em adição, era a moça mais virtuosa e de boas maneiras de Makka.

Contudo, todas aquelas ambições foram em vão. Elas foram baldadas pelo Abul al As b. al Rabi, primo dela, e o mais cavalheiro dos jovem de Makka.

Apenas uns poucos anos depois que Zainab estava casada com o Abul al As, toda Makka foi iluminada pela luz divina, quando Deus enviou a Mohammad como Seu Mensageiro, com a religião da diretriz e da verdade. Deus ordenou a ele que fizesse a admoestação quanto ao Dia do Julgamento, ao seu clã mais achegado e à sua tribo. A primeira mulher a acreditar nele foi a sua esposa, Khadija b. Khuwailid; depois, suas filhas, a Zainab, a Rucaiya, a Umm Kulçum, e a Fatima, embora esta última não fosse matura o suficiente para compreender a seriedade daquele comprometimento.

No entanto, o seu genro Abul al As achava difícil abandonar o culto dos seus ancestrais, e se recusava juntar-se ao Islam, como havia feito a sua esposa Zainab, embora ele a amasse de todo o coração. Quando a querela entre o Profeta (S) e os coraixitas se desenvolveu, por causa da raiva destes quanto ao chamamento do Profeta ao Islam, eles conferenciaram entre si, e se puseram a tecer planos contra ele. Uma das suas conclusões consistia em que, consentindo que os filhos deles casassem com suas filhas, estavam a aliviá-lo de alguns dos seus encargos e compromissos. Um deles sugeriu:

"Se lhe devolverdes vossas filhas, ele irá ficar preocupado com o provimento delas e não mais vos incomodará."

Todos concordaram com a idéia; foram ter com o Abul al As, e lhe disseram:

"Ó Abul al As, divorcia-te da tua esposa, e manda-a de volta a casa do seu pai! Dar-te-emos, ao invés dela, qualquer esposa que escolheres, dentre as mais nobres do Coraix!"

"Não! Juro por Deus que não me divorciarei dela", respondeu o Abul al As, "e não irei trocá-la nem por todas as mulheres do mundo!"

No entanto, as outras filhas do Profeta (S), a Rucayia e a Umm Kulçum, foram divorciadas dos seus respectivos maridos e voltaram para a casa do seu pai. Na verdade, o Profeta não ficou descontente que elas se tivessem separado dos seus maridos pagãos, e desejava que o Abul al As fizesse o mesmo. Mas o Profeta (S) não tinha poder para compeli-lo a fazer aquilo, e ainda não tinha sido promulgada a lei que dizia que um crente não pudesse desposar uma pagã, e vice-versa.

Mais tarde, depois que o Profeta (S) havia emigrado para Madina, e tinha arrebanhado um grande número de seguidores, os coraixitas se dispuseram a declarar guerra contra os muçulmanos, e encetaram a batalha de Badr. O Abul al As foi compelido a se juntar aos coraixitas, na batalha, embora não nutrisse ódio pelos muçulmanos. Porque ele estava numa posição de liderança entre o seu povo, foi-lhe requerido que aceitasse aquilo com que todos concordaram, ou seja, que cumprisse o seu dever como líder.

A batalha de Badr veio a tornar-se uma grande derrota para o Coraix. A arrogância da idolatria havia sido degradada, e a liderança dos pagãos tinha sido destruída, pois alguns líderes tinham tombado na batalha, alguns tinham sido capturados, e o restante apenas se salvaram porque fugiram.

Entre aqueles que foram capturados estava o marido da Zainab, filha do Profeta (S). Este requereu, de cada cativo, pagamento de compensação, em troca da sua liberação. A quantia da compensação variava, de mil dirhams, a quatro mil, de acordo com o *status* do prisioneiro entre o seu povo, e de acordo com sua riqueza. Mensageiros começaram a viajar de Makka para Madina, portando o dinheiro que iria assegurar a liberação dos cativos. Zainab enviou o seu emissário para Madina com o dinheiro, a fim de comprar a liberdade do seu marido. Seu pagamento incluía um colar que lhe havia sido dado, no seu casamento, por sua mãe, a Khadija b. Khuwailid. Quando o Profeta (S) viu o colar e o reconheceu, seu rosto se ensombreceu momentaneamente de pesar e desgosto por sua filha. Voltou-se para seus companheiros, e disse:

"A Zainab envia este dinheiro como pagamento pela liberação de Abul al As. Se concordais que é apropriado liberá-lo e dar o dinheiro de volta a ela, fazei isso."

"Faremos, para que não te entristeças por ela, ó Mensageiro de Deus", disseram.

Porém, o Profeta (S) tornou a liberação de Abul al As condicional, sendo que eles teriam de mandar Zainab a Madina para estar junto ao pai dela, o mais breve possível.

Tão logo o Abul al As chegou a Makka, pôs-se a fazer os preparos para cumprir sua promessa. Ele disse para sua esposa que se preparasse para a viagem, e a informou de que os emissários do seu pai estavam a esperar por ela fora de Makka. Ele juntou provisões para ela, mandou selar o seu camelo de montaria, e arranjou para que seu irmão, o Amr b. Rabi, a acompanhasse até ao seu encontro com os emissários. Esse Amr pendurou o seu arco nas costas, de atravessado, pendurou a aljava ao

ombro, e fez com que Zainab montasse em sua liteira. Ele se pôs a dirigir o camelo dela para fora de Makka, em plena luz do dia, e foi visto por alguns dos coraixitas. Estes deram o alarme, e imediatamente toda a tribo se pôs em polvorosa. Puseram-se na perseguição a eles, e não demorou muito para que os alcançassem, aterrorizando a Zainab como os seus berros de saguinários.

O Amr retesou a corda do seu arco, pegou uma flecha e a colocou no engenho, dizendo:

"Juro por Deus que se alguém chegar perto dela, eu dispararei uma flecha através do seu pecoço!" Ele era um notável arqueiro.

O Abu Sufyan b. Háris foi à frente, protestando:

"Ó sobrinho, para de apontar para nós, para que possamos conversar contigo!" Quando o Amr baixou o seu arco, o Abu Sufyan continuou, num tom ameno:

"Tu empreendeste esta coisa dum modo errôneo, tirando a Zainab daqui, na frente de todos, como se os estivesses desafiando. Toda a Arábia sabe da nossa dorrota em Badr, e isso aconteceu por causa do pai dela o Mohammad. Se fores tirá-la daqui na frente de todo mundo, as tribos nos irão chamar de coverdes medrosos, e a nossa reputação irá ficar arruinada. Leva-a de volta, e deixa que fique por uns dias na casa do seu marido. Quando as pessoas acreditarem que conseguimos forçá-la a voltar, tu poderás levá-la furtivamente para fora da cidade, e fazer com que ela volte para o seu pai. Não nos será benéfico aprisioná-la longe do seu pai!" O Amr concordou com aquilo e, dias depois, fez com que ela partisse em segredo, durante a noite, e a entregou pessoalmente aos emissários conforme seu irmão havia ordenado.

O Abul al As permaneceu em Makka por algum tempo, depois da partida da Zainab. Não muito tempo antes que os muçulmanos estivessem destinados a retomar Makka, o Abul al As foi à síria para transacionar algum negócio. Ele estava a caminho de Makka, com sua caravana que contava cem camelos e mais de cento e setenta homens – e não estava longe de Madina –, quando foi surpreendido por um batalhão do exército muçulmano. Os soldados capturaram os homens e lhes tomaram os camelos, mas não puderam pegar o Abul al As, que lhes escapou.

Ao cair da noite, o Abul al As se esgueirou para dentro de Madina, sob o manto da noite, e, cautelosamente, com grande medo, se pôs a procurar pela casa onde estava a Zainab. Quando encontrou a esposa, pediu que ela lhe garantisse proteção, coisa a que ela cedeu.

Quando o Profeta (S) acordou, na manhã seguinte, foi à mesquita para realizar a oração da madrugada. Ele etava de pé, em frente ao nicho oratório; havia já realizado o primeiro *takbir*, tendo a congregação a seguilo, quando a Zainab exclamou, da secção onde as mulheres oravam:

"Ouvi-me, todos! Eu sou Zainab, filha de Mohammad. Estou concedendo proteção ao Abul al As, e peço que também façais o mesmo!"

Quando o Profeta (S) completou a oração, dirigiu-se às pessoas, dizendo:

"Será que ouvistes o que eu ouvi?" Quando todos assentiram, ele disse:

"Juro por Aquele Que tem minha alma em Suas mãos que eu não tinha conhecimento disso, antes de ouvir o que acabastes de ouvir, isto é, que a mais íntima das pessoas muçulmanas, perante mim, concedesse a alguém proteção dos muçulmanos!" Então ele deixou a mesquita a foi ter com a sua filha, a quem disse:

"Trata a Abul al As como um convidado honroso, mas deves saber que não és esposa dele."

Depois o Profeta (S) foi para junto das tropas que haviam capturado a caravana, e lhes disse:

"Esse homem, como sabeis, é um dos meus genros. Sua propriedade foi parar em vossas mãos. Se desejardes realizar um feito caridoso, e devolvê-la a ele, ficarei contente. Vós tendes o direito de recusar a assim fazer, uma vez que se trata duma propriedade inimiga que se juntou aos vossos bens, quando estáveis em expedição."

"Não, ó Mensageiro de Deus", eles disseram, "Nós a iremos devolver a ele!"

Quando o Abul al As soube que sua propriedade iria ser-lhe devolvida, e ele foi reclamá-la, todas as pessoas lhe disseram:

"Ó Abul al As, tu és da nobreza do Coraix, bem como o primo e genro do Mensageiro de Deus. Por que não te tornas um muçulmano? Nós poderíamos dar-te todo este dinheiro, e poderias ficar conosco em Madina, e ser um homem rico!"

"É a isto que me induzis, que eu começe uma nova religião com um ato de traição?"

Abul al As levou a caravana, com todo o seu conteúdo, de volta para Makka. Ao chegar, deu o que pôde para cada pessoa que nele havia confiado, em bens para o comércio. Então perguntou:

"Ouvi-me, todos vós; será que devo a algum de vós, coraixitas, qualquer quantia que ainda não paguei?"

"Não", eles responderam, "e que Deus te recompense, pois sempre foste leal e generoso para conosco!"

"Então quer dizer que eu dei a cada um o seu devido", ele disse, "e agora eu desejo que presteis testemunho de que presto testemunho de que não há outra divindade além Deus, e que Mohammad é o Seu Mensageiro. A única coisa que me impediu de declarar a minha conversão ao Islam, quando eu estava ainda em Madina, foi o temor de que pudésseis pensar que que eu assim fizera, por desejar ficar com o vosso dinheiro. Agora que Deus vô-lo devolveu, e minha consciência está limpa, estou declarando a minha conversão ao Islam."

Então ele deixou Makka e dirigiu-se para Madina, onde Mohammad (S) lhe deu as boas-vendas, com a devida honraria. O Profeta (S) lhe devolveu a Zainab como esposa, e pegou o hábito de dizer acerca do Abul al As:

"Ele falou, e disse a verdade, e cumpriu a promessa que fez a mim."

CAPÍTULO 45

Assim b. Sábit

"*Qualquer um que lutar deverá lutar como o Azim bin Sábit.*"
(Mohammad b. Abdullah {S})

Os coraixitas saíram para a batalha de Uhud não deixando atrás nenhum dos seus enumerados, nem os nobres, nem os de baixa condição, para encetarem a batalha contra Mohammad b. Abdullah. Seus corações estavam cheios de raiva e de ódio, e ferviam de desejo de se vingarem das suas perdas da batalha de Badr. Como se aquele número de homens não bastasse, levaram consigo as esposas e as filhas dos nobres da tribo. O papel destas era o de encorajarem os homens na batalha, "esporeando-os" à intrepidez e ao heroísmo, e reacenderem o entusiasmo, sempre que se enfraquecessem e negaceassem.

Entre as mulheres que foram para a batalha com os coraixitas, estavam a Hind b. Utba (a esposa de Abu Sufyan), a Raytah b. Sad (juntamente com seu marido), a Tal-ha, acompanhada dos seus três filhos, o Musafi, Al Julas, e o Kilab, juntamente com muitas outras mulheres. Quando a batalha entre os dois exércitos começou, a Hind b. Utba e as mulheres que estavam com ela se alinharam atrás das fileiras de soldados, batendo nos tamborins e entoando o seguinte cântico:

"Se fordes em frente, nós vos abraçaremos e disporemos almofadas para vós;

"Se recuardes, nós vos desertaremos, e nada de amor para vós!"

O cântico delas incitou os lutadores a uma maior intrepidez, sendo que o seu efeito foi como mágica para os seus respectivos maridos.

Quando a batalha chegou ao fim, e os coraixitas se saíram vitoriosos, as mulheres foram para a frente, intoxicadas com a excitação da vitória. Elas deram livre e devastador curso à ira, no campo de batalha, uivando de júbilo, conforme mutilavam hediondamente os corpos dos mortos. Elas os estripavam, arrancavam-lhes os olhos, cortavam fora suas orelhas e seus narizes. Uma delas sentiu que sua ira não estaria aplacada se não

fizesse colares e braceletes daqueles gloriosos troféus, em vingança pelo seu pai, tio e irmão, todos eles tombados na batalha de Badr.

O que aconteceu com a Sulafah b. Sad foi diferente dos feitos das outras coraixitas. Ela estava ansiosa e inquieta, esperando pela volta do seu marido ou de um dos seus filhos, do campo de batalha. Queria saber como eles se haviam saído, para que pudesse juntar-se às suas amigas, na comemoração da vitória. Ao ver que sua longa espera não a estava levando a nada, ela se pôs a andar para cima e para baixo no campo de batalha, olhando para os rostos dos mortos. De súbito, ela deparou com o corpo do marido, encharcado de sangue. Ela pulou como uma leoa alarmada, e se pôs a correr em todas as direções, à procura dos seus filhos, Musafi, Al Julas e Kilab. Não demorou muito, e ela os encontrou jazendo no sopé do Monte Uhud. O Musafi e o Kilab já estavam mortos, mas ela viu que Al Julas ainda tinha um sopro de vida. A Sulafah se curvou sobre ele, que estava no limiar da morte, colocou a cabeça dele no seu colo, e lhe limpou o sangue da testa e da boca. Ela tinha os olhos secos por causa da catástrofe que se abatera sobre ela. Ela encostou o seu rosto no dele, e perguntou:

"Quem te cortou todo, ó meu filho?" Ele tentou responder, mas o sopro da morte embargou-lhe a garganta, impedindo-o de falar. Ela repetiu insistentemente a pergunta, e ele disse:

"Foi o Azim b. Sábit; foi ele, e ele matou o meu irmão Musafi e..." e ele morreu antes de terminar de falar.

A loucura tomou conta da Sulafah. Bramando e soluçando, ela jurou pelos ídolos Al Lat e Al Uzza que sua dor e seu pesar não iriam ser aplacados, a menos que os coraixitas se vingassem por ela, quanto ao Azim b. Sábit, levando-lhe o crânio dele, no qual ela iria beber vinho. Ela jurou que iria pagar a quem o pegasse, e lhe levasse o crânio dele, tanto dinheiro quanto desejasse.

Os coraixitas rapidamente souberam sobre ela, então, e cada jovem de Makka desejava que ele fosse o felizardo a pegar o Azim b. Sábit, apresentar a cabeça deste para a Sulafah, e receber o prêmio, em troca.

Após a batalha de Uhud, os muçulmanos voltaram para Madina. Puseram-se a comentar o que havia acontecido durante a batalha, invocando a misericórdia de Deus para os heróis que haviam sido martirizados, e louvando os bravos lutadores que permaneceram no campo, e perseveraram. O nome de Azim b. Sábit veio à baila, e todos estavam admirados de como ele havia conseguido matar três irmãos numa só batalha. Um dos presentes disse:

"Qual a causa da admiração? Acaso não estais lembrados de que, antes da batalha de Badr – quando o Mensageiro de Deus (S) nos perguntou como planejávamos lutar?–, o Azim b. Sábit ficou de pé para lhe responder, com o seu arco na mão, dizendo:

"'Se o inimigo estiver a trinta metros de distância, irei usar flechas. Se estiverem ao alcance das nossas lanças, então será chegada a hora de duelarmos com eles até que as lanças se quebrem, para depois lutarmos mano a mano com nossas espadas.'

"E o Profeta (S) então disse:

"'Eis a maneira de batalhar. Qualquer um que for lutar deverá lutar como o Azim b. Sábit.'"

A batalha de Uhud mal havia ficado para trás dos muçulmanos, quando o Profeta (S) designou seis dos mais reputados Companheiros para irem numa missão, e deu o comando dela ao Azim b. Sábit. Aquele pequeno mas virtuoso grupo saiu para realizar sua tarefa, e os seis estavam numa estrada que não ficava longe de Makka, quando foram vistos por alguns homens da tribo de Hudhayl. Estes correram até eles, circundaram-nos e os rodearam tão de perto, que eles não tiveram como escapar. O Azim b. Sábit e os seus companheiros desembainharam as espadas, prontos para lutarem contra os inimigos que os rodeavam. Os de Hudhayl disseram para eles:

"Não há como vos defenderdes de nós, pois que não sois páreo para nós. Não pretendemos fazer-vos mal, e tendes a nossa promessa perante Deus que isso não faremos, caso vos rendais a nós."

Os seis Companheiros olharam uns para os outros como se estivessem consultando-se mutuamente para verem o que iriam fazer, e o Azim b. Sábit disse:

"Não irei depender da promessa de um pagão!" Então, lembrando-se da jura de vingança contra ele, feita pela Sulafah, ele orou em voz alta:

"Ó Deus, eu luto em defesa da Tua religião; protege minhas carnes e meus ossos, para que não caiam nas mãos de qualquer dos Teus inimigos!"

Então ele atacou os de Hudhayl, seguido por dois dos seus camaradas, e continuaram a lutar, até que foram mortos, um após outro. Os restantes dos seus camaradas se renderam aos de Hudhayl, mas eles, também, foram impiedosamente traídos e mortos.

Primeiramente, os de Hudhayl não se deram conta de que entre suas vítimas estava o Azim b. Sábit. Mas quando um do grupo reconheceu-o

e contou para os outros, eles ficaram alegres, antecipando o gozo de receberem uma vultosa quantia como recompensa pelo que haviam feito. Que poderiam esperar, depois que a Sulafah jurara que se pusesse as mãos no Azim b. Sábit, iria beber vinho do seu crânio? Não jurou ela que iria pagar a quem o levasse a ela, vivo ou morto, tanto dinheiro quanto desejasse?

Em poucas horas, a notícia da morte do Azim b. Sábit chegou ao Coraix, pois os de Hudhayl viviam numa área nos arredores de Makka. Os líderes dos coraixitas enviaram uma mensagem aos matadores do Azim, pedindo pela cabeça dele, para que pudessem aplacar a raiva da Sulafah b. Sad, e fazer com que ela cumprisse o seu juramento. Eles esperavam aliviá-la do seu pesar pelos seus três filhos que morreram lutando com o Azim b. Sábit.

Os coraixitas fizeram com que o mensageiro levasse consigo uma grande quantia em dinheiro e lhe disseram que pagasse generosamente em troca da cabeça do Azim.

Os de Hudhayl foram para perto do corpo do Azim, a fim de lhe cortarem a cabeça, mas viram que um enxame de abelhas e de marimbondos havia pousado sobre ele, rodeando-o por todos os lados. Por mais cuidadosamente que tentavam se aproximar do corpo, as vespas voavam e pousavam nos seus rostos e pelos seus corpos, fazendo com que ficassem longe. Após terem tentado inúmeras vezes, e perdido as esperanças, um deles sugeriu:

"Deixemo-lo até que caia a noite; quando escurecer, as abelhas irão embora, deixando-o para nós."

Então eles se sentaram ali por perto, e esperaram. Porém, quando o dia terminou e o crpúsculo começou a se fazer presente, o céu se encheu de pesadas e escuras nuvens. O tempo se tornava ameaçador, à medida em que os trovões ribombavam, e a chuva começou a cair duma maneira jamais vista, mesmo pelos mais velhos da tribo. As enxurradas se juntaram e se puseram a correr pelas ravinas e pelas áreas mais baixas, enquanto as torrentes rugiam, correndo pelos leitos secos dos rios. Toda a área foi inundada como se uma represa se tivesse rompido.

Quando a manhã finalmente chegou, os de Hudhayl procuraram por toda parte o corpo do Azim b. Sábit, mas não encontram nem vestígios. A enchente o levara para longe, para além do alcance deles.

Desse modo, eis que Deus respondeu as orações do Azim b. Sábit, pois Ele evitou que o seu corpo puro fosse mutilado, e protegeu o crânio

dele de ser aviltado, de ser usado por uma pagã para beber vinho. Em suma, Ele evitou que os pagãos tivessem algum motivo para se vangloriarem, em detrimento aos crédulos.

CAPÍTULO 46

Safiya bint Abdul Muttalib

A primeira muçulmana a matar um inimigo em defesa de outros muçulmanos.

O personagem (feminino) deste capítulo foi uma mulher extraordinária. Ela era dotada de tão fina mente e julgamento refinado, que os homens do seu tempo tomavam-na, todos, com seriedade, fossem eles amigos ou inimigos. Era intrepidamente corajosa, sendo a primeira mulher da comunidade muçulmana a matar um pagão na defesa de outros. Em adição, ela criou o primeiro guerreiro, na comunidade, a levantar uma espada pela causa do *jihad*.

Seu nome era Safiya b. Abdul Muttalib, procedente do clã dos Banu Háchim, e um membro da tribo Coraix. Além disso, era a tia paterna do Mensageiro de Deus (S). Todos os seus laços familiares eram de origem nobre. Seu pai foi o Abdul Muttalib, avô do Profeta (S) e indiscutível líder e chefe do Coraix. Sua mãe era a Halah b. Wahab, irmã da Amina b. Wahab, mãe do Profeta (S). Seu primeiro marido foi Al Haris b. Harb, pai do Abu Sufyan b. Haris, chefe do clã dos Banu Umaiya. Ele morreu, deixando-a viúva.

Ela se casou de novo, dessa vez com Al Auwam b. Khuwailid, irmão da Khadija b. Khuwailid, que se tornara a mais respeitada das damas árabes antes da chegada do Islam, e a primeira das Mães do Crédulos, no tempo do Islam.

Tal personagem foi a mãe de Al Zubair b. al Auwam, um dos mais íntimos dos discípulos do Mensageiro de Deus. A única nobreza que alguém poderia esperar, que ultrapassasse tais ilustres conexões, era a nobreza de ser uma crédula.

Ela ficou novamente viúva, quando o seu marido, Al Auwam, morreu, deixando-lhe o filho deles, Al Zubair, que era ainda uma criança novinha. Ela acostumou o menino a uma vida de simplicidade espartana, pois estava a educá-lo para se tornar um guerreiro cavalariano. Como

entretenimento para ele, ela o treinava a aguçar pontas de setas, e a fixar arcos. Ela habituou-se a incitá-lo a encarar situações que outros iriam achar aterrorizantes ou perigosas. Se visse que ele hesitava ou ficava com medo, ela o espancava vigorosamente.

Numa dessas ocasiões, um dos tios do menino a reprovou por tal severo tratamento, dizendo-lhe que u'a mãe amantíssima não tratava o seu filho com tanto ódio. Ela respondeu poeticamente, dizendo:

"Quem diz que eu bato nele por ódio mente,

"Pois bato nele para que fique mais ciente,

"E derrote os inimigos, obtendo vitória decente!"

Era chegado o tempo em que Deus deu a missão da profecia ao Seu Mensageiro (S), e o encarregou da tarefa de admoestar o povo quanto ao Dia do Julgamento, e de dar as boas-novas das recompensas aos de conduta reta. Deus ordenou ao Profeta (S) que começasse sua missão por convidar os seus parentes a se juntarem à fé. Então ele reuniu todos aqueles relacionados a ele, da parte do seu avô, Abdul Muttalib, homens e mulheres, velhos e jovens; ele pôs-se no meio deles e se dirigiu a eles, dizendo:

"Ó Fátima, filha de Abdul Muttalib, ó Safiya, filha de Abdul Muttalib, todos vós, filhos de Abdul Muttalib, ouvi-me! Não sou possuidor de nenhuma virtude específica que possa proteger os meus parentes do julgamento de Deus." Então ele os convidou a aceitarem a crença em Deus, e a acreditarem na missão dele. Alguns deles foram recptivos quanto à divina luz da diretriz, enquanto outros viraram as costas. A Safiya b. Abdul Muttalib foi a primeira das crédulas a aceitar a fé, desse modo tornando completo o seu ilustre passado.

Ao seu lado, quando ela se juntou à hoste pura e brilhante dos crédulos, estava o seu filho, Al Zubair. Juntamente com outros recém-convertidos ao Islam, ela sofreu as atribulações das perseguições por parte dos coraixitas. Quando Deus ordenou ao Seu Profeta (S) que anunciasse a decisão de mudar a comunidade muçulmana, de Makka para Madina, a Safiya não se reprimiu. A nobre dama do clã dos Banu Háchim deixou para trás, em Makka, todas as suas memórias felizes, todo seu orgulho tribal, o seu alto nível social. Sem se lamentar, ela se pôs a caminho de Madina, emigrando, sem nada de seu, a não ser a sua religião, em obediência a Deus e ao Seu Mensageiro (S).

Embora essa grande dama, que viveu uma vida longa e plena de eventos, tivesse quase sessenta anos de idade, comportava-se, no *jihad*,

duma maneira que que ainda pAsmá os historiadores, que nunca se cansam de recontar as corajosas ações dela. Passaremos a contar dois dos eventos que tiveram lugar: um, durante a batalha de Uhud, e outro, durante a Batalha da Trincheira.

Na batalha de Uhud, um considerável número de muçulmanas saiu em *jihad* com os homens, para o bem da sua religião. A Safiya era uma delas; ela carregava água, levando-a até ao campo de batalha, para os que tinham sede, aguçava as setas e consertava os arcos. Em adição, ela tinha outra intenção, pois queria seguir a evolução da batalha. Todo o seu coração estava naquilo, coisa que não era de todo estranha, porquanto na batalha estavam o seu sobrinho, o Mensageiro de Deus (S), seu irmão, o Hamza b. Abdul Muttalib – o leão de Deus –, e o seu filho Al Zubair b. al Auwam, o discípulo do Mensageiro de Deus (S). Além do mais, a batalha em si representava o destino e futuro do Islam. Isto era o que a preocupava: o destino da religião que havia espontaneamente abraçado, pela qual deixara o seu lar, e por meio da qual esperava trilhar o caminho para o Paraíso.

Ela via os muçulmanos se apartarem do Mensageiro de Deus (S), excepto por alguns que permaneciam. Quando ela viu que os pagãos estavam avançando e que logo iriam alcançar o Profeta (S), pôs de lado a pele com água, pulou para a frente feito uma leoa a defender os filhotes, pegou uma lança de um dos desertores do chão, e se colocou, altiva, entre o bando de desertores, censurando-os e berrando para eles:

"Tomara que pereçais! Vós abandonastes o Mensageiro de Deus!"

Quando o Profeta (S) viu que ela se aproximava, temeu que ela pudesse ver o irmão dela, o Hamza, jazendo no campo, morto e cruelmente mutilado pelos pagãos, ele fez sinal para Al Zubair, e disse:

"Ela está vindo, ó Zubair, toma cuidado!"

Al Zubair foi ao encontro dela, e disse:

"Volta, mãe, volta!"

"Sai do meu caminho, hoje não tens mãe!" foi a resposta.

"O Mensageiro de Deus ordena que voltes", protestou Al Zubair.

"Por que?" ela perguntou. "Já ouvi dizer que o meu irmão Hamza foi mutilado, e sei que ele morreu lutando pela causa de Deus."

Quando o Profeta ouviu aquilo, disse para Al Zubair não tentar manter a mãe fora do campo.

Depois que a batalha terminou, a Safiya encontrou o corpo do seu irmão Hamza. Seu estômago havia sido aberto, seu fígado arrancado,

seu nariz e suas orelhas decepados, todo o seu rosto desfigurado. Ela orou a Deus, pedindo que o perdoasse, ao dizer:

"Isto aconteceu pela causa de Deus. Eu aceito o que Deus decreta. Juro por Deus que serei paciente, na expectativa da recompensa a ele!"

Esse foi um exemplo da coragem de Safiya, na batalha de Uhud. Suas ações da Batalha da Trincheira formaram uma dramática tapeçaria emplumada, tecida com tramas de intrepidez, determinação, astúcia e estratégia. Trata-se de uma estória cujo desenrolar os historiadores nunca se cansam de contar.

Quando o Profeta (S) fazia planos para qualquer expedição militar, era seu costume colocar todas as mulheres e crianças numa fortaleza, pois Madina corria o risco de ser atacada pelo inimigo, na ausência dos seus defensores. Chagada a hora da Batalha da Trincheira, Ele ele pôs a sua domesticidade, sua tia, e um considerável número de outras muçulmanas numa fortaleza que pertencia ao Hassan b. Sábit. Este a tinha herdado, sendo que era a mais alta e mais bem fortificada fortaleza de Madina.

Então os muçulmanos se ocuparam da batalha, estacionando em torno da borda interna da Trincheira, preparando-se para combater o inimigo. Suas esposas e seus dependentes estavam tão longe, quanto podiam, das mentes dos seus defensores.

Pela madrugada, a Safiya b. Abdul Muttalib divisou uma sombra a esgueirar-se na escuridão da manhazinha. Ele observava cuidadosamente, ouvindo, e sem fazer barulho. Parecia que um espião inimigo se aproximava. Ele engatinhava em volta da cerca da paliçada, tentando certificar-se de quem estava do lado de dentro. Safiya notou que se tratava de um judeu que havia sido enviado pelo seu povo para verificar se havia homens na fortaleza a defender as mulheres e as crianças que ali buscavam refúgio.

"Eis que os judeus dos Banu Curaiza estão a violar o tratado que fizeram com o Profeta (S)", murmurou a Safiya consigo mesma. "Eles estão a dar ajuda aos coraixitas e seus aliados, e não há muculmanos aqui para nos proteger. O Profeta e seus apoiadores estão no fronte, defrontando-se com o inimigo. Se esse inimigo de Deus conseguir informar o seu povo da nossa situação, os judeus nos irão atacar, e nos levar embora e nos tornar escravas, isso irá tornar-se um grande desastre para os muçulmanos."

Ela pegou um xale e o amarrou firmemente à cabeça, e apertou o seu manto à cintura, para que sua roupagem não ficasse a esvoaçar; depois

apanhou uma sovela (furador) das grandes e a afirmou ao ombro. Lenta e cautelosamente, ela abriu um pouco o portão da fortaleza e ficou atrás dele, esperando e observando. Quando ela se certificou de que o inimigo estava a uma distância razoável, ela pulou para a frente com a velocidade de um raio, arremessando a sovela contra a cabeça dele, com toda força. Ele caiu ao solo, e ela o golpeou repetidamente, eté estar certa de que o havia matado.

Depois ela pegou uma faquinha que carregava consigo, e começou o horripilante serviço de lhe decepar a cabeça. Quando terminou, ela arremessou a cabeça por sobre a muralha da fortaleza, sendo que esta rolou morro abaixo para onde estava o inimigo a esperar pela volta do seu espião. Ao verem a cabeça do amigo, disseram:

"Deveríamos saber que Mohammad não iria deixar as mulheres e as crianças sem ninguém para as defender", e foram embora, deixando ilesa a fortaleza.

Que Deus esteja aprazido com a Sufiyah b. Abdul Muttalib. Ela foi um modelo singular de mulher muçulmana. Ela criou o seu filho único da mais adequada maneira. Pacientemente suportou a perda do seu amado irmão. Foi testada pelos e entesada quanto aos eventos, provando ser intrépida, determinada e inteligente. Assim, ela é lembrada pela história como sendo a primeira muçulmana a matar um inimigo, em batalha.

CAPÍTULO 47

Utba b. Ghazwan

"*O Utba goza, entre os muçulmano, de uma invejável reputação de virtude*."

(Ômar b. al Khattab)

Após à oração da noite, Ômar b. al Khattab, o Emir dos Crentes, procurou ter algumas horas de descanso, na cama, antes de acordar para caminhar pela cidade, como era seu hábito, enquanto todos dormiam, para certificar-se de que todos estavam seguros e a salvo.

Numa noite, em particular, contudo, o sono se esquivou do califa. O correio lhe trouxera conturbadoras notícias da campanha contra os persas pagãos. As forças persas, que se estavam retraindo perante o exército muçulmano, estavam a receber suprimentos e assistência, coisa que fazia com que recobrassem sua solidez, e voltassem a se engajar em batalha contra os muçulmanos, antes de se retraírem uma vez mais. Sem perderem um simples engajamento, os muçulmanos estavam incapacitados de se contarem como vitoriosos.

Ao califa foi dito que a cidade de Uballa era uma das principais fontes de suprimentos e de reforço para o exército persa. Ele decidiu-se por enviar uma força para tomar a cidade, mas ficou chocado ao descobrir quão poucos homens havia com os quais pudesse contar. Quase todos os muçulmanos, os jovens, os maturos, mesmo os mais velhos, estavam todos no exterior, em várias frentes, a realizarem o *jihad* pela causa de Deus. Quase ninguém, estava em Madina.

Então o califa recorreu a uma solução pela qual ele era bem conhecido. Decidiu-se por compensar a escassez numérica por meio de apontar um forte comandante. Calmamente, fez percorrer por sua mente as várias possibilidades, com a precisão e deliberação de um arqueiro que seleciona a melhor flecha da sua aljava.

"É isso! sim, já sei quem é o homem certo!" disse de súbito o califa. Virou-se na cama, dizendo para si mesmo:

"Ele é um *mujahid* que provou sua valia nas batalhas de Badr, Uhud, da Trincheira, e outras. Ele desempenhou um papel liderante na batalha de Yamama, e jamais errou o alvo, tanto com a sua espada como com sua flecha. Ele realizou a *hijra* duas vezes, uma na Abissínia, outra em Madina; e foi a sétima pessoa a aceitar o Islam." Satisfeito, o califa pegou no sono.

Quando rompeu a aurora, ele pediu que seus companheiros fossem chamar o Utba b. Ghazwan. Quando este chegou, o califa lhe deu o estandarte, e fê-lo comandante da força que contava com pouco menos de trezentos e vinte soldados. Prometeu-lhe também que mandaria reforços, tão logo estes estivessem disponíveis.

Quando o pequeno exército estava pronto para sair na sua campanha, o califa Al Faruk foi para o meio dos líderes a fim de se despedir deles. Deu-lhes o seguinte conselho:

"Ó Utba, estou a te mandar para a área de Ubullah, e para uma fortaleza do inimigo. Espero que Deus te conceda assistência na tua missão. Se fores bem sucedido, deverás conclamar o povo a acreditar em Deus. Se as pessoas se mostrarem recptivas, deverás acitar-lhes as crenças como genuínas. Caso se recusem, daverão pagar a *jizya* e não mostrar hostilidade para contigo. Se permanecerem hostis, deverás combatê-los, até que sejam subjugados. Ao cumprires os teus deveres, ó Utba, deves sempre temer a Deus.

"Cuidado com o permitires que a tua vaidade te leve à arrogância, coisa que iría causar-te a ruína no Outro Mundo. Nunca deverás esquecer-te de que foste, outrora, um companheiro do Mensageiro de Deus (S) e, por meio dele, te tornaste valoroso. Eras, antes, um destituído e fraco, e Deus te deu poder, por causa da tua crença. Agora te tornas um comandante com autoridade, e um líder que é obedecido. O que quer que disseres será ouvido, e a tua ordem irá ser obedecida. Isto é deveras uma bênção, mas sê-lo-á, somente se não te tornares vanglorioso e mundanista, coisa que te levará diretamente ao Fogo do Inferno; que Deus livre a ti e a mim disso!"

O Utba b. Ghazwan partiu com sua expedição. Sua esposa o acompanhava e, com o exército, estavam cinco outras mulheres que eram irmãs ou esposas de soldados. Ao se aproximarem da cidade de Uballah, fizeram seu acampamento numa região pantanosa em que cresciam juncos. Não tinham nada para comer e, quando a fome se tornou insuportável para eles, o Utba escolheu uns poucos deles para percorerem

a campina e verem se encontravam alguma fonte de alimento para as tropas. Um deles contou a estória de como encontraram alimento, dizendo:

"Quando estávamos procurando, entramos num tufo de mato onde encontramos dois grandes cestos tecidos. Dentro de um encontramos tâmaras, e dentro de outro encontramos carocinhos brancos, envoltos em palhas amarelas. Todos juntos, arrastamos os dois cestos até ao campo. Um de nós olhou para os grãos, e disse:

"'É melhor que não comamos isso; é veneno que o inimigo deixou para nós.'

"Então nós nos pusemos a passar as tâmaras uns para os outros, e a comê-las. De súbito, um dos cavalos rompeu suas amarras, foi até ao cesto, e começou a comer os grãos. Juro que planejamos seriamente matar o animal antes que morresse do veneno para que pudéssemos comer da sua carne[1]. Porém, o dono dele nos pediu que não fizéssemos aquilo, prometendo vigiá-lo toda a noite e, se ele aparentasse mal, poderíamos abatê-lo para nós.

"Na manhã seguinte, vimos que o cavalo estava perfeitamente bem, não tendo passado por nenhum efeito maligno. Minha irmã disse para mim:

"'Irmão, eu tenho ouvido dizer que se algo que contém veneno for cozido sobre o fogo, o veneno perderá o seu efeito'. Então ela separou uma medida de grãos, pôs os caroços numa panela, e acendeu um fogo sob a vasilha. Depois de um curto tempo, ela exclamou:

"'Vem ver como a cor deles mudou, e tornou-se vermelha!' Então as cascas começaram a se abrir, e os grãos brancos apareceram.

"Nós despejamos o produto numa travessa, e íamos começar a comer, quando o Utba nos lembrou:

"'Invocai o nome de Deus primeiro, depois comei.'

"Comemos daquilo, e achamos que era delicioso. Mais tarde viemos a saber que o nome daquela nova comida era arroz. "

Utba b. Ghazwan havia levado a sua pequena força para Ubullah, que era uma cidade fortemente guarnecida, numa das margens do Rio Tigre. Os persas haviam feito dela o arsenal para os seus armamentos, e transformado suas torres em postos de sentinela, donde podiam observar seus inimigos. Aquilo não deteve o Utba b. Ghazwan, não obstante o pequeno tamanho do seu exército e da escassez de armas. O inimigo

1. Entre os muçulmanos, não é permitido comerem de um animal que tenha morrido sem que tenha sido abatido; eis por que a tropa faminta decidiu-se por matar o cavalo.

perfazia um total de seissentos homens, juntamente com um pequeno grupo de mulheres que os acompanhavam. Os muçulmanos tinham apenas espadas e lanças; então o Utba tinha que depender da sua inteligência para pôr cerco à cidade.

Utba mandou fazer um grande número de estandartes, os quais foram erguidos bem alto, por meio de lanças. Estes ele distribuiu entre as mulheres, ordenando-lhes que marchassem atrás dos soldados. Ele disse a elas:

"Quando chegarmos perto da cidade, devereis fazer levantar uma grande nuvem de poeira da estrada, atrás de nós, de maneira tal, que encha o ar."

Quando se aproximavam de Ubullah, os soldados persas saíram para interceptá-los. O persas observavam o exército muçulmano, e viram os enormes estandartes que esvoaçavam atrás dos soldados; atrás dos estandartes, o ar estava denso, com uma nuvem de poeira, e eles disseram, uns para os outros:

"Essa deve ser apenas a guarda-avançada do exército; deve haver uma enorme força a segui-los!"

Os persas fugiram em pânico. Apanhando apenas suas coisas de valor, que podiam ser facilmente transportadas, entraram a bordo dos navios que estavam ancorados no porto, à margem do Tigre, e abandonaram a cidade.

Foi desse modo que o Utba entrou na cidade e a tomou, sem perder um simples soldado. Mui rapidamente exerceu o controle quanto aos vilarejos vizinhos e ao interior. A riqueza que aquelas anexações proporcionaram ao Estado Muçulmano era além do que se pudesse imaginar. Aconteceu que um dos soldados muçulmanos foi para Madina, e lhe foi perguntado:

"Como os muçulmanos estão-se saindo em Ubulla?"

"O que estás perguntando fica além da tua imaginação![2]" ele respondeu. "Juro por Deus que quando eu os deixei, eles tinham que medir o ouro e a prata por volume, de tanto que havia dos metais.!" Por causa daquele relato, as pessoas começaram a viajar para Ubulla.

Utba b. Ghazwan começou a acreditar que se permitisse que os soldados ficassem nas cidades que haviam tomado, isso iria torná-los moles, e iriam acostumar-se ao estilo de vida luxuosa dos habitantes

2. Literalmente, "Sobre o quê estás perguntando?" ou "Acerca de quê se interrogam?" – um uso irônico do primeiro versículo da Surata Al Naba.

delas. Ele estava certo de que a resolução deles de seguirem com o *jihad* iria ficar enfraquecido, por isso escreveu uma carta para o Ômar b. al Khattab pedindo a permissão deste para erigir uma cidade-guarnição para os soldados, e descreveu o local que havia escolhido. O califa concordou e, assim, o Utba erigiu a cidade de Al Basra.

Ele estabeleceu os planos para a nova cidade, e a primeira coisa que construiu foi a grande mesquita do burgo. Nada havia de incomum naquilo, pois ele saíra, no seu primeiro *jihad*, pela causa de uma grande mesquita, em Makka. Aí, a ele e aos seus companheiros foi concedida a vitória sobre os inimigos de Deus. Mas eis que agora os seus soldados estavam a competir entre eles quanto a adquirirem propriedades e construírem lares para si mesmos. O Utba mandou construir uma casa para si, mas continuou a viver numa tenda de pano, pois havia tomado uma decisão privativa.

Ele via que o mundo material tinha aberto seus braços aos muçulmanos, em Al Basra, de maneira tal, que fazia com que uma pessoa perdesse todo o sentido do que era. Suas forças, que recentemente haviam achado que o arroz, simplesmente cozido, era a mais deliciosa comida que jamais experimentram, tinham então desenvolvido gostos quanto às guloseimas persas, tais como as caldas, os pastelões cheios de nozes, e os doces.

Então o Utba temia que o mundo material fosse obliterar-lhe a fé, e que a sofreguidão quanto aos prazeres deste vida fosse fazer as pessoas se esquecerem do Outro Mundo. Assim, ele reuniu as pessoas na mesquita e se dirigiu a elas, dizendo:

"Todos vós sabeis que o mundo material irá passar rapidamente, e que ireis passar para um mundo que não perecerá. Devereis ir para lá com o melhor dos vossos feitos. Lembro-me de ser o sétimo de um pequeno grupo de crédulos que estiveram com o Mensageiro de Deus (S). Naquele tempo nada tínhamos para comer a não ser as folhas das árvores, coisa que causava feridas nos nossos lábios e nas nossas bocas. Uma vez eu estava tão necessitado, que cheguei a apanhar do chão um manto que havia sido jogado fora, e rasguei-o pela metade. Fiquei com u'a metade para mim, para usar como tanga, e dei a outra metade para o Saad b. Abi Waccas, que a usou do mesmo jeito.

"Hoje, todos os integrantes daquele nosso pequeno grupo são comandantes em alguma cidade. Portanto eu busco a proteção de Deus quanto ao me tornar grande à minha própria visão, e pequeno aos olhos de Deus."

Então o Utba escolheu uns poucos homens para exercerem o comando da cidade, e despediu-se deles, partindo para Madina. Quando chegou e apresentou-se a Al Faruk, o Utba pediu que fosse excluído de ser o governador de Al Basra. O califa não o excluiu, apesar da insistência dele. Ao invés, ordenou-lhe que voltasse para aquela cidade.

Assim, o Utba cumpriu a ordem do Ômar, mas contra a vontade. Montou em seu camelo, orando:

"Ó Deus, não me faças voltar para lá!"

Ele não havia ido muito longe de Madina, quando a sua oração foi respondida. Seu camelo tropeçou, e ele caiu do animal, morrendo instantaneamente com a queda.

CAPÍTULO 48

Nuaim b. Massud

O Nuaim b. Massud foi o protótipo do que o leitor imagina quando pensa num filho do deserto. Era um jovem perspicaz, sempre alerta, que jamais achava qualquer problema difícil de rosolver, ou situação complicada demais para ser contornada. Sempre achava uma solução ou uma maneira de se sair bem, dum modo que jamais ocorreria a qualquer outro, e isso devido à intuição rápida e brilhante com a qual Deus o havia dotado.

O único porém, é que ele era dado aos prazeres e à dissolução, coisas que ele procurava em Yaçrib, entre os judeus. Sempre que ansiava por um entretenimento amoroso ou por ouvir música, selava seus animais de montaria, saía da sua terra tribal, em Najd, e tocava para Yaçrib. Aí, ele gastava o seu dinheiro nas tavernas dos judeus, que o entretinham prodigamente. Por causa das suas freqüentes viagens a Yaçrib, o Nuaim b. Massud se pôs em bons termos com os judeus que ali viviam, especialmente com os de Banu Curaiza.

Quando Deus abençoou toda a humanidade, enviando o Seu Profeta (S) com a religião da verdade e diretriz, a começar por Makka – que foi a primeira cidade a ouvir a mensagem da retidão –, o Nuaim b. Massud não se encontrava muito longe. Em espírito, contudo, ele estava num outro mundo, num mundo de devaneio e dissipação. Ele rejeitava a mensagem da verdade, por temer que ela se fosse colocar entre ele e os seus prazeres. Não demorou muito para que ele fosse atraído para as fileiras dos mais hostis inimigos do Islam, e portasse uma espada nas guerras contra os muçulmanos.

Na Batalha dos Confederados, entretanto, o Nuaim b. Massud instituiu um novo começo para si, que proporcionou, com suas ações, um novo capítulo para a história da missão do Islam. Esse capítulo iria tornar-se um dos mais assombrosos exemplos de estratégia guerreira, e continua sendo, até hoje, o favorito, por causa do seu planejamento fascinante e do seu astuto herói.

Para entender a estória do Nuaim b. Massud, a pessoa precisa estar a par dos antecedentes dos eventos que se desenrolaram quanto à Batalha dos Confederados. Essa batalha recebeu esse nome por causa dos aliados que foram arrebanhados pelos homens de Banu Nadir, uma tribo de judeus que estavam vivendo em Madina. Os líderes de Banu Nadir deram início a uma campanha secreta, na qual se engajaram, tentando aliciar alidados, e procurando apoio para uma guerra ao Profeta (S) e à religião deste.

Eles foram para Makka, onde incitaram os coraixitas a se prepararem para uma nova campanha contra os muçulmanos, e prometeram que juntariam suas forças às deles, tão logo os coraixitas chegassem a Madina. Todos concuíram o plano, estabelecendo uma data em que os dois exércitos ir-se-iam encontrar.

Então os de Banu Nadir foram a Najd, onde incitaram os de Ghatafan[1] a se juntarem a eles numa guerra contra o Islam e o seu profeta. O plano deles era sobrepujarem os muçulmanos, e porem um completo fim àquela nova religião. Eles afirmaram que já haviam concluído um tratado com os coraixitas, conseguiram chegar a um mesmo acordo com os de Ghatafan e os informaram acerca do encontro.

Então os coraixitas saíram de Mkka com o seu enorme exército de cavalaria e infantaria, liderado por Abu Sufyan b. Háris, e se puseram a marchar em direção a Madina. Do mesmo modo, os de Ghatafan saíram de Najd com toda a sua força combatente, liderada por Uyayna b. Hisn. Na vanguarda das forças dos de Ghatafan estava o herói da nossa estória, o Nuaim b. Massud.

As notícias das forças que avançavam chegaram ao Profeta (S); então ele chamou os Companheiros, e estabeleceu um conselho com eles. Debateram as possíveis corentes de ações em aberto para eles, e decidiram-se por cavarem uma trincheira ao redor da cidade, para estancar o assalto dos Confederados, que eram muito numerosos para que os muçulmanos os encarassem em batalha. Até hoje aquela batalha é conhecida como a Batalha da Trincheira, trincheira essa que foi cavada para retardar o exército invasor.

Logo que os exércitos se proximaram de Madina, os líderes dos Banu Nadir se encontraram com os líderes dos Banu Curaiza, outra tribo judaica que vivia em Madina. Aqueles encorajaram a estes a se unirem às forças que convergiam sobre o Profeta (S), vindas de Nadj e de Makka. A resposta dos de Banu Curaiza foi como se segue:

"Nós achamos o vosso plano muito atraente, e gostaríamos de nos juntar a vós. No entanto, vós sabeis que nós assinamos um tratado de paz

1. Ghatafan – uma grande confederação de árabes que viviam em Najd.

com Mohammad com a cláusula de que mantenhamos relações amigáveis e pacíficas com os muçulmanos, em troca de vivermos em Madina em completa segurança e com liberdade religiosa. A tinta, no documento, ainda não secou. Também tememos que se Mohammad vier a vencer esta guerra, ele nos irá pegar pra valer, e nos extirpará de Madina, em retaliação à nossa traição!"

O líderes dos Banu Nadir não iriam desistir tão facilmente, e persistiram em convencer os de Banu Curaiza a se juntarem ao plano, e quebrarem sua promessa feita a Mohammad (S). Eles fizeram com que aquele ato de traição parecesse coisa certa, e lhes garantiu que a derrota de Mohammad (S) era inevitável, com dois enormes exércitos a caminho, para lhes darem assistência.

Depois de um curto tempo, os de Banu Curaiza enfraqueceram-se em sua postura e, por fim, consentiram em romper o tratado com o Mensageiro de Deus (S). Rasgaram sua cópia do tratado, e anunciaram sua aliança com os Confederados, na sua guerra contra o Profeta (S). Os muçulmanos ficaram atônitos com a notícia.

As forças dos Confederados circundaram a cidade de Madina de tal modo, que nenhum suprimento podia chegar aos citadinos. O Profeta (S) sentia que a sua comunidade havia caído diretamente nas mandíbulas do inimigo. Os coraixitas e os de Ghatafan estavam acampados fora da cidade, e os de Banu Curaiza estavam dentro dela, esperando a oportunidade para atacar. Entre os muçulmanos, uma porção deles revelavam-se formar uma quinta-coluna. Eram os *munaficun* que começaram a dizer entre eles:

"Mohammad estava a nos prometer posses dos tesouros da Pérsia e de Bizâncio, mas olha para nós! estamos num perigo tal, que se um de nós precisar ir fora para fazer suas necessidades, estará arriscando sua vida!"

Em pequenos grupos, começaram a ir ter com o Profeta com a desculpa de que seus filhos estavam em perigo de serem atacados pelos de Banu Curaiza quando a batalha começasse. Com aquela desculpa, muitos abandonaram suas posições de encararem o inimigo, até que umas poucas centenas dos mais sinceros crédulos permaneceram com o Mensageiro de Deus (S).

O cerco já se arrastava por quase vinte dias. A situação era tão desesperadora, que uma noite o Profeta passou em claro, em oração, implorando incessantemente:

"Ó Deus, imploro-Te pelo que nos prometeste!"

Naquela mesma noite, o Nuaim b. Massud estava-se debatendo na cama, como se as suas pálpebras estivessem pregadas, abertas. Sem poder dormir, ele olhava para o céu como se estivesse tentando ver além das estrelas, a meditar. De súbito, ele se viu a cismar:

"Que tolo és, ó Nuaim! Que coisa te trouxe, por todo o caminho desde Najd, a fazer guerra contra esse homem e o seu povo? Tu não o estás combatendo para reaver um direito que te foi usurpado, nem tampouco em defesa da honra de algém. Tu vieste lutar, e nem sequer sabes a razão por quê. Será que faz sentido um homem da tua inteligência encetar uma batalha e ser morto, sem nenhuma razão?

"Quão tolo és! Que te faz levantares tuas armas contra esse homem de retidão, que ordena seus seguidores a praticarem a justiça, a caridade e a generosidade para com os seus parentes? Por que deverias derramar o sangue dos seus companheiros que estão apenas a seguir a diretriz e a verdade que lhes foi apresentada?"

Aquele debate continuou dentro do Nuaim b. Massud, até que chegou a uma conclusão: decidiu-se por uma corrente de ação, determinado a agir de acordo com ela, imediatamente.

Na escuridão, o Nuaim b. Massud saiu sorrateiramente do acampamento do seu povo, e apressou-se em direção ao campo muçulmano, à procura do Mensageiro de Deus (S). Quando o Profeta (S) o viu, exclamou:

"És o Nuaim bin Massud?"

"Sim, sou eu, ó Mensageiro de Deus", ele respondeu.

"O que te trouxe aqui a esta hora da noite?" perguntou o Profeta (S).

"Eu vim para dizer que presto testemunho de que não há outra divindade além de Deus, e que tu és o servo de Deus e o Seu Mensageiro, e que a revelação que trouxeste é verdadeira", ele disse. "Eu aceitei o Islam, ó Mensageiro de Deus, mas o meu povo ainda não sabe disso. Dize-me o que queres que eu faça."

"Se ficares conosco agora", disse o Profeta (S), "irás ser apenas mais um homem, e nada poderás fazer de bom. Volta para o teu povo, e vê se podes encontrar um meio de os desencorajar quanto ao desfecharem a batalha. Guerra é estratégia."

"Concordo, ó Mensageiro de Deus", respondeu o Nuaim, "e acho que obterei algo que te irá agradar, assim queira Deus."

Nuaim foi primeiramente ter com os de Banu Curaiza, que eram velhos associados a ele nos seus dias de devaneio e frivolidade. Disse-lhes:

"Ouvi-me, ó vós dos Banu Curaiza! Vós sabeis que sou amigo de vós, e o quanto me preocupo com o vosso bem-estar."

"Não temos dúvidas quanto a isso", responderam.

"Os coraixitas e os de Ghatafan não estão na mesma situação que vós nesta guerra", ele disse.

"Que queres tu dizer com isso?" perguntaram.

"Esta é a vossa cidade," repondeu o Nuaim. "Vosas propriedades, vossas esposas e vossos filhos estão aqui. Não podeis simplesmente ir embora e deixar a cidade. Mas os coraixitas e os de Ghatafan têm suas casas, propriedades e famílias em outro lugar. Eles vieram aqui para fazer guerra contra Mohammad, incitaram-vos a violardes o vosso tratado com ele, e concordastes. Se eles tiverem sucesso na batalha contra ele, sair-se-ão beneficiados, mas se fracassarem em derrotá-lo, voltarão a salvos para os seus lares, deixando-vos aqui a sofrerdes a pior espécie de retaliação. Vós sabeis que não tendes força contra os muçulmanos, caso tenhais que os enfrentar a sós, sem ajuda externa."

"Que achas que devamos fazer?" perguntaram.

"Vós deveis concordar em lutar, apenas se tomardes um punhado dos seus líderes e reterde-los como reféns. Desse modo podereis assegurar-vos de que eles irão lutar até que obtenham a vitória, ou morrer, até ao último homem", aconselhou o Nuaim.

"Tua idéia é um conselho salutar!", responderam.

Depois o Nuaim foi ter com os coraixitas, procurou pelo Abu Sufyan b. Háris e seus associados, e se dirigiu a eles, dizendo:

"Ouvi-me, povo do Coraix! Vós sabeis o quanto eu sou afeiçoado a vós, e o quão inimigo eu sou de Mohammad. Eu tenho ouvido algumas informações, e acho melhor que as compartilhe convosco. Estou a fazer isto no vosso melhor interesse, mas com a condição de que o mantenhais em segredo, e não divulgueis o fato de que fui eu quem vô-lo contou."

"Podes confiar em nós quanto a isso", responderam.

"Os de Banu Curaiza se arrependeram da sua hostilidade contra Mohammad, e lhe enviaram uma mensagem, dizendo:

"'Nós lamentamos o que fizemos, e decidimos voltar ao nosso tratado de paz e amizade contigo. Será que irás ficar satisfeito se seguirmos este plano? É o seguinte: nós podemos pegar um grande número de nobres do Coraix e dos de Ghatafan, e entregá-los a ti para que tu possas executá-los. Depois poderemos juntar-nos a ti, na batalha, para que possas pôr um fim a eles.'

"E Mohammad concordou com o plano. Portanto, se os judeus vos enviarem uma petição para que lhes estregueis um punhado dos vossos homens como reféns, não lhes entregueis nenhum."

"Que excelente aliado és, ó Nuaim!" exclamou o Abu Sufyan. "Que te seja concedida a melhor das recompensas!"

Depois Nuaim deixou o Abu Sufyan e foi ter com os de Ghatafan. Ele lhes contou a mesma coisa que tinha contado ao Abu Sufyan, e lhes deu o mesmo conselho e aviso.

O Abu sufyan queria testar a lealdade dos de Banu Curaiza, então enviou seu filho a eles, e o instruíu a dizer:

"Meu pai vos envia suas saudações, e diz:

"'Nosso cerco a Mohammad já se está alongando demsiadamente, e estamos entediados. Nós decidimos atacar Mohammad amanhã, e acabar com ele em batalha'. Então meu pai me está enviando para pedir que vos junteis a ele no assalto, amanhã.

"Hoje é *sabbath* (sábado), e não nos é permitido fazermos nada neste dia. Além disso, não iremos lutar até que nos dêem setenta dos vossos nobres e dos de Ghatafan como reféns. Nós tememos que se a batalha se tornar muito áspera para vós, ireis fugir para as vossas terras, dixando que lidemos com Mohammad por nós mesmos, e vós sabeis que não podemos com ele", foi a resposta que os judeus deram.

Então o filho do Abu Sufyan voltou para o Coraix e lhes contou o que havia tanspirado entre ele e os de Banu Curaiza. Os coraixitas explodiram:

"Filhos de macacos e de porcos! Juramos que se eles pedissem apenas uma ovelha como refém, não a entregaríamos a eles!"

A estretégia do Nuyam conseguiu semear a desunião e a discórdia entre os confederados. Em adição, Deus enviou um vento feroz sobre os de Banu Coraix e seus aliados. Foi um vento tão destruidor, que levou embora as tendas deles, entornou suas panelas de comida, apagou suas fogueiras, enchendo-lhes os olhos de areia. Viram-se forçados a evacuar seus acampamentos, e seguiram viagem na escuridão da noite.

Quando chegou a manhã e os muçulmanos acordaram vendo que os inimigos haviam abandonado o cerco, saíram pela cidade, gritando, de júbilo:

"Louvado seja Deus Que ajudou os Seus servos! Deu fortidão ao Seu exército, e derrotou, Sozinho, os confederados!"

Daquele dia em diante, o Nuaim b. Massud ficou sendo um amigo de confiança do Profeta (S), que lhe designou compromissos de

responsabilidade. Nuaim era confiável para aceitar aqueles compromissos, e era um dos portadores de estandartes.

No dia em que Makka foi pacificamente retomada pelos muçulmanos, o Abu Sufyan estava a observar as forças que chegavam. Quando viu um homem carregando o estandarte dos de Ghatafan, perguntou quem era, e lhe foi dito que se tratava do Nuaim b. Massud, ao que ele exclamou:

"Que golpe maléfico ele nos aplicou na Batalha da Trincheira! Ele costumava ser um dos mais hostis inimigos de Mohammad, e ei-lo agora, na frente dele, portando o estandarte do seu povo, e lutando contra nós, como um dos aliados dele!"

CAPÍTULO 49

Khabbab b. al Arat

"*Que Deus tenha misericórdia de Khabbab; ele abraçou o Islam com todo o seu coração, realizou a Égira espontaneamente, e viveu a vida como um* ***mujahid***."

(Áli b. Abi Tálib)

A Umm Anmar, procedente do clã dos Khuzá, vagava pelo mercado de escravos de Makka, pois desejava comprar um rapaz que a iria servir e lhe trazer um pouco de lucro, com o seu trabalho. Cuidadosamente ela escrutava os rostos dos escravos que estavam à venda, e, por fim, decidiu-se por um rapaz que ainda não tinha chegado à puberdade. Parecia ser a melhor escolha, pois ele estava estourando de boa saúde, e parecia ser inteligente. Pagando por ele, ela o levou para sua casa. Enquanto estavam caminhando, ela perguntou:

"Qual o teu nome, filho?"

"Khabbab."

"Qual o nome do teu pai?"

"Al Arat."

"De onde és?"

"De Najd."

"Então és árabe!" ela exclamou.

"Sim, eu procedo dos Banu Tamim", ele respondeu.

"E como vieste cair nas mãos dos mercadores de escravos?" ela perguntou.

"Nossas terras tribais foram invadidas por uma tribo beduína; eles pegaram os nossos animais domésticos, raptaram as mulheres, e vanderam as crianças como escravas. Eu era uma das crianças, e fui vendido e revendido, até que acabei na tua posse, aqui em Makka.

A Umm Anmar mandou o seu novo escravo para a oficina de um ferreiro, em Makka, para que ele pudesse aprender o ofício dele, que era

o de fazer espadas. Bem logo ele se tornou tão perito em fazer espadas, que se igualava ao seu professor. Após ele se tornar um pouco mais velho e forte, a Umm Anmar comprou uma oficina e todas as ferramentas necessárias pera o novo ofício do Khabbab, e o pôs a trabalhar na frágua. Ele teve sucesso, e a Umm Anmar começou a colher os frutos financeiros da confecção de espadas do rapaz. Ele se tornou famoso em Makka, sendo que as pessoas apinhavam a sua oficina, não apenas por causa da suas espadas lindamente feitas, mas porque ele era confiável, e honesto nos tratos comerciais.

Embora o Khabbab fosse ainda um tanto jovem, possuía a inteligência e maturidade de um homem na sua planitude, e a sabedoria de um encanecido. Quando o seu período de trabalho terminava, sentava-se, só, e refletia sobre a sociedade em que vivia. Era uma sociedade de *al jahiliya*, embebida em decadência e corrupção. Ficava consternado com a cega ignorância daquele desnortedo povo, e não podia esquecer-se de que a sua escravização tinha sido o resultado da anarquia que dominava a Arábia daquele tempo. Dizia consigo memsmo:

"Esta longa noite deverá ter fim!" e esperava que fosse viver bastante para testemunhar o nascimento de uma nova era.

Na realidade, o Khabbab não teve que esperar muito tempo, pois logo ouviu a notícia de que um raio de esperança aparecera no horizonte. Tratava-se da notícia de que um jovem do clã dos Banu Háchim, chamado Mohammad b. Abdullah, estava a conclamar o povo para algo novo. Khabbab o procurou, na primeira oportunidade, e ouviu o que ele estava pregando. Ele ficou pAsmádo pela beleza e verdade da Divina mensagem, e estendeu a mão para o Profeta (S), em declaração do testemunho de fé, dizendo:

"Presto testemunho de que não há outra divindade além de Deus, e que Mohammad é o Seu servo e Mensageiro."

Ele foi o sexto indivíduo a aceitar o Islam, e foi dito dele, mais tarde, que, por um período de tempo, ele constituía um sexto da comunidade do Islam.

Khabbab não fez segredo quanto à sua conversão ao Islam, e a Umm Anmar foi a primeira pessoa a saber daquilo. Ela se encheu de fúria, e mandou chamar o seu irmão, o Siba b. Abd al Uzza. Seguido por uns membros do clã dos Khuza'a, foram para a oficina, onde encontraram o Khabbab absorto em seu trabalho. Siba o confrontou, dizendo:

"Ouvimos uma coisa inacreditável sobre ti!"

"Que foi?" perguntou o Khabbab.

"Todos estão a dizer que te tornaste herético, e que passaste a acreditar naquele rapaz[1] dos Banu Háchim!"

"Eu não me tornei herético, mas passei a crer no Deus Único, sem ninguém a se associar a Ele. Pus de lado a crença nos vossos ídolos, e prestei testemunho de que Mohammad é o servo e Mensageiro de Deus."

Logo que o Khabbab acabou de dizer aquilo, o Siba e sua turma pegaram o jovem, bateram nele, chutaram-no, e arremesaram as ferramentas contra ele, até que ele perdeu a consciência, e ficou estendido no chão a sangrar.

Logo todos da cidade de Makka ouviram dizer da conversão do Khabbab. Como um relâmpago, a notícia de como um mero escravo havia desafiado sua própria ama se espalhou; era a primeira vez que alguém se havia adiantado, declarando, intrépida e abertamente, que tinha aceitado a religião pregada por Mohammad (S).

Até os chefes do Coraix ficaram abalados pela notícia sobre Khabbab. Estava além das mais desenfreadas imaginações deles o fato de que um ferreiro, que era apenas um escravo pertencente à Umm Anmar, sem parentes para o protegerem, nem tribo para lhe dar abrigo, pudesse ser tão arrojado ao ponto de desafiar a autoridade dela, e tratar com desprezo os ídolos e o culto dos ancestrais dela. Eles estavam certos de que um evento tal podia ter conseqüências abrangentes. E eles não estavam errados, porque a coragem de Khabbab fez com que um grande número dos seus companheiros anunciasse sua crença na mensagem da verdade.

Os líderes do Coraix se reuniram na Caaba, liderados por Abu Sufyan b. Háris, Al Walid b. al Mughira, e Abu Jahl b. Hicham. Discutiram a questão sobre Mohammad, e concordaram com que ela se estava tornando séria, num curto espaço de tempo, e não havia um fim visível. Concordaram em lidar com o problema, e pôr um fim ao Islam, antes que este se disseminasse pela sociedade, e por fazerem com que cada tribo fosse responsável pelos seus membros que se convertessem. Essa tribo deveria perseguir os convertidos, até que estes ou abjurassem suas crenças, ou morressem. Certamente, o mister de perseguir o Khabbab foi para o lado do Abd al Uzza e do seu bando de desordeiros. O método de o torturarem era esperarem até ao meio-dia, quando o calor do sol era tão intenso, que podia atear fogo à relva. Então eles levavam o Khabbab para uma clareira, despiam-no, e o vestiam com uma armadura.

1. Rapaz – desrespeito ao Profeta (S) que, naquela altura, tinha 40 anos.

Deixavam-no ao calor, até que estivesse quase a morrer de sede, e então o interrogavam:

"Que dizes acerca de Mohammad, agora?"

"Digo que ele é o servo de Deus e o Seu Mensageiro, e que nos trouxe a religião da diretriz e da verdade, para nos tirar das trevas e nos levar para a luz."

Batiam nele de modo brutal, antes de lhe perguntarem:

"E que tens a dizer sobre Al Lat e Al Uzza[2]?"

"São dois ídolos surdos e mudos, incapazes de causar mal e fazer o bem", era a sua resposta. Então eles pegavam pedras de enxofre que haviam sido aquecidas numa fogueira, e as pertavam contra as costas dele, até que suas costas e seus ombros ficassem em carne viva.

A Ummu Ammar não ficava atrás do seu irmão, quanto à crueldade contra o Khabbab. Um dia, ela viu o Mensageiro de Deus (S) passando pela oficina dela, e o viu parar e conversar com o rapaz. Com aquilo, sua fúria não teve limites, e fez do ato de pegar uma barra de metal ao rubro e o marcar na cabeça, sua prática diária. Conforme a carne dele se dilacerava e ele caía ao chão, desmaiando, ele orava em voz alta para que Deus Se vingasse dela e do Siba.

Quando o Profeta (S) anunciou aos seus companheiros a decisão de permitir que emigrassem para Madina, o Khabbab começou a se preparar para juntar-se aos crédulos, naquela hégira. Antes de deixar Makka, entretanto, ele soube que Deus havia respondido as suas orações, e repagado a Umm Anmar por sua crueldade. Ela começou a sentir dores de cabeça, de cujas agudezas jamais se ouvira falar. Eram tão agudas, que os berros dela, por causa da dor, pareciam os uivos de um cão. O filho dela começou a levá-la de um médico a outro, na busca da cura, e foi-lhe dito que a única cura para ela seria a cauterização da sua cabeça, e que a dor do rubro metal queimente iria fazer com que esquecesse as dores de cabeça.

Quando o Khabbab estava finalmente a salvo, em Madina, foi capaz de desfrutar do descanso que lhe havia sido negado por tanto tempo. Foi capaz de desfrutar da companhia do Profeta (S), sem passar por qualquer contrariedade que pudesse dilapidar a sua felicidade. Sob o estandarte do Profeta (S), o Khabbab lutou na batalha de Badr. Na batalha de Uhud,

---

2. Al Lat e Al Uzza – dois dos ídolos de Makka. Al Lat era uma pedra assentada no velho túmulo de um homem chamado Al Lat; e Al Uzza era uma árvore dedicada ao planeta Vênus.

Deus permitiu que ele testemunhasse a morte do seu atormentador, o Siba, a lutar contra o Hamza b. Abdul Muttalib, o "leão de Deus". Ele viveu o bastante para testemunhar as lideranças dos quatro califas[3] de contdutas retas, que, de acordo com ele, mereciam toda a honra e todo o respeito.

Um dia, o Khabbab entrou na assembléia de Ômar b. al Khattab, que era califa na ocasião, e que teve óbvia pressa em fazer com que se sentasse no melhor lugar, dizendo:

"Somente o Bilal seria merecedor desse lugar." Ômar quis saber dele qual havia sido a pior parte da perseguição nas mãos dos pagãos. Por timidez, o Khabbab não quis em princípio responder. Quando o Ômar se tornou insistente, Khabbab tirou o manto das costas e mostrou para o Ômar o quão desfigurado estava. Ômar recuou espantado, e perguntou:

"Como isso aconteceu a ti?"

Khabbab respondeu:

"Os pagãos faziam uma fogueira e esperavam até que as madeiras se queimassem todas e só restassem as brasas; depois me despiam e me arrastavam para lá e para cá sobre o braseiro, até que minha carne se destacasse dos meus ossos, e o fogo fosse apagado pelo líquido que saía dos meus ferimentos."

No último período da sua vida, o Khabbab se tornou rico, após ter passado uma vida inteira de pobreza. Veio a possuir ouro e prata, em quantidades que ele jamais sonhara ter. De como ele dispunha do seu dinheiro, era algo que ninguém jamais imaginara. Ele guardava suas moedas e numismas num local da sua casa que era conhecido dos pobres e indigentes. Ele não tinha o dinheiro guardado ou trancafiado, sendo que as pessoas iam a sua casa e se serviam do que precisassem. Ele nem mesmo esperava que elas pedissem permissão. A despeito de toda aquela liberalidade, o Khabbab ainda temia que a sua riqueza o afastasse da recompensa da Vida Futura, e que fosse motivo para ele ser punido.

Alguns dos seus companheiros foram ao seu quarto, quando ele estava no seu leito de morte, e ele lhes disse:

"Há oito mil dirhams ali (e ele apontou); eles não estão escondidos, e sabei que eu nunca decepcionei ninguém que me pedisse dinheiro", e então começou a chorar.

"Que é que te faz chorar, ó Khabbab?" perguntaram-lhe.

3. Califas de conduta reta (*al khulafa al rashidun*) – os que foram os líderes da comunidade muçulmana após à morte do Profeta (SAAS): Abu Bakr, Ômar b. al Khattab, Otman b. Affan, e Áli b. Abi Tálib.

"Estou chorando porque meus companheiros que já morreram seguiram seus caminhos sem receberem qualquer recompensa nesta vida terrena. Eu adquiri esta riqueza e tenho vivido dela, e temo que esta seja a minha recompensa, que estive a receber pelos meus feitos, sem nada para mim, na Vida Futura!"

Quando o Khabbab passou desta vida para a Futura, o califa Áli b. Abi Tálib se postou no túmulo do Companheiro, e disse:

"Que Deus tenha misericórdia de Khabbab; ele abraçou o Islam com todo o seu coração, realizou a hégira espontaneamente, e viveu sua vida como um *mujahid*. Deus nunca irá reduzir a recompensa a alguém que praticou tantos feitos de retidão!"

CAPÍTULO 50

Al Rabi b. Ziad al Hárici

"*Desde o tempo em que me tornei califa, ninguém me disse a verdade tão francamente como Al Rabi bin Ziad*."
(Ômar b. al Khattab)

A cidade de Madina ainda não tinha secado suas lágrimas pelo passamento do primeiro califa, Abu Bakr al Siddik, e as delegações de todas as províncias do Estado Muçulmano começaram a aí chegar. Os delegados iam declarar a sua fidelidade ao novo califa Ômar b. al Khattab, e jurar obedecê-lo no melhor ou no pior.

Numa manhã, o Ômar b. al Khattab recebeu a recém-chegada delegação procedente de Bahrain, juntamente com outras. Ômar considerava uma das suas prioridades prestar bem atenção ao que as delegações tinham a lhe dizer. Nunca se sabia (no caso dele) quando a pessoa iria aprender uma importante lição, uma idéia útil, ou um bocado de conselho religioso, o que iria beneficiar a todos os muçulnos.

Ômar escolheu um membro das pessoas presentes na assembléia, para que se apresentasse e dissesse alguma coisa, mas achou que ninguém tinha nada de importante para dizer. Então voltou-se para um homem que parecia ser um sujeito meritório, e lhe pediu que fosse para a frente e dissesse o que lhe ia pela mente. O homem principiou por expressar louvores e glorificações a Deus, depois continuou:

"Comandante do crentes, a autoridade quanto à comunidade muçulmana, que te foi outorgada, é um teste que o Todo-Poderoso Deus está a infligir sobre ti. Assim sendo, teme a Deus no tocante aos assuntos sobre os quais Deus te deu autoridade. Deves saber que se uma ovelha for perdida, mesmo que seja tão longe quanto as margens do Eufrates, tu irás ser tido como responsável, no Dia do Julgamento!"

Os olhos do Ômar se encheram de lágrimas, e ele disse:

"Desde o tempo em que me tornei califa até agora, tu é a primeira pessoa a falar a verdade para mim, com toda a franqueza. Quem és tu?"

"Eu sou Al Rabi b. Ziad."

"O irmão do Al Muhajir b. Ziad?"

"Sim."

Quando a assembléia fois dispersada, o Ômar b. al Khattab chamou o Abu Musa al Ach'ari, e lhe disse:

"Tu irás investigar o passado de Al RAbi b. Ziad. Se ele for fidedigno como parece ser – então é uma pessoa de grande valia –, poderá ser de grande ajuda para nós nos assuntos de Estado. Designa-lhe uma posição, e mantém-me informado sobre ele."

Algum tempo depois daquilo, o Abu Musa al Ashari preparou uma força para uma expedição a Manadhir, na região de Al Ahwaz, em cumprimento às ordens do califa. Ele incluiu no exército a Al Rabi b. Ziad e ao seu irmão, Al Muhajir.

Abu Musa al Ashari estabeleceu o cerco à cidade de Munadhir, e colidiu com o inimigo em batalhas que estiveram entre as mais ferozes registradas pela história. Os pagãos demonstraram ferocidades e tenacidades que estavam além da expectativa de qualquer um; como resultado, os muçulmanos tiveram uma inesperada perda de vidas. Para aumentar aquela dificuldade os muçulmanos estavam a batalhar enquanto observavam o jejum de Ramadan.

Quando Al Muhajir, o irmão de Al Rabi b. Ziad, viu quão mal a batalha estava indo para os muçulmanos, decidiu sacrificar-se, em batalha, para adquirir o aprazimento de Deus. Esfregou-se todo com perfumes aromáticos, enrolou-se numa mortalha, e fez o seu testamento perante o seu irmão. Al Rabi foi ter com o Abu Musa, e lhe disse:

"Meu irmão está disposto a se sacrificar enquanto está a jejuar. Todos os muçulmanos estão sobrecarregados com a luta e com o jejum, tanto que se estão enfraquecendo, mas se recusam a finalizar o jejum. Tu deves usar o teu julgamento para tratar do caso."

Então o Abu Musa foi para a frente, e se dirigiu ao exército:

"Muçulmanos, ouvi-me! Todo aquele que está jejuando deve escolher uma de duas coisas: ou deve acabar com o jejum, ou deve retirar-se da batalha." Então o Abu Musa tomou um gole do cântaro de água que trazia consigo, para que os outros o vissem e se encorajassem a beber também. Quando Al Muhajir ouviu o que Abu Musa disse, ele, também, tomou um gole de água, e disse:

"Por Deus, que não bebi por sentir sede, mas apenas para cumprir fidelidade ao meu comandante."

Depois ele puxou da espada, e desferiu cargas na fileiras do inimigo, duelando e derrotando os que estavam ao redor dele, sem medo nem hesitação. Contudo, quando se encontrava bastante embrenhado nas fileiras deles, eles o rodearam, e logo foi atacado de todas as direções e, em instantes, foi todo retalhado pelas espadas deles. Então eles lhe deceparam a cabeça, e a ergueram numa estaca, num local bem alto, que focalizava o campo de batalha. Al Rabi viu aquilo, e disse:

"Oh, quão afortunado e abençoado és, e que lindo lugar é esse para o qual foste! Juro por Deus que hei de executar a vingança por ti e por todos os muçulmanos mortos, assim queira Deus!"

Quando o Abu Musa viu o quanto enfurecido estava Al Rabi pela morte do irmão, e como aquilo lhe havia avivado a ira contra os inimigos de Deus, ele deixou o comando do exército e o passou para Al Rabi, e partiu para Susa a fim de liderar os contingentes que lá estavam.

Al Rabi conduziu o exército a um assalto à posição dos inimigos; aqueles caíram sobre estes feitos matacões numa avalanche, desfechando suas forças num completo pandemônio. Deus concedeu a vitória a Al Rabi, em Manadhir, por causa da sua eficácia, sendo que os muçulmanos infligiram muitas perdas aos inimigos, fazendo incontáveis prisioneiros e se apossando de grandes despojos.

Al Rabi adquiriu renome por causa da sua *performance* em Manazir; sua reputação como um brilhante comandante se espalhou para longe, sendo que todos esperavam que ele trouxesse mais sucessos para o Islam. Quando os muçulmanos decidiram movimentar suas forças para o Sujistão, deram o comando a ele, na esperança de mais uma vez conseguirem a vitória, sob o seu comando.

Al Rabi b. Ziad conduziu o seu exército conquistador através do Sujistão, numa trilha de vitórias que se estendia por setenta e cinco *farsakh*[1]. Os mais ferozes leões e lobos do deserto não podiam nem mesmo cruzar aquelas trilhas fortificadas. Seu primeiro obstáculo foi Rustak Zalig[2], uma cidade na fronteira com o Sujistão. Aí havia portentosos palácios rodeados por inexpugnáveis fortificações. A zona rural que rodeava a cidade era rica e fértil.

O expedito comandante pôs-se a contemplar Rustak Zalig[3] de longe. Ele sabia que os habitantes da cidade deveriam passar por um dos seus

1. Farsakh – uma unidade de comprimento (cerca de três quilômetros e meio).

2. Rustaq – uma cidade fortificada.

3. As pessoas comuns, no império sassânida, viviam uma vida de virtual escravização sob a classe governamental.

festivais, assim decidiu esperar. Na noite anterior ao festival, quando todos estavam ocupados com as preparações, ele fez um ataque de surpresa à cidade, a qual ele tomou impetuosa e eficazmente. Fez, ainda, vinte mil cativos, sendo, um deles, o governador da região. Outro cativo era um dos escravos do governador, que portava trinta mil dinares em ouro, os quais estava a levar para o seu amo. Quando Al Rabi lhe perguntou de onde vinha o ouro, ele respondeu que era o provento produzido por um dos vilarejos do governador[3]. Atônito, Al Rabi perguntou:

"E apenas um vilarejo lhe dá tanto lucro assim todos os anos?"

"Sim", respondeu o escravo.

"Como?" perguntou Al Rabi.

"Com as nossas enxadas, nossas foices e o nosso suor", respondeu o escravo.

Quando a batalha terminou, o governador capturado requereu uma audiência com Al Rabi, e perguntou a este se permitia que se resgatasse, a ele e a sua família. Al Rabi respondeu:

"Dar-te-ei a liberdade se deres para os muçulmanos uma generosa compensação."

"E de quanto iria ser?" perguntou o governador.

"Estás vendo aquela lança fincada no chão?" disse Al Rabi. "Deverás cobri-la por inteiro com ouro e com prata."

"Consentido", respondeu o governador. Então ele tirou do seus tesouros abarrotados tanto ouro e tanta prata, que a pilha que os metais formaram escondeu a lança verticalmente fincada.

Al Rabi levou suas forças bem dentro do Sujistão, sendo que as fortalezas caíam em suas mãos como se fossem folhas de outono sob os cascos da sua cavalaria. Os povos das cidades o recebiam pacificamente, e estabeleciam termos com ele, sem sequer levantarem uma espada. Por fim ele chegou a Zaranj, a capital do Sujistão. Aí ele constatou que o inimigo havia juntado suas forças, tinham-se organizado e coletado armas para lutarem contra ele. Haviam ainda conseguido reforços junto aos países fronteiriços, e juravam defender a cidade, e pôr um paradeiro ao avanço muçulmano rumo ao Sujistão, a qualquer custo.

A batalha teve começo, tornando-se esmagadora feita uma pedra de moinho. Nenhum dos dois lados poupou esforços ou sacrifícios, sendo que as casualidades foram pesadas para ambos os lados. Quando começou a parecer que os muçulmanos iriam obter a vitória, o líder das forças

inimigas, o Purviz, decidiu por solicitar a paz junto a Al Rabi. Ele esperava que, enquanto ainda dispunha de alguma força, pudesse chegar a bons termos. Ele enviou uma mensagem a Al Rabi, pedindo-lhe que estabelecesse uma hora para o encontrar e negociar um assentamento, e Al Rabi concordou.

Al Rabi ordenou aos seus homens que preparassem um local em que pudesse receber o Purviz. Em torno da área da assembléia, ele fez com seus homens empilhassem os corpos dos persas que haviam sido mortos na batalha; e nos lados do caminho que ia dar ao local da assembléia, ele fez com que mais corpos fossem espalhados.

Al Rabi era um moreno trigueiro, com porte atarracado e enorme, que causava perturbação no ânimo de quem o via. Quando o Purviz adentrou a assembléia, ficou visivelmente assustado com ele, e tão horrorizado à visão dos corpos, que foi incapaz de se aproximar de Al Rabi para lhe apertar a mão. Ele gaguejou ao se dirigir ao comandante muçulmano, e se ofereceu a fazer as pazes com ele, e dar-lhe mil escravos, cada um portando uma xícara cheia de pedaços de ouro. Al Rabi concordou com a oferta e ordenou um fim a todas as hostilidades. No dia seguinte, Al Rabi entrou na cidade numa procissão triunfante, flanqueado pelos escravos, enquanto o ar se enchia com os gritos de:

"*La ilaha illa Allah*! *Allahu akbar*"

Aquele foi um dia histórico para os muçulmanos e para o Islam.

Al Rabi continuou o seu papel de constituir-se numa espada nas mãos dos muçulmanos, ao enfrentar seus inimigos. Tomou também outras cidades, e serviu como governador em inúmeras províncias, até ao tempo do controle omíada5 do Estado Muçulmano. O Muawiya deu-lhe a tarefa de governar Khurasan. No entanto aquela designação não o agradou. O que tornou a tarefa difícil para ele tolerar foi uma carta que recebeu de Ziad b. Abih, uma das autoridades do governo omíada; nela se lia:

"O Emir do Crentes, Muawiya b. Abu Sufyan, ordena-te que economizes todo ouro e toda prata que apreendeste no tempo de guerra, e os envies para o tesouro. Se houver alguma coisa sobrando, poderás dividir entre os *mujahidun*."

Al Rabi escreveu, em resposta:

"Penso que o Livro de Deus ordena uma coisa diferente daquela que me ordenas fazer em prol do Emir dos Crentes."

Então ele conclamou as pessoas a irem apanhar os seus justos quinhões dos despojos, e separou um quinto, que era o quinhão, por direito, do tesouro, e o enviou para Damasco.

Na sexta-feira após Al Rabi ter recebido a carta, foi para a oração com vestes brancas, pronunciou o sermão da Sexta-feira, e depois disse:

"Ouvi-me, ó povo! Vou fazer uma súplica, e vos peço que digais Amém a ela. Ó Deus, se queres o bem para mim, leva minha alma para Ti, sem demora!"

"Amém!" responderam as pessoas.

Antes que o sol se pusesse, naquele dia, Al Rabi b. Ziad teve o seu passamento para se encontrar com o seu Senhor.

CAPÍTULO 51

Abdullah b. Salam

"*Se alguém quiser olhar para um dos habitantes do Paraíso, que olhe para o Abdullah bin Salman*."
(dizer do povo de Madina)

Al Hushayn b. Salam[1] era um dos eruditos, dentre os judeus que viviam em Yaçrib. As pessoas da cidade, todas tinham o maior respeito por ele. Cada um, não importando que religião tivesse, tratava-o com honrarias. Possuía uma elevada reputação por sua religiosidade, virtuosidade e retidão de caráter.

Al Hushayn vivia uma vida tranquila e pacífica, que era ao mesmo tempo circunspecta e cheia de propósitos. Dividia o seu tempo, por igual, em três atividades separadas: cultuação e pregação na sinagoga, trabalho nas suas tamareiras – irrigando e cultivando suas árvores –, e estudo da Tora para intensificar a sua erudição.

Sempre que Al Hushayn lia a Tora, passava longo tempo a refletir sobre as passagens que preconizavam o surgimento, em Makka, de um profeta que iria completar as mensagens de todos os profetas que tinham surgido antes dele, e que iria ser o selo dos profetas.

Al Hushayn procurava por obter detalhes concernentes ao esperado profeta: como ele seria, como poderia ser reconhecido, e por outros sinais. Ele tremia de júbilo ao ler que esse profeta iria deixar a cidade em que recebesse o chamamento, e iria emigrar para Yaçrib, onde constituiria o seu novo lar. Toda a vez que Al Hushayn relia aquilo ou pensava sobre aquilo, orava para que Deus o fizesse viver um tempo suficiente para ver o esperado profeta, ter o prazer de encontar-se com ele, e ser um dos primeiros a declarar a sua crença nele.

Foi da vontade de Deus satisfazer a oração de Al Hushayn e permitir que ele vivesse até a uma idade avançada, e ir mesmo além da vida do

1. Al Hushayn – com um S enfático (não é para ser confundido com o neto do Profeta {S}). Esse nome significa "pequena raposa", e é pejorativo.

Profeta (S). Teve a felicidade de encontrar-se com ele e passar um bom tempo aprendendo com ele; e acreditou na revelação que havia sido enviada ao Profeta (S). Iremos permitir que Al Hushayn conte a sua própria estória, como se tornou muçulmano, pois os seus detalhes constituem a mais acurada reflexão do que estava a sentir.

A história de Al Hushayn

Quando ouvi pela primeira vez as estórias do surgimento de um profeta, procurei me aprofundar na informação sobre o seu nome, sua genealogia, suas características, e onde e como ele havia começado a conclamar os outros para a crença. Pus-me a meditar sobre o que havia ouvido sobre ele, em comparação com o que estava assentado nas nossas escrituras, até que me certifiquei de que se tratava de um autêntico profeta. Guardei aquela constatação para mim mesmo, e não a compartilhei com outros rabinos e eruditos.

Chegou o dia em que o Profeta (S) deixou Makka, dirigindo-se para Madina. Quando chegou à cidade e terminou sua viagem em Cubá[2], um homem percorreu a cidade anunciando a chegada do Profeta (S). Naquele momento, eu estava no topo duma tamareira, a cuidar dela, e minha tia Khalidah b. al Háris estava sentada sob a árvore. Quando ouvi a notícia, eu exclamei:

"*Allahu akbar! Allahu akbar!*"

Ao ouvir aquilo, minha tia disse:

"Como me desapontas! Por Deus, se fosse o próprio Profeta Moisés, vindo a nós, não ficarias mais excitado!"

"Olha, tia, juro por Deus que ele é o irmão de Moisés, trazendo-nos a mesma religião e pregando as mesmas crenças", respondi.

Ela ficou em silêncio por uns momentos, antes de dizer:

"Será ele aquele de quem nos tens falado, aquele que seria enviado para corroborar o que havia sido ensinado antes dele, como uma complementação das mensagens do seu Senhor?"

"Sim, é ele", disse eu.

"Que assim seja", ela consentiu.

Imediatamente eu foi à procura do Mensageiro de Deus (S), e vi que as pessoas se acotovelavam para conseguirem chegar à porta dele. Então eu me espremi entre as pessoas, até que cheghei perto dele. A primeira coisa que o ouvi dizer foi:

---

2. Cubá – um vilarejo que fica a pouco mais de um quilômetro e meio de Madina.

"Ó gente, saudai-vos uns aos outros com a saudação de 'paz' e alimentai os famintos; dizei as orações à noite, quando os outros estiverem dormindo, e tereis a certeza de que entrareis na Paraíso!"

Eu o perscrutava, até que fiquei satisfeito, e constatei que equele não era o rosto de um inverossímil. Aproximei-me ainda mais dele, e pronunciei a declaração de fé de não há deus a não ser Deus, e que Mohammad é o Seu Mensageiro.

Ele se voltou para mim, e perguntou:

"Qual o teu nome?"

"Al Hushayn bin Salam", respondi.

"Não, teu nome irá ser Abdullah bin Salman", disse o Profeta (S).

"Sim, Abdullah bin Salam", respondi."Juro por Aquele Que te enviou com a verdade que não pretendo usar outro nome, deste dia em diante." Depois eu deixei o Mensageiro de Deus (S) e fui para casa. Aí eu conclamei a minha esposa aos meus filhos e parentes a crerem no Islam, e todos se tornaram muçulmanos, até minha tia Khalidah, que já era un tanto idosa. Então lhes pedi que mantivessem a nossa conversa segredada dos outros judeus, até que eu lhes dissesse que era chegada a hora. Todos consentiram com aquilo.

Então eu voltei a ter com o Profeta (S), e lhe disse:

"Mensageiro de Deus, muitas pessoas do meu povo preferem as mentiras à verdade. Todavia, eu quero que chames os seus líderes, e que me escondas deles num dos teus quartos. Pergunta-lhes qual a sua opinião sobre o meu caráter, sem os informares que me tornei muçulmano. Depois convida-os a aceitarem o Islam. Se viessem a saber que me tornei muçulmano, eles me iriam criticar, acusar-me de ter todos os defeitos, e difamar-me."

Assim, o Mensageiro de Deus (S) me colocou num dos seus quartos, chamou-os e os convidou a se juntarem ao Islam. Ele tentou fazer com que a fé se lhes tornasse atraente, e lembrou-lhes de que as escrituras deles continham profecias da sua vinda. Eles passaram a usar de argumentos capciosos para fazerem com que a verdade parecesse falsidade, e continuaram a fazer aquilo, até que ele se desalentou da aceitação deles quanto à fé. Naquele ponto, ele lhes perguntou:

"Qual é a vossa avaliação quanto a Al Hushayn bin Salam?"

"É um dos nossos chefes, e filho de um chefe. É um erudito eminente e filho de um erudito eminente", responderam.

"Achais que se ele aceitasse o Islam, vós iríeis também aceitá-lo?" ele perguntou.

"Deus o livre!" exclamaram. "Ele jamais iria fazer isso! Que Deus o proteja quanto a isso!"

Então eu saí de onde estava escondido, e me dirigi a eles:

"Ó povo meu, temei a Deus, e aceitai o que Mohammad vos trouxe. Juro pelo Senhor, que sabeis que ele é o Mensageiro de Deus; e podeis encontrar o seu nome e sua descrição nas cópias da Tora de que estais de posse. Eu presto testemunho de que ele é o Mensageiro de Deus, e eu creio nele e no que ele diz. Reconheço-o pelo que ele é!"

"Tu, um mentiroso?" responderam. "És um indivíduo rasteiro, nascido duma família rasteira! És um dos nossos indivíduos ignorantes, nascido duma família de ignorantes..." e continuaram a me difamar, até que disse para o Mensageiro de Deus:

"Não te disse? A maioria deles é constituída de sujeitos infiéis. São traiçoeiros e desavergonhados, não o vês?"

Fim da história de Al Hushayn

O então Abdullah b. Salam se voltou à sua nova fé com a sofreguidão de um sedento que vai a uma fonte de água fresca. Passou a amar tão profundamente o Alcorão, que constantemente recitava versículos dele; e ficou tão afeiçoado ao Profeta (S), que tornou-se mais próximo dele do que uma sombra. Devotou-se a trabalhar no sentido de obter o Paraíso, até que o próprio Profeta (S) lhe deu as boas-novas de que o iria conseguir. A notícia se espalhou entre os Companheiros, até que ela passou a ser do conhecimento de todos eles. A estória de como o Profeta (SAAS) deu ao Abdullah b. Salam aquela parte da notícia é um relato registrado por Cais b. Ubada.

Um dia, o Cais estava sentado com um grupo de estudantes na Mesquita do Profeta, em Madina. No grupo havia um velho de quem todos se sentiam íntimos e perto do qual ficavam à vontade. Ele desenvolvou uma bela e atraente conversação com o grupo. Quando havia terminado e partido, todos disseram:

"Se alguém quiser olhar para um dos habitantes do Paraíso, que olhe para esse homem!"

"Quem é ele?" perguntou o Cais b. Ubada.

"Abdullah b. Salam", responderam.

Então o Cais jurou a si mesmo que iria segui-lo, e assim o fez. Seguiu-o por todo o caminho até à casa do velho, que era situada na periferia de Madina. Então o Cais chegou à porta da casa do Abdullah b. Salman e

pediu permissão para entrar. Foi chamado para dentro, e o Abdullah lhe perguntou:

"Que queres, meu filho?"

"Quando saíste da mesquita, ouvi os estudantes dizerem sobre ti o seguinte: 'Se alguém quiser olhar para um dos habitantes do Paraíso, que olhe para esse homem!' Então eu te segui para que descobrisse como as pessoas sabem que irás para o Paraíso", disse o Cais.

"Somente Deus sabe quem irá para o Paraíso, meu filho", disse o Abdullah.

"Eu sei", disse o Cais, "mas deve haver uma razão para que eles digam isso."

"Vou contar-te a estória", disse o velho.

"Por favor, conta-ma", disse o Cais, "e que Deus te conceda uma abundante recompensa!"

"Uma noite, eu tive um sonho acerca dum homem que veio a mim e me disse para eu me levantar. Quando me levantei, ele me pegou pela mão e começamos a caminhar. Havia um caminho à esquerda, e eu queria tomá-lo, mas o homem disse:

"'Pega **este** caminho!' Eu segui pelo caminho, o qual me levou a um jardim verdejante e espaçoso. O jardim era fresco, refrescante e cheio de vegetação. No meio dele havia um poste de ferro que chegava ao céu. No topo dele havia uma laçada de ouro. O homem disse para mim:

"'Escala-o!'

"'Não posso', protestei.

"Nisso, de lugar algum, apareceu um escravo que me ergueu, e comecei a escalar, atém que cheguei ao topo do poste. Agarrei a laçada de ouro, e fiquei pendurado nela, até que acordei do sonho. Logo que clareou o dia, fui ter com o Mensageiro de Deus (S), e lhe contei sobre o meu sonho. Ele disse:

"'O caminho que viste à esquerda era o caminho dos Companheiros da Esquerda, que iriam ser os habitantes do Fogo. O caminho que viste à direita era o caminho dos Companheiros da Direita, que iriam ser os habitantes do Paraíso. O jardim que te cativou, com o seu frescor e verdor, era a religião do Islam. O poste que viste no meio do jardim era a oração, e a argola, no topo dele, era a fé firme. Tu irás ser uma das pessoas que se agarrarão a ela pelo resto das suas vidas.'"

CAPÍTULO 51

Suraca b. Málik

"*Imagina-te, ó Suraca, usando os amuletos do Cosroé!*"

Numa manhã, a tribo do Coraix despertou ao rumor de notícias que causou consternação a todos. Os chefes mal podiam acreditar no rumor de que Mohammad (S) fugira de Makka sob o manto da noite. Primeiramente eles encetaram uma busca casa a casa, na vizinhança, ocupadas pelo clã dele, os Banu Háchim. Depois eles o procuraram nas casas de todos os companheiros dele. Quando chegaram a casa do Abu Bakr, a jovem Asmá b. Abi Bakr saiu para fora, e o Abu Jahl perguntou:

"Onde está teu pai, ó garota?"

"Não sei onde ele está neste momento", foi a resposta dela. O Abu Jahl levantou a mão e deu-lhe um tamanho tapa no rosto, que arrancou-lhe o brinco da orelha.

Os líderes do Coraix ficaram fulos de raiva quando constataram que Mohammad (S) deveras tinha deixado Makka. Escolheram, dentre os da tribo, os mais habilidosos rastreadores para pesquisarem que rota ele havia tomado, e se porem na perseguição dele. Quando chegaram à Caverna Saur, os betedores disseram para os chefes:

"Aqui é onde a trilha termina. Eles não foram além daqui." E eles não estavam errados, pois Mohammad (S) e seu companheiro estavam na caverna, e os coraixitas estavam bem em cima deles1. Abu Bakr As Siddik podia ver os pés deles se mexendo, e ficou tão assustado, que quase chorou. O Profeta lançou-lhe um olhar de afetuosa e gentil desaprovação, e o Abu Bakr sussurrou para ele:

"Juro por Deus que não choro por mim, ó Mensageiro de Deus, mas temo que algo de ruim aconteça a ti!"

O Profeta (S) disse, confortantemente:

"Não te entristeças, ó Abu Bakr; Deus está conosco!" E Deus fez com que a tranquilidade tomasse conta do Abu Bakr, que olhou para os pés dos perseguidores, e disse:

"Ó Mensageiro de Deus, se um deles olhar para baixo, para onde seus pés estão, ele poderá ver-nos!'

"Mas o que esperas, ó Abu Baker, sendo que há duas pessoas, e a Terceira, Que lhes faz companhia, é Deus?"

Então eles ouviram um dos jovens do Coraix dizer para os outros:

"Vamos descer até a caverna e ver o que há lá."

Umayia b. Khalaf disse, zombeteiramente:

"Será que não vês que a entrada está coberta por teias de aranha, que são mais velhas que o próprio Mohammad?"

Então o Abu Jahl disse:

"Juro por Al Lat e Al Uzza que suspeito fortemente que ele está por perto, e pode ver tudo o que fazemos, e ouvir tudo o que dizemos, mas a mágica que ele pratica faz com que a nossa visão fique encoberta!"

No entanto, os coraixitas não abandonaram o empreendimento de procurarem por Mohammad (S). Persistiram na sua determinação de o perseguirem, e anunciaram a todas as tribos localizadas nas áreas que se situavam nas estradas para Madina, que iriam dar cem dos mais finos cmelos a quem lhes levasse Mohammad, vivo ou morto.

Um dos mensageiros do Coraix foi à tribo dos Madlaj, que viviam numa área próxima a Makka, chamada Cudaid. O mensageiro foi para o local do encontro tribal e anunciou a notícia do prêmio oferecido pelo Coraix para a captura de Mohammad (S), vivo ou morto. Na reunião estava um homem conhecido pelo nome de Suraca b. Málik.

Tão logo o Suraca soube dos cem camelos, seu coração se encheu de cobiça e ansiedade. Controlando-se, ele não disse uma palavra sequer que fosse aguçar semelhantes sentimentos de cupidez àqueles em torno dele. Antes que o Suraca pudesse levantar-se e deixar o local da reunião, um homem da sua tribo se acercou dele, e disse:

"Juro por Deus que três homens passaram por mim, há poucas horas, e eu suspeito que sejam Mohammad, Abu Bakr e o guia deles."

"Não, eles são os filhos de fulano", interrompeu o Suraca. "Eles estiveram fora todo o dia à procura de um dos seus camelos que se extraviou do seu rebanho."

"Pode ser", disse o homem, e ficou calado. Suraquah permaneceu sentado, para não levantar suspeita junto aos outros, no local da reunião. Logo que todos se envolveram em conversas sobre outros assuntos, o Suraca se desvencilhou deles. Rapida e silenciosamente, dirigiu-se para sua casa, e sussurrou para a sua criada que preparasseo cavalo para ele, sem que ningéum soubesse. Ela teria que amarrar o cavalo numa ravina

por perto, onde ele o iria apanhar. Depois ordenou ao seu servo que tirasse sorrateiramente suas armas da casa, e as escondesse na ravina, perto do seu cavalo.

Suraca foi sozinho para a ravina, onde vestiu a sua cota de malha, amarrou as armas ao corpo, montou em seu cavalo, e se pôs, às pressas, à tarefa de apanhar a Mohammad (S), antes que alguém mais pudesse capturá-lo e ganhar o prêmio oferecido pelo Coraix.

O Suraca era um dos mais notáveis cavaleiros dentre seu povo, e montava a mais fina égua árabe que podia ser encontrada. Era alto e atarracado, habilidoso no mister de restreamento, e possuía grande resistência ao enfrentar os rigores das viagens. Sobre tudo isso, era um aguçado e intuitivo poeta.

Suraca estava a ganhar terreno a grande velocidade, quando sua égua tropeçou e caiu ao chão.

"Caramba, que belo cavalo és!" ele explodiu, depois remontou, cheio de raiva. Não tinha ido muito longe, e sua égua tropeçou novamente. Sua apreensão pessimista aumentou, e estava a ponto de desistir da busca, quando se lembrou dos cem camelos, e foi esporeado pela sua ganância.

O Suraca tinha viajado uma curta distância, quando divisou a Mohammad (S) e seu companheiro. Ia pegar o arco e a flecha, mas estancou ao ver que as patas da égua se estavam enterrando no chão. Na frente dela subia uma fumaça, obscurecendo a visão dele. Ele incitava a égua para a frente, mas sentiu que ela estava chumbada ao terreno, como se seus cascos estivessem pregados ao solo. Então ele olhou para o lugar onde havia divisado o Profete e seu companheiro, e gritou, suplicando:

"Ei, vós aí, orai para que o vosso Senhor liberte as patas da minha égua, e eu prometo que vos deixarei em paz!"

O Profeta (S) orou, como lhe foi pedido, e Deus libertou as patas da égua. Porém, a ganância do Suraca falou mais alto. Ignorando a sua promessa, ele incitou a égua na perseguição do Profeta (S). Imediatamente as patas dela mais uma vez se enterraram no chão, dessa vez, mais profundamente que entes. Suraca gritou em desespero:

"Dar-vos-ei a minha comida, bagagem e minhas armas. Pegai-as, e eu juro perante Deus que até evitarei que outros vos persigam!"

"Nós não precisamos das tuas provisões", eles responderam, "mas vê se manténs os outros longe de nós."

Assim, o Profeta (S) fez uma oração, e a égua foi liberada. Quando o Suraca estava para voltar para casa, ocorreu-lhe chamar por eles:

"Espera, quero falar contigo; juro por Deus que nada farei que vos cause dano!"

"Que queres de mim?" perguntou o Profeta (S).

"Ó Mohammad, juro por Deus que eu sei que a tua religião em breve irá prevalecer. Tu irás ser poderoso. Promete-me que quando eu for visitar-te no teu reinado, tu irás tratar-me com honra? e dá-me tua promessa por escrito!"

O Profeta (S) disse para Al Siddik fazer o que o Suraca pedira; Al Siddik encontrou um osso chato no qual escreveu a promessa, e deu-o para o Suraca. Conforme este ia indo embora, o Profeta (S) lhe disse:

"Imasgina-te, ó Suraca, a usares os amuletos do Cosroé!"

"O imperador da Pérsia!?" exclamou o Suraca.

"Sim, Cosroé, o filho de Hurmuz", respondeu o Profeta (S).

Suraca partiu em direção a sua casa, e no caminho encontrou pessoas do seu povo que vinham na sua direção à procura do Mensageiro de Deus (S). Disse a eles:

"Voltai! já percorri cada decímetro quadrado de terreno, e bem sabeis o quão habilidoso sou no tocante a localizar rastros." Assim, eles desistiram da busca e voltaram para casa.

O Suraca guardou, do que havia-se passado entre ele e o Profeta (S), segredo, até certificar-se de que o Mensageiro de Deus (S) e seu companheiro haviam chegado a salvo a Madina, onde não poderiam ser injuriados pelos coraixitas. Então ele tornou pública a estória. O Abu Jahl foi um dos que ouviram o que se passou entre o Profeta (S) e o Suraca, e como este permitira que o Profeta (S) seguisse livremente. Abu Jahl se pôs a repreender o Suraca, que respondeu:

"Ó Abu Hakam, juro por Deus, se visses como o meu cavalo se enterrava no chão, irias saber, por certo, que Mohammad é um Mensageiro, com provas cabais a apoiá-lo! Como poderia alguém resistilo?"

O tempo passou, grandes eventos tiveram lugar, e Mohammad (S), que tinha deixado Makka como um exilado perseguido que, na fuga, procurara cobrir-se com o manto da escuridão, voltava então para aquela cidade como herói conquistador, rodeado por milhares de apoiadores que portavam suas espadas cintilantes e escuras lanças. Os chefes do Coraix, que andavam livremente por toda parte, cheios de arrogância e orgulhosos do poder, agora iam, humilde e temerosamente, ter com o Profeta (S), suplicando-lhe que os tratasse com misericórdia. Com a clemência de todos os profetas, ele dissera:

"Podeis movimentar-vos em liberdade, pois nada quero de vós!"

Foi neste comenos que o Suraca preparou a sua montaria e viajou para encontrar-se com o Profeta (S), com o fito de declarar a sua crença no Islam. Levou consigo a promessa por escrito que tinha recebido do Profeta (S), havia vinte anos. Suraca relata a estória com as seguintes palavras:

"Soube que o Profeta estava em Jiranah; fui até lá, e tentei passar através das fileiras dos seus apoiadores, que o circundavam. Batiam em mim com as traseiras das suas lanças, dizendo:

"Para trás, para trás, que queres?" Contudo, eu os ignorei, mas continuei me esforçando no meio deles, até chegar perto do Profeta (S), que estava montado em seu camelo. Ergui minha mão com a promessa escrita, e gritei:

"'Ó Mensageiro de Deus, sou eu, o Suraca b. Málik. Eis o que escreveste para mim!' O Profeta (S) respondeu:

"'Aproxima-te, ó Suraca b. Málik! Esta é a hora do cumprimento da promessa e para a benevolência!' Assim eu fui até ele, declarei a minha crença no Islam, e fui tratado benévola e caritativamente pelo Profeta Mohammad (S).'"

Apenas uns poucos meses depois daquele encontro entre o Profeta (S) e Suraca b. Málik, Deus chamou o Seu Profeta, que deixou este mundo para passar a eternidade ao Seu lado. Suraca ficou profundamente entristecido com a morte do Profeta (S). Tinha frqüentes retrospectos do tempo em que tentou matar o Profeta (S) por causa de cem camelos, e se conscientizava de que todos os camelos do mundo tinham então menos valor do que uma simples apara de uma das unhas do Profeta (S). Repetia para si mesmo o que ele lhe dissera:

"Imagina-te, ó Suraca, a usares os amuletos do Cosroé!" e nunca lhe ocorreu duvidar de que iria deveras usá-los.

O tempo passou e, eventualmente, a liderança da comunidade muçulmana tornou-se o mister de Al Faruk Ômar b. al Khattab (que Deus esteja comprazido com ele). No abençoado tempo da sua liderança, os exércitos muçulmanos varreram o império persa feitos tornados. Os exércitos demoliram fortalezas, derrotaram forças inimigas, depuseram governantes despóticos, e tornaram-se donos do Estado e da riqueza da longa linha de imperadores, que chegara ao fim.

Um dia, durante os dias finais da liderança de Ômar, os mensageiros de Saad b. Abi Waccas chegaram a Madina portando a notícia da vitória do califa. Também levaram para o tesouro dos muçulmanos a quinta

parte que lhe cabia da riqueza de que se haviam apossado aqueles que lutaram pela causa de Deus. Quando aqueles bens foram colocados à frente do Ômar, ele os olhou com espanto. Viu a coroa de ouro do Cosroé, juncada de pérolas, suas vestes, tecidas com tramas de ouro, sua precinta, com pedras preciosas como que tecidas nela, e seu par de amuletos, que não tinha comparação, juntamente com outros inúmeros objetos de valor.

O Ômar remecheu o monte das preciosiddades com uma vara que portava. Então voltou-se para aqueles que o acompanhavam, e argumentou:

"As pessoas que empunham preciosidades como estas e as entregam ao governo são verdadeiramente confiáveis!"

O Áli b. Abi Tálib calhou estar entre os presentes, e respondeu:

"Tu nunca demonstraste ganância por tais coisas; assim também as pessoas que tu comandas estão livres da ganância. Se tu te quisesses locupletar, eles, também, iriam querer locupletar-se."

Lembrando-se da promessa do Profeta (S), Al Faruk mandou chamar o Suraca b. Málik. Fez com que ele vestisse a roupa, as calças e a capa de Cosroé, até os seus chinelos. Depois Al Faruk abotoou o cinturão de espada de Cosroé no Suraca, e lhe pôs a coroa na cabeça. Por fim, enfiou os amuletos de Cosroé nos pulsos do Suraca, e o apresentou aos muçulmanos, que exclamaram:

"*Allahu akbar! Allahu akbar!*"

O Ômar perscrutou o Suraca com prazer, e disse:

"Eis que um dos nossos beduínos da tribo dos Madlaj usa agora a coroa e os amuletos do Cosroé!" Depois o Ômar ergueu os olhos para o céu, e continuou:

"Oh Deus, Tu não quiseste que o Teu Mensageiro recebesse esta riqueza, sendo que ele era mais digno do Teu amor e das Tuas benesses do que eu. Nem tampouco queiseste que o Abu Bakr os recebesse, sendo que ele, também, era mais merecedor do que eu. Rezo para que me protejas quanto a isso ser a causa do meu castigo!" E, antes de Ômar deixar o local, providenciou para que os bens fossem distribuídos entre os muçulmanos, nada restando para ele mesmo.

CAPÍTULO 54

Fairuz al Dailami

"*OFairuzé um homem abençoado, vindo de uma família de gente abençoada*."
(Dizer do Profeta {S})

Na volta da sua peregrinação de adeus, o Profeta (S) caiu doente. A notícia da sua enfermidade correu feita relâmpago por toda a Arábia. Muitas pessoas, acreditando que um profeta não morria, apostatou do Islam. Três indivíduos de diferentes regiões se puseram em pauta com reivindicação à profecia, dizendo aos seus povos que Deus os havia enviado, assim como havia enviado a Mohammad (S) ao Coraix. Eram eles Al Aswad al Ansi, do Yêmen, Musaylima, de Al Yamama, e Tulayahak al Asadi, dos Banu As'ad.

Al Aswad al Ansi era um charlatão que reivindicava ser um clarividente. Era consistentemente formado, fisicamente, e possuia uma natureza obscura e irascível, a qual habilidosamente ocultava. Sempre aparecia perante o povo usando um véu, com o fito amortalhar-se numa aura de grandeza e mistério. Sua eloqüência fazia oscilar as mentes daqueles que o ouviam, e ele era destro em manipular as pessoas comuns; e aqueles que não se deixavam levar facilmente por ele, por cusa das suas próprias sofisticações, eram aliciados pela riqueza e pelo poder que ele lhes oferecia. Naquele tempo, o poder político era exercido pelos indivíduos de "sangues mistos", conhecidos como *al abná* (os filhos). Estes eram rebentos de pais persas que migraram dos seus países para o Yêmen e se casaram com mulheres árabes. O líder deles, o Bazan, tinha sido o vice-rei do Cosroé, no Iêmen, no tempo em que esse país era uma província do império sassânida. Quando o Bazan ficou convencido da verdade da mensagem do Profeta (S), separou-se do império de Cosroé e levou o seu povo para a religião do Islam. O Profeta (S) havia reafirmado a autoridade do Bazan sobre o povo do Iêmen, e ele permaneceu no

poder até à morte, um pouco antes da ascensão à proeminência de Al Aswad al Ansi. Naquele tempo, um dos líderes dos *al abna* era o Fairuz al Dailami.

Os primeiros a se aliarem ao culto[1] do Al Aswad al Ansi foram os da sua própria tribo, os Banu Madhij. O culto atacou primeiramente a cidade de Sanaa, onde os seus componentes mataram o governador, Shahr, filho de Bazan. A viúva de Ahahr, cujo nome era Adhada, foi levada para a cama de Al Aswad al Ansi, que a "desposou" pela força[2].

Usando a cidade de Sanaa como base, Al Aswad al Ansi atacou outras regiões, que sucumbiram sob a inesperada força da sua agressão. Num surpreendente espaço de tempo, ele havia ganho o controle da área que fazia fronteira com o Hadhramawt ao sul, com Taif ao norte, com Bahrain ao leste, e Al Ahsa ao oeste.

O fato de ser um sagaz charlatão era o grande fator do sucesso de Al Aswad al Ansi. Ele era assistido por um bando de apoiadores que diziam que ele era ministrado por um anjo do Céu que lhe revelava segredos metafísicos. Eses mesmos assistentes atuavam para ele como uma rede de espionagem que se infiltrava na vida íntima das pessoas. Os espias relatavam a Al Awad os segredos e as preocupações pessoais das pessoas, seus problemas, desejos, e suas esperanças. Al Aswad mandava chamar essas pessoas, e as confrontava com os assuntos que elas achavam não serem do conhecimento de ninguém. Ele fazia ainda simples truques de mágica que faziam reforçar a impressão das pessoas comuns de que ele de fato possuia poderes espirituais. Desse modo, ele foi capaz de obter o apoio de muitos, e gradativamente ganhava poder, sendo que o interesse no seu culto se espalhou como relâmpago.

Logo que o Profeta (S) ouviu coisas sobre a apostasia de Al Aswad al Ansi, e do seu golpe, no Yêmen, enviou cerca de doze dos seus companheiros com cartas para os primeiros iemenitas convertidos ao Islam. O Profeta (S) antecipava a expectativa de que aquelas pessoas iriam constituir a mais positiva força contra o culto, e, na carta, as exortava

---

1. Culto – referimo-nos a esses eventos como culto, porquanto a única "missão" que eles proclamavam era a crença em Al Aswad, o seu direito ao poder, e a rejeição quanto ao Islam. Al Aswad não procurava ensinar qualquer realidade de cunho moral ou ético.

2. Para adicionarmos o insulto à injúria, dizemos que as mulheres dos líderes conquistadores, naqueles tempos remotos, não apenas eram violentadas, mas eram ainda forçadas a viver em concubinato com os conquistadores, para que se lhes incorporassem a nobreza do seu sangue.

a permanecerem fiéis e firmes, face à onda que infeccionava as pessoas qual pestilência. Ele ordenou a elas que usassem a ingenuidade do povo para porem fim ao mal que causava Al Aswad al Ansi.

O Profeta (S) estava correto na sua expectativa pois todos os correspondidos responderam positivamente às suas cartas, declarando suas iminências em combater ativamente o culto. A primeira pessoa a fazer isso foi o herói na nossa estória, o Fairuz al Dailami, juntamente com os Al Abna, que eram seus aliados. Os historiadores têm preservado o relato do testemuho ocular dos eventos que lhes foram dados por ele.

A narrativa do Fairuz al Dailami

Os Abna, que eram meus aliados, e eu jamais duvidamos por um momento de que a religião de Deus era a única e verdadeira religião. Nenhum de nós levava em consideração a crença no inimigo de Deus, Al Aswad al Ansi. Estávamos apenas à espera de uma chance para o agarrarmos e nos livrarmos dele, por todos os meios.

Então o Profeta (S) enviou cartas para nós e para os primeiros crédulos do Iêmen. Aquilo nos forneceu a solidariedade de que precisávamos para agirmos de maneira organizada.

Naquela altura, Al Aswad al Ansi havia atingido o zênite do seu poder. Ébrio com o orgulho do seu sucesso, começou até a tratar os seus apoiadores, que o levaram ao poder, com arrogância e rudeza. Foi tão frio no seu tratamento quanto ao Cais b. Abd Yagus, o líder do seu exército, que este começou a temer que iria cair vítima de um ato de traição. Eu fui visitar o Cais, levando comigo o meu primo Dadhaway, e o informamos da nossa correspondência com o Mensageiro de Deus (SAAS). Nós convidamos o Cais a se juntar a nós para golpearmos Al Aswad, antes que fosse tarde demais. Ele nos respondeu com alívio, revelando-nos os seus temores, e tratando-nos como se tivéssemos sido enviados do Céu. Nós três juramos dirigir nossos esforços no sentido de atuarmos contra o charlatão renegado, estando do lado de dentro, enquanto nossos camaradas iriam lidar com ele, estando do lado de fora. Decidimos ainda trazer para a aliança a minha prima Adhada, que tinha sido forçada a casar-se com Al Aswad al Ansi, depois que este havia assassinado o Shahr b. Bazan, seu legítimo marido.

Fui ao palácio de Al Aswad al Ansi visitar a minha prima Adhada, e lhe disse:

"Prima, não é preciso que eu te relembre o mal e a injúria que esse homem tem causado a ti e a nós. Ele assassinou o teu marido e muitos homens do teu povo, e tem violentado muitas mulheres. Ele se arroga o poder sobre todos nós.

"Nós recebemos cartas do Mensageiro de Deus (SAAS), dirigidas a nós, emparticular, e ao povo do Iêmen, em geral. Ele nos anima a pormos um fim a esta desordem civil. Estás tu disposta a nos ajudar?"

"Ajudar-vos em quê?" Perguntou ela.

"A tirarmo-lo do poder", respondi.

"Ajudaria até mesmo a matá-lo", ela disse.

"Isso mesmo que eu queria dizer", disse eu, "mas tive medo de dizer, assim de chofre."

"Juro por Aquele Que enviou a Mohammad, em verdade, como um admoestador e portador das boas-novas, que nunca tive um momento de dúvida quanto à verdade da minha religião. Para mim, Deus jamais criou um homem mais odioso do que esse demônio. Desde o momento em que o vi, soube que se tratava de um pecador desavergonhado, sem nenhum respeito pelos direitos das pessoas, ou escrúpulos quanto às malfeitorias," disse ela.

"Pois bem, então, sabes como poderemos pôr um fim a ele?" Perguntei.

"Ele é muito cauteloso e está sempre vigilante", ela disse. "Todos os locais do palácio estão cheios de guardas. Contudo, há uma velha e abandonada despensa com uma parede externa que dá para terreno aberto, num determinado lugar. Quando cair a noite, podereis cavar um túnel sob ela, e aí podereis pegar armas e uma lanterana, que estará pronta para vós. Eu irei esperar para vos guiar até aonde ele dorme, e podereis ir pegá-lo."

"Não irá ser facil fazermos um túnel para dentro do cômodo, neste castelo", eu argumentei. "Alguém poderá pasasar por perto, ver-nos, dar o alarme e alertar os guardas; e isso iria ser o fim de tudo!"

"É verdade", ela disse. "Tu não estás errado. Ouve, eu tenho outra idéia. Manda até mim alguém, em que tu confias, vestido como criado. Eu farei com que ele cave o túnel, de dentro para fora, deixando apenas um pequeno trecho para cavardes. Quando cair a noite, podereis romper facilmente a extremidade do túnel."

"Essa é uma ótima idéia!" concordei. Afastei-me dela, e informei os meus dois aliados do meu acerto com minha prima. Eles disseram amém à idéia; então nos pusemos a campo para os preparativos quanto ao plano.

Informamos aos crédulos que nos eram achegados sobre a senha que iríamos usar, e lhes dissemos que iríamos encontrar-nos no palácio, na madrugada da manhã seguinte.

Tão logo a noite se tornou bem escura e quieta, e a hora que fixamos era chegada, meus companheiros e eu fomos para o local onde estava o túnel, e o pusemos a descoberto. Entramos através dele, entramos no compartimento, pegamos as armas e acendemos a lanterna. Eis que saímos à procura do inimigo de Deus. Encontramos a minha prima à porta do quarto dele. Ela fez sinal para mim, e eu entrei e o encontrei dormindo profundamente, roncando. Sem hesitar, eu fui até ele, e o esfaqueei na garganta. Ele começou a berrar e a se debater feito um camelo ao ser abatido, coisa que despertou a atenção dos guardas. Alarmados, acorreram depressa, mas a minha prima os deteve na porta, como se tivesse acabado de acordar.

"Podeis ir em paz", disse ela, de modo angelical. "O nosso divino está a receber um revelação do Senhor!" Convencidos, eles se foram.

Nós esperamos até à madrugada no palácio, e então eu fui para os baluartes, e gritei:

"*Allahu akbar, Allahu akbar*...", e continuei a recitar o *azan*, dizendo:

"Presto testemunho de que não há outra divindade além de Deus, e presto testemunho de que Mohammad é o Mensageiro de Deus, e presto testemunho de que Al Aswad al Ansi é um charlatão", que era a senha.

Os muçulmanos encheram o palácio, vindos de todas as direções, caçando os guardas, que saltavam em espanto ao ouvirem o *azan*. Então eu peguei a decepada cabeça de Al Aswad al Ansi e a atirei, de onde estava, para o meio dos apoiadores. À visão dela, eles se desanimaram e pararam sua investida, enquanto os muçulmanos gritavam: "*Allahu akbar!*" Dominando rapidamente qualquer resitência, eles tomaram posse do palácio, antes mesmo que o sol se levantasse.

Confome a manhã se tornava mais brilhante, nós despachamos uma carta para o Mensageiro de Deus (S), dando-lhe a boa notícia da morte do inimigo do Senhor. Quando os mensageiros chegaram a Madina, souberam que o Profeta (S) tinha morrido na noite anterior.

Porém, eles também souberam que a notícia que eles portavam já havia sido comunicada ao Profeta (S) por um mensageiro velocíssimo, o anjo Gabriel, que o informou da morte de Al Aswad al Ansi, na mesma noite em que cumpríramos a nossa missão. Ele disse para os seus companheiros:

“Eis que Al Aswad al Ansi foi morto na noite passada. Foi morto por um homem abençoado, procedente de gente abençoada.”

“Quem é ele, ó Mensageiro de Deus?” perguntaram seus companheiros.

“O Fairuz”, ele disse. “O Fairuz teve sucesso, e condisse com sua fé!”

CAPÍTULO 54

Sábit b. Cais al Ansari

O único homem, na história, a fazer o seu testamento após a sua morte.

O Sábit b. Cais foi um dos chefes proeminentes da tribo dos Al Khazraj, bem como um dos mais nobres homens da cidade de Yaçrib. Era brilhante, intuitivo, eloqüente, e possuia uma bela voz. Era um orador marcante que podia cativar a audiência e sobressair-se a todos os competidores.

Em adição, foi um dos primeiros yaçribenses a se converterem ao Islam. Seu coração foi tomado pelo Alcorão, desde a primeira vez que o ouviu ser recitado por um pregador maquense, o Musab b. Umayr. Os magníficos ritmos do Alcorão, o brilho dos seus significados, a profundidade da sua diretriz e a verdade dos seus ensinamentos eram recebidos por ele como a chuva é recebida por um solo sedento. Foi da vontade de Deus o fato de que o Sábit b. Cais abrisse imediatamente o seu coração para a fé; e Ele o levou à proeminência, fazendo com que o Companheiro em questão jurasse sua aliança ao Profeta Mohammad (S).

Quando o Profeta (S) empreendeu a *hijra* para Madina, o Sábit b. Cais foi um dos que faziam parte dum grande grupo de guerreiros montados que se adiantaram para dar a ele uma recepção honrosa. Na apresentação de boas-vindas ao Profeta (S) e seu companheiro, Abu Bakr al Siddik, o Sábit b. Cais se pôs à frente para fazer um discurso. Ele começou tecendo louvores e dando graças a Deus, e orando pela paz e bênção sobre o Seu Profeta. Terminou o discurso, dizendo:

"Ó Mensageiro de Deus, nós nos compromissamos a te defender como nos defendemos a nós mesmos, nossas mulheres e nossas crianças. Qual irá ser a nossa recompensa por isso?"

"O Paraíso", respondeu o Profeta (S).

Logo que as pessoas ouviram a palavra "Paraíso", exultaram. Tendo os rostos a brilharem de alegria, declararam:

"Estamos muito felizes com tal recompensa, ó Mensageiro de Deus, muito felizes mesmo!"

Daquele dia em diante, o Profeta (S) fez do Sábit b. Cais o seu discursador oficial, assim como o Hassan b. Sábit era o seu poeta[1] oficial. Quando as delegações de beduínos chagavam para competir com ele na jactância das suas glórias tribais ou na demonstração dos seus dotes de eloqüência em oratória e poesia, o Profeta (S) designava o Sábit b. Cais para competir com os oradores, e o Hassan b. Sábit para bater os poetas.

Sábit b. Cais era um crédulo profundamente reverente com um intenso respeito pelo seu Senhor e grande temor a Ele. Era ainda muito circunspecto, evitando qualquer coisa que fosse desagradar o Todo-Poderoso Deus.

Um dia, o Profeta o viu num terrível estado. Parecia entristecido, arrasado e temeroso, por isso lhe perguntou:

"Qual é o problema, ó Abu Mohammad[2]?"

"Temo que arruinei a minha Vida Futura!" respondeu o Sábit b. Cais.

"Por que?" perguntou o Profeta (S).

"O Todo-Poderoso Deus nos proíbe o amar sermos louvados por coisas que fizemos, e eu acho que amo o louvor; e Ele nos proíbe a vaidade, e eu acho que amo a pompa!" respondeu Sábit.

O Profeta (S) argumentou com o Sábit, fazendo-o ver que não era nem arrogante nem vanglorioso, até que, por fim, perguntou ao Sábit:

"Será que ficarás feliz se eu te disser que irás viver sendo louvado por todos, e que irás morrer como mártir, e entrar no Paraíso?"

Aquela profetização encheu o Sábit de deleite, e ele respondeu, exultante:

"Certamente que ficarei, ó Mensageiro de Deus, certamente que ficarei!"

"Pois esse irá ser o teu futuro", disse o Profeta (S).

Entre os versículos revelados por Deus, está o seguinte:

"**Ó crentes, não altereis as vossas vozes acima da voz do Profeta, nem lhe faleis em voz alta, como fazeis entre vós, para não tornardes sem efeito as vossas obras, involuntariamente**" (49:2).

---

1. A primitiva forma de arte dos árabes foi a literatura, cujas páginas eram recitadas extemporaneamente, e transmitidas de memória. Essa tradição oral permaneceu em vigor por séculos.

2. Abu Mohammad – "pai de Mohammad". Era, e ainda é, muito comum os árabes tratarem uns aos outros pelos seus patronímicos, numa demonstração de respeito.

Após o Sábit b. Cais ouvir aquilo, deu-se à reclusão, e passou a evitar a companhia, em público, do Mensageiro de Deus (S), muito embora o amasse profundamente, e fosse muito apegado a ele. Passou a não sair da sua casa para nada, a não ser para realizar as orações rituais na mesquita. Depois de um certo tempo, o Profeta (S) passou a notar a ausência dele, e perguntou se alguém podia verificar o que estava acontecendo com ele. Um homem dos Ansar se voluntariou a fazer aquilo, e foi a casa do Sábit, encontrando-o deprimido e melancólico. Perguntou-lhe:

"Qual é o problema, ó Abu Mohammad?"

"Algo terrível!" respondeu Sábit.

"Que poderia ser?" perguntou o homem.

"Tu sabes que eu tenho uma voz profunda e marcante", disse o Sábit, "e minha voz quase sempre encobre a voz do Mensageiro de Deus (S). Tu sabes o que foi revelado no Alcorão. Assim, apenas posso concluir que as minhas possíveis boas obras tenham sido em vão, e que irei ser uma das pessoas do Fogo do Inferno."

O homem voltou para o Profeta (S) e o informou sobre o que havia visto e ouvido na casa do Sábit b. Cais. Então o Profeta (S) disse a ele:

"Vai novamente a ele, e dize-lhe isto:

"'Tu não és uma das pessoas do Fogo; outrossim és uma das pessoas do Paraíso.'"

Aquela feliz ponta de notícia que o Profeta (S) transmitiu ao Sábit foi como uma fonte de júbilo e de esperança para ele, para o resto da sua vida. Ele ia para a guerra ao lado do Mensageiro de Deus (S) em todas as batalhas ; só não foi para a batalha de Badr. Sempre se arremessava aos mais ferozes duelos na esperança de obter o martírio prometido a ele pelo Mensageiro de Deus (S). Embora, às vezes, parecia que ele estava a uma braça de atingir a sua sina, esta sempre o decepcionava.

Mais tarde, durante a autoridade do primeiro califa, Abu Bakr al Siddik, aconteceram as guerras de *ridda*4 entre os muçulmanos e o falso profeta Musaylima. No tempo, o Sábit b. Cais era comandante das forças dos Ansar, ao passo que o Salim, o liberto de Abu Huzayfa, era o comandante das forças dos Muhajirn, e o Khalid b. al Walid era chefe do exército, na sua totalidade.

Em todas as batalhas, a vantagem e os trunfos sempre estiveram do lado do inimigo, o Musaylima. Naquela altura, a batalha se mostrava tão ruim para os muçulmanos, que as forças inimigas chegaram a irromper pelo acampamento do Khalid b. Walid. Os inimigos derrubaram a sua tenda, e quase mataram a mulher dele, a Umm Tamim.

O Sábit b. Cais havia visto o suficiente do enfraquecimento dos muçulmanos. O ouvi-los repreenderem-se e se culparem mutuamente encheu-o de frustração. Os beduínos culpavam os citadinos, dizendo que estes não sabiam comportar-se em batalha, ao passo que estes acusavam os beduínos de covardia. Aquilo era mais do que o Sábit podia suportar.

Então ele se untou com especiarias odoríferas, enrolou-se numa mortalha, postou-se onde todos o podiam ver, e anunciou:

"Muçulmanos, ouvi-me! Este não é o modo com que usávamos empreender a batalha quando estávamos com o Mensageiro de Deus! Que vergonha a maneira com que deixastes o inimigo se tornar intrépido contra vós! e que vergonha o modo como vos acostumastes à submissão perante ele!"

Então ele ergueu o olhar para o céu, e orou:

"Oh Deus, venho perante Ti, inocente quanto a heresia deste povo (querendo dizer, os inimigos); e venho perante Ti, inocente dos erros deste povo (querendo dizer, os muçulmanos)!"

Então ele se arremessou para a batalha, ombro a ombro com estes outros heróis: Al Bara b. Málik al Ansara, Zaid b. al Khattab, os irmãos do futuro califa Ômar b. al Khattab, e Salim, o liberto de Abu Huzayfa. Feito um leão caçador, o Sábit os dirigiu na batalha, lutando tão ferozmente, que chegou a reacender a bravura e o valor dos muçulmanos, e a encher de medo os corações dos seus inimigos. Ele duelava com os inimigos em todas as direções, lutando com todas as armas, e suportando um ferimento trás outro, até que foi vencido, e caiu no campo de batalha. Morreu com a satisfação de lhe haver sido concedido o martírio, tal como o seu querido amigo, o Profeta (SAAS), tinha predito, e satisfeito por ver que havia ajudado os muçulmanos a obterem a vitória que Deus lhes concedera. O Sábit estava usando uma valiosa cota de malha. Um dos muçulmanos passou perto do seu corpo, tirou-lhe a indumentária e a pegou para si. Na noite seguinte à sua morte, um dos soldados muçulmanos teve um sonho no qual viu o Sábit, que lhe disse:

"Eu sou o Sábit b. Cais; tu me reconheces?"

"Sim", respondeu o homem.

"Tenho um legado a fazer, e quero que tu lhe dês andamento. Toma cuidado em dizeres que este é um sonho insignificante que não deve ser levado a sério. Depois que fui morto, ontem, um dos muçulmanos passou perto de mim"; disse o Sábit, que descreveu o homem, e continuou: "ele pegou a minha indumentária, levou-a para a sua tenda, na extremidade

do acampamento, e a escondeu sob o caldeirão, cobrindo-a com uma sela. Vai ter com o Khalid b. al Walid, e dize-lhe:

"'Manda alguém ir ter com o homem para pegar a minha indumentária. Ela ainda está onde ele a pôs.'

"E tenho outro legado a fazer. Toma cuidado em dizer que isto é apenas um sonho que não deve ser levado a sério. Dize para o Khalid:

"'Quando fores ter com o califa do Profeta (S), em Madina, dize-lhe que tenho uma dívida. Dize-lhe também que meus dois escravos estão livres. Certifica-te de que ele irá pagar a minha dívida e libertar os meus escravos.'"

Quando o homem acordou, foi ter com o Khalid b. al Walid, e lhe contou sobre o sonho. Então o Khalid mandou alguém ir apanhar a indumentária, e eis que ele a encontrou no lugar descrito no sonho, e a levou de volta. Depois, quando o Khalid foi para Madina, contou para o califa a estória do Sábit b. Cais e dos seus legados. Abu Bakr al Siddik deu andamento aos legados, sendo que, desde aquela vez, jamais existiu outra pessoa que fizesse seu testamento após a sua morte, e cuidou para que ele fosse cumprido.

Que Deus esteja aprazido com o Sábit b. Cais, e lhe conceda felicidade, e lhe dê um lar no mais elevado céu!

CAPÍTULO 55

Asmá bint Abi Bakr

"*Aquela que tinha duas cintas*"

O "Companheiro" desta estória é uma mulher que procedia de uma das mais proeminentes famílias no Islam. Seu pai foi um Companheiro, como o foi o seu avô, como foram sua irmã, seu marido e seu filho. Isto é o suficiente para que se confira honra a alguém.

O pai dela era Abu Bakr Al Siddik, o amigo íntimo do Mensageiro de Deus (S), no tempo de vida deste, e seu sucessor como líder da comunidade, após a morte do mesmo (S). O avô dela era o Abu Atiq, pai de Abu Bakr. A irmã dela era a mãe dos crédulos, Aicha, a pura, que foi o objeto da revelação, na Surata Al Nur. O marido dela foi o discípulo do Profeta (S), Al Zubair. Que Deus esteja comprazido com todos eles!

Essa era a família da Asmá b. Abu Bakr, uma das primeiras mulheres a aceitar o Islam. Havia apenas dezessete homens e mulheres que se tornaram muçulmanos antes dela. Foi-lhe dado o apelido de "aquela que tinha duas bandagens", por causa de um evento que ocorreu no dia em que o Mensageiro de Deus (S) e o pai dela, o Abu Bakr, empreenderam a Hégira, de Makka para Madina. A Asmá preparara um farnel com mantimentos para a viagem, e uma pele contendo água, mas não encontrava nada com o que amarrar os fardos, para que pudessem ser transportados facilmente. Então ela rasgou a sua bandagem ao meio, usando uma peça para fazer uma correia para o farnel de mantimentos e a outra para a pele d'água. O Profeta orou a Deus que a compensasse com duas bandagens no Paraíso; e daquele dia em diante ela foi apelidada como *Zat al Nitakain* (aquela com duas cintas).

Ela se casou com Al Zubair b. al Auwan, um jovem pobre que não possuía criado para auxiliar na manutanção da domesticidade, nem dinheiro para tornar a vida mais confortável. Tudo que ele possuía era uma égua de montaria. A Asmá era uma esposa virtuosa e de confiança,

que cuidava da casa à sua maneira, também da égua, que levava a pastar. Ainda juntava e moia caroços de tâmaras, que dava para alimentar o animal. Finalmente, Deus mudou as circunstâncias de Al Zubair, sendo que se tornou um dos mais ricos dentre os Companheiros.

Quando a Asmá encontrou uma oportunidade para empreender a Hégira, com o fito de praticar sua religião em liberdade, sob a diretriz do Mensageiro de Deus (S), estava grávida e prestes a dar à luz. Isso não a deteve quanto a enfrentar os rigores da viagem. Logo que chegou a Quba, sentiu as dores e deu à luz a seu filho, que se chamou Abdullah b. al Zubair. Os muçulmanos se regozijaram e celebraram, pois tratava-se da primeira criança a ser nascida para os Muhajirun, em Madina.

Logo que pôde, Asmá levou o nenê para o Mensageiro de Deus (S), e o colocou no seu colo. O Profeta (S) esfregou a boca da criança com um pedaço da tâmara que tinha estado a chupar, e orou para que Deus abençoasse o menino; assim, a primeira coisa que adentrou a boca do guri foi a saliva do Profeta (S).

Poucas pessoas tinham a qualidade de caráter que distinguia a Asmá, pois que era virtuosa, generosa e equilibrada. Sua generosidade era proverbial, e relata-se que o seu filho Abdullah tenha dito:

"Nunca vi nenhuma mulher tão generosa quanto a minha tia Aicha e sua irmã Asmá, minha mãe. O modo como cada uma expressava sua generosidade, contudo, era diferente: minha tia economizava tudo o que tinha, até que tivesse o suficiente para o distribuir entre os pobres, ao passo que minha mãe nunca economizava nada, nem mesmo para o dia seguinte."

A Asmá era inteligente e capaz de se conduzir a contento, mesmo nas situações mais difíceis. Quando o seu pai, Abu Bakr, partiu de Makka na companhia do Profeta (S), a fim de empreender a Hégira para Madina, ele levou todo o dinheiro consigo. Este perfazia o total de seis mil dirhans, sendo que nada ficara na sua casa. O pai de Abu Bakr era ainda um pagão naquela altura. Ao saber que o seu filho tinha saído de Makka, foi a casa dele, e disse para a sua neta:

"Posso jurar que ele não apenas te deixou triste, ao te abandonar, mas ainda levou toda a sua fortuna consigo!"

"Não, vovô", respondeu a Asmá, "ele nos deixou bastante." Ela encheu de pedregulhos o nicho onde o Abu Bakr costumava esconder o dinheiro, e os cobriu com um pano. Então ela pegou o seu avô cego pela mão e disse:

"Olha, vovô, sente quanto dinheiro ele nos deixou!"

El apalpou com a mão, e disse:

"Vejo que não há nada com que te preocupares; se ele te deixou este tanto, então está tudo bem."

A moça fizera aquilo para tranquilizar o velho, para que ele não se sentisse na obrigação de lhe dar nada. Isso porque ela odiava dever favor a um pagão, embora este fosse seu avô.

Mesmo se tudo o que sabemos acerca de Asmá viesse ser esquecido pelos historiadores, o seu encontro final com seu filho Abdullah iria ser inesquecível, por causa da coragem, da peremptoriedade e da firme fé que ela demonstrou em tal situação.

Os antecedentes desse encontro final são como se segue:

Após a morte do califa Yazid b. Muawiya, todos do Hijaz, Egito, Khurasan e mais da Síria, haviam jurado sua lealdade ao filho dela, Abdullah b. al Zubair, como novo califa. Porém, o clã dos Banu Umayia tinha preparado um enorme exército sob a liderança de Al Hajjaj b. Yusuf al Sacafi, para fazer guerra contra o Abdullah, sendo que ambas as forças se colidiram em ferozes batalhas. O Abdullah al Zubair havia demonstrado o seu valor e a sua eficácia como líder, no campo, mas os seus apoiadores o abandonavam, conforme a guerra se arrastava. Os que permaneceram com o Abdullah fizeram um ultimo posto de resistência na área da Caaba, com sua mesquita, em Makka.

Horas antes da sua morte, Abdullah deixou por um pouco a batalha para fazer uma visita à sua mãe. Naquela altura, ela estava com cem anos, cega e fraca. Ele entrou na casa, e disse:

"Que a paz esteja contigo, mãe, bem como a misericórdia e as bênçãos de Deus!"

"E que a paz esteja contigo, ó Abdullah! Que te traz aqui, numa hora como esta, em que os matacões da catapulta de Al Hajjaj estão caindo sobre os teus soldados, na sagrada área de mesquita, e sacudindo as casas de Makka?"

"Vim pedir o teu conselho", respondeu ele.

"Meu conselho? Sobre o quê?"

"Todos me têm desapontado, retirando o seu apoio, com medo de Al Hajjaj, ou na esperança de compartilharem do poder e da riqueza dele. Até os meus parentes e meus filhos me abandonaram. Apenas uns poucos homens permanecem comigo; porém, não obstante o quão firme eles se mostrarem, apenas serão capazes de agüentar uma hora ou duas. Os enviados dos Banu Umayia estão a me prometer que me darão o que eu

quiser, se eu depuser minhas armas e jurar lealdade ao Abd al Málik b. Marwan, como novo califa. Qual é a tua opinião?"

A voz dela tornava-se forte, conforme dizia:

"A questão é da tua alçada, ó Abdullah, e tão somente tu sabes o que é melhor para ti. Se acreditas que estás certo, e estás lutando para o que é certo, então deves ser paciente e firme, assim como os teus apoiadores que morreram lutando pela vossa causa. Porém, se apenas estás a procurar a glória terrena, então és uma criatura indigna! tu causas a tua própria morte e a dos teus apoiadores, para nada."

"Mas eu irei morrer hoje, de qualquer jeito", ele objetou.

"É melhor morreres dessa maneira, do que te entregares espontaneamente a Al Hajjaj para seres decapitado. Tua cabeça iria terminar servindo de bola para o jogo dos escravos dos Banu Umayia!"

"Eu não tenho medo de morrer, mas a idéia de ser mutilado me horroriza", disse o Abdullah.

"Uma vez que estejas morto", ela argumentou, "isso não faz diferença. A ovelha que é abatida não sente a dor de ser depelada e esquartejada."

Abdullah parecia confortado pelas palavras dela, e sorriu, dizendo:

"Que mãe abençoada és! Tu possuis tantas virtudes e qualidades abençoadas! Na verdade, eu somente vim aqui porque o que disseste é exatamente o que eu queria que dissesses. Deus sabe melhor do que ninguém que eu nunca perdi a coragem ou o vigor, e Ele é Testemunha de que eu não me meti nisto por amor à riqueza material e ao poder. Faço tudo isto como um protetor zeloso de tudo quanto Ele tornou sagrado. Vou agora ao encontro da sina que consentiste; assim, quando eu morrer, não te entristeças por mim! Que Deus te compense pelo que vieres a perder!"

"Iria me entristecer por tua causa, se fosses morrer para o bem da vaidade", ela respondeu.

"Deves consolar-te com o fato de que teu filho, a sabendas, jamais se deu ao vício ou à concupiscência, nunca desobedeceu as leis de Deus, jamais traiu a confiança nele depositada, nunca oprimiu um muçulmano ou não-muçulmano, e jamais preferiu nada a causar o aprazimento do Todo-Poderoso Deus. Não estou dizendo isto para me engrandecer – pois Deus sabe melhor o que eu realmente sou –, mas digo-o para te consolar a ti."

"Louvado seja Deus Que fez com que procurasses agradar a Ele e a mim. Aproxima-te de mim, meu filho, para que eu possa tocar-te e sentir o teu cheiro pela última vez!" ela disse.

Abdullah se curvou sobre ela, beijou-lhe as mãos e os pés, enquanto ela curvava a cabeça e cheirava o cabelo dele, beijando-o e afagando-o. Então ela o empurrou, perguntando:

"Que é isso que estás usando, ó Abdullah?"

"Minha cota de malha", ele respondeu.

"Ora, isso não é coisa que se use, meu filho, quando se está procurando morrer como mártir", ela objetou.

"Estou apenas a usá-la para que não te preocupes comigo", ele explicou.

"Tira-a", ela disse. "Assim irás ficar mais bravo e mais ágil, e te movimentarás melhor. Contudo, procura usar calças, para que, se morreres, não fiques estendido, obscenamente exposto."

Abdullah fez como ela pediu, tirando a cota de malha, e apertando bem as calças com uma cinta. Então, ao partir para a área da Caaba para reiniciar a batalha, disse:

"Não pares de orar por mim, mãe!"

Ela ergueu as mãos para o Céu, e disse:

"Ó Deus, tem misericórida dele, pois ele passou longas noites em oração e vigília, a chorar, enquanto todos os mais dormiam! E tem misericórdia dele, por causa da fome e da sede que ele sentiu, no calor de Makka e de Madina, quando jejuava! E tem misericórdia dele, por cuasa da sua bondade para com seu pai e sua mãe! Ó Deus, toma-o a Ti, e ficarei satisfeita como o que decretares! Concede-me a recompensa daqueles que são pacientes!"

À noite, o Abdullah b. al Zubair encontrou a morte. Antes que passassem mais vinte dias, sua mãe, Asmá b. Abi Bakr, foi juntar-se a ele na Vida Futura. Estava com cem anos, e não havia perdido nada da sua inteligência. Estava ainda com todos os dentes.

CAPÍTULO 56

Tal-ha b. Ubaidullah al Tamimi

Os coraixitas tinham caravanas de mercadorias que transitavam de Makka para a Síria. Numa dessas caravanas estava o herói da nossa estória, o Tal-ha b. Ubaidullah al Tamimi, que era um jovem com menos experiência que os outros mercadores. Isso não o impedia de competir com eles, sendo que sua sagacidade e intuição faziam com que os sobrepujasse, realizando as mais vantajosas transações.

Quando a caravana de que fazia parte chegou à cidade de Basra, na Síria, todos os mais velhos se apressaram para a praça do mercado, a fim de fazerem negócios. A área estava fervilhando de gente vinda de todos os lugares e, enquanto o Tal-ha estava vagando por ali, algo que mudou o curso da sua vida lhe aconteceu. Ademais, aquilo constituiu o antecedente dos eventos que iriam mudar o curso da história. A estória está preservada nos livros de história, nas palavras do próprio Tal-ha, e iremos permitir que a sua narração nos conte o que se passou.

A narrativa de Tal-ha b. Ubaidullah

Estávamos todos ocupados, na praça do mercado, quando vimos e ouvimos um monge que ia e vinha, conclamando:

"Ouvi, ó mercadores! Perguntai às pessoas aqui reunidas se há alguém que tenha vindo de Makka!"

Eu estava por perto; então eu fui até ele, e disse:

"Eu sou de Makka."

"O Ahmad já apareceu para vós?" perguntou ele.

"Quem é Ahmad?" contrapus.

"O filho de Abdullah b. Abdul Muttalib. Este é o mês em que ele deverá apresentar-se, pois irá ser o derradeiro dos profetas. Ele irá aparecer no vosso país, na sagrada área em torno da Caaba. Depois irá migrar para a terra das rochas negras, com tufos de tamareiras, com um solo calcáreo do qual mina água. Não sejas um dos últimos a acreditar nele, meu jovem!"

A fala dele produziu um profundo efeito sobre mim, tanto que fui para os meus camelos, selei-os e, deixando a caravana para trás, toquei para Makka a toda brida. Ao chegar, perguntei para os meus familiares:

"Será que alguma coisa aconteceu em Makka, depois que eu parti?"

"Sim", responderam, "apareceu um homem chamado Mohammad b. Abdullah, dizendo que é um profeta, e encontrou, como seguidor, o filho de Abu Quháfa."

Estavam-se referindo ao Abu Bakr, a quem eu bem conhecia. Era um homem de maneiras gentis, agradável, amado por todos. Era ainda um mercador honesto e confiável. Éramos afeiçoados a ele, e gostávamos da sua companhia, por causa do seu grande conhecimento da nossa esfera tribal e nossa genealogia. Então eu fui ter com ele, e perguntei:

"É verdade o que todos estão falando, que o Mohammad b. Abdullah declarou ser um profeta, e que tu acreditas nele?"

Abu Bakr respondeu afirmativamente, e contou-me todos os fatos relevantes. Inspirou em mim o desejo de me converter, como ele havia feito, então eu lhe contei acerca do monge de Basra. Ele ficou surpreendido, e propôs:

"Vamos até Mohammad, assim tu poderás contar a ele a tua estória. Tu poderás ouvir o que ele tem a dizer, e talvez irás juntar-te à religião de Deus."

Fomos ter com Mohammad (S), que me explicou o Islam e recitou para mim algo do Alcorão. Disse-me que a aceitação do Islam significava o preenchimento de tudo, neste mundo e no Outro. Deus abriu o meu coração para o Islam, e eu contei ao Profeta (S) sobre o monge de Basra. Ele ficou visivelmente prazeroso.

Depois daquilo, eu pronunciei perante ele o testemunho de que não há outra divindade além de Deus, e que Mohammad é o Seu Mensageiro. Fui o quarto indivíduo a ser convertido pelas mãos de Abu Bakr.

Fim da narrativa de Tal-ha

O Coraix ficou estupefacto com a notícia da conversão daquele jovem da sua tribo. A que ficou mais entristecida foi a sua mãe, pois tinha ambições de que ele viesse a aer o líder da sua tribo por causa das nobres virtudes e do bom caráter dele. Todos empenharam-se em fazer com que ele renegasse a sua religião, mas ele permaneceu firme como uma montanha, inabalável com a insistência deles. Quando se desesperançaram

de convencê-lo por medidas amigáveis, recorreram à perseguição e tortura. O Massud b. Kharash narrou:

"Eu estava a caminhar entre Al Saffa e Al Marwa[1] quando vi uma grande multidão de pessoas a seguirem um jovem cujas mãos haviam sido amarradas ao seu pescoço. As pessoas estavam a persegui-lo, empurrando-o e golpeando-o na cabeça. Atrás, estava uma velha que gritava anátemas a ele. Perguntei a alguém da turba quem era o jovem, e foi-me dito:

"'É o Tal-ha b. Ubaidullah; ele abandonou a sua velha religião, e está a seguir àquele rapaz do clã dos Banu Háchim.'

"'E quem é aquela velha que o está seguindo?' perguntei.

"'É a Sabah b. al Hadrami, a mãe do jovem', o homem respondeu."

A coisas pioraram para o Tal-ha, para o homem conhecido como "o leão do Coraix". Um homem por nome Nawfal b. Khuwailid amarrou-o por completo. Depois amarrou também o Abu Bakr junto com ele. Então ele os entregou para a ralé da tribo para serem cruelmente torturados. Por causa daquele incidente, o Tal-ha b. Ubaidullah e o Abu Bakr passaram a ser conhecidos como "os atados juntos".

O tempo passou, os eventos tiveram lugar, um após outro e, com o passar do tempo, o Tal-ha b. Ubaidullah amadureceu. O seu sacrifício pela causa de Deus e do Seu Profeta se tornou mais e mais intenso, e a sua generosidade para com a sua religião e seus camaradas muçulmanos cresceu em ardor, tanto que o Profeta (S) o cognominou "o mátir vivo". Cada um desses cognomes tem uma bela estória por trás dele.

A estória por trás de o Tal-ha ter-se chamado "o mártir vivo" corporalizou-se durante a batalha de Uhud. Os muçulmanos haviam abandonado o campo de batalha, deixando o Profeta (S) com apenas onze homens dos Ansar, mais o Tal-ha b. Ubaidullah, que era dos Muhajirun. O profeta (S) e seus doze apoiadores estavam-se retirando montanha acima, perseguidos por um bando de pagãos que queriam matar ao Profeta; este (S) disse para os seus apoiadores:

"Aquele que conseguir afugentar esses indivíduos irá ser meu companheiro no Paraíso."

"Eu conseguirei, ó Mensageiro de Deus", voluntariou-se o Tal-ha.

"Não, tu ficas onde estás", disse o Profeta (S).

"Eu conseguirei, ó Mensageiro de Deus", sugeriu um dos Ansar.

---

1. Al Saffa e Al Marwa – são dois montes perto da Caaba, em Makka. O caminhar entre eles faz parte do ritual dos peregrinos.

"Tu podes ir", disse o Profeta (S). O homem dos Ansar deteve os inimigos, enquanto o Profeta (S) e os outros se retiravam para mais acima. Logo que o homem foi morto, e os pagãos reiniciaram sua perseguição ao Profeta, este (S) disse:

"Qual o homem que os pode deter?"

"Eu posso, ó Mensageiro de Deus", voluntariou-se mais uma vez o Tal-ha. O Profeta mais uma vez recusou, e permitiu que um dos Ansar, que também se voluntariara, fosse. Logo ele teve a mesma sina do primeiro homem, e os pagãos continuaram a perseguir o Profeta (S). Aquilo aconteceu repetidamente, até que os onze homens dos Ansar haviam morrido como mártires, e apenas o Tal-ha permanecia com o Profeta (S). Naquela altura, o Profeta (S) deu permissão para que o Tal-ha tentasse conter o inimigo. Momentos antes, o Profeta (S) havia sido ferido; sua testa fora aberta, seu lábio cortado, e um dos seus dentes fora quebrado. O sangue lhe cobria o rosto, e ele estava exausto.

Então o Tal-ha saiu ao encalço dos perseguidores, atacando-os e repelindo-os. Depois voltou para junto do Profeta (S), ajudou-o subir mais para cima, e o fez sentar num local abrigado, e saiu para atacar os pagãos mais uma vez. Fazia aquilo repetidamente, até que escurraçou completamente os inimigos.

Naquele momento, Abu Bakr e Abu Ubaida b. al Jarrah se encontravam em algum outro lugar, no campo de batalha. Eles se dirigiram para o local em que o Profeta (S) estava, com a intenção de lhe atender os ferimentos, mas ele lhes disse:

"Deixai-me e ide ter com o vosso amigo", referindo-se ao Tal-ha. Eles foram, e o encontraram coberto de sangue. Ele tinha mais de setenta ferimentos causados pelas espadas, lanças e flechas dos inimigos. Perdera u'a mão, e havia caído, inconsciente, numa vala. Depois daquilo, o Profeta (S) passou a dizer:

"Se alguém quiser ver um homem que ainda anda, após ter enfrentado a morte, que olhe para o Tal-ha b. Ubaidullah!"

E sempre que alguém mencionava a batalha de Uhud para o Abu Bakr, ele dizia:

"Foi o Tal-ha b. Ubaidullah quem salvou o dia!"

Esta é a estória de como ao Tal-ha foi dado o nome de "o mártir vivo". As estórias de como ele foi cognominado Tal-ha, o Generoso, e Tal-ha, o Benévolo, são incontáveis.

Ele era um abastado mercador, com um negócio florescente. Um dia, ele recebeu os lucros das transações, em Hadhramawt, que perfaziam o

total de setecentos mil dirhans. Ele passou aquela noite num estado lastimável. Sua esposa, a Umm Kulçum b. Abi Bakr, foi ao quarto dele, e perguntou:

"Qual o problema, ó Abu Muhammad? Será que fiz algo que te desagradasse?"

"Não", ele respondeu, "tu és a melhor esposa que um muçulmano pode desejar. É que eu comecei a imaginar, esta tarde, e argumentei comigo mesmo:

"'O que pode um homem esperar do seu Senhor, se ele dorme com todo esse dinheiro na sua casa?'"

"E por que isso te causa pesar?" ela perguntou. "Será que não podes usá-lo para ajudar a tua família e os teus amigos necessitados? Pela manhã, poderás dividi-lo entre eles."

"Que Deus tenha misericórdia de ti!" ele disse. "Tu és uma criatura com a qual Deus teve sucesso!"

Quando chegou a manhã, ele dividiu o dinheiro, colocou-o em saquinhos e vasilhas, e o distribuiu entre os necessitados dos Muhajirun e dos Ansar.

Há também uma estória conhecida acerca de um homem que foi ter com o Tal-ha necessitando abrigo e assistência para que pudesse completar a sua viagem. Ele lembrou ao Tal-ha de que eram primos distantes. Tal-ha disse:

"Esta é a primeira vez que alguém me diz seres tu um parente meu. Eu tenho um terreno pelo qual o Otman b. Affan me ofereceu trezentos mil. Se quiseres, podes pegá-lo para ti, ou poderás vendê-lo para mim, e dar-te-ei o dinheiro por ele."

"Prefiro pegar o dinheiro", disse o homem, assim o Tal-ha lho deu.

Tal-ha foi, na verdade, um homem de sorte, que mereceu aqueles belos nomes que lhe foram dados pelo Mensageiro de Deus (S). Que Deus lhe conceda felicidade e lhe dê luz na Vida Futura!

CAPÍTULO 57

Abu Huraira al Dawsi

Ele aprendeu e transmitiu mais de mil e seiscentos ahadice *do Profeta (S), e os pôs a serviço da comunidade muçulmana.*

Sem dúvida, o leitor já ouviu falar dessa brilhante estrela dos círculos de pessoas que constituíam os companheiros do Mensageiro de Deus (S). Não há um muçulmano vivo que não tenha ouvido falar dele.

Seu nome, antes de tornar-se muçulmano, era Abd Shams, que significa "servo do sol". Quando Deus o honorificou com a crença no Islam, e ele teve o privilégio de se encontrar com o Profeta (S), este perguntou:

"Como é o teu nome?"

"Abd Chams", ele respondeu.

"De agora em diante, ele irá ser Abd al Rahman (servo do Misericordiosíssimo)", disse o Profeta (S).

"Sim, Abd al Rahman", concordou o Abu Huraira, "pois eis que te trocaria pelo meu pai e pela minha mãe, ó Mensageiro de Deus!"

O fato de como ele veio a ser conhecido como Abu Huraira é uma outra estória. Quando era criança, costumava ter sempre um gatinho, que levava consigo a toda parte, e com o qual brincava, tanto que os seus amiguinhos o apelidaram de Abu Huraira (pai do gatinho). Quando o destino de Abu Huraira tornou-se ligado à comunidade islâmica, o Profeta com freqüência o chamava de "Abu Hirr" (pai do gato), por carinho familiar e afeição a ele. O próprio Abu Huraira começou a preferir o seu segundo apelido, e dizia:

"É o nome com que o meu querido Profeta costumava chamar-me. Ademais, 'Huraira' tem um cunho feminino e pequeno, e eu sou homem."

Abu Huraira foi convertido ao Islam por intermédio de Al Tufayl b. Amr al Dawsi[1], e permaneceu nas terras da tribo deste, os Daws, até seis

1. Para a biografia de Al Tufayl, ver a Capítulo 2.

anos depois da Hégira. Nesse tempo, ele foi com gentes do seu povo, numa delegação, visitar o Mensageiro de Deus (S).

Uma vez assentado em Madina, o jovem Abu Huraira se dedicou a servir ao Profeta (S), e a passar todo o seu tempo aprendendo com ele. Fez da mesquita a sua casa, e tinha o Profeta (S) na conta de ser o seu professor e guia espiritual. Enquanto o Profeta permaneceu vivo, o Abu Huraira não se casou nem constituiu família. O único parente que tinha era a sua idosa mãe, que insistia em permanecer pagã. Abu Huraira constantemente a incitava a tornar-se muçulmana, pois que desejava o melhor para ela, e temia que a idolatria fosse ser a causa da sua ruína na Vida Futura. Ela sempre rejeitava a sugestão, e saía de perto dele, zangada. Não querendo apoquentá-la mais, ele ia embora cheio de tristeza.

Após uma daquelas cenas, em que ela disse algo cruel e desrespeitoso acerca do Profeta (S), o Abu Huraira foi embora em lágrimas, e procurou o Profeta (S), que lhe perguntou:

"Que te fez chorar, ó Abu Huraira?"

"Eu nunca vacilei nos meus esforços de chamar minha mãe para o Islam, embora ela sempre resistisse. Hoje eu tentei novamente convencê-la, e ela disse coisas odiosas sobre ti. Reza para que o Todo-Poderoso Deus incline favoravelmente o coração dela para o Islam!" Então o Profeta (S) fez uma oração por ela.

O próprio Abu Huraira mais tarde relatou o que se seguiu:

"Fui para casa, e constatei que a porta estava fechada. Ouvi ruídos de água sendo esparrinhada, e estava a ponto de entrar, quando minha mãe gritou:

"'Fica onde estás, ó Abu Huraira!'

"Ela se vestiu, e disse:

"'Agora podes entrar.'

"Entrei, e ela declarou:

"'Presto testemunho de que não há outra divindade além de Deus, e que Mohammad é o Seu servo e Mensageiro!'

"Voltei para o Profeta (S), derramando lágrimas de alegria – sendo que apenas uma hora antes havia derramado lágrimas de triteza –, e disse:

"'Ouve esta boa notícia, ó Mensageiro de Deus! O Senhor ouviu a tua oração e guiou a mãe de Abu Huraira para o Islam!'"

O amor que o Abu Huraira nutria pelo Mensageiro de Deus (S) era tão profundo, que se tornou parte das próprias fibras do seu ser. Nunca se cansava de olhar para ele, e dizia acerca dele:

"Jamis vi nada mais belo ou mais pleno de luz do que o Profeta (S). É como se os raios de sol se soltassem do seu rosto!"

Abu Huraira constantemente louvava a Deus e dava graças a Ele por Este ter-lhe concedido o privilégio de passar horas e horas com o Seu Profeta, e seguir a Sua religião. Ele dizia mais:

"Louvado seja Deus Que guiou o Abu Huraira para o Islam! Louvado seja Deus Que ensinou ao Abu Huraira o Alcorão! Louvado seja Deus Que concedeu ao Abu Huraira a companhia de Mohammad (S)!"

Do mesmo modo com que o Abu Huraira se tornou apegado ao Profeta (S), tornou-se também comissionado com o aprendizado. Este tornou-se o seu interesse intrínseco, coisa que estava acima de tudo o que ele desejava deste mundo.

O Zaid b. Sábit[2] relatou, numa ocasião:

"O Abu Huraira, um outro amigo, e eu, estávamos na mesquita tecendo louvores a Deus e fazendo-Lhe súplicas, quando o Mensageiro de Deus (S) entrou. Chegou-se para perto de nós, sentou-se, e disse:

"'Não deixeis que eu vos interrompa!'

"Então, meu amigo e eu continuamos a fazer súplicas, ao que o Profeta (S) dizia 'Amém!'

"Então foi a vez do Abu Huraira, e ele disse:

"'Ó Deus, peço-Te tudo aquilo que meus companheiros Te pediram, e peço-Te que me dês conhecimentos que eu jamais venha esquecer!' ao que o Profeta (S) disse 'Amém!' Então nós outros dissemos:

"'Nós também queremos pedir-Te que nos dês conhecimentos que jamais venhamos esquecer!'

"'Tarde demais', disse o Profeta (S); 'vosso jovem amigo, dos Daws, antecipou-se a vós nisso.'"

Abu Huraira não apenas amava o aprendizado para si mesmo, mas ainda gostava que outras pessoas adquirissem conhecimentos. Um dia ele estava passando pela praça do mercado, em Madina, e ficou admirado de quanto materialista todo mundo se havia tornado, e de como a única preocupação deles era a barganha, a compra, e a venda. Ele se postou à frente de todos, e anunciou:

"Quão incompetentes vos tornastes, ó povo de Madina!"

"Por que achas que somos incompetentes?" perguntaram.

"O legado do Mensageiro de Deus (S) está sendo dividido e distribuído, e vós estais aqui! Por que não ides reivindicar o vosso quinhão?" ele perguntou.

---

2. Para a biografia de Zaid b. Sábit, ver o Capítulo 7 deste volume.

"Onde, ó Abu Huraira?" perguntaram.

"Na mesquita", foi a resposta dele. Então todos correram, enquanto o Abu Huraira ficou onde estava, até que eles voltaram, e disseram:

"Ó Abu Huraira, nós fomos até à mesquita, entramos, e não vimos nada sendo distribuído!"

"Será que não vistes ningém na mesquita?" ele inquiriu.

"Sim, vimos umas pessoas", responderam. "Algumas estavam fazendo orações, e outras estavam estudando a lei religiosa."

"Oh, quão tolos sois!" ele exclamou. "Pois esse é o legado do Mensageiro de Deus (S)."

Abu Huraira passou severas provações por causa da escolaridade e da freqüência às assembléias mantidas pelo Mensageiro de Deus (S). Ele contou muitas estórias do que suportou, e mencionou que ficava tão ávido de conhecimento, que chegava a perguntar a outros Companheiros algo sobre o Alcorão, embora ele próprio estivesse melhor informado. Ele fazia isso, na esperança de que fosse convidado a entrar na casa do interlocutor, e lhe fosse oferecido algo para comer.

Um dia, ele ficou tão faminto, que chegou a amarrar uma pedra chata3 ao estômago para aliviar a dor. Sentou-se a esperar, no caminho que era usualmente tomado pelos Companheiros, e aconteceu passar por ali o Abu Bakr. O Companheiro em questão perguntou-lhe acerca de certo versículo do Alcorão, mas apenas na esperança de que fosse ser convidado à casa do Abu Bakr, mas isso não aconteceu.

Um pouco mais terde, passou o Ômar. Novamente o Abu Huraira inquiriu sobre um versículo do Alcorão. Mais uma vez ele ficou desapontado. Então o Profeta (S) apareceu, e exclamou:

"Ó Abu Huraira!"

"Estou ao teu serviço, ó Mensageiro de Deus!" ele respondeu, e seguiu o Profeta (S), que o levou para a própria casa. O Profeta encontrou um cântaro de leite, e perguntou para a sua esposa de onde aquilo havia vindo. Ela respondeu que alguém tinha enviado para ele, então ele disse:

"Ó Abu Huraira,vai até às pessoas que moram na mesquita, e convida-as para virem aqui!" Pobre do Abu Huraira! Ele desejava, do fundo do seu coração, que lhe fosse oferecido um pouco de leite, antes que saísse para chamar as pessoas da mesquita. Mas ele saiu obedientemente, imaginando:

---

3. Aqui, não devemos pensar num feixe de lenha bem cortada, por igual, mas num braçado de gravetos, que eram o único combustível disponível naquele tempo.

"Como pode ser, um cântaro de leite para todas aquela pessoas?"

Abu Huraira levou as pessoas para a casa do Profeta (S), e todos se sentaram. Então o Profeta (S) disse:

"Ó Abu Huraira, pega o cântaro e dá-lhes de beber!" Abu Huraira deu-o ao primeiro homem, que bebeu a se fartar. Um após outro, todos eles beberam o quanto puderam. Então o Abu Huraira entregou-o para o Mensageiro de Deus (S) que o olhou sorridentemente, e disse:

"Só restamos nós dois."

"E verdade, ó Mensageiro de Deus."

"Bebe primeiro", disse o Profeta (S), e o Abu Huraira bebeu. O Profeta o incitou a beber mais e mais, até que o Abu Huraira disse:

"Juro por Aquele Que te enviou com a verdade, que estou cheio, e não posso beber mais." Então o Profeta (S) pegou o cântaro e terminou o restante do leite.

Aquilo foi um curto período de tempo, antes que a riqueza começasse a fluir para a comunidade muçulmana. A expansão do Estado Islâmico trazia incontáveis riquezas para o tesouro. Abu Huraira por fim passou possuir uma pequena propriedade, um lar e mobiliário. Casou-se e constituíu família. Todas aquelas mudanças não alteraram o seu caráter virtuoso, e jmais se esqueceu do seu passado. Costumava dizer:

"Fui criado sem pai. Empreendi a Hégira como pobre, e realizei trabalho braçal para a Busra bint Ghazwan em troca da minha ração diária. Servi de criado para os viajantes quando faziam uma parada para descanso, e lhes levava de volta as montarias quando reiniciavam a viagem. Deus me destinou casar-me com aquela senhora. Louvado seja Deus Que tornou a religião um modo de vida, e fez de mim um líder."

Abu Huraira foi feito governador de Madina pelo Muawiya b. Abi Sufyan, mais de uma vez. Nem mesmo aquela posição de autoridade alterou a doce disposição e a virtude de Abu Huraira. Uma vez ele estava indo por uma estreita alameda, em Madina, carregando nas costas um feixe de lenha para queimar, para a sua família[4]. Ia passar pelo Salaba b. Málik, para o qual disse:

"Dá caminho para o príncipe, ó filho de Málik!"

"Que Deus tenha misericórdia de ti!" exclamou o Ibn Málik. "Será que o caminho não é suficientemente largo?"

"Dá caminho para o príncipe", respondeu Abu Huraira, "e para o feixe que está carregando nas suas costa!"

Em acréscimo à sua erudição e personalidade agradável, o Abu Huraira era uma pessoa religiosa e temente a Deus. Era capaz de passar muitos

dias em jujum voluntário, e muitas noites em vigília oracional. Orava num terço da noite, depois acordava a sua esposa, entes de ir dormir. Ele então orava por outro terço da noite, antes de acordar a sua filha, que terminava a noite em oração. Daquela maneira, a oração era mantida pela noite adentro, na casa do Abu Huraira.

Abu Huraira tinha um escrava africana, uma garota que uma vez o insultou, e que a sua esposa aborrecia. Ele pegou uma vara e levantou a mão para bater nela com aquilo, mas reconsiderou, dizendo:

"Não fosse pelo fato de que irá haver castigo, no Dia do Julgamento, iria ferir-te do mesmo modo que me injuriaste. Ao invés, eu te venderei para Alguém Que me irá dar o teu valor em toda a medida – e eu preciso disso. Vai, pois estás livre, por amor a Deus."

Sua filha costumava dizer-lhe:

"Pai, as garotas gozam de mim, dizendo: 'Por que teu pai não pensa mais um pouco em ti, dando-te alguma jóia de ouro?'"

Abu Huraira respondeu:

"Dize-lhes que teu pai teme que sofras o Fogo, por causa da vaidade e da arrogancia."

Em verdade, não era por mesquinhez que o Abu Huraira não adornava a sua filha, pois que era generoso quando se tratava de abrir a mão pela causa de Deus.

Numa ocasião, o Marwan b. al Hakam enviou cem dinares em ouro para o Abu Huraira. Na manhã seguinte, Marwan enviou a ele uma mensagem em que dizia:

"Meu servo cometeu um erro ao enviar-te os dinares. Eles eram para outro alguém." Abu Huraira ficou confuso, e confessou:

"Já os distribuí para a causa de Deus, a não fiquei com um simples dinar para mim. Quando o meu estipêndio for liberado do tesouro, desconta o dinheiro dele."

A verdade por detrás da estória foi que o Marwan b. al Hakam havia ouvido falar sobre a generosidade de Abu Huraira, e enviou os dinares para o testar e ver o que ele iria fazer com eles.

Por toda a sua vida, o Abu Huraira foi constante em sua bondade para com sua mãe. Sempre que queria sair, ia até porta do quarto dela e dizia:

"Que a paz esteja contigo, mãe, bem como a misericórdia e as bênçãos de Deus!"

"E que a paz esteja contigo, meu filho, bem como a misericórdia e as bênçãos de Deus", ela respondia.

“Que o desvelo de Deus recaia sobre ti, assim como cuidaste de mim quando eu era pequenino”, exclamava ele.

“E que Ele tenha misericórdia de ti, assim como mostraste bondade para comigo ao te tornares adulto”, respondia ela.

Sempre que o Abu Huraira voltava para casa, dizia a mesma coisa para ela. Ele também encorajava outras pessoas a serem bondosas e caritativas para com os seu parentes. Um dia ele viu dois homens caminhando juntos, sendo que um deles era bem mais velho que o outro, e parguntou para o mais jovem dos dois:

“Que parentesco tem esse homem em ralação a ti?”

“Ele é meu pai”, respondeu o jovem.

“Não o chames pelo primeiro nome, não caminhes à frente dele, e não te sentes antes que ele o faça!”

Quando o Abu Huraira estava doente, no seu leito de morte, começou a chorar. Os que estavam ao redor dele peguntaram:

“Por que estás chorando, ó Abu Huraira?”

“Não estou chorando por amor a este mundo”, ele respondeu. “Choro porque tenho uma longa estrada pela frente, e poucas provisões. Estou agora numa bifurcação da estrada: uma leva ao Paraíso, e a outra ao Inferno. Não sei em qual delas estarei!”

O seu amigo Marwan b. al Hakam foi visitá-lo, e disse:

“Que Deus faça com te restabeleças, ó Abu Huraira!”

Abu Huraira respondeu:

“Ó Deus, adoraria estar conTigo. Por favor, faze com que o amor esteja comigo, e apressa o expediente!”

Tão logo o Marwan saiu da casa do Abu Huraira, este morreu.

Que Deus conceda abundante misericórdia para Abu Huraira, por causa do seu grande serviço prestado ao Islam e aos muçulmanos; eis que ele aprendeu, preservou e ensinou mais de mil e seiscentos *hadiç* do Profeta (S).

CAPÍTULO 58

Salama b. Cais al Achja'i

Ele recitava o Alcorão para os seus soldados, bem tarde da noite, enchendo-lhes as almas de luz.

Uma noite o califa Ômar b. al Khattab estava a fazer a sua ronda pelas ruas de Madina, enquanto todos estavam a dormir pacificamente e em segurança. Era hábito seu certificar-se de que tudo ia bem na cidade. Enquanto caminhava por entre as casas e a praça do mercado, revisava mentalmente qual era o mais valente e capacitado dos Companheiros disponíveis. Ele precisava de um deles para servir como comandante do exército que estava planejando enviar para Al Ahwaz, no oeste da Pérsia. De súbito, ele parou e exclamou em voz alta:

"Encontrei o homem! Sim, assim queira Deus, encontrei-o!"

Logo que chegou a manhã, ele chamou o Salama b. Cais, e disse:

"Estou pondo-te no comando do exército que irá para Al Ahwaz. Vai com o nome de Deus nos teus lábios. Combate, pela causa de Deus, aqueles que forem hostis à causa do Islam. Se aceitarem o Islam, terão a escolha de permanecerem em suas casas e de não irem para a guerra ao vosso lado, contra outros. Nesse caso, terão apenas que dar o *zakat*[1], e não terão quinhão algum dos despojos de guerra; ou terão a escolha de lutarem ao vosso lado, sendo que deverão compartilhar das vossas responsabilidades, e irão ter o seu quinhão em todos os ganhos que obtiverdes.

"Se recusarem a aceitar o Islam, deverás intimá-los a pagarem o *jizya*[2], sem os infernizares ou interferires em seus negócios; e deverás protegê-los dos seus inimigos. Não peças mais do que possam agüentar.

1. *Zakat* – caridade ritual realizada anualmente pelos muçulmanos. Trata-se de uma porcentagem da sua riqueza acumulada, da produção agrícola, dos animais de rebanho. Costumeiramente é de 2,5%.

2. *Jizya* – uma taxa anual paga pelos súditos não-muçulmanos ao tesouro islâmico. Em troca os súditos ficam isentos do serviço militar, e são protegidos pelo Estado.

"Caso se recusem a aceitar tal arranjo, e insistam na hostilidade, então deveis dar-lhes combate. Se procurarem abrigos nas fortaleza, e pedirem que façais negociações nas bases das leis de Deus e do Seu Mensageiro, não aceites isso, porquanto não sabeis quais seriam as leis de Deus e do Seu Mensageiro nesse caso. Se pedirem para negociardes com base no tratado com Deus e o Seu Mensageiro, não faças o tratado em tal base. Qualquer tratado de proteção que fizerem terá de ser contigo.

"E se vos for concedida a vitória na batalha, não cometais atrocidades. Não devereis trair aqueles que se renderem, ou mutilar os mortos, ou matar crianças."

"Ouço, e obedecerei", respondeu o Salama.

Ômar apresentou uma clorosa despedida ao Salama, apertando-lhe a mão, e orando humildemente, pedindo a Deus por ele. O califa bem sabia do peso da carga que havia posto nos ombros do Salama e dos seus soldados.

Al Ahwaz era uma região montanhosa com estradas difíceis de serem percorridas, e com fortalezas inexpugnáveis. Situava-se entre Basra e os planaltos da Pérsia, e era habitada pelos rústicos e aguerridos kurdos.

Os muçulmanos não tinham outra escolha senão anexar a região a eles, para que ficassem livres dos ataques dos persas a Basra. Al Ahwaz iria ser o baluarte de onde iriam lançar os seus ataques, ameaçando toda a região da Mesopotâmia.

Assim o Salama saiu dirigindo o exército, na sua missão de lutar pela causa de Deus. Tão logo fincaram pé na região de Al Ahwz, encararam sua primeira batalha. Esta não foi de cunho militar, mas uma porfia contra a rudeza do próprio terreno.

As gargantas entre as montanhas que tinham de transpor eram bem íngremes e traiçoeiras. Mesmo os terrenos baixios eram pantanosos e cheios de pestilência. Ademais, tinham de estar em constante alerta quanto às víboras mortíferas e aos escorpiões venenosos que os ameaçavam noite e dia.

Somente a profunda natureza espiritualista do Salama sustinha suas forças. Feito um guardião angelical, ele cuidava dos seus homens duma maneira que lhes abrandava as asperezas e lhes tornava suportáveis as dificuldades. Passava todo o tempo com eles, ministrando-lhes tocantes discursos, recitando-lhes adoravelmente o Alcorão noite adentro, enchendo-lhes as almas e os corações de luz, banindo das suas memórias o que tinham sofrido durante as horas do dia claro.

O Salama b. Cais obedeceu as ordens do Emir dos Crentes, pois logo que encontrou os indivíduos de Al Ahwaz, convidou-os para se juntarem à religião do Islam. Eles rejeitaram aquilo abruptamente; então ele os convidou a se tornarem, pacificamente, membros do Estado, e a pagarem o *jizyah*, ao que se recusaram de maneira desdenhosa. Aos muçulmanos ficou apenas a escolha final: encetarem a batalha. Fizeram-no de maneira obediente, esperando pela recompensa de Deus para os seus sacrifícios pela Sua causa.

As batalhas que tiveram lugar foram ferocíssimas. Cada lado demonstrou uma tenacidade que raramente é registrada na história. Eventualmente, a guerra terminou com a vitória dos muçulmanos, concedida pela graça de Deus, e a humilhante derrota dos idólatras que haviam mostrado tamanha inimizade para com Deus.

A primeira tarefa do tempo de paz com a qual o Salama se deparou foi a distribuição dos despojos provenientes do campo de batalha. Entre as pssses tomadas aos inimigos, havia uma custosa manta. Salama queria enviá-la para o Ômar b. al Khattab, como era de costume, assim que disse para os seus soldados:

"Dividirdes esta manta entre vós iria ser insensatez; será que iríeis ficar satisfeitos se eu a enviasse para o Emir dos Crentes?" Eles concordaram, então o Salama empacotou a manta numa caixa, e designou a tarefa da entrega a um homem dos Banu Ashja, sua tribo, dizendo:

"Vai com o teu servo para Madiana! Dá ao Emir dos Crentes a boa notícia da vitória, e dá-lhe esta manta como presente!"

O homem procedente dos Banu Ashja aprendeu uma rara lição ao ir ter com o Ômar b. al Khattab. Primeiramente ele viajou com o seu servo para Basra, onde comprou dois camelos e os carregou de provisões, usando o dinheiro que lhe fora dado pelo Salama. Depois se puseram a caminho de Madina. Quando chegaram ao seu destino, procuraram pelo Emir dos Crentes. Encontraran-no servindo uma refeição para os muçulmanos, apoiado num cajado, como se fosse um pastor de ovelhas. Ele checava os pratos das pessoas, e gritava para o seu servo Yarfa:

"Ó Yarfa, essas pessoas precisam de mais carne! Essas pessoas precisam de mais pão! Essas pessoas precisam de mais molho!"

O homem foi para perto do Ômar, que lhe pediu que se sentasse. Ele se sentou com o grupo que estava mais perto, foi-lhe oferecida comida, e ele comeu. Quando todos tinham terminado, o Ômar mandou que o Yarfa lavasse os pratos. Ômar foi embora, e o homem o seguiu. Ômar foi para

sua casa, o homem pediu permissão para entrar, que lhe foi concedida. Constatou que o Ômar se sentava num rústico capacho de pelos, com duas almofadas enchidas com fibras de palmeira, para ele se recostar. Ômar jogou uma das almofadas para o homem, e ele se sentou nela. Havia um reposteiro atrás do Emir dos Crentes; este se virou em direção à peça, e gritou:

"Ó Umm Kulçum, traze-nos a nosaa refeição!" O homem se pôs a imaginar a especial espécie de comida que iria ser preparada para o Emir dos Crentes. Ficou surpreso ao ver que a "refeição" se constituía de uma simples broa de pão com sal, e um pouco de azeite. Ômar disse ao homem que comesse, e este comeu um bocado, observando com admiração o quão refinado era o comportamente do Emir dos Crentes à mesa, confome consumia a sua singela comida. Então ele pediu para a Umm Kulçum algo para beber, e foi-lhes servido um cântaro de água de cevada. Ômar fez com que a criada servisse primeiro o seu convidado. O homem bebeu um gole, e ficou surpreso ao constatar que mesmo a água de cavada era inferior à que ele estava acostumado a beber. Depois o Ômar bebeu o seu tanto, e disse:

"Louvado seja Deus, Que nos alimentou, e deu-nos de beber, matando a nossa sede!"

Naquele ponto, o homem disse:

"Ó Emir dos Crentes, venho com uma mensagem para ti."

"De quem?" perguntou Ômar.

"Do Salama b. Cais", respondeu o homem.

"Benvindo seja o Salama b. Cais, e benvindo seja o seu mensageiro", respondeu Ômar. "Conta-me, como estão indo os muçulmanos?"

"Estão indo como tu o desejas, ó Emir dos Crentes." Estão a salvo, e obtiveram uma brilhante vitória sobre seus inimigos e inimigos de Deus." Então o homem passou a descrever a votória, fornecendo ao Ômar todos os detalhes.

"Louvado seja Deus", disse Ômar. "Ele tem tido benevolência e a tem dispensado com grande generosidade."

Então o Ômar perguntou:

"Passaste por Basra?"

"Sim, passei", respondeu o homem.

"Como estão indo os muçulmanos aí?"

"Estão bem, graças a Deus."

"Como estão os preços dos gêneros?"

“Estão os melhores, os mais baixos.”

“Têm eles carne boa para comer? A carne é o sustento dos árabes, e eles somente profiam quando a têm.” disse o Ômar.

“A carne está disponível e há em abundância.” respondeu o homem.

Então o Ômar notou a caixa que o homem estava carregando, e perguntou:

“Que tens aí?”

“Quando Deus nos concedeu a vitória sobre os nossos inimigos”, respondeu o homem, “nós juntamos os despojos do campo de batalha. O Salama viu uma manta, e disse para os soldados:

“‘Se fôsseis dividir esta manta entre vós, isso de nada vos iria servir. Será que concordaríeis em enviá-la para o Emir dos Crentes?’ E eles concordaram.”

Então o homem estirou a mão com a caixa para o Ômar. Quando este viu a manta, salpicada de jóias vermelhas, amarelas e verdes, pôs-se de pé nun pulo, afastando a caixa e mantendo as mãos junto ao corpo para que a ela não fosse posta nas suas mãos. A caixa caiu ao chão e a manta se esparramou. As mulheres da domesticidade, ouvindo a comoção, temeram que o homem tivesse vindo para atentar contra a vida do Ômar, e correram para o reposteiro.

Ômar disse ao homem que apanhasse a manta, e disse para o Yarfa que batesse nele, bem batido! Assim, o homem se pôs a dobrar a manta, enquanto o Yarfa o golpeava. Então o Ômar disse ao homem:

“Levanta-te e vai embora! não há gratidão quanto a ti, nem quanto ao teu amigo.”

O homem pediu ao Ômar que lhe providenciasse uma montaria na sua volta para Al Ahwaz, pois o criado havia levado os camelos e posto-os com os camelos dos muçulmanos. Assim, o Ômar disse:

“Ó Yarfa, traz dois animais pertencentes ao tesouro para o homem e seu criado.” Então disse para o homem:

“Quando não mais precisares deles, trata de encontrar alguém que deles necessite mais que tu, e dá os animais para ele.”

“Assim farei, ó Emir dos Crentes”, respondeu o homem. “Assim farei, se Deus quiser.”

Ômar continuou:

“Se o exército se dispersar, antes que esta manta seja dividida entre os soldados, tu e o teu amigo ireis ficar em sérias dificuldades!”

E eis que o homem viajou de volta para o Salama, e lhe disse:

"Deus não deu a Sua bênção ao serviço para o qual me designaste. Divide esta manta entre os soldados, antes que sejamos severamente punidos!" O homem contou toda a estória para o Salama, que fez com que a manta fosse, no ato, dividida e distribuída.

CAPÍTULO 59

Moaz b. Jabal

"*Na minha comunidade, quele que tem mais conhecimento quanto ao que é lícito e ao que é ilícito, é o Moaz b. Jabal*."
(dizer do Profeta{S)}

Quando a Península Arábica testemunhou o despertar da religião da diretriz e da verdade, o Moaz b. Jabal era apenas um jovem que vivia em Yaçrib. Ele se destacava, entre o seu grupo de amigos, por causa da sua aguda inteligência, profunda eloqüência, e contagiante energia. Em acréscimo, era atraente e encantador, com um emaranhado de cabelos crespos, olhos escuros, e um brilhante sorriso, mostrando dentes branquíssimos. Conquistava os corações de todos os que para ele olhavam.

Moaz b. Jabal foi convertido ao Islam, levado pelas mão do pregador maquense Musab bin Umayr. Na abençoada noite do pacto de Al 'Acaba, o jovem Moaz foi um dos que estavam presentes para tomarem a mão do Profeta (S) e jurarem lealdade a ele. Somavam setenta ao todo, e tinham viajado de Yaçrib para Al 'Acaba, subúrbio de Makka, para se encontrarem com o Profeta (S). Aquele evento assinalou o início de um dos mais brilhantes capítulos na história da humanidade.

Assim que o jovem Moaz voltou para Madina, formou uma sociedade com os seus amigos. Logo se dedicaram à tarefa de destruir os ídolos da cidade. Às vezes tiravam os ídolos das casa com plena visão dos seus ocupantes, e outras vezes faziam aquilo secretamente. Um dos efeitos das atividades daqueles jovens resultou na conversão de um velho que era um dos mais proeminentes cidadãos de Yaçrib. Seu nome era Amr b. al Jamuh[1].

O Amr b. al Jamuh era um dos chefes dos Banu Salama, e era considerado como um da mais nobre linhagem. Havia colocado em sua casa um ídolo pessoal feito de madeira rara, coisa que se coadunava com o costume dos nobres daquele tempo. Tinha grande zelo quanto ao seu

1. Para a sua biografia ver o capítulo 9.

ídolo, emvolvendo-o em seda, e esfregando-o, todas as manhãs, com perfumes caros.

Numa noite, sob o manto da escuridão, os jovens pegaram o ídolo, levaram-no para a traseira da casa dos Banu Salama, e o atiraram numa vala onde eram jogados os restolhos.

Quando o velho acordou, na manhã seguinte, foi ver o seu ídolo. Não o encontrando no seu lugar, procurou-o por toda parte, até que o encontrou jazendo de rosto para baixo num monte de lixo. Ele se estourou:

"Quem foi que profanou a nossa deidade durante a noite?" Ele o pegou, lavou-o e o poliu, perfumou-o, e o recolocou no seu lugar, dizendo:

"Oh, Manat, Juro que se eu descobrir que te fez isto, irei humilhá-lo!"

Quando a noite caiu e o velho se retirou para a cama, os jovens se esgueiraram rumo ao ídolo, e repetiram suas ações da noite anterior. Mais uma vez, o velho saiu à procura do ídolo, encontrando-o, dessa feita, numa diferente vala de lixo. Ele o pegou, limpou-o e o perfumou, ameaçando tratar com severidade os culpados, caso pusesse as mãos neles. Quando os jovens mais uma vez repetiram a ação, o velho pegou o ídolo e o limpou. Dessa vez, no entanto, ele pegou uma espada, colocou-a rente ao ídolo, e disse:

"Juro que não sei quem está fazendo isto a ti, ó Manat. Mas se tu vales alguma coisa, defende-te a ti mesmo!"

Logo que o velho foi dormir, os jovens pegaram o ídolo, juntamente com a espada, e o amarraram ao pescoço da carcaça dum cachorro, amontoando a ambos numa outra vala. Ao acordar, o velho teve grande dificuldade em encontrar o seu ídolo. Quando finalmente o encontrou na imundície, olhou demoradamente para ele, e disse:

"Se fosses realmente bom, não estarias lado a lado com um cão!"

Então o velho aceitou o Islam e se tornou um muçulmano devotado. Quando o Profeta (S) realizou a Hégira para Madina, o jovem Moaz b. Jabal se tornou o seu companheiro constante, aprendendo o Alcorão e os ensinamentos do Islam com ele, até que se tornou um dos mais conhecedores, dentre os Companheiros, do Livro de Deus e dos seus ensinamentos.

O Yazid b. Cutaib disse, acerca dele:

"Uma ocasião eu entrei na mesquita de Hims, e me deparei com um jovem de cabelos crespos em torno do qual muitas pessoas se aglomeravam. Sua fala era tão cativante, que parecia cintilar. Quando perguntei de quem se tratava, disseram-me que era o Moaz b. Jabal."

O Abu Muslim al Khawlani também disse, acerca dele:

"Uma vez eu fui à mesquita de Damasco e vi um grupo de estudiosos composto dos companheiros mais idosos do Profeta (S). Com eles estava um jovem de olhos negros e com os dentes brancos e brilhantes. Sempre que os mais idosos discordavam sobre algo, voltavam-se para o jovem para dissipar a discórdia. Quando perguntei a alguém próximo a mim quem era o jovem, foi-me dito que se tratava do Moaz b. Jabal."

Não havia causa para surpresa em tudo aquilo, porquanto o Moaz b. Jabal crescera sob a tutela do Mensageiro de Deus (S), e havia bebido da fonte do conhecimento que o Profeta (S) representava. Ele tinha o melhor professor possível, e era o melhor aluno possível. Isso é suficiente para testemunhar acerca da escolaridade do Moaz, tanto que o Profeta (S) disse:

"O mais conhecedor, na minha comunidade, sobre o que é lícito e o que é ilícito é o Moaz b. Jabal."

Um dos serviços prestados pelo Moaz b. Jabal à comunidade é suficiente para que fiquemos em débito com ele; ele foi um dos seis que compilaram o Alcorão durtante a vida do Profeta (S). Por essa razão, sempre que o Moaz b. Jabal falava, todos os Companheiros o ouviam com respeito e reverência.

O Profeta (S) e os primeiros dois califas que o sucederam puseram aquela energia intelectual a serviço do Islam e da comunidade. Depois que os muçulmanos retomaram Makka, e os coraixitas começaram a se juntar ao Islam às pencas, o Profeta (S) sentiu a necessidade de um educador que lhes ensinasse as bases da nova religião. Então o Profeta (S) apontou a Atlab b. Usayd para governador de Makka, deixando com ele o Moaz b. Jabal para que ensinasse o Alcorão para os maquenses, e os educasse nas leis do Islam.

Quando os governantes do Yêmen enviaram uma delegação ao Profeta (S), declarando sua conversão e as conversões dos seus súditos ao Islam, pediram também que lhes fosse enviado alguém para lhes ensinar acerca das suas novas crenças. O Profeta apontou uma delegação de Companheiros que não apenas eram magistrais professores, mas eram ainda excelentes modelos de condutas pessoais. O Profeta (S) colocou o Moaz b. Jabal como encarregado deles, naquela tarefa.

Quando o grupo se preparou para a viagem ao Yêmen, o Profeta (S) se apresentou para dar suas despedidas, à medida em que saíam para a sua abençoada missão. Ele caminhou um pouco ao lado da montaria do

Moaz, conforme este cavalgava. Continuou daquele jeito por algum tempo, como se quisesse encher sua visão com ele. Então o Profeta (S) falou:

"Ó Moaz, talvez tu não me irás ver no próximo ano. Talvez irás ver o meu túmulo e a minha mesquita!"

Moaz chorou amargamente ter que deixar o seu amado Profeta (S), e os que estavam com ele choraram também. A profecia do Mensageiro de Deus (S) foi cumprida, pois o Moaz nunca mais viu o Profeta a quem amava, depois daquela partida. O Profeta (S) morreu antes que o Moaz voltasse do Yêmen. Deve ter causado grande tristeza ao Moaz o fato de ele voltar para Madina e a encontrar desolada, sem a presença do Profeta (S).

Quando o Ômar b. al Khattab tornou-se califa, enviou o Moaz aos Banu Kilab para lhes distribuir os estipêndios do tesouro, e para cobrar o *zakat* aos membros abastados e dividir o dinheiro entre os necessitados. O Moaz se desincumbiu da tarefa que lhe havia sido confiada, e voltou da viagem portando apenas um cobertor de sela, que usava como manto para se aquecer[2]. Sua esposa ficou chocada, e exclamou:

"Acaso, é essa a aparência de um governador? Foi isso que ganhaste, após uma longa viagem?"

"Havia um auditor comigo, que registrava tudo", respondeu Moaz, "e eu não podia aceitar presentes com ele ali."

"Como? tu eras considerado confiável pelo Profeta (S) e Abu Bakr. Por que o Ômar manda agora um auditor contigo?" Ultrajada, ela foi a casa do Ômar, e se queixou junto à família dele acerca da falta de confiança.

Ao saber Ômar daquilo, confrontou-se com o Moaz, perguntando:

"Desde quando eu passei a enviar um auditor para registrar as tuas ações?"

"Ó Emir dos Crentes", respondeu o Moaz, "tu não o fizeste, mas acontece que eu estava 'prensado' e não pude pensar numa desculpa melhor por nada ter trazido."

O Ômar gargalhou vigorosamente, a apresentou algo para o Moaz, dizendo:

"Faze disto o teu presente para ela!"

Enquanto Al Faruk era ainda o califa, recebeu uma carta do seu governador da Síria, Yazid b. Abi Sufyan. A carta dizia:

2. Aquela viagem iria causar uma longa ausência. Provavelmente o cético Moaz não carregou vestes extras, em preparação para as mudanças de estações.

"Emir dos Crentes, a terra da Síria está ficando cheia de imigrantes, e as cidades estão a crescer. Há uma grande necessidade de pessoas que ensinem o Alcorão aos cidadões e os eduquem nesta nossa religião. Por favor, ajuda-me, enviando umas pessoas para essa tarefa!"

Então o Ômar reuniu os cinco indivíduos que permaneciam, daqueles que haviam compilado o Alcorão, durante e vida do Mensageiro de Deus (S). Eram eles: o Moaz b. Jabal, o Ubada b. Samit, o Abu Ayiub al Ansari[3], o Ubai b. Kaab e o Abu al Dardá[4]. Ômar lhes disse:

"Vossos irmãos, na Síria, estão pedindo a minha ajuda para encontrarem professores do Alcorão, e para que eduquem as pessoas acerca da sua religião. Que Deus tenha misericórdia de vós! Por favor, que se apresentem três voluntários do vosso grupo. Podeis tirar a sorte, se desejardes, ou então escolherei três, eu mesmo."

"Por que deveríamos tirar a sorte?" perguntaram. "O Abu Ayiub está muito velho, o Ubai é um inválido, e isso nos deixa, a nós outros, os três de quem necessitas!"

Então o Ômar lhes ordenou:

"Começai a vossa tarefa por Hims. Se ficardes satisfeitos com os resultados, que um de vós aí permaneça, enquanto um de vós vai para Damasco, e o outro para a Palestina."

Assim, o trio levou sua missão para Hims, aí deixando o Ubada b. Samit. Abu al Dardá foi para Damasco, equanto o Moaz viajou para a Palestina. Aí ele caiu enfermo com a praga. Quando estava nas suas horas finais, voltou o rosto para a *quibla* (diretriz – em direção a Makka), dizendo:

"Benvindo à morte (ó Moaz), benvindo (este,) um visitante que era esperado havia muito, como um ente querido, esperado ansiosamente."

Depois ergueu o olhar para o Céu, e disse:

"Ó Deus, Tu sabes que eu não amei este mundo e nele permaneci, por causa da beleza da natureza, mas sim para sentir as agruras do jejum e das vigílias oracionais, e para porfiar por adquirir conhecimentos nos círculos estudantis bem concorridos!

"Ó Deus, recebe a minha alma da maneira que recebes as almas crentes e fiéis!" Com esssa palavras finais, ele morreu, longe da sua família e dos amigos, como um exilado, a serviço da causa de Deus.

---

3. Sua biografia está no capítulo 8.
4. Sua biografia está no capítulo 24.

(CONTRA CAPA)

Quem eram os companheiros do Profeta Mohammad (S)?

Ricos e pobres, homens e mulheres, jovens e velhos, pretos e brancos, foram as primeiras pessoas a acreditar na mensagem de Deus por meio da missão do Profeta Mohammad (S), aprendendo com ele, defendendo-o, dando-lhe seus apoios. Pessoas comuns se tornaram extraordinárias ao ganharem o seus sustentos, e ao mostrarem as suas devoções a Deus. Não se apegando a nada que lhes fosse muito caro – suas vidas, seus prestígios, suas riquezas –, ao leverem a mensagem do Islam para toda a humanidade, suportaram guerras, exílios e separações dos seus entes queridos. Os Companheiros exemplificaram pessoalmente os ideais e a mensagem do Islam, ao trabalharem em prol desta vida, assim como em prol da Vida Futura, a meta primordial.

Este livro apresenta esboços biográficos inspiradores no perfil dos Companheiros que ilustra suas vidas de antes do Islam, suas conversões, e como o Islam mudou as vidas deles. Em vários esboços, é visto como alguns dos mais implacáveis inimigos do Islam e de Mohammad (S) se tornaram os mais ardentes crentes e, eventualmente, tornaram-se ainda os maiores líderes do Islam e da humanidade.

O conhecermos as vidas e os caracteres dos Companheiros nos proporciona conhecimentos acerca da personalidade e do caráter do Profeta, bem como da fé do Islam.